

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA**

Gabriel de Lima Alves Cortez

**A NOÇÃO DE BRASILIDADE NO JORNALISMO ANGLO-SAXÃO: UMA ANÁLISE  
DO DISCURSO DE JORNAIS NORTE-AMERICANOS E INGLESES NO PERÍODO  
DA COPA DO MUNDO FIFA 2014**

**BAURU, SP**

**2017**

**Gabriel de Lima Alves Cortez**

**A NOÇÃO DE BRASILIDADE NO JORNALISMO ANGLO-SAXÃO: UMA ANÁLISE  
DO DISCURSO DE JORNAIS NORTE-AMERICANOS E INGLESES NO PERÍODO  
DA COPA DO MUNDO FIFA 2014**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação de Gabriel de Lima Alves Cortez, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

**BAURU, SP**

**2017**

Cortez, Gabriel de Lima Alves.

A noção de brasilidade no jornalismo anglo-saxão: uma análise do discurso de jornais norte-americanos e ingleses no período da Copa do Mundo FIFA 2014 / Gabriel de Lima Alves Cortez, 2017  
201 f.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Marques

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2017

1. Comunicação Midiática. 2. Processos Midiáticos e Produção de Sentido. 3. Jornalismo Anglo-saxão. 4. Análise do Discurso. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GABRIEL DE LIMA ALVES CORTEZ, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 31 dias do mês de outubro do ano de 2017, às 09:30 horas, no(a) Sala de Reunião dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Adj. CLAUDIO BERTOLLI FILHO do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profª. Drª. ROSANA DE LIMA SOARES do(a) Jornalismo e Editoração / Universidade de São Paulo, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GABRIEL DE LIMA ALVES CORTEZ, intitulada **A noção de brasilidade no jornalismo anglo-saxão: uma análise do discurso de jornais norte-americanos e ingleses no período da Copa do Mundo FIFA 2014**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES

  
Prof. Adj. CLAUDIO BERTOLLI FILHO

  
Profª. Drª. ROSANA DE LIMA SOARES

Dedico este trabalho aos meus pais Abel e Angela, ao meu irmão Daniel e aos meus avós Marly, Abel, Carlos e Lourdes; em especial, à minha namorada Marcela, por todo o apoio, compreensão e carinho nos bons e nos maus momentos; bem como aos familiares, amigos e colegas que contribuíram para a materialização deste importante ciclo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, a minha namorada, à família e aos amigos, isto é, àqueles que ofereceram suporte moral e afetivo para a conclusão desta pesquisa;

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. José Carlos Marques, pela paciência, confiança e dedicação nas orientações;

Aos Profs. Drs. Cláudio Bertolli Filho e Rosana de Lima Soares, que, de pronto, aceitaram o convite para a Banca Examinadora;

Ao Prof. Dr. Danilo Rothberg, pelas contribuições significativas no processo de qualificação; e, sem dúvida, a todos os outros professores com os quais tive a honra de aprender nos últimos dois anos e meio de curso;

Agradeço, ainda, à CAPES e à FAPESP – processo nº 2015/24057-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – pelo suporte acadêmico e financeiro; e à UNESP, nas pessoas de Hélder Gelonezi e Sílvio Carlos Decimoni, pelo suporte institucional.

*“[...] em vez de dizer que o Brasil se faz reconhecer pelo seu poderio futebolístico mas não pelas coisas de fato importantes, é o caso de reconhecer que talvez seja difícil alguma coisa ‘de fato importante’ acontecer se não formos sequer capazes de compreender o sentido da importância que o futebol ganhou no Brasil.”*

*(José Miguel Wisnik)*

CORTEZ, Gabriel de Lima Alves. **A noção de brasilidade no jornalismo anglo-saxão: uma análise do discurso de jornais norte-americanos e ingleses no período da Copa do Mundo FIFA 2014.** 2017. 201 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru, 2017.

## RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de compreender a maneira com que quatro dos principais veículos do jornalismo anglo-saxão retrataram o Brasil e os brasileiros durante a Copa do Mundo FIFA 2014. Interessa perceber como as noções de brasilidade são descritas pela imprensa estrangeira – especificamente, por veículos de comunicação dos Estados Unidos e da Inglaterra. Ambas as nações aparecem com frequência no discurso dos brasileiros em relação às ideias de cultura, de organização e de civilização (em um sentido positivista dos termos); além disso, constituem-se como duas de nossas fontes de alteridade mais proclamadas (como indica Renato Ortiz). Mas, afinal, o que definiria o Brasil como “nação” e o que nos diferenciaria de outros povos? Existiria, de fato, um “caráter” nacional? Pontualmente, seríamos vistos como “o” “País do futebol” aos olhos da imprensa estrangeira? É o que se busca compreender neste estudo, a partir da análise dos textos do *corpus* e da leitura de autores da historiografia nacional e da Comunicação Esportiva que, via futebol, procuram um entendimento do que é o simbólico “ser” brasileiro. A fundamentação teórica, a discussão dos resultados e as considerações se baseiam em fundamentos da Análise do Discurso Francesa, na noção de interculturalidade e nos Estudos Culturais. Sob este referencial, prosseguimos uma Análise do Discurso dos jornais *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *The Times* e *The Guardian*, em textos sobre o Mundial-2014, a fim de identificar se as noções de brasilidade comparecem nesses periódicos de maneira essencialista ou de maneira plural.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Francesa; Jornalismo Anglo-Saxão; Cultura Brasileira; Identidade Nacional; Copa do Mundo de Futebol



CORTEZ, Gabriel de Lima Alves. **The brazilianness notion in the Anglo-Saxon journalism:** a discourse analysis of US and English newspapers in the period of FIFA 2014 World Cup. 2017. 201 p. Dissertation (Master's Program in Communication) – São Paulo State University, UNESP, Bauru, 2017.

### **ABSTRACT**

*This study aims to understand the way that in which four of the main vehicles of Anglo-Saxon journalism portrayed Brazil and the Brazilians during the 2014 Football World Cup. Our interest here is to verify how the Brazilianness notions are described by the foreign press – specifically, by media of United States and England. Both countries appear frequently in Brazilians' discourses about “culture”, organization and civilization (in a positivist sense of these terms); more than that, they are two of our more proclaimed sources of otherness by common sense and even by the academy (as shown Renato Ortiz). However, ultimately, what defines Brazil as a "nation" and what differentiates us from other people? In fact, does really exists a “national” character? And, beyond that, how some of the most important US and English media discourses operate these representations? How the foreign journalistic discourses contribute to the construction of a "Brazilianness"? That is what we will seek to understand with this research. The theoretical foundation, the results and the final considerations is based on concepts of French Discourse Analysis and on Cultural Studies. The collection of material was done in reports published before, during and after the World Cup-2014 in digital versions of The New York Times, The Wall Street Journal, The Times and The Guardian.*

**Key-words:** *French Discourse Analysis; Anglo-Saxon Journalism; Brazilian Culture; National Identity; 2014 FIFA World Cup.*

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Textos Analisados.....	55
<b>Quadro 2</b> – Textos Coletados ( <i>The New York Times</i> ).....	112
<b>Quadro 3</b> – Textos Coletados ( <i>The Wall Street Journal</i> ).....	121
<b>Quadro 4</b> – Textos Coletados ( <i>The Times</i> ).....	130
<b>Quadro 5</b> – Textos Coletados ( <i>The Guardian</i> ).....	138

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 JORNALISMO, MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E LUGARES COMUNS.....</b>	<b>18</b>
1.1 Esporte moderno, sociedade midiaticizada e globalização.....	18
1.2 O discurso jornalístico como construção social.....	22
1.3 O jornalismo internacional em tempos de globalização e digitalização.....	26
1.4 Histórico e apresentação dos jornais.....	29
<b>2 MÍDIA, CULTURA E IDENTIDADES BRASILEIRAS.....</b>	<b>40</b>
2.1 Cultura brasileira e identidades nacionais.....	40
2.2 Os conceitos de cultura e de identidades culturais nacionais.....	44
2.3 Mídia, identidade cultural e poder simbólico: o jornalismo como dispositivo discursivo.....	47
2.4 O “País do futebol” e a “crise das identidades clássicas” .....	50
<b>3 SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>54</b>
3.1 Sobre o <i>corpus</i> e as etapas de pesquisa.....	54
3.2 Sobre a Análise do Discurso e os procedimentos metodológicos.....	59
<b>4 SOBRE AS ANÁLISES.....</b>	<b>63</b>
4.1 O discurso de <i>The New York Times</i> na Copa do Mundo FIFA 2014.....	63
4.2 O discurso de <i>The Guardian</i> na Copa do Mundo FIFA 2014.....	74
4.3 O discurso de <i>The Times</i> na Copa do Mundo FIFA 2014.....	84
4.4 O discurso de <i>The Wall Street Journal</i> na Copa do Mundo FIFA 2014.....	91
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXOS – Textos analisados.....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO A – <i>Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts</i> .....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO B - <i>Making Holidays of Brazil's World Cup Games</i> .....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXO C – <i>Goal, Goal, Goal, Goal, Goal Goal, Goal, and Brazil's Dy Goes Dark</i>.....</b>	<b>157</b>
<b>ANEXO D - <i>29 Minutes That Shook Brazil</i> .....</b>	<b>161</b>
<b>ANEXO E – <i>Cleaning Up After the World Cup</i> .....</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO F – <i>Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch</i> .....</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO G – <i>Ready or not, it is Brazil's time to show the world</i>.....</b>	<b>168</b>
<b>ANEXO H – <i>The World Cup is really just for people in helicopters</i> .....</b>	<b>171</b>
<b>ANEXO I – <i>Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat</i>.....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXO J – <i>Clashes in São Paulo amid safety fears over the stadium</i>.....</b>	<b>178</b>
<b>ANEXO K – <i>Boy wonder can ensure Brazil sing one tune</i>.....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO L – <i>Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony</i>...</b>	<b>185</b>
<b>ANEXO M – <i>Open sieben in Brazil</i>.....</b>	<b>188</b>
<b>ANEXO N – <i>The World Cup: Continental Divided</i>.....</b>	<b>189</b>
<b>ANEXO O – <i>FIFA World Cup 2014: The Football Can Finally Begin</i>.....</b>	<b>195</b>
<b>ANEXO P – <i>Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World</i>.....</b>	<b>198</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetiva verificar como dois dos principais representantes do jornalismo inglês (*The Times* e *The Guardian*) e dois dos principais representantes do jornalismo norte-americano (*The New York Times* e *The Wall Street Journal*) retrataram o Brasil e os brasileiros durante a Copa do Mundo FIFA 2014 no país. Tenciona-se, neste sentido, observar de que maneiras os discursos da imprensa anglo-saxã contribuem para a reafirmação de uma noção de comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) “brasileira” – isto é, para a reprodução de noções de “brasilidade” essencialistas e homogeneizadoras, entre as quais figuram discursos constituídos a partir de referências do futebol.

Para que, desde já, não haja margem à dúvida, compreender-se-á o termo “brasilidade” como uma série de características positivas ou negativas atribuídas aos (e incorporadas pelos) brasileiros na constituição de uma identidade “nacional”. Ainda que se possa contestar essa ideia de uma totalidade “nacional”, é importante que a sua virtualidade seja evidenciada, pois, na prática, esses discursos ressoam social e historicamente [como nos mostra Stuart Hall, no terceiro capítulo de uma de suas mais significativas obras: *Identidade cultural na Pós-modernidade* (HALL, 2000, p. 44), a qual revisitamos na fundamentação teórica que se sucede].

Desde logo, é importante justificar também que a palavra “brasileiros” será utilizada entre aspas nos momentos em que nos referirmos a uma visão homogeneizadora de identidade brasileira, tomando-se em conta a crítica do sociólogo Renato Ortiz à perspectiva essencialista com a qual as Ciências Sociais – em particular a Antropologia Cultural – legitimaram, até a década de 1980, a ideia de que “cada povo ou nação encerraria um caráter intrínseco à sua cultura” (ORTIZ, 2013, p. 622).

Mas, afinal, seria mesmo possível afirmar uma “essência” brasileira e uma identidade, de fato, nacional (homogênea e “única”) em um contexto de pluralidade de vozes (ORTIZ, 2013, p. 621) e de diversidade cultural e social (SCHWARZ, 2015, p. 15)? Pontualmente, seríamos apresentados pela imprensa internacional sob a influência do epíteto “o” “País do futebol”, como se todos os “brasileiros”, sem exceção, fossem apaixonados por este esporte no país? E, além disso, quais outras noções de brasilidade são produzidas e/ou reforçadas pelos textos analisados? Interessa, deste modo, observar como alguns dos mais proeminentes veículos do jornalismo anglo-saxão constroem “sentidos”, atribuem “valores” e (re)produzem lugares-comuns em seus discursos acerca de um país-sede de um espetáculo esportivo global como o Brasil em 2014, um anfitrião que vivenciava um momento paradigmático de sua história, em

que os olhos do mundo se voltavam a suas capacidades dentro e fora dos gramados (MARQUES et. al., 2015, p. 15).

Neste ponto, é importante lembrar que a Copa do Mundo FIFA 2014 ocorreu sessenta e quatro anos após o Mundial de 1950, a primeira vez em que o país sediou a competição. Na oportunidade – em um momento em que o Brasil buscava se firmar como “nação” –, a Seleção Brasileira fora derrotada pela Seleção Uruguaia em uma final narrativizada por autores da historiografia nacional como um dos mais expressivos revezes do país em Mundiais de Futebol. A partida chegou a ser considerada pelo sociólogo Roberto DaMatta como “talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil” (DAMATTA et. al, 1982, p. 31). Neste contexto, a realização do Mundial-2014 era descrita, em muitos discursos, como uma segunda chance de o país se provar capaz de vencer em seu território, tanto no campo de jogo, quanto fora dele, afirmando-se perante ao crivo de suas alteridades e, conseqüentemente, fortalecendo a sua “identidade”.

Desde o início, porém, o megaevento não foi uma unanimidade e a capacidade dos “brasileiros” de organizar a competição fora contestada. Havia preocupação com a imagem que o país transmitiria ao mundo e – já no anúncio oficial de que o Brasil sediaria o torneio, em pronunciamento de Joseph Blatter (então presidente da Federação Internacional de Futebol, a FIFA) em Zurique (Suíça), no dia 30 de outubro de 2007 – houve quem questionasse o “legado” que o evento deixaria à população brasileira. O termo foi adotado com frequência, sobretudo pela imprensa e por autoridades, para se referir às contribuições que a Copa traria ao Brasil (ou problematizar se, verdadeiramente, haveria contribuições), tanto no aspecto infraestrutural (estradas, aeroportos, estádios) quanto no aspecto social (qualidade de vida).

Além disso, houve quem questionasse o montante de dinheiro público utilizado na promoção e na organização do Mundial, argumentando que o Brasil seria um país “repleto de desigualdades” e de deficiências no que tange aos direitos básicos dos cidadãos, como saúde, educação, moradia e alimentação, e não deveria, portanto, gastar com um evento de “entretenimento” como uma Copa do Mundo de futebol. As vozes dissonantes à realização da competição se intensificaram em junho e julho de 2013, após uma série de manifestações que tomaram as ruas das grandes cidades do país, bem como durante e após a Copa das Confederações (torneio organizado pela FIFA no país-sede do megaevento, um ano antes de cada Copa do Mundo de futebol, com as melhores seleções de cada continente, além da anfitriã). As reivindicações por parte de determinados grupos sociais peduraram até o início do Mundial-

2014, no dia 12 de julho daquele ano, apesar de certo arrefecimento decorrido com os primeiros jogos da competição.

Levando-se em conta, portanto, este cenário turbulento no qual a Copa do Mundo 2014 se desenvolvera (MARQUES et. al., 2015), e considerando os megaeventos esportivos como fenômenos que evidenciam o país-sede no cenário internacional (HORNE, 2014, p. 4), o trabalho objetiva perceber quais identidades brasileiras aparecem nos relatos de *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *The Times* e *The Guardian* acerca do Brasil, do futebol brasileiro e de seus habitantes e, assim, indicar quais lugares-comuns são (re)produzidos e quais discursos são pressupostos e subentendidos (DUCROT, 1987) como símbolos da “nação” e de um “ser” brasileiro nos textos sobre o evento. Parte-se da hipótese de que os discursos dos jornalistas estrangeiros reforçam determinadas noções essencialistas de brasilidade (como a equação futebol-nação e a ideia de que seríamos o “País do futebol”), hipótese a qual, obviamente, pode ser negada ao final da pesquisa, por sua natureza apriorística.

No capítulo 1, procurando discutir os fatores que levariam os jornalistas a produzirem e/ou reproduzirem homogeneizações culturais em seus discursos, buscam-se compreender as dinâmicas as quais a comunicação, o jornalismo e os megaeventos esportivos se inscrevem na contemporaneidade. Debruçamo-nos sobre as Teorias do Jornalismo, fundamentados na perspectiva das teorias construcionistas e na perspectiva das teorias interacionistas apresentadas por Nelson Traquina (2005), segundo as quais os produtos jornalísticos são construções sociais bem mais complexas do que a “ideologia jornalística” sugere. Resgatamos, ainda, discussões acerca do jornalismo internacional no contexto da digitalização e da globalização e apresentamos os veículos sob os quais recaem as nossas análises.

No capítulo 2, diferenciam-se os conceitos de cultura e de identidades culturais, buscando-se uma aproximação dessas noções ao escopo metodológico dos estudos de mídia com o qual trabalhamos – notadamente, os Estudos Culturais e a Análise do Discurso de linha Francesa (AD). O capítulo oferece, também, uma revisão de literatura acerca das representações culturais e das “narrativas de nação” (HALL, 2000, p. 52) que foram sendo construídas sobre o Brasil e sobre os “brasileiros” no percurso histórico, chegando-se aos formatos recorrentes propagados em muitos discursos midiáticos nos dias de hoje, interna e externamente. Lembra-se que, dentre estes discursos, o epíteto “Brasil: o país do futebol” adquiriu relevância no decorrer do século XX e tem chamado a atenção de acadêmicos que pesquisam o esporte neste início de século XXI, por ser “repetido diversas vezes e vendido para o exterior como uma das imagens que melhor representa o nosso país” (HELAL, 2014, p. 18).

O sociólogo brasileiro Ronaldo Helal argumenta que o epíteto é uma representação que merece uma “investigação cuidadosa em um contexto de fragmentação das identidades e de globalização dos processos comunicacionais e culturais”, uma vez que “contém uma expressiva força simbólica que contribui para a construção de nossa identidade” (HELAL, 2014, p. 18). A preocupação do acadêmico brasileiro insere-se no que autores como Néstor Garcia Canclini (2006) indicam ser um possível momento de crise das “identidades clássicas” ou no que Stuart Hall (2000) diagnostica como um “declínio das velhas identidades”, temáticas as quais também se discutem no capítulo 2.

Em última instância, por conseguinte, o trabalho objetiva aproximar os questionamentos de Renato Ortiz à essencialidade das construções de identidade brasileira, frente a uma sociedade plural e culturalmente diversa, de uma preocupação que tem crescido na área de pesquisa em Comunicação e Esportes no Brasil, isto é, observar se seríamos ainda descritos como "o" "País do futebol" (no caso da presente pesquisa, aos “olhos” da imprensa anglo-saxã). Em um contexto de globalização das culturas e do consumo e de um suposto declínio das “velhas identidades” (HALL, 2000), bem como da cobertura de um megaevento esportivo global como a Copa do Mundo de Futebol de 2014, acredita-se que este objetivo ofereça à dissertação a consistência necessária a sua realização e nos possibilite vislumbrar respostas à suposta “crise” das identidades clássicas: isto é, estaríamos, de fato, vivenciando este declínio?

O capítulo 3 delinea os aspectos metodológicos que norteiam a pesquisa, a qual se desenvolve a partir de uma abordagem estritamente qualitativa. Baseamo-nos nos postulados de Maria Immacolata Vassallo Lopes (LOPES, 2001) a respeito das técnicas de investigação em pesquisas empíricas (notadamente, na observação indireta) e nos valemos de dados secundários de observação para realizar a confrontação epistemológica, teórica e metódica do objeto com o “real”. Por um lado, então, apoiamo-nos na leitura bibliográfica de textos da historiografia nacional do século XX em que, por meio de representações culturais do futebol como um elemento de distinção “nacional”, os conceitos de “nação” brasileira e de “ser” brasileiro – em seus sentidos essencialistas – definem-se, bem como em textos acadêmicos contemporâneos da área de Comunicação e Esportes nos quais se discutem as relações entre o futebol e a identidade nacional brasileira (especialmente, nos textos em que aparecem discussões a respeito do epíteto “Brasil, o país do futebol”).

A coleta dos materiais de pesquisa empírica junto às versões digitais dos jornais norte-americanos (*The New York Times* e *The Wall Street Journal*) e dos diários ingleses (*The Times* e *The Guardian*) realizou-se a fim de identificar os textos em que essas noções de brasilidade



compareceram. O período de buscas considerou, inicialmente, os dois meses que anteciparam, o mês em que ocorreu, e os dois meses após a Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, ou seja, o intervalo entre 12 de abril e 13 de setembro de 2014. Vale lembrar que o primeiro jogo do Mundial ocorreu em 12 de junho e a partida final se realizou em 13 de julho daquele ano, portanto, um mês e um dia após o início do evento. A concentração mais significativa de textos coletados registrou-se, justamente, nestes meses em que os jogos ocorreram de fato (junho e julho).

Estabeleceram-se, então, por conta do grande volume de material coletado, dois momentos-chave na cobertura como recorte para as análises: a expectativa dos dias que antecederam ao início da competição, culminando em sua abertura, e o “balanço” feito pelos jornalistas no período final do torneio, após a derrota da Seleção Brasileira por 7 a 1 para a Seleção Alemã, em jogo válido pela semifinal do Mundial. Considerando este recorte, selecionaram-se os textos mais relevantes à pesquisa a partir dos métodos oferecidos pela Análise do Discurso de linha Francesa, isto é, os textos em que, implícita ou interdiscursivamente, as noções de brasilidade se fizeram presentes.

A escolha da AD Francesa, como também demonstramos no capítulo 3, justifica-se uma vez que buscamos uma aproximação entre a realidade linguística-textual e o contexto histórico-social das produções jornalísticas acerca do Mundial, bem como uma aproximação entre os textos analisados e as noções e os discursos pré-estabelecidos – sobretudo, via futebol – acerca de uma identidade “brasileira”.

Mas, afinal, como fomos descritos por quatro dos mais significativos representantes do jornalismo anglo-saxão na cobertura da Copa do Mundo de Futebol 2014? Ou seja, quais identidades brasileiras e quais “jogos de distinção” (CUCHE, 1999) podem ter sido reforçados, implícita ou explicitamente, pelos jornalistas dos periódicos analisados? E como estes discursos retratam o país e os seus habitantes na cobertura do Mundial? Em última instância: somos descritos como o “País do futebol” por estes textos? E quais outras representações de brasilidade compareceram? É o que se pretende responder com as análises, as quais apresentamos nos capítulos 4 e 5.

Que seja uma leitura instigante e problematizadora!

# 1 JORNALISMO, MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E LUGARES-COMUNS

## 1.1 Esporte moderno, sociedade midiaticizada e globalização

O intuito deste primeiro capítulo será compreender as dinâmicas as quais a comunicação, o jornalismo e os megaeventos esportivos se inscrevem na contemporaneidade em uma sociedade capitalista, globalizada e midiaticizada. Lembra-se, antes de tudo, que os esportes (em sua acepção “moderna”, constituída no final do século XIX) vêm sendo concebidos como frutos capitalismo e da necessidade liberal de normatizar as relações sociais (DUNNING & ELIAS, 1985). Neste contexto, as esferas do lúdico e do sagrado – inerentes aos jogos desde os rituais primitivos das sociedades tribais, como apontou o historiador holandês Johan Huizinga (2000) – passaram por um esvaziamento à medida que o esporte moderno se desenvolveu de maneira racionalizada em meio à Revolução Industrial e à urbanização das cidades (HUIZINGA, 2000). Desde então, as sociedades têm modificado as suas relações com esta atividade – sobretudo, a partir da década de 1950 do século XX, com o refinamento do aparato tecnológico comunicacional e, de sobremaneira, com a evolução das transmissões esportivas televisivas.

Os meios de comunicação passaram, então, a estabelecer uma relação de mútua alimentação ou de “integração” (TUBINO, 1999, p. 29) com os esportes modernos, vínculo que se fortalece a partir de uma discursivização dos mesmos pelos veículos de comunicação, ou seja, a partir do agendamento, da cobertura, da “narrativização” (COSTA, 2016) e da repercussão dos eventos esportivos pelos meios de comunicação de massa (ALVAREZ e MARQUES, 2013, p. 6); uma relação da qual ambos (mídia e esporte) se beneficiam e com a qual ambos (esporte e mídia) buscam resultados mais satisfatórios, tanto em aumento de público, quanto em aumento de torcedores. Por fim, e o que mais nos interessa, uma relação à qual se evidencia em períodos de megaeventos esportivos como uma Copa do Mundo de Futebol (AMARO, MOSTARO & HELAL, 2014, p. 9; HORNE & MAZENREITER, 2006).

Em estudo introdutório à sociologia dos megaeventos esportivos contemporâneos, o pesquisador britânico John Horne, professor de Sociologia do Esporte na Escola de Esportes e Bem-estar da *University of Central Lancashire*, indica que competições como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo da FIFA podem manifestar valores simbólicos e oferecer fontes de reflexão cultural sobre identidade e representação (HORNE & MAZENREITER, 2006). Segundo o autor, a academia precisa se atentar a esses aspectos, ao invés de simplesmente adotar uma postura eufórica diante do fenômeno: “*Rather than simply become cheerleaders for*

*them, academics equally need to reflect critically on the effects, both economic and beyond economic impacts, that sports mega-events have” (HORNE, 2007, p. 81).<sup>1</sup>*

Horne (2014) lembra ainda que, no período antecedente ao início das competições, a cobertura da mídia se fixa em dois pontos: verificar se os gastos necessários à realização do megaevento ficarão acima do esperado (“*will it go over budget?*”) e questionar se as instalações ficarão prontas a tempo (“*will the facilities be ready on time?*”) (HORNE, 2014, p. 4). Após o início dos jogos, contudo, a cobertura jornalística se volta aos eventos dentro das arenas e dos estádios (HORNE & WHANNEL, 2010, p. 766). O autor pondera, então, que diferentes valores-notícia incidem na cobertura de um megaevento, de acordo com os seguintes estágios temporais: “[...] *before a decision is made to bid to host an event, the bid process itself, what happens at decision time, the build-up to the event, ‘games time’, in the immediate period of the event, and the longer term ‘legacy’*” (HORNE, 2014, p. 4).<sup>2</sup>

Neste contexto, devemos lembrar que a cobertura de um megaevento esportivo – ou uma reportagem acerca de uma figura ou de uma entidade esportiva (como um jogador ou uma seleção de futebol) – é um espaço em que, além de “fatos”, “imaginações” podem se disseminar. Isso ocorre, segundo Manoel Tubino (1999), porque as manifestações esportivas contemporâneas necessitam de ídolos para alcançar o “sucesso”, isto é, dependem do que o autor chama de “deuses dos estádios, e de grandes espetáculos [...] evidenciando detalhes de grande interesse para o público, como as emoções, os fatos paralelos, os bastidores e tudo que possa causar sensação” (TUBINO, 1999, p.31).

Sob esta perspectiva, deve-se lembrar que a imprensa, em muitos momentos, busca lugares-comuns para falar dos acontecimentos, uma vez que os repórteres são “contadores de histórias” (TUCHMAN, 1999, p.261) dotados de uma “autonomia relativa” (TRAQUINA, 2005, p. 125) no que diz respeito aos polos intelectual e econômico aos quais o “campo jornalístico” se inscreve – na acepção de Bourdieu (1997), citado em Traquina (2005, p. 22) –, sendo que essas histórias são compostas em meio às especificidades do jornalismo como atividade institucionalizada.

---

<sup>1</sup> **Tradução livre:** “Ao invés de simplesmente se tornarem líderes de torcida para eles [os megaeventos], os acadêmicos precisam refletir criticamente sobre os efeitos, econômicos e não-econômicos, que os megaeventos esportivos têm.”

<sup>2</sup> **Tradução livre:** “[...] o período anterior à decisão da escolha de sediar um megaevento; o processo de escolha do país sede em si; o que acontece no período da decisão; a preparação para o evento; o momento dos jogos; o período imediato do evento, e o ‘legado’ a longo prazo.”

Não se pode desconsiderar, então, que, em muitos textos noticiosos e no próprio trabalho de reportagem, há interferência da rotina dos meios de comunicação na elaboração da narrativa, pautada pelo curto tempo e pela necessidade de se recorrer a estruturas linguísticas de fácil entendimento, sem linguagem rebuscada, o que implica formas convencionais de se produzir as notícias (SCHUDSON, 1995). Nesse sentido, teríamos uma porta aberta para se unir informação e imaginação com objetivo de cativar o público, ou seja, a audiência. “Imaginação melodramática (BROOKS, 1995 apud. COSTA, 2016, p. 123), pois que marcada pelo exagero, por lugares-comuns e conteúdos eivados de convencionalismo para alcançar um público massivo” (COSTA, 2016, p. 123).

Assim, o jornalismo pode construir e reconstruir a realidade por meio de seus discursos. Criar narrativas, identidades e diferenciações. Estabelecer ídolos, heróis e mitos. Fabricar vilões e celebridades. Humanizar atletas e torcedores e, desta forma, além de informar (pressuposto basilar à “ideologia jornalística” e ao *ethos* da profissão, como indica Traquina), pode buscar causar “sensações” em seu público, a fim de entretê-lo e de cativá-lo. A emoção, as homogeneizações e o reforço de lugares-comuns, então, podem adquirir centralidade na cobertura jornalística de um megaevento esportivo contemporâneo como uma Copa do Mundo de futebol – ou, ao menos, colocar-se paralelamente aos conteúdos informativos e de interesse público –, estabelecendo-se um movimento pendular entre os aspectos políticos, econômicos e sociais que envolvem o torneio e os aspectos esportivos e festivos que também o circundam (HORNE, 2014, p. 8). Considera-se, ainda, sob estas circunstâncias, que:

[...] a emoção é elemento central na composição da notícia esportiva, daí reportagens marcadas pelo excesso verbal, por polêmicas e especulações. Os jogos são convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata. É com objetivo de obtenção de boas médias de vendagem que a imprensa esportiva costuma lançar mão de recursos narrativos, especialmente os melodramáticos e folhetinescos, cuja intensidade pode variar de acordo com o tipo de publicação. Por isso, há também um forte diálogo com a linguagem publicitária perceptível em manchetes próprias para incitarem o consumo (COSTA, 2010, p.72).

Deste modo, interessa observar que grande parte da cobertura da imprensa – e, notadamente, da imprensa esportiva – pode ser “respaldada pelos receptores de suas mensagens, o que significa dizer que muito do que ela produz responde a nossas próprias expectativas” (COSTA, 2010, p.72). Assim, pode-se dizer que as narrativas esportivas delineiam-se oportunas aos profissionais da imprensa, oferecendo-se a eles – e, em um segundo momento, aos leitores – como a bola que se insinua a um centroavante àvido por gols.

Nessa relação, os esportes – assim como o jornalismo – constituem-se em espaços de construção mitológica, de criação de identidades, e de produção de sensações, pois que carregam valores e encerram sentido. Como bem lembra o historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945):

O jogo é mais do que um fenômeno físico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo, existe algo ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas de vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. [...] o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência. (HUIZINGA, 2000, p. 4)

Uma vez, portanto, que esporte e mídia operam em conjunto, sobretudo quando se pensa no contexto dos eventos esportivos globalizados contemporâneos, importa-nos verificar como se dá a construção discursiva da imprensa na cobertura de uma Copa do Mundo de Futebol. Especificamente, interessa verificar como o jornalismo internacional constrói “sentidos”, atribui “valores” e reproduz lugares-comuns em seus discursos a respeito de um país-sede de um espetáculo esportivo global como o Brasil em 2014, um anfitrião que vivenciava um momento paradigmático de sua história, em que os olhos do mundo se voltavam às suas capacidades dentro e fora dos gramados (MARQUES, 2015, p. 15).

Neste contexto, objetiva-se perceber quais identidades brasileiras aparecem nos relatos de *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *The Times* e *The Guardian* acerca do Brasil, do futebol brasileiro e de seus habitantes e, deste modo, indicar quais lugares-comuns são (re)produzidos e quais discursos são pressupostos e subentendidos (DUCROT, 1987) como símbolos da “nação” e de um “ser” brasileiro nos textos sobre o evento. Parte-se, evidentemente, da hipótese de que os discursos dos jornalistas estrangeiros reforçam determinadas representações essencialistas de brasilidade (hipótese a qual, obviamente, pode ser negada ao final da pesquisa por sua natureza apriorística).

Mas, por que o jornalismo produziria e reproduziria homogeneizações culturais? Na tentativa de responder a esse questionamento e de embasar a nossa suposição inicial, debruçamo-nos sobre as teorias do jornalismo, estando especialmente fundamentados na perspectiva das teorias construcionistas e na perspectiva das teorias interacionistas apresentadas por Nelson Traquina (2005), segundo as quais os produtos jornalísticos são construções sociais bem mais complexas do que a “ideologia jornalística” sugere.

## 1.2 O discurso jornalístico como construção social

*“News is part of the background through which and with people think.”*

*Michael Schudson (1995, p. 15)*

A nossa proposta teórica reconhece, como faz Nelson Traquina (2005), que o trabalho jornalístico é altamente condicionado pelos polos intelectual e econômico do “campo jornalístico” (BOURDIEU, 1997), mas também considera que o jornalismo, devido à sua “autonomia relativa”, constitui-se em uma fonte de “poder”; logo, os seus profissionais detêm poder, tal que “os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26). Aqui, não será uma preocupação nossa retomar as diversas Teorias do Jornalismo (2005) apresentadas por Traquina, mas sim, observar que o autor reforça uma vertente de estudos sobre o fazer jornalístico que se fortalece a partir da década de 1970, as quais ele denomina “teorias construcionistas”.

Essas teorias constituem um momento de virada na investigação acadêmica sobre o jornalismo, uma vez que, segundo ele, opõem-se à perspectiva das notícias como distorção e manipulação da realidade (típicas das teorias de ação política); e opõem-se à teoria do espelho, uma das mais fundamentais e primeiras teorias do jornalismo, para a qual o jornalista deve apenas relatar os fatos da maneira como a realidade os desvela; ou seja, “as notícias são como são por que a realidade assim determina” (TRAQUINA, 2005, p. 146), sendo o jornalista um comunicador desinteressado que simplesmente reportaria os acontecimentos.

A rejeição à teoria do espelho pelos construcionistas ocorre, como explica Traquina, por três razões, as quais nos interessam para fundamentar as análises que desenvolvemos: 1) eles argumentam que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os veículos de mídia noticiosos, uma vez que as notícias ajudam a construir a própria realidade; 2) defendem a posição de que a própria língua não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos (aproximando-se de um dos pressupostos fundantes da Análise do Discurso Francesa, a qual nega a dicotomia saussureana entre a língua e a fala); e 3) afirmam que o jornalismo e os jornalistas estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos devido a fatores variados, incluindo os aspectos de organização do trabalho jornalístico, o orçamento disponível para as coberturas e a própria maneira como os critérios de noticiabilidade se estruturam para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos.

É importante notar, contudo, que o paradigma das notícias como construção não implica que as mesmas sejam produtos ficcionais, oriundos da imaginação dos jornalistas, mas sim, toma-as como discursos sobre o “real” – isto é, inscritos à realidade social – marcados pelas convenções culturais que os cercam. Assim, “considerar as notícias como narrativas não nega o valor de as considerar como realidade exterior” (BIRD e DARDENNE, 1993, p. 265 apud. TRAQUINA, 2005, p. 169). Logo, entendê-las como produtoras de histórias e de narrativas “imaginadas” (ANDERSON, 2008) – isto é, como dispositivos discursivos produtores e reprodutores de “narrativas de nação” (HALL, 2000) – não é, portanto, negar a sua potencialidade informacional, mas sim, sublinhar os aspectos intersubjetivos, polifônicos e interdiscursivos que a as pré-formam.

Nesse sentido, “a conceitualização das notícias como estórias (sic) dá relevo à importância de compreender a dimensão cultural das notícias” (TRAQUINA, 2005, p. 170). O sociólogo Michael Schudson, em *The Power of News* (1995), também sobressalta este aspecto cultural do discurso jornalístico, sempre produzido por indivíduos circunscritos a uma teia de significados compartilhados socialmente, isto é, em relação com as fontes de informação, com o público para o qual escrevem, com outros jornalistas e, obviamente, com a realidade histórica e sociocultural que os circunda.

*The News, then, is produced by people who operate, often unwittingly, within a cultural system, a reservoir of stored cultural meanings and patterns of discourse. It is organized by conventions of sourcing – who is a legitimate source or speaker or conveyer of information to a journalist. It lives by unspoken preconceptions about the audience – less a matter of who the audience actually may be than a projection by journalists of their own social worlds. News as a form of culture incorporates assumptions about what matters, what makes sense, what time and place we live in, what range of considerations we should take seriously (SCHUDSON, 1995, p. 14).<sup>3</sup>*

Sob essa perspectiva, entender o texto jornalístico como produto das interações e das estruturas culturais às quais o mesmo se inscreve é fundamental para as análises que desenvolvemos. Deste modo, filiamo-nos também ao que Traquina descreve como teorias interacionistas do jornalismo, as quais são herdeiras dos estudos de tradição construcionista.

---

<sup>3</sup> **Tradução Livre:** “As notícias, então, são produzidas por pessoas que operam, muitas vezes inconscientemente, em um sistema cultural, um repositório de significados culturais armazenados e padrões de discurso. São organizadas pelos significados culturais inerentes às fontes de informação – que é uma fonte legítima de informações a um jornalista. Estão cercadas de preconceitos sobre o público – sendo menos uma questão de quem a audiência realmente pode ser e mais uma projeção dos jornalistas de seus próprios mundos sociais. As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações devemos levar em conta seriamente.”

Para os interacionistas, as notícias – como construtos sociais – são o resultado de processos de interação não só entre os jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas (vistos como membros de uma comunidade profissional) e entre os jornalistas e a sociedade para a qual escrevem ou sobre a qual escrevem. Essa interação, destaca Traquina, também faz parte da formação dos consensos que os jornalistas acabam, consciente ou inconscientemente, reproduzindo em seus textos.

Este aspecto pode, assim, colocar-se como um elemento decisivo na produção ou na reprodução de lugares-comuns e de homogeneizações em um discurso jornalístico no contexto da cobertura de um megaevento esportivo como um Mundial de Futebol, em que os jornalistas estrangeiros, e sobretudo os correspondentes e enviados ao país-sede, estão em contato direto com a sociedade, com a cultura e, evidentemente, com os jornalistas locais – além do contato com os correspondentes e profissionais de outros países.

As notícias, deste modo, “acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, p. 168). Do mesmo modo, enquanto a sociedade produz as identidades, as notícias as (re)produzem, em um processo circular de retroalimentação simbólica. Mas, se admitimos como hipótese que o jornalismo produz e reproduz homogeneizações culturais, colocando em cheque o mito do jornalismo como um espelho da realidade e mesmo suspeitando de “uma fé simples no mito do jornalismo como um contra poder” (TRAQUINA, 2005, p. 200), uma perspectiva interacionista nos permite não adotar, também, uma postura reducionista e simplificadora diante de uma realidade que é complexa, uma vez que os interacionistas argumentam no sentido de que “o jornalismo é um Quarto Poder, que defende sobretudo o *status quo*, mas periodicamente realiza o seu potencial de contra poder” (TRAQUINA, 2005, p. 201).

É preciso reconhecer, então, como Schudson (1995, p. 15), que o jornalismo admite imperfeições, como um sistema cultural que é. Ou seja, as nossas análises precisarão considerar que os jornalistas trabalham em diferentes organizações, relacionam-se com diferentes profissionais e interseccionam diversas vozes como indivíduos em uma sociedade global que, por si só, já é polifônica e intercultural. Os produtos jornalísticos, neste sentido, serão por nós compreendidos – resgatando a conceituação de Jorge Pedro Sousa (s/d) – como:

[...] o resultado da interação simultaneamente histórica e presente de forças de matriz pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos, tendo efeitos



cognitivos, afectivos e comportamentais sobre as pessoas, o que por sua vez produz efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações (SOUSA, s/d).

Admitimos, desta maneira, que o jornalismo, através da linguagem, pode contribuir para a construção de determinados discursos sobre a sociedade e a realidade social e, através desses discursos, pode retomar e reafirmar (mesmo que não propositadamente) determinadas interpretações a respeito da identidade e da cultura de um povo. Assim, os jornalistas podem produzir (e reproduzir) identidades culturais e sociais e reforçar (ou não) homogeneizações e lugares-comuns acerca de uma nação.

A este respeito, é importante que nos questionemos sobre como as relações linguísticas e não linguísticas inerentes aos discursos podem ser detectadas nos textos analisados. Isto é, como olhar para uma frase e captar o que está ali dito (posto) e o que fica implícito ao discurso do enunciador, a fim de que posteriormente se consiga avaliar a prevalência ou a inexistência das homogeneizações em um texto jornalístico. Esta será uma preocupação metodológica a qual discutiremos no momento em que apresentarmos os fundamentos da Análise do Discurso de linha Francesa e, sobretudo, no momento em que apresentarmos os conceitos de “pressupostos” e de “subentendidos” elaborados por Oswald Ducrot (1987).

Antes disso, contudo, resgataremos discussões acerca do jornalismo internacional no contexto da digitalização e da globalização e apresentaremos os veículos sob os quais recairão as nossas análises, considerando esses aspectos teóricos da pesquisa sobre o campo jornalístico discutidos e recordando a afirmação de Schudson quando cita que “[...] *diferent newspapers establish different historical traditions*” (SCHUDSON, 1995, p. 14).<sup>4</sup> Desta maneira, encaminhamo-nos às análises buscando estar também cientes da polifonia e das relações intersubjetivas inerentes à utilização de quatro jornais distintos como *corpus* e objeto de pesquisa. Acredita-se que essa multiplicidade, ao mesmo tempo, coloca-se como uma vantagem metodológica, uma vez que nos oferece um escopo diverso para a análise de nosso objeto, mas também é uma situação que deve ser observada com cautela, para que não caiamos na tentação das generalizações. Com este intuito, diferenciar os jornais e, antes disso, notabilizar as peculiaridades do jornalismo internacional na contemporaneidade, impõem-se como tarefas fundamentais ao trabalho que desenvolvemos.

---

<sup>4</sup> Tradução livre: “[...] diferentes jornais estabelecem diferentes tradições históricas.”

### **1.3 O jornalismo internacional em tempos de globalização e digitalização**

Neste primeiro quarto do século XXI, a proliferação massiva de notícias em âmbito global atingiu um patamar nunca antes visto em meio à digitalização e à revolução das comunicações. Ao mesmo tempo, o jornalismo busca maneiras de lidar com as transformações éticas, estéticas, políticas e econômicas do mundo contemporâneo e, sobretudo, procura estratégias de adaptação a um mercado em crise, convergente e que compreende um público cada vez mais conectado. Ao estudar, então, a cobertura jornalística de um megaevento esportivo globalmente midiaticizado como o Mundial-2014, torna-se imperativo compreender a quais dinâmicas o jornalismo internacional está colocado, em um contexto no qual o “fluxo de comunicação e informação em escala global se tornou uma característica regular e penetrante da vida social” (THOMPSON, 2005, p. 208).

Alguns autores associam a globalização à derrocada da tradição e a um declínio das identidades nacionais (como observaremos no capítulo 2), outros a encaram como a celebração da diferença, sem contar os que simplesmente a focalizam como um novo ciclo mercadológico, como bem sintetiza Vieira (2013). “Divergências à parte, o fato é que a globalização é um fenômeno intrínseco ao nosso tempo e já reflete na relação indivíduo x mundo” (VIEIRA, 2013, p. 14). Nesse sentido, Thompson (2005) a conceitua como a “crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo, um processo que deu origem à formas complexas de interação e interdependência” (THOMPSON, 2005, p. 197).

Hall (2000, p. 67) observa que o fenômeno se refere aos processos que tornam o mundo mais interconectado e amplia as suas consequências, apontando para uma compressão da relação espaço-tempo, a qual reflete diretamente na prática jornalística e no consumo das notícias. Nesse contexto, a mídia – e sobretudo o jornalismo internacional – adquire importância, tendo como uma de suas preocupações a função de retratar o cenário globalizado a seu público. A capacidade cognitiva dos indivíduos em relação ao mundo estaria sendo modelada, desta maneira, pelas formas simbólicas construídas pelos discursos dos veículos de comunicação – processo que Thompson (2005, p. 61) descreve como a “mundanidade mediada”.

Um dos problemas, aqui, residiria no fato de que, como assinala o autor, a “globalização da comunicação no século XX é um processo dirigido principalmente por atividades de conglomerados de comunicação em grande escala” (THOMPSON, 2005, p. 209), estabelecendo-se, do ponto de vista da comunicação, um fluxo desigual de informações e

“levando algumas partes do globo à extrema dependência de outras para o suprimento de bens simbólicos” (THOMPSON, 2005, p. 212). Ademais, apesar da expansão do mercado de notícias *on-line* suscitada pela digitalização, o jornalismo segue buscando maneiras de lidar com as transformações do mercado e do público. O jornalismo internacional (e, especificamente, a cobertura de um megaevento) não escapa a esse processo. “Embora a globalização traga maior sentido e importância à editoria e a este setor especializado da mídia, ele é um dos que mais sofre com as consequências do jornalismo de mercado: pouco rentável comercialmente e com um público seletivo” (VIEIRA, 2013, p. 21).

Lins da Silva (2011) sumariza com precisão tal dilema ao escrever que:

O início do século XXI, quando a globalização chega ao apogeu, é assim, contraditoriamente, o período em que a necessidade de atuação dessa categoria de jornalistas é, em princípio, mais urgente e justificável, mas também em que ela se tem contraído como raramente antes, devido à impossibilidade de as empresas darem conta de seus elevados custos (LINS DA SILVA, 2011, p. 10).

Apesar dos problemas em se sustentar financeiramente, contudo, o jornalismo internacional se mantém relevante ao quadro geral dos veículos de comunicação, muito pelo fato de que “publicar notícias sobre outros países sempre foi associado a prestígio para o veículo jornalístico que as divulgasse” (LINS DA SILVA, 2011, p. 25). Adianta-se, neste ponto, que um dos critérios que justificou a nossa escolha por *The New York Times*, *The Guardian*, *The Times* e *The Wall Street Journal* é, justamente, a penetração internacional e a preocupação dos mesmos com os assuntos de fora de seus territórios (como se poderá notar nas páginas subsequentes, quando apresentarmos os jornais).

Sob esta perspectiva, Natali (2004) lembra que “o jornalismo nasceu interacional”, uma vez que, ainda nos séculos XVII e XVIII, a prática servia, basicamente, como um instrumento de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes. O autor remonta, ainda, a formação deste segmento da imprensa às *newsletters* produzidas por banqueiros no século XVI para receberem informações úteis aos seus negócios e destaca as coberturas da Revolução Francesa (1789-1799) e da Guerra Civil Norte-americana (1861-1865) como fundamentais à consolidação desta prática – esta última, aliás, é apontada como a responsável pelo que ele chama de o início da “fase adulta do jornalismo internacional”, uma vez que a também denominada Guerra de Secessão foi acompanhada por cerca de cento e cinquenta correspondentes (NATALI, 2004, p. 27).

As agências de notícias também se consolidam neste período, em meados do século XIX, mantendo as “suas posições de liderança no sistema internacional de coleta e disseminação de notícias e outras informações” (THOMPSON, 2005, p. 205). O objetivo das mesmas, desde essa época inicial, era dar visibilidade econômica ao noticiário internacional (NATALI, 2004, p. 31), barateando o custo de produção e de distribuição da editoria internacional a uma centena de jornais que não tinham como custear equipes de correspondentes. Entretanto, quando se pensa neste tipo de material sendo distribuído em grande escala, de forma generalizada, é necessário considerarmos que a sua utilização é reflexo do corte de gastos com correspondentes e que isso implica diretamente no conteúdo veiculado: “não é uma postura ética. É uma postura de mercado. Como há clientes de diferentes orientações editoriais, nenhuma agência puxaria a azeitona para o lado de uma só empada” (NATALI, 2004, p. 31).

Ainda assim, o autor consegue ser otimista em relação ao que chama de revolução trazida pela internet às redações internacionais, a qual fez com que o redator abandonasse o seu papel passivo diante dos telegramas das agências. O uso da internet, segundo ele, obviamente não substitui a existência de uma boa rede de correspondentes, “mas a falta dessa boa rede é em parte compensada por profissionais familiarizados com os múltiplos recursos disponíveis na rede mundial de computadores” (NATALI, 2004, p. 59).

Além disso, para as análises que desenvolvermos, não se pode desconsiderar que o correspondente é um jornalista sediado em um país que não é o seu de origem, “com a missão remunerada de reportar fatos e características dessa sociedade em que vive para a audiência de sua nação materna por meio de um veículo de comunicação” (LINS DA SILVA, 2011, p. 15). Ademais, é um profissional que precisa lidar: com as limitações oriundas de trabalhar com uma língua estrangeira (NATALI, 2004); com as restrições financeiras das empresas de mídia; e com o risco de se nacionalizar no país em que se encontra sediado (LINS DA SILVA, 2011, p. 33), interiorizando comportamentos, ações e reflexões que o afastem de seu público alvo e o aproximem da realidade de suas fontes.

Fora isso, é importante observar que o contexto globalizado e cada vez mais multimídia das comunicações acaba influenciando também nos critérios de noticiabilidade do próprio jornalismo internacional. Como destaca Vieira (2013) – recuperando Murad (2002) – a atualidade e a frequência se impõem neste cenário, sendo esta (a frequência) caracterizada pela atualização constante das informações e, aquela (a atualidade), fruto do aumento da velocidade proveniente das tecnologias digitais, fazendo com que se busque o encurtamento do tempo entre

o evento transcorrido e a publicação da notícia ou da reportagem e resultando em um risco de negligência com a apuração dos fatos.

Outro aspecto fundamental que deve ser observado em relação ao jornalismo internacional diz respeito a seu público, um leitorado que, de acordo com Natali (2004), faz parte de um segmento minoritário, metropolitano e mais bem informado de receptores, o que conseqüentemente os faz mais exigentes (LINS DA SILVA, 2011). Por último, deve-se lembrar que vemos com certa frequência no jornalismo internacional um embate entre o interesse público (com significado político, social, cultural...) e o interesse do público (aquilo que pode despertar curiosidade): “Reflexo da predominância do jornalismo de mercado, vê-se que, na maioria das situações, o interesse do público acaba ganhando” (VIEIRA, 2013, p. 25).

É, portanto, neste contexto de digitalização e de globalização e sob estas características próprias que o jornalismo internacional se produz na contemporaneidade. Embora sob dificuldades e incertezas no que diz respeito às transformações tecnológicas e de público, e ainda que dependente de fatores mercadológicos e editoriais, é possível que se note o papel fundamental do mesmo em “transformar cidadãos nacionais em cidadãos globais” (LINS DA SILVA, 2011, p. 10), ruptura primordial em um contexto no qual as pessoas anseiam por estar mais informadas a respeito do mundo e da realidade que as circunda.

#### **1.4 Histórico e apresentação dos jornais**

O período de revisão de literatura serviu, também, para elaborarmos um levantamento bibliográfico e exploratório acerca dos veículos de comunicação que integram o *corpus* da pesquisa. Pensando neste contexto descrito anteriormente, examinaremos as principais características editoriais e históricas de cada um deles, o público-alvo, e a atuação dos mesmos em suas edições *on-line* (as quais nos oferecem o *corpus* de pesquisa com o qual trabalhamos). Apresentam-se a seguir as informações relativas à *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *The Times* e *The Guardian*, sob os quais recaem as análises que exporemos no item destinado à apresentação dos resultados obtidos.

***The New York Times (NYT)*** – A primeira edição de *The New York Times* é veiculada em 18 de setembro de 1851, com o nome *New-York Daily Times*; em 1857, torna-se *The New-York Times*; e, em 1896, adota a nomenclatura atual, com a exclusão do hífen, após ser adquirido por Adolph Ocs (1858-1935). Desde o início, segundo Matías Molina, em *Os melhores jornais do mundo* (2008), o jornal “ganhou dinheiro, prestígio e influência pela abundância de

informações e pelo tom conservador e moderado, que lembra o *Times* de hoje, numa cidade onde quase todos os jornais eram agressivos e sensacionalistas” (MOLINA, 2008, p. 137).

Nos primeiros anos, dirigido por seus fundadores Henry J. Raymond e George Jones, *NYT* apoiou o partido o Partido Republicano de Abraham Lincoln (1809-1865) e combateu a escravidão nos Estados Unidos. “Nos primeiros quinze dias já vendia 10 mil exemplares, 26 mil no primeiro ano e 40 mil em 1857. Em 1861, no começo da Guerra de Secessão, saltou para 75 mil” (MOLINA, 2008, p. 137). A rápida e precisa cobertura da guerra feita por sua rede de correspondentes aumentou a penetração e a influência do jornal, a qual se consolidou no curso de sua história, como reconhece Molina:

*The New York Times* não é o jornal de maior circulação do mundo e está longe de ser o mais rentável. Mas suas informações e suas opiniões têm um peso extraordinário na Casa Branca, no Congresso, em Wall Street, nas chancelarias, nas universidades, nos organismos internacionais e no resto da mídia. (MOLINA, 2008, p. 112)

Gay Talease, em *o Reino e o poder* (2000), lembra que Adolph Ochs, o fundador da dinastia que comanda o jornal desde 1896, queria um veículo que “publicasse diariamente o registro de todos os incêndios da cidade, a hora da chegada de cada navio, o nome de cada visitante oficial da casa Branca e a hora exata do pôr do sol e do nascimento da lua” (TALEASE, 2000, p. 6).

O periódico é uma empresa de capital aberto controlada há mais de um século pela família Ochs/Sulzeberg, que, segundo Talease, soube preservar o espírito e o caráter de seu “patriarca”. A gestão, de acordo com Molina (2008), “está mais preocupada em manter a qualidade e a independência do jornal do que com a margem de lucros, mas enfrenta a oposição de importantes grupos de acionistas, que preferem o lucro” (MOLINA, 2008, p. 159).

Em memorial publicado no dia 17 de janeiro de 2017, o editor executivo Dean Banquet e o gerente editorial Joe Kahn afirmaram aos colegas de redação que o trabalho jornalístico nunca foi tão importante para o jornal se consolidar ante aos desafios da transformação do impresso para os formato digitais. Os executivos ressaltam a necessidade de a companhia se estabelecer como a mais forte no mercado de notícias *on-line*, mas sem perder a qualidade editorial: “*Our job is to keep producing original, reported, boots-on-the-ground journalism, the best report in the world, so good it’s worth to pay for.*”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> **Tradução livre:** “Nosso trabalho é continuar produzindo um jornalismo original e com os pés no chão, a melhor reportagem do mundo, tão boa que valha a pena pagar por ela.” Disponível em: <http://www.nytc.com/from-dean-and-joe-the-year-ahead/>. Último acesso em 12 de maio de 2017.

O texto de Banquet e Kahn também serviu para marcar o lançamento do relato do Projeto 2020, trabalho de pesquisa elaborado por uma equipe de sete jornalistas de *NYT*, coordenados por David Lenhardt, os quais apresentaram um resumo dos desafios e das oportunidades com as quais o grupo precisará lidar para que se consolide no ambiente digital: “*We believe that the more sound business strategy for The Times is to provide journalism so strong that several million people around the world are willing to pay for it.*”<sup>6</sup>

O foco de *The New York Times* e de seus jornalistas, segundo Banquet, Kahn e Leonhardt, deve ser aumentar as subscrições digitais, mais do que angariar acessos e visualizações. A versão digital do jornal (*nytimes.com*) existe desde 1996, mas, o modelo pago foi lançado em 2011. No terceiro trimestre de 2016, as assinaturas *on-line* passaram de 1,5 milhão e as receitas com os produtos digitais chegaram a quase 500 milhões de dólares. Ainda assim, os responsáveis pelo projeto acreditam que seja possível alcançar um faturamento de 800 milhões de dólares até 2020, caso algumas mudanças sejam incorporadas.

De acordo com eles: 1) as reportagens precisam se tornar mais visuais e multimídia; 2) os jornalistas precisam utilizar mais os variados formatos do jornalismo digital (como *newsletters*, alertas e formas de *storytelling* de vídeo e de áudio inovadores); 3) os textos de serviços precisam considerar a crescente necessidade dos leitores de receberem conselhos do jornal; e 4) os leitores devem se tornar uma parte importante das reportagens, havendo uma melhor exploração das seções de comentários para gerar engajamento.

A diversidade e a idade dos profissionais que compõem as redações também é algo que deve mudar, segundo Leonhardt e os autores da pesquisa, assim como a tendência que muitos jornalistas do grupo ainda não abandoaram de escrever textos longos para o site como se estivessem escrevendo para o impresso. Outro dado significativo no tocante à edição *on-line* de *The New York Times* é o fato de poder ser lida em inglês, em espanhol ou em mandarim, o que reforça a penetração internacional do mesmo.

O jornal possui correspondentes em mais de cento e cinquenta países e se projeta como “o jornal mais influente do mundo”, sendo, por isso também, um dos veículos de interesse a esta pesquisa. Cabe, ainda, lembrar que outros estudos realizaram trabalhos semelhantes ao que aqui desenvolvemos, buscando analisar as representações de brasilidade e as “imagens do Brasil” produzidas e reproduzidas pelo discurso de *The New York Times* (DOTA, 2004; 2005;

---

<sup>6</sup> **Tradução livre:** “Nós acreditamos que a estratégia de negócios mais importante para o *The [New York] Times* é oferecer um jornalismo tão forte, que milhares de pessoas ao redor do mundo queiram pagar por ele”. Disponível em: <https://www.nytimes.com/projects/2020-report/>. Último acesso em 12 de maio de 2017.

2006; 2007; 2010). O foco dos mesmos, contudo, não está na maneira com que os discursos a respeito do futebol se produzem como um elemento de distinção “nacional”.

*The Wall Street Journal* – A história de *The Wall Street Journal* começa em 1882, quando três jovens repórteres – Charles Dow, Edward Jones e Charles Bergstresser – fundam a Dow Jones & Co, uma agência de informações sobre a Bolsa de Valores de Nova York. A companhia se estabeleceu como uma concorrente da Kiernan News Agency, até então a principal empresa de informações financeiras da cidade, para a qual Bergstresser, Jones e Dow trabalhavam antes de fundarem a Dow Jones – o sobrenome de Charles Bergstresser não foi utilizado para batizar o novo empreendimento pois era considerado difícil de memorizar e de pronunciar (MOLINA, 2008, p. 170).

A Dow Jones publica *The Wall Street Journal* desde 1889. A agência começou a funcionar em Wall Street, no porão de uma loja de doces, local em que, até hoje, encontra-se o prédio da Bolsa de Valores. No primeiro ano, boletins manuscritos em folhas de papel eram entregues aos assinantes por mensageiros. Em 1883, o boletim de duas páginas recebe o nome de *Customers' Afternoon Letter* e passa a ser impresso, alcançando logo mais de mil assinantes. “Em 1884, Charles Dow calculou índices com os preços de fechamento das ações mais representativas da bolsa, que seriam conhecidas como Índices Dow Jones” (MOLINA, 2008, p. 172). Em 1887, a companhia estabelece um acordo com o jornalista Clarence Barron, que havia criado uma agência semelhante em Boston, a Boston News Bureau, e, finalmente, em julho de 1889, a Dow Jones lança *The Wall Street Journal*, com quatro páginas.

Segundo Molina (2008), a agência sempre teve em mente que nasceu como um serviço de informação financeira e fez questão de manter essa atividade paralela ao *The Wall Street Journal*. “São dois produtos que se complementam, pois a agência de notícias obtém do jornal boa parte do material que distribui e aproveita o prestígio dele para crescer. O jornal, por sua vez, publica as informações da agência” (MOLINA, 2008, p. 172). Após um desentendimento entre os sócios fundadores e com a morte de Charles Dow em 1902, a Dow Jones é vendida ao correspondente do *Journal* em Boston Clarence Baron. Iniciava-se a trajetória da família Bancroft frente aos negócios do grupo (com a morte de Baron em 1928, a Dow Jones foi herdada por sua enteada Jane, casada com Hugh Bancroft).

Após mais de cem anos de controle dos Bancroft, a agência é comprada, em 2007, pelo australiano Rupert Murdoch, proprietário da *News Corporation*. O *Journal*, segundo Molina, “é o maior diário de economia e negócios do mundo ocidental e [...] tornou-se uma das mais



confiáveis fontes de informação para a tomada de decisões e formação de opinião nos negócios mundiais” (MOLINA, 2008, p. 167). Os leitores do veículo, segundo o autor de *Os melhores Jornais do Mundo*, formam uma verdadeira elite do dinheiro. Mas, ao contrário da maioria dos jornais de economia, cuja influência se restringe a um nicho muito específico de leitores, “o *Journal* goza também de elevado prestígio político e aparece, nas pesquisas dos jornais mais influentes do mundo, entre os primeiros colocados” (MOLINA, 2008, p. 167).

Dados da *Alliance Audited Media* apontam que *The Wall Street Journal* era o periódico que mais publicava entre os diários norte-americanos em março de 2013, com média de 2,37 milhões de cópias diárias vendidas (somando-se as versões impressa e digital). Entre março e julho de 2016, os números se mantiveram em 2,34 milhões de cópias diárias, sendo que 948 mil acessos integravam o escopo de assinantes do pacote digital do periódico, de acordo com balanço divulgado pela *News Corporation* em agosto de 2016<sup>7</sup>. Na ocasião, o diretor executivo do grupo, Robert Thomson, afirmou que o sucesso de *The Wall Street Journal* era uma prova da importância de oferecer conteúdo digital de alta qualidade com apelo global: “*While global print ad trends remain challenging our News and Information Services segment, we are continuing our aggressive growth in digital, which now accounts for 23% of segment revenues*”<sup>8</sup>, destacou.

*The Times* – Também controlado pela *News Corporation*, do australiano Rupert Murdoch, desde 1981, *The Times* é um dos diários generalistas ocidentais mais antigos em circulação. Fundado em 1785 por John Walter I, em Londres, ofereceu contribuições significativas à história da imprensa, como sinaliza Matías Molina. O periódico transformou as relações do jornalismo com o poder: “Antes dele, os jornais eram vistos como instrumentos políticos, ligados aos partidos” (MOLINA, 2008, p. 380).

Lançado no contexto da Revolução Francesa (1789-1799) e às vésperas das Guerras Napoleônicas (1803-1815), eventos que despertavam a curiosidade do público, em uma Inglaterra que iniciava a Revolução Industrial e que possuía uma classe média em formação, o jornal teve, desde o início, o cuidado de “montar um bom serviço de informações no exterior, com correspondentes em várias cidades europeias” (MOLINA, 2008, p. 381). No episódio conhecido como Bloqueio Continental, por exemplo, quando o então imperador francês

---

<sup>7</sup> Disponível em: [https://newscorpcom.files.wordpress.com/2016/08/q4-2016-press-release\\_final\\_08082016.pdf](https://newscorpcom.files.wordpress.com/2016/08/q4-2016-press-release_final_08082016.pdf). Último acesso em: 01 ago. 2017.

<sup>8</sup> **Tradução livre:** “Embora as tendências globais de anúncios impressos continuem desafiando nosso segmento de Serviços de Notícias e Informação, continuamos crescendo rápido no meio digital, que agora representa 23% das receitas do segmento.”

Napoleão Bonaparte (1769-1821) propôs um impedimento comercial naval às Ilhas Britânicas, em 1807, o *Times* pagou contrabandistas para trazerem as notícias do continente. No século XIX, o veículo era o grande jornal de referência mundial e serviu de modelo para a formação de outros diários: “*The New York Times* é o *Times* de Nova York, assim como *Los Angeles Times* é o *Times* de Los Angeles e *The Times of India* é o *Times* desse país. Mas *The Times* era *The Times*, sem necessidade de nenhum lugar que o adjetivasse” (MOLINA, 2008, p. 380).

As inovações gráficas também acompanharam a trajetória do periódico desde o início. Em 1814, instalou a primeira impressora a vapor do mundo. Em 1860, foi o primeiro a usar a estereotípia para fazer matrizes de impressão. E, em 1868, foi o primeiro a instalar uma impressora rotativa (MOLINA, 2008, p. 384). Desenvolveu também um equipamento para imprimir papel pelos dois lados simultaneamente e, em 1870, introduziu a composição mecânica dos textos, substituindo os métodos de composição manual, letra por letra. Nos anos 1930, sob a orientação de Stanley Morison, elaborou internamente uma nova família de tipos para a composição e titulação de textos, conhecida como Times New Roman, posteriormente adotada por centenas de diários.

Alguns dos correspondentes do *The Times* no exterior, além de escreverem para o jornal, enviavam ao governo britânico informações as quais tinham acesso nos países em que trabalhavam, prática que ocorreu “até recentemente”, de acordo com Molina (2008, p. 391). No final do século XIX e início do século XX, contudo, o diário enfrentou uma séria crise econômica e os lucros e a circulação caíram. Em 1878, vendia mais de 60 mil cópias; em 1884, apenas 41 mil cópias e, em 1904, 32 mil cópias. “Ainda assim, graças à excelente cobertura internacional, às vezes extravagantemente cara, à sua integridade e à obsessão pela independência em relação ao governo, continuou sendo o jornal de maior prestígio da Inglaterra e possivelmente da Europa” (MOLINA, 2008, p. 393).

Segundo Molina (2008), *The Times* conserva algumas das características que o diferenciam de outros jornais, especialmente o alcance de sua cobertura internacional. O autor de *Os melhores jornais do mundo* cita Robert Thomsom [editor do *The Times* entre 2002 e 2007 e diretor executivo da *News Corporation* desde 2013] e lembra que “o jornal nunca teve tantos correspondentes nem dedicou tanto espaço aos assuntos internacionais como neste começo de século” (MOLINA, 2008, p. 415):

Robert Thomsom preparou o jornal para enfrentar o futuro. Pretendeu fazer do *The Times* um jornal global. Apostava em aumentar o número de edições impressas no exterior. Já imprimia no continente europeu uma edição

internacional com 64 páginas; em 2006, passou a ter uma edição impressa nos Estados Unidos e pretende estar presente em países onde uma boa parte da população fala inglês. [...] Segundo Thomsom, a audiência no exterior procura informações sobre questões internacionais, negócios globais e críquete, além das opiniões dos colunistas (MOLINA, 2008, p. 416).

*The Times* é o oitavo jornal de maior circulação na Inglaterra. Dados da *Audit Bureau of Circulations* (órgão que realiza a medição da venda de jornais no Reino Unido) apontavam que, em janeiro de 2014, o periódico registrava uma média de 384 mil cópias diárias de circulação, número que subiu para 451 mil em janeiro de 2017. “O jornal também investe na internet para difundir globalmente seu conteúdo” (MOLINA, 2008, p. 416). Em outubro de 2013, a versão digital do *Times* (*thetimes.co.uk*) registrava um total de 350 mil subscrições, incluindo 200 mil assinantes que recebiam, também, o jornal impresso<sup>9</sup>.

*The Guardian* – Fundado em 1821, em Manchester, no norte da Inglaterra, o periódico reforça, em quase duzentos anos de existência, a imagem de ser um “veículo íntegro e independente, disposto a enfrentar a impopularidade e perdas financeiras para defender um princípio” (MOLINA, 2008, p. 348). O “princípio” a que Matías Molina se refere, em *Os melhores jornais do mundo* (2008), é o do liberalismo – valor que norteou as diretrizes do grupo sobretudo em seus primeiros cem anos, sem, no entanto, fazer com que o *Guardian* abandonasse a busca por independência e a sua capacidade crítica.

“*Comment is free, but facts are sacred*”<sup>10</sup>, escreveu Charles Prestwich Scott (1846-1932) – mais conhecido como C.P. Scott, um dos mais importantes editores da história do veículo – no artigo *A Hundread Years* (SCOTT, 2015), publicado em 1921 como forma de celebrar os cem anos do diário e os seus cinquenta anos como editor. A primeira edição do então *The Manchester Guardian* – o nome atual foi adotado apenas em 1961, como detalharemos – é publicada em 05 de maio de 1821, por Edward John Taylor e um grupo de pessoas de tendências progressistas da cidade. Com circulação semanal, o veículo surge em um contexto de indignação pública diante do “Massacre de Peterloo”, evento ocorrido dois anos antes, no qual as tropas da cavalaria de Manchester haviam matado onze pessoas e ferido outras quinhentas durante uma manifestação pacífica (MOLINA, 2008).

A trajetória histórica de *The Guardian*, segundo Molina, “é um raro exemplo de coerência editorial e de capacidade de adaptação”. Nestes anos iniciais, o jornal mostrava a real situação dos empregados das fábricas de tecido de Manchester e revelava detalhes sobre o

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2013/oct/17/digital-subscriptions-times-sunday-news-uk>. Acesso em 05 jun. 2017.

<sup>10</sup> **Tradução livre:** “O comentário é livre, mas os fatos são sagrados.”

trabalho infantil nas mesmas, ainda que mantendo um abundante noticiário sobre o mercado e os negócios da indústria têxtil, que era base econômica da região na primeira metade do século XIX. Além disso, publicava artigos defendendo as liberdades civis e a expansão das reformas políticas; informava sobre os debates que ocorriam no parlamento britânico; e, desde aquela época, pautava assuntos internacionais como as lutas pela independência na América Latina (as edições de 21 e 28 de setembro de 1822, por exemplo, incluíram uma longa carta sobre o Brasil datada de 14 de julho).

Outro demonstrativo histórico da atitude progressista e independente do *Guardian* é que, apesar de seu apreço pelo liberalismo e de seus vínculos com os industriais de Manchester nessa fase inicial, o periódico serviu como fonte para grande parte das informações contidas no livro *A condição da classe trabalhadora em 1844*, um retrato da exploração dos operários ingleses durante a Revolução Industrial, escrito por Friederich Engels (1820-1895). A circulação de *The Manchester Guardian* nesses primeiros anos, como dissemos, era semanal. A partir de 1838, circulou duas vezes por semana e, em 1855, torna-se diário, de segunda-feira a sábado.

No final do século XIX, em mais um episódio indicativo de suas particularidades editoriais, notabilizou-se como o único jornal de referência na Inglaterra a adotar uma posição contrária à da maioria da opinião pública em relação à disputa militar e ao avanço imperialista britânico sob a região do Transvaal (onde hoje se situa a África do Sul e que, à época, era uma colônia holandesa). As críticas não trouxeram bons resultados e o ainda *Manchester Guardian* “perdeu mais de um terço de seus leitores, mas se firmou como o principal formador de opinião da esquerda intelectual e consolidou seu prestígio como um jornal que arriscava a sobrevivência para manter os princípios” (MOLINA, 2008, p. 358).

Após as coberturas da Revolução Russa (1917) e da Segunda Guerra Mundial (1938/1939-1945), gozava de uma estrutura internacional de prestígio e mantinha uma rede de correspondentes onerosa, mas registrava pouca circulação na Inglaterra. Inicia-se, então, um processo de mudança do veículo para Londres, também motivado pelo enfraquecimento do setor têxtil do norte do país. Em 1959, a palavra *Manchester* é suprimida do título; em 1961, *The Guardian* passa a ser impresso na capital e, em 1964, completa-se a transformação: a edição do periódico também migra para Londres. A execução do projeto, contudo, não foi boa e o jornal “quase afundou” (MOLINA, 2008, p. 363) em meio a uma perspectiva editorial que, apesar de internacionalizada, demorou para abandonar o provincianismo de Manchester. As

instalações físicas precárias e os erros de revisão constantes (pelos quais foi chamado de *The Grauniad* em certas oportunidades) também contribuíram para a mudança.

Outro dado importante é que, desde 1936, o *Guardian* é controlado pelo *Scott Trust*, uma espécie de fundação sem fins lucrativos criada com a finalidade de garantir a sua publicação e a sua independência. “Depois de um período difícil, em que houve dúvidas sobre a sobrevivência do jornal, o *Trust* fez, a partir dos anos 1970, aplicações rentáveis no setor de comunicação” (MOLINA, 2008, p. 350). O *Guardian* e o *The Observer*, o jornal dominical associado que foi adquirido na década de 1990, perdem dinheiro, mas são mantidos pelo elevado retorno dos negócios do grupo, segundo Molina.

A publicidade e a circulação do jornal cresceram de maneira acelerada nos anos 1980, no governo da primeira-ministra Margareth Thatcher, a qual recebia muitas críticas dos jornalistas do periódico. Nessa época, o público de jovens profissionais – cientistas, professores, médicos, engenheiros, jornalistas – começou a ser atraído e o jornal, além de criar novas seções (como uma seção de mídia e uma seção de classificados), passa a dar mais atenção aos esportes. A fase de expansão, contudo, desacelera a partir de 1986 com o lançamento de *The Independent* e com a “guerra de preços” (MOLINA, 2008, p. 370) iniciada por Rupert Murdoch – proprietário do *The Times* – em 1993.

Em agosto de 2005, o *Guardian* atinge o seu nível mais baixo de vendas desde 1978 e decide mudar de tamanho, acompanhando a tendência de seus concorrentes *The Times* e *The Independent*. Ao invés de optar pelo tabloide, como estes haviam feito, adota o estilo berlinês, um formato intermediário que é dois terços do tamanho do *standard*. “O novo *The Guardian* foi considerado quase unanimemente um jornal de excelente feitura gráfica e que também revelou estar preocupado em não trivializar o conteúdo” (MOLINA, 2008, p. 374). Os próprios concorrentes, segundo Molina, detectaram o esforço do periódico em aumentar a qualidade da informação e da análise, mas questionaram se haveria leitores suficientes para um jornal como aquele, que caminhava na contramão à tendência de simplificar os fenômenos e entreter o leitor, buscando “complexificar” a realidade.

De fato, a versão impressa do *Guardian* não está entre as mais lidas da Inglaterra, ocupando a 12ª colocação no *ranking* da *Audit Bureau of Circulations*, com tiragem de pouco mais de 156 mil cópias diárias (156.756) em janeiro de 2017. Os acessos únicos à versão *online* do jornal (*theguardian.com*), contudo, passaram de 8 milhões (8.821.223)<sup>11</sup> no Reino

---

<sup>11</sup> <https://www.theguardian.com/media/2016/apr/21/times-ft-guardian-independent-sales-lift-mirror-sun>.

Unido em abril de 2016 e chegaram a dez milhões (10.304.181)<sup>12</sup> em junho do mesmo ano (devido à cobertura do referendo que decidiu pela saída da Inglaterra da União Europeia). Como indica Molina (2008), portanto, *The Guardian* adaptou-se facilmente às novas tecnologias:

A internet representou inigualável oportunidade de alcançar, fora da Grã-Bretanha, leitores que antes não tinham acesso à edição impressa. Seu objetivo, agora que as barreiras físicas foram praticamente eliminadas, é se transformar no mais importante jornal liberal do mundo, disponível na rede. Acredita estar no bom caminho. As redações da versão impressa e da versão eletrônica estão integradas (MOLINA, 2008, p. 372).

O site em si (*theguardian.com*), que é onde realizaremos as buscas por nosso objeto de pesquisa, admite quatro versões: uma para leitores britânicos (*UK edition*), uma para leitores norte-americanos (*US edition*), uma para leitores australianos (*Australian edition*) e, por fim a que nos interessa, denominada internacional (*International edition*). As abas disponíveis ao leitor na *homepage* desta versão internacional são: *UK, world, sport, football, opinion, culture, business, lifestyle, fashion, environment, tech, travel, money, science, professional networks, the observer, today's paper, Sunday's paper, membership, crosswords* e *videos*. O fato de as sessões de futebol (*football*) e de esportes (*sports*) estarem diferenciadas é notório e indica a relevância daquele ao público do jornal.

*The Guardian* também possui significativa adesão nas redes sociais. Em 07 de maio de 2017, a página no *Facebook* do veículo era curtida e seguida por mais de sete milhões de pessoas (detalhadamente, curtida por 7.385.261 e seguida por 7.100.727). Na mesma data, o *Twitter* @guardian contabilizava quase seis milhões e quarenta e sete mil seguidores (precisamente, 6.466.850) e 340 mil e 572 postagens (desde novembro de 2009). Chama a atenção, ainda, a frase de descrição da página – “*The need for independent journalism has never been greater*” – a qual também reforça a alcunha da independência jornalística e editorial como um dos motes pelos quais o jornal busca se diferenciar desde a época de sua fundação.

Assim como *The New York Times*, o periódico inglês também motivou estudos acadêmicos da área de Comunicação a respeito das identidades brasileiras e das “imagens do Brasil” construídas e reconstruídas em suas reportagens e textos jornalísticos. Na dissertação “O Brasil que não é bem assim: representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal *The Guardian*”, Vieira (2016) indica que as representações de brasilidade encontradas na cobertura do Mundial pelo diário inglês se provaram bastante diversas, porém,

---

<sup>12</sup><https://www.theguardian.com/media/2016/jul/21/newspaper-websites-traffic-brexit-independent-guardian-mirror>.

uma se manteve constante: “a noção de que, aqui, o futebol significa mais” (VIEIRA, 2016, p. 113).

Em outro estudo da área de pesquisa em Comunicação, no qual analisa as representações de brasilidade nas coberturas *on-line* de *The Guardian* e de *El País* no período do Mundial-2014, Almeida (2014) também busca identificar a memória e a imagem do Brasil no exterior. Para embasar as suas análises comunicacionais a partir de um olhar multidisciplinar, o autor realiza um levantamento bibliográfico histórico e uma pesquisa de campo sociológica (baseada em entrevistas e na técnica de associações de palavras, com o objetivo de conhecer o imaginário brasileiro que os estrangeiros traziam na bagagem para a Copa do Mundo 2014). Ele conclui que “ao fazer uma análise do olhar estrangeiro sobre o Brasil vimos que desde sua descoberta, o país é considerado pelo estrangeiro como uma terra de contrastes, um paraíso e inferno. Uma nação de grandes riquezas, mas também pobre, selvagem, sensual e mística” (ALMEIDA, 2014, p. 34).

Nunca é demais lembrar, então, do que afirma Mauro Ventura, em *Processos Midiáticos e Produção de Sentido* (2011), quando descreve a comunicação midiática como um “lugar de produção, veiculação e recepção de processos e produtos simbólicos” (VENTURA, 2011, p. 9), pontuando que o objeto de estudos da Comunicação é a mídia, a qual deve ser observada a partir de um “recorte multidisciplinar”. Com isso em mente, no capítulo seguinte, dialogaremos com conceitos e autores da Antropologia, da História e da Sociologia, objetivando melhor compreender as maneiras com que o jornalismo poderá produzir e reproduzir identidades e representações acerca de uma nação como o Brasil.

## **2. MÍDIA, CULTURA E IDENTIDADES BRASILEIRAS**

### **2.1 Cultura brasileira e identidades nacionais**

Buscar-se-á, neste capítulo, compreender de que forma as representações culturais e as “narrativas de nação” (HALL, 2000, p. 52) sobre o Brasil e os brasileiros foram sendo construídas ao longo do tempo, influenciadas direta ou indiretamente por relatos estrangeiros acerca do país, desde as primeiras cartas dos portugueses da época do Descobrimento (1500), passando por textos históricos de jesuítas e de viajantes que vieram ao Brasil entre os séculos XVI e XVIII e pelas primeiras tentativas da própria historiografia nacional de estabelecer um “ser” brasileiro entre o final do século XIX e o início do século XX, chegando-se aos formatos recorrentes propagados em muitos discursos midiáticos nos dias de hoje, interna e externamente.

Em estudo acerca das representações de brasilidade no cinema e nas produções audiovisuais, Rasia (2011) indica a relevância de se considerar o olhar autóctone na elaboração do que compreendemos como o “nós”. Ele acredita que a perspectiva do estrangeiro colabora “para denegrir ou mesmo mitificar a imagem da identidade e o olhar do nativo sobre si, incidindo a construção de olhares internos” (RASIA, 2011). Desta maneira, “mais do que propagar certos vieses sobre o Brasil (ou qualquer nação que seja) no exterior, esta visão ‘de fora’ tem o poder de influenciar também a imagem que o próprio país tem de si mesmo” (VIEIRA, 2016, p. 38). Do mesmo modo, acrescentamos, o processo inverso parece também ocorrer: as formas com que a própria nação se identifica e se diferencia incidem na construção do imaginário estrangeiro acerca de uma identidade “brasileira”.

Cabe lembrar então que, desde o século XIX, autores da historiografia nacional debruçam-se sobre a questão do “ser brasileiro” a partir de uma perspectiva de identidade nacional – como indica Renato Ortiz, em *Cultura brasileira e identidade nacional* (1985), livro no qual propõe uma síntese da trajetória dessas discussões e aponta a dificuldade e a importância de se pensar na temática: “O tema da cultura brasileira e da identidade nacional é um antigo debate que se trava no Brasil. No entanto, ele permanece atual até hoje, constituindo uma espécie de subsolo estrutural que alimenta toda a discussão em torno do que é nacional” (ORTIZ, 1985, p. 7).

Mas, afinal, o que é “ser brasileiro”? E o que é essa noção de “brasilidade”? Quais são nossas características definidoras? Ou, ainda: elas de fato existem? Muitos pesquisadores e pensadores já se arriscaram a responder a questionamentos parecidos. Nomes como os de Sérgio



Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro; ou, ainda, Roberto DaMatta, Florestan Fernandes e Caio Prado Júnior estão entre eles. Porém, ao que parece, não se chegou a uma resposta exata para o problema e nem se pode dizer que, um dia, de uma vez por todas, a discussão será dada como encerrada (DEBRUN, 1990, p. 39).

O que se sabe, provisoriamente, é que a identidade nacional, no Brasil, é concebida, entre outros aspectos, com base em nossa alteridade estrangeira, em um contexto político e simbólico. Em outras palavras, as discussões sobre a cultura e a identidade nacional brasileira, em certos momentos, foram – e ainda são – marcadas por uma noção de diferenciação em relação ao estrangeiro, sobretudo, ao europeu e ao norte-americano, como indica Ortiz (e como também se poderá notar em trechos da obra de Roberto DaMatta e Gilberto Freyre apresentados nos tópicos precedentes).

Em *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*, Eni Orlandi (1993) pontua de que forma, em um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha, se constituiu um “discurso fundador” de nossa identidade. Um discurso que, após um processo de transfiguração de sentido, foi incorporado à memória social do brasileiro e pode ser percebido, ainda hoje, no seio de uma noção de brasilidade:

Em se plantando tudo dá. Esse enunciado [escrito por Pero Vaz de Caminha] ressoa em muitos outros, repercutindo sentidos variados no sentimento de brasilidade. Terra pródiga. Gigante pela própria natureza. Mas mal administrada, pilhada há séculos e que embora seja explorada continuamente não se esgota. Aí já se produziu um discurso sobre o Brasil, a partir de um enunciado fundador. Nesses percursos e ressonâncias, isso vai dar no traço ideológico da fala sobre a preguiça inerente à raça, do desperdício, da corrupção natural ao brasileiro no poder. E vai servir como argumento que justifica a pobreza: esse país não tem jeito. Ou, no outro lado da mesma moeda, vai dar no país da esperança: tem que dar certo. São essas ramificações – intrincadas, contraditórias, com jeito de terem sido formuladas de uma vez por todas – que desenham a complicada ideologia do “ser brasileiro” (ORLANDI, 1993, p. 14).

Ortiz argumenta, neste sentido, que os diferentes autores que têm abordado a questão concordam: seríamos diferentes de outros países, sejam eles europeus ou norte-americanos. O autor lembra que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença. [...] é uma construção simbólica, o que elimina portanto as dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido” (ORTIZ, 1985, p. 7). Dito de outra forma, “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. [...] Na verdade, falar em cultura brasileira é falar em relações de poder” (ORTIZ, 1985, p. 8).

Sob essa perspectiva, o autor adota o conceito de identidade como uma construção social, histórica e cultural, ideia retomada em *Imagens do Brasil* (2013), artigo no qual atualiza o que escrevera em *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* (1985): “A identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a um referente. Os referentes são múltiplos, étnicos, de gênero, regionais e, no caso que nos interessa, nacionais” (ORTIZ, 2013, p. 618).

Deste modo, propõe que toda identidade é uma representação e não um dado concreto que pode ser elucidado ou descoberto: “não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seria um país e seus habitantes. Não há, portanto, o brasileiro, o francês, o americano, o japonês” (ORTIZ, 2013, p. 619). Importa, assim, entender como as representações simbólicas dessas nacionalidades são construídas ao longo da história, “qual o papel que desempenham nas disputas políticas ou nas formas de distinção sobre o que seria o Outro” (ORTIZ, 2013, p. 621).

Ortiz ressalva, contudo, que, no Brasil, “[...] a literatura sobre as nacionalidades transforma-se numa espécie de senso comum do qual poucos desconfiam, sua autoridade parece incontestável” (ORTIZ, 2013, p. 621) e afirma que “os pensadores brasileiros retomam esta aparência de verdade para descrever nosso caráter particular”:

Sérgio Buarque de Holanda dirá que o brasileiro é “aventureiro”, “inclinado à desordem”, “inquieto e desordenado”, “cordial”; Cassiano Ricardo prefere outras qualidades: “bondade”, “individualismo”, “mais emotivo”, “detesta violência”; Fernando Azevedo privilegia a “afetividade”, a “irracionalidade”, a “imaginação”, a “tolerância”. [...] elas partem da mesma suposição: “o” brasileiro. Não se duvida de sua existência, ele é um ser, é possível captar sua essência. O uso do artigo definido “o” no singular é expressivo, corresponde a inteireza da totalidade que se quer apreender. Por isso, Álvaro Vieira Pinto dedica-se com afinco a desvendar o “Ser da nação”, isto é, o substrato que definiria nossas ações e comportamento (ORTIZ, 2013, p. 621).

O autor reitera, assim, que, quando escreveu *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, objetivava justamente “romper com esta tradição intelectual que postulava a existência de uma essência que poderia ser descrita como raiz ou um algo a ser alcançado no futuro” (ORTIZ, 2013, p. 621).

Quando se fala, então, em uma “pluralidade de identidades” e em um conceito simbólico de identidade, vinculado às “relações de poder” e às negociações de valores culturais entre os grupos sociais, é preciso que se pense em quais atores influenciam na construção da noção de identidade na contemporaneidade e, especialmente, em como os discursos jornalísticos contribuem para este processo, em um contexto de mundialização das culturas e do consumo e de uma sociedade intercultural, permeada por misturas mal assentadas de culturas e subculturas

conflitantes, expostas a constantes processos de negociação cultural (CANCLINI, 2005, p. 17). Quem nos ajudará a trabalhar, portanto, com este conceito de interculturalidade é Néstor Garcia Canclini, antropólogo argentino (radicado no México), declaradamente influenciado pelo pensamento de Renato Ortiz<sup>13</sup>.

Em *Consumidores e cidadãos* (2006), o autor indica uma nova forma de se pensar as “identidades clássicas” (nações, classes, etnias) em um contexto de globalização, de consumo e de transformações pelas quais passam a cultura e as sociedades entre o fim do século XX e a emergência do século XXI. A globalização, para Canclini, não se constitui em um simples processo de homogeneização das sociedades, mas é, sim, um reordenamento das diferenças e das desigualdades entre os grupos sociais, sem, no entanto, suprimir essas diferenças e desigualdades (CANCLINI, 2006, p. 11).

Neste cenário, ele aponta a necessidade de se reconceitualizar a questão do consumo, “não como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais, mas como espaço que serve para pensar, e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades” (p. 14). Assim, o autor indica que consumir é tornar mais inteligível um mundo onde “o sólido se evapora”, por isso, além de as mercadorias culturais serem “úteis para a expansão do mercado e para a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles”, elas servem também para pensarmos. “É neste jogo entre desejos e estruturas que as mercadorias servem também para ordenar politicamente cada sociedade” (CANCLINI, 2006, p. 65).

Sob esta ótica, é preciso compreender em que medida os meios de comunicação “de massa” – como produtores de “mercadorias” – se enquadram no processo de mudanças sociais indicado por Canclini, especialmente na relação entre a América Latina, a Europa e os Estados Unidos, isto porque, de acordo com o autor, “há mais de meio século”, o que se tem visto é uma mudança na estrutura de dependência cultural latina em relação aos países considerados de “Primeiro Mundo”, notabilizada por um deslocamento desse vínculo cultural da Europa em direção aos Estados Unidos.

Ele lembra, então, que “a América Latina foi ‘inventada’ pela Europa, num processo de conquista e colonização iniciado por Espanha e Portugal, logo reelaborado pelas intervenções de França e Inglaterra e de outras nações metropolitanas”. Porém, “essas relações de dependência, que em cada período implicaram em conflitos e hibridações, foram se

---

<sup>13</sup> Ver nota 7, p. 53, em *Consumidores e Cidadãos* (2006).

concentrando no decorrer do século XX nos vínculos com os Estados Unidos” (CANCLINI, 2006, p. 12).

Desta maneira, a passagem de uma origem latino-europeia para um “destino” norte-americano modificou não só as sociedades latino-americanas, mas também as ciências sociais, as artes e as referências de autoridade e prestígio na cultura de massa, segundo o autor:

Em menos de cinquenta anos, as capitais de nosso pensamento e de nossa estética deixaram de ser Paris, Londres e, em menor medida, Madri, Milão ou Berlim, porque seus lugares no imaginário regional foram ocupados por Nova York, para as elites intelectuais; Miami e Los Angeles, para o turismo de classe média; Califórnia, Texas, Nova York e Chicago, para os trabalhadores que emigram” (CANCLINI, 2006, p. 15).

Deste modo, o antropólogo sustenta que as trocas culturais entre os norte-americanos e os latinos ocorrem mais nas indústrias de comunicação do que na cultura tradicional, como nas artes visuais ou na literatura: “Mas é, sobretudo, na competição e nas alianças entre as empresas de comunicação (de televisão, informática e mesmo editorial) que se está gestando a inter e a multiculturalidade” (CANCLINI, 2006, p. 17), e, conseqüentemente, a atribuição e a retribuição das identidades.

Por isso, compreender a maneira com que os veículos de comunicação estrangeiros – especificamente, no caso da presente pesquisa, de Estados Unidos e de Inglaterra – trabalham com as questões que formam as identidades brasileiras pode ser essencial para que se avance no debate acerca da brasilidade e para que se aproxime a questão da identidade nacional (ou das identidades nacionais) de uma perspectiva contemporânea e empírica (prática), cumprindo-se, deste modo, o percurso científico de afastamento, reflexão e reaproximação da práxis social (FRANÇA, 2001). Aqui, é importante ressaltar a necessidade de que publicações jornalísticas de outros países também sejam pesquisadas em outros momentos, uma vez que este estudo se limitará aos veículos anglo-saxões selecionados.

## **2.2 Os conceitos de cultura e de identidades culturais nacionais**

A Antropologia, até o final do século XIX e o início do século XX, amparada em uma concepção evolucionista e positivista da cultura, baseava as suas pesquisas especialmente no estudo do “Outro”, em incursões etnográficas em comunidades tidas como culturalmente “primitivas” ou “não-civilizadas” (CUCHE, 1999, p. 110). É sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, e envolta em um contexto de “virada cultural nas ciências humanas e sociais” (HALL, 2016, p. 25), que os antropólogos e os sociólogos começam a se preocupar também com as

identidades nacionais e passam a refletir sobre como os indivíduos e os grupos requerem e atribuem identidades culturais e sociais.

O antropólogo, sociólogo e professor emérito da Universidade de Paris Descartes Denys Cuche, em *A noção de cultura nas ciências sociais* (1999), apresenta uma revisão bibliográfica dos usos admitidos pelo conceito de cultura no percurso dos estudos da Antropologia e da Sociologia (como sugere o título da obra) e diferencia a noção de cultura da concepção de identidade cultural. A cultura, segundo ele, pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura. Neste sentido, a cultura depende em grande medida de processos inconscientes, enquanto a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (CUCHE, 1999, p. 175).

Cuche destaca, ainda, que estudos sobre o processo de aculturação como o de Roger Bastide, na década de 1950, renovaram a concepção que os pesquisadores tinham da cultura e sublinharam um aspecto descontinuado e dinâmico da mesma: “Nenhuma cultura existe em ‘estado puro’”, indica o autor (CUCHE, 1999, p. 136) a partir da retomada de conceitos como o do “princípio de corte” de Roger Bastide (1955), decorrente de pesquisa realizada na Bahia pelo então docente da Universidade de São Paulo (em texto no qual Bastide constata que os negros poderiam ser ao mesmo tempo adeptos fervorosos do Candomblé e agentes econômicos perfeitamente adaptados à racionalidade moderna). Assim, Cuche afirma ser preciso considerar que “toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução” (CUCHE, 1999, p. 137).

O autor ressalta, então, que o conceito de identidade cultural, no âmbito das ciências sociais, caracteriza-se por sua polissemia e por sua fluidez e indica que a questão da identidade cultural remete, em um primeiro momento, à noção mais abrangente de identidade social, em uma relação na qual aquela é um dos componentes desta. Ele define a identidade social, ao mesmo tempo, como inclusão e exclusão, uma vez que “ela [identidade social] identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista)” (CUCHE, 1999, p. 177). Nesta perspectiva, segundo o autor, a identidade cultural se manifesta como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural.

O professor diferencia as concepções objetivistas das concepções subjetivistas de identidade cultural e explica que os objetivistas definem a identidade cultural de um grupo a

partir de certos critérios determinantes como a origem dos membros que compõem o grupo (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (ou personalidade básica), o vínculo com um território, etc. Para os objetivistas, conseqüentemente, “um grupo sem língua própria, sem cultura própria, sem território próprio, e mesmo, sem fenótipo próprio, não pode pretender constituir um grupo etno-cultural” (CUCHE, 1999, p. 180).

Em contrapartida, os subjetivistas criticam esta visão e defendem que a identidade cultural não pode ser recebida definitivamente. “Encarar o fenômeno desta forma é considerá-lo como um fenômeno estático, que remete a uma coletividade definida de maneira invariável, ela também quase imutável” (CUCHE, 1999, p. 180). A abordagem subjetivista, contudo, se levada ao extremo, também incorre no reducionismo, uma vez que pode induzir a identidade cultural a uma questão de escolha individual arbitrária, em que cada um seria livre para escolher as suas identificações. “Em última instância, segundo este ponto de vista, tal identidade particular poderia ser analisada como uma elaboração puramente fantasiosa, nascida da imaginação de alguns ideólogos” (CUCHE, 1999, p. 181). Os subjetivistas, então, sob a ótica de Cuche, têm o mérito de considerar o caráter variável da identidade, apesar de tenderem a enfatizar excessivamente o aspecto efêmero da mesma.

Uma perspectiva nem puramente objetiva e nem puramente subjetiva pode ser encontrada na concepção relacional e situacional, oriunda da obra de Frederik Barth (1969 apud. CUCHE, 1999, p. 182). A abordagem relacional situacional compreende que os sujeitos criam as suas identidades a partir das situações sociais com as quais convivem, sendo as identidades, portanto, construções sociais do âmbito das representações (CUCHE, 1999, p. 181). Isso não significa, porém, que as identidades sejam uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais, uma vez que o processo de construção da identidade cultural se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes envolvidos e, por isso mesmo, orientam as suas representações e as suas escolhas. Além disso, a construção da identidade produz efeitos sociais reais, segundo Cuche, distanciando-se, então, das ilusões e, ao mesmo tempo, dotando-se de “eficácia social”: construímos identidades para nos diferenciarmos de outros grupos e, muitas vezes, para reforçarmos relações de poder.

### **2.3 Mídia, identidade cultural e poder simbólico: o jornalismo como dispositivo discursivo**

A identidade cultural, então, é sempre uma negociação, uma concessão entre o que Cuche chama de uma “auto-identidade” (definida por si mesmo) e de uma “hetero-identidade” ou “exo-identidade” (definida pelos outros). Neste sentido, as relações identitárias se colocam como imprescindíveis à convivência dos diversos grupos em sociedade e, aqui, a mídia adquire relevância, uma vez que atua como um “dispositivo discursivo” – na acepção de Stuart Hall (2000) – impondo, atribuindo, requerendo, reproduzindo e reforçando identidades e diferenciações. Deste modo, a imprensa – incluída aqui a imprensa internacional, obviamente – constrói e reconstrói discursos a respeito do Outro; discursos que soam e ressoam social e historicamente, em um contexto de polifonia de vozes e de sentidos, de interdiscursividade e de heterogeneidade discursiva, sobretudo quando se pensa em identidades culturais nacionais.

Os discursos midiáticos, então, não “criam” as identidades culturais nacionais, mas (re)produzem e se apropriam – consciente ou inconscientemente – de discursos da sociedade para produzi-las e reproduzi-las, negá-las ou afirmá-las. Ou seja, os jornalistas exploram e utilizam determinadas identidades gestadas na sociedade para negar ou afirmar determinada representação. Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (1983), é um dos primeiros a indicar a existência de construções identitárias em âmbito nacional, apontando sempre para o fato de que uma representação de identidade nacional não anula as demais, as quais coexistem social e historicamente. Neste sentido, portanto, a apropriação da cultura ou a negação de um aspecto da realidade está vinculada às construções linguísticas e simbólicas e às relações de poder político, econômico, social e cultural às quais se inscrevem os discursos e os seus produtores.

Ademais, como bem lembra Pierre Bourdieu, em *O poder simbólico* (1989), a cultura pode contribuir “para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções” (BOURDIEU, 1989, p. 11). O simbólico, nesta perspectiva, é um poder que se exerce com a cumplicidade tácita dos que o sofrem e também, com frequência, dos que o exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-lo ou de sofrê-lo. Se a cultura é, então, uma construção histórica, linguística, social e simbólica que se inscreve nas relações entre os grupos sociais, e não é uma herança que se transmite imutável de geração em geração, “para analisar um sistema cultural [ou um discurso], é então necessário analisar a situação sócio histórica que o produz como ele é” (CUCHE, 1999, p. 143), uma vez que as culturas nascem de relações sociais que são sempre desiguais e, eventualmente, conflituosas.

O “contrato” indentitário, segundo Cuche, vem em primeiro lugar historicamente havendo em seguida o que ele denomina de “jogo de distinção” (CUCHE, 1999, p. 143), o qual produz as diferenciações culturais. Desta maneira, “uma coletividade, em uma situação dada, pode ter a tentação de defender a sua especificidade, fazendo um esforço através de diversos artifícios para convencer (e se convencer) de que o seu modelo cultural é original e lhe pertence”. O “caráter da situação”, sob este ponto de vista, é o que determinará se o jogo de distinção levará a “valorizar ou a acentuar tal conjunto de diferenças culturais mais do que outro” (CUCHE, 1999, p. 143). O autor nos possibilita, desta maneira, a aproximação de suas concepções aos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, a AD, a qual configura as suas análises a partir dos elementos linguísticos postos e pressupostos a um discurso e dos elementos implícitos e extradiscursivos (contextuais, sociais, políticos, históricos, culturais) que circundam o mesmo, como detalharemos a seguir.

Ademais, neste tipo de análise proposta por Cuche, é necessário cuidado para evitar interpretações redutoras, como a que supõe que o grupo “mais forte” está sempre em condições de impor a sua ordem cultural ao “mais fraco”, momento no qual o autor também nos permite aproximar as suas asserções a respeito das identidades culturais daquilo que propõem os Estudos Culturais, como no seguinte trecho:

Na medida em que a cultura real só existe se produzida por indivíduos ou grupos que ocupam posições desiguais no campo social, econômico e político, as culturas dos diferentes grupos se encontram em maior ou menor posição de força (ou de fraqueza) em relação às outras. Mas mesmo o mais fraco não se encontra jamais totalmente desarmado no jogo cultural (CUCHE, 1999, p. 144).

É neste contexto, então, de polifonia de vozes, de disputas simbólicas de poder político e de reforço de identificações e diferenciações no âmbito das culturas nacionais que nos propomos a analisar o discurso de dois dos principais representantes da imprensa inglesa (*The Guardian* e *The Times*) e de dois dos principais representantes da imprensa norte-americana (*The New York Times* e *The Wall Street Journal*), a fim de verificar como estes veículos retrataram o Brasil e os brasileiros em suas reportagens sobre a Copa do Mundo FIFA 2014.

Reitera-se, aqui, que, com as análises, buscar-se-á observar de que modo a pluralidade e a diversidade das culturas e das realidades brasileiras (ORTIZ, 1985, 2013; SCHWARZ, 2015, p. 15) foram produzidas e reproduzidas na cobertura do evento; isto é, como se deram os “jogos de distinção” (CUCHE, 1999, p. 144) elaborados pelos jornalistas de quatro dos mais representativos jornais do planeta a respeito de um país e de um povo diverso e heterogêneo (SCHWARZ, 2015, p. 15), mas, em muitos casos, estigmatizado e homogeneizado (entre outros



epítetos, como o “País do futebol” ou como uma nação em que “todos” seriam apaixonados por este esporte).

Considerar-se-ão ainda para as análises as relações históricas e culturais e as relações sociais desiguais as quais podem atuar (mesmo que indiretamente) nas representações simbólicas e nos discursos de ingleses e de norte-americanos acerca de um país tal qual o Brasil, classificado como “emergente” – o que, implicitamente, já pressupõe uma relação de poder desigual e o coloca como o “mais fraco” – no cenário político-econômico mundial. Além disso, um país que, desde o final do século XIX e ao longo do século XX, experimentou relações de trocas culturais e comerciais (neste caso, nem sempre favoráveis) com ambas as nações anglo-saxãs, transitando do que Canclini (2006) chama de uma “origem latino-europeia”, marcada por um imperialismo britânico na primeira metade do século XX, para um “destino norte-americano”, a partir dos anos 1950.

É neste contexto, portanto, que nos colocamos a observar quais identidades brasileiras ficam implícitas (DUCROT, 1987) aos discursos do jornalismo anglo-saxão em relação ao Brasil e a seus habitantes, buscando, assim, verificar como alguns dos principais representantes da imprensa de dois países considerados “desenvolvidos” – e que estabelecem vínculos históricos e culturais recentes com o Brasil – descreveram a realização de um megaevento como o Mundial de Futebol 2014 no país. Ademais, apesar de possuírem relações distintas com a prática do futebol – sendo a Inglaterra a nação em que o jogo foi criado e na qual possui significativa relevância, e os Estados Unidos um país em que a tradição da prática se intensifica desde a criação da *Major League Soccer* (MLS) em 1996 – interessa verificar como se produziram os discursos a respeito do megaevento.

Mais uma vez, quais “jogos de distinção” se estabeleceram? E, em especial, como o país que mais vezes na história ganhou o Mundial (e é tido em muitos discursos como o “País do futebol”) foi descrito? Recuperemos este ponto antes de encerrarmos esta etapa de fundamentação teórica, na tentativa de melhor compreender as homogeneizações com as quais podemos nos deparar em nossas análises e, sobretudo, com o objetivo de justificar esta delimitação em nosso problema e em nosso objeto de pesquisa: em um suposto contexto de crise das “identidades clássicas”, somos vistos como o “país do futebol” aos olhos da imprensa anglo-saxã?

## 2.4 O “país do futebol” e a “crise das identidades clássicas”

Entre os muitos discursos que compõem as noções de brasilidade, um deles ganhou relevância no decorrer do século XX e tem chamado a atenção de acadêmicos que pesquisam o esporte neste início de século XXI: o epíteto “Brasil: o país do futebol” – “repetido diversas vezes e vendido para o exterior como uma das imagens que melhor representa o nosso país” (HELAL, 2014, p. 18). As discussões e as reflexões acerca desta manifestação esportiva como um elemento distintivo da “nação” em relação a si própria e em relação a suas alteridades – isto é, as discussões acerca do futebol como um elemento de identificação e de diferenciação dos “brasileiros” – surgem em paralelo à popularização do esporte na sociedade, no início do século XX.

O sociólogo brasileiro Ronaldo Helal (2014) indica que “o ‘país do futebol’ foi uma construção social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do estado-nação, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade realizadas a partir dos anos 1930” (HELAL, 2014, p. 18), momento em que se buscavam novas formas de conceituar o país. De acordo com ele, se antes, pelas lentes de um acadêmico como Francisco de Oliveira Viana (1883-1951), “a miscigenação racial era vista como ‘atraso’, a partir da obra clássica de Freyre (1900-1997) Casa Grande e Senzala, a mistura passa a ser entendida como um valor positivo e força maior da população brasileira” (HELAL, 2014, p. 21). A partir, então, dessa necessidade de se reconceitualizar um *ethos* de nacionalidade e de se forjar uma “brasilidade”, em um contexto de modernização social (anos mais tarde impulsionada pelos fenômenos da urbanização e da industrialização), o futebol surge como um veio de identificação e de diferenciação do Brasil e de seus habitantes em torno de uma identidade “nacional”.

O sociólogo Gilberto Freyre, no texto “Foot-ball Mulato” (1938), colaborou para a fundação deste discurso (GUEDES, 2014; LOVISOLO & PEREIRA, 2014, p. 37) quando propôs um “estilo brasileiro de jogar futebol” e comparou este “estilo brasileiro”, em campo, a um estilo de “ser brasileiro” fora de campo – bem como a uma “formação social democrática” brasileira “como nenhuma” (isto é, “única” e diferente de uma alteridade estrangeira). O sociólogo pernambucano apontava “o” brasileiro – a partir de uma perspectiva essencialista e homogeneizadora (ORTIZ, 2013, p. 621) – como um “ser” (nas citações a seguir, utiliza-se a grafia original do texto de Freyre):

Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrisação, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No foot-

ball como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de uma dança e de capoeiragem. Mas sobretudo que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual (FREYRE, 1938).

O autor compara, então, o “estilo” brasileiro ao “estilo” europeu de jogar futebol, em texto que é uma das primeiras reflexões sociológicas – apesar de não propriamente acadêmicas – acerca deste esporte no Brasil:

O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoçava o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente. [...] O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou os jogadores brasileiros de “bailarinos” da bola. Nós dansamos com a bola (FREYRE, 1938).

Desta maneira, o texto de Freyre reforça uma ideia de contraposição, via futebol, da “identidade” brasileira a uma “identidade” estrangeira (futebol dionísio brasileiro x futebol apolíneo europeu) e “funda” (GUEDES, 2014, p. 156; MARANHÃO, 2006) uma noção que se tornaria frequente nos textos jornalísticos nacionais e estrangeiros acerca do Brasil e do futebol brasileiro (sobretudo, a respeito da seleção nacional em períodos de Copa do Mundo da modalidade). O linguista brasileiro José Luiz Fiorin, no artigo *A construção da identidade brasileira* (2009), reforça que essa concepção freyreana de uma mestiçagem e de um futebol acapoeirado e acrobático – apontadas inicialmente pelo sociólogo pernambucano como o “jeito de ser” do brasileiro – também se disseminam a partir das obras de outros autores da literatura da música e do jornalismo nacional:

Essa concepção da mistura como o jeito de ser brasileiro apodera-se das consciências das massas por meio do futebol (MELO, 2006, p. 281-285) e da música popular (VIANA, 1995). José Lins do Rego (2002) e Mário Filho (2003), inicialmente, e depois Nelson Rodrigues (1993; 1994) mostram que a mestiçagem é que dá a genialidade do futebol brasileiro. Esse esporte é um reflexo do jeito de ser brasileiro, que une eficiência e malandragem, objetividade e transgressão, Apolo e Dionísio. As ideias da “ginga” e do “jogo de cintura” aí estão presentes. Nelson Rodrigues dizia que a seleção nacional era a “pátria em chuteiras”. Essas ideias são difundidas pelos meios de comunicação de massa e pela música popular. A concepção de que a mistura rege nossa cultura e, portanto, de que o brasileiro é simpático, acolhedor, tolerante naturaliza-se, pouco a pouco (FIORIN, 2009, p. 121).

Em *Veneno e remédio: o futebol e o Brasil* (2008), José Miguel Wisnik indica, também, que os discursos a respeito de uma identidade nacional brasileira foram e são marcados por uma

dualidade – sobretudo, quando se relaciona o futebol, a sociedade e a cultura nacional. Tal oposição se revela logo no título da obra de Wisnik – em um antagonismo de sentido que se estabelece entre as palavras “veneno” e “remédio” – e no trecho abaixo, em que o autor destaca a relevância – “para o bem e para o mal” – do futebol como produtor de sociabilidade e de identidade brasileira:

Passam pelo futebol brasileiro linhas incontornáveis das interpretações do Brasil, que se irradiam pela música, pela literatura, e pelas formas de sociabilidade. É possível discutir, como faz Gumbrecht, se o futebol expressa ou não o modo de ser de um país europeu. Mas no Brasil a questão se coloca de maneira oposta: para o bem e para o mal, uma das mais reconhecíveis maneiras pelas quais o país se fez ver foi o futebol (WISNIK: 2008, p. 28).

Neste sentido, como assinala Roberto DaMatta (1982), em texto seminal aos estudos sociais do esporte no país, o futebol se notabilizou em terras brasileiras não apenas como uma modalidade esportiva, mas, também, como uma instituição social e cultural produtora e reprodutora de um sentido de nacionalidade. Em outras palavras, materializou-se como um elemento simbólico de vinculação e de representação de uma “comunidade imaginada nacional” [nos termos de Benedict Anderson, em sua obra clássica, *Comunidades Imaginadas* (2008)], em um contexto de busca por uma “modernização” da nação.

Esse discurso adquiriu repercussão após as vitórias da seleção brasileira nas Copas do Mundo de Futebol de 1958 e, sobretudo, de 1970, precedidas pela derrota da Seleção Brasileira para a Seleção Uruguaia no Mundial de 1950, fatos também discutidos por representantes das Ciências Sociais do país como o próprio Roberto DaMatta, que, na introdução da obra *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982), reitera essa vinculação, ao afirmar que “as conquistas das Copas do Mundo são pontos de referência para a construção de uma história positiva do Brasil. Uma história que podemos contar para nós mesmos sem vergonha, ressentimentos ou mágoas” (DAMATTA et. al., 1982, p. 18).

No entanto, apesar de ser “repetido diversas vezes e vendido para o exterior como uma das imagens que melhor representa o nosso país”, segundo afirma Ronaldo Helal, o epíteto “Brasil: país do futebol” merece uma “investigação cuidadosa em um contexto de fragmentação das identidades e de globalização dos processos comunicacionais e culturais”, uma vez que “contém uma expressiva força simbólica que contribui para a construção de nossa identidade” (HELAL, 2014, p. 18).

Internamente, segundo o autor, essa noção é utilizada quase sempre com um viés positivo, como uma maneira de nos sentirmos membros de uma nação singular, mas alegre. De

todo modo, Helal aponta a existência de evidências que nos levam a especular ser essa singularidade mais global do que se imagina e afirma que vivemos um período de “diminuição do impacto que as vitórias e as derrotas da nossa seleção vêm trazendo para a sociedade” (HELAL, 2014, p. 18). Assim, em um contexto de globalização e de uma fragmentação das identidades, autores como o citado Ronaldo Helal e Antônio Jorge Soares (HELAL e SOARES, 2002), Hugo Lovisolo (HELAL, SOARES e LOVISOLO, 2001) e Luiz Henrique de Toledo (2015) indicam a tendência a um arrefecimento desta noção de Brasil como o “País do futebol”: “Ao contrário de décadas atrás, hoje seria lícito perguntar se o Brasil estaria deixando de ser o ‘país do futebol’” (HELAL, 2014, p. 21).

A preocupação dos acadêmicos brasileiros, não podemos deixar de sobressaltar, insere-se, portanto, no que autores como Canclini (2006) afirmam ser um momento de crise das “identidades clássicas”, como mostramos acima, ou no que Stuart Hall (2000) diagnostica como um declínio das “velhas identidades”. Aqui, vale lembrar que, em *A identidade cultural na Pós-modernidade* (2000), o jamaicano radicado na Inglaterra discute se as identidades nacionais são realmente “tão unificadas e tão homogêneas como representam ser” e indica que uma cultura nacional funciona como um sistema de representação simbólica, na tentativa de “considerar adequadamente o argumento de que as identidades nacionais foram uma vez centradas, coerentes e inteiras, mas que estão sendo agora deslocadas pelos processos de globalização” (HALL, 2000, p 47).

Desta forma, em um momento em que se suspeita de uma crise das identidades clássicas ou de um declínio das “velhas identidades”, cabe a nós problematizarmos: como o jornalismo estrangeiro opera os seus discursos a respeito de um “Outro” país, isto é, de sua alteridade, na cobertura de um megaevento esportivo global como uma Copa do Mundo de Futebol? Isto é: quais “lugares-comuns” são reforçados? E quais narrativas se criam? Especificamente, somos tidos como “o” “País do futebol” aos olhos dos jornalistas estrangeiros (no caso desta pesquisa, de *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *The Times* e *The Guardian*)? Para além disso: quais outras noções de brasilidade estes textos (re)produzem? E como (re)produzem? São alguns dos questionamentos aos quais buscaremos responder com as análises do *corpus*.

### 3. SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

#### 3.1 Sobre o *corpus* e as etapas de pesquisa

A metodologia de trabalho utilizada para a pesquisa é estritamente qualitativa. Baseia-se nos postulados de Maria Immacolata Vassalo Lopes (LOPES, 2001) a respeito das técnicas de investigação em pesquisas empíricas (notadamente, na “observação indireta”) e se vale de dados secundários de observação para realizar a confrontação epistemológica, teórica e metódica do objeto com o “real”. Nunca é demais lembrar que os dados secundários, segundo Lopes, são obtidos de fontes como: jornais, revistas, publicações estatísticas, etc. “A rigor, também a pesquisa bibliográfica, constituída por levantamentos, fichamentos e consultas bibliográficas, é uma fonte secundária de dados” (LOPES, 2011, p. 148).

Por um lado, então, apoiamo-nos na leitura bibliográfica de textos da historiografia nacional do século XX em que, por meio de representações culturais do futebol como um elemento de distinção “nacional”, os conceitos de “nação” brasileira e de “ser” brasileiro – em seus sentidos essencialistas – definem-se, bem como em textos acadêmicos contemporâneos da área de pesquisa em Comunicação e Esportes nos quais se discutem as relações entre o futebol e a identidade nacional (especialmente, nos textos em que aparecem discussões a respeito do epíteto “Brasil, o país do futebol” e da equação “futebol-nação”). A coleta dos materiais de pesquisa empírica junto às versões digitais dos jornais norte-americanos (*The New York Times* e *The Wall Street Journal*) e dos diários ingleses (*The Times* e *The Guardian*) realizou-se a fim de identificar os textos em que essas noções de brasilidade compareceram.

O período de buscas considerou, inicialmente, os dois meses que anteciparam, o mês em que ocorreu, e os dois meses após a Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, ou seja, o intervalo entre 12 de abril e 13 de setembro de 2014. Vale lembrar que o primeiro jogo do Mundial ocorreu em 12 de junho e a partida final realizou-se em 13 de julho daquele ano, portanto, um mês e um dia depois após o início do torneio. A concentração mais significativa de textos coletados registra-se, justamente, nestes meses em que em que o evento ocorreu de fato (junho e julho).

Ao todo, coletaram-se 420 textos jornalísticos – entre reportagens de correspondentes, artigos de opinião, editoriais, textos de agência de notícias e textos publicados em blogs pertencentes aos sites que integram o *corpus* de pesquisa (a maioria deles escritos pelos próprios jornalistas dos periódicos). Os *links* para cada um desses 420 textos estão como apêndices, ao final da presente dissertação, assim como o título dos textos, a data de publicação, o nome dos

autores e a cidade em que foram produzidos (nos casos em que esta informação estava especificada).

Em meio ao grande número de textos coletados, para estabelecer o recorte analítico, consideraram-se dois momentos-chave na cobertura de um megaevento esportivo: a expectativa dos dias que antecedem ao início da competição, ensejando na abertura do evento, e o “balanço” feito pelos jornalistas no período final do torneio (HORNE & WHANNEL, 2010, p. 766), tomando como ponto de referência a semana posterior à derrota da Seleção Brasileira para a Seleção Alemã, no dia 08 de julho, em partida válida pela fase semifinal da competição. Considerando-se, então, estes dois momentos, selecionaram-se os textos mais relevantes à pesquisa para as análises, buscando-se, sobretudo, materiais em que o futebol estivesse colocado como um veio de identificação nacional. Aqui, assumimos o risco de que algumas noções de brasilidade possam ficar escamoteadas de nossas análises, entretanto, consideramos que este seja um risco necessário ao qual estamos submetidos (devido à quantidade expressiva de textos coletados); e, sobretudo, um risco o qual não interferirá na verificação de nosso questionamento relacionado à ocorrência ou não, no *corpus* analisado, das representações de brasilidade vinculadas ao epíteto “Brasil: o país do futebol” e à equação “futebol-nação”.

Também é necessário justificar que a escolha dos textos não se restringiu pelo gênero ou pela editoria em que o material foi publicado, nem pelo fato de terem sido escritos por um correspondente ou por um jornalista de redação, uma vez que essas variáveis não seriam decisivas para a verificação de nossa hipótese e, pelo contrário, poderiam nos privar da análise de um material em que potenciais representações essencialistas de brasilidade estivessem latentes. No quadro a seguir, apresentam-se os textos analisados, nos quais o futebol apareceu como um veio de identificação nacional, explícita ou implicitamente:

#### Quadro 1 – Textos analisados

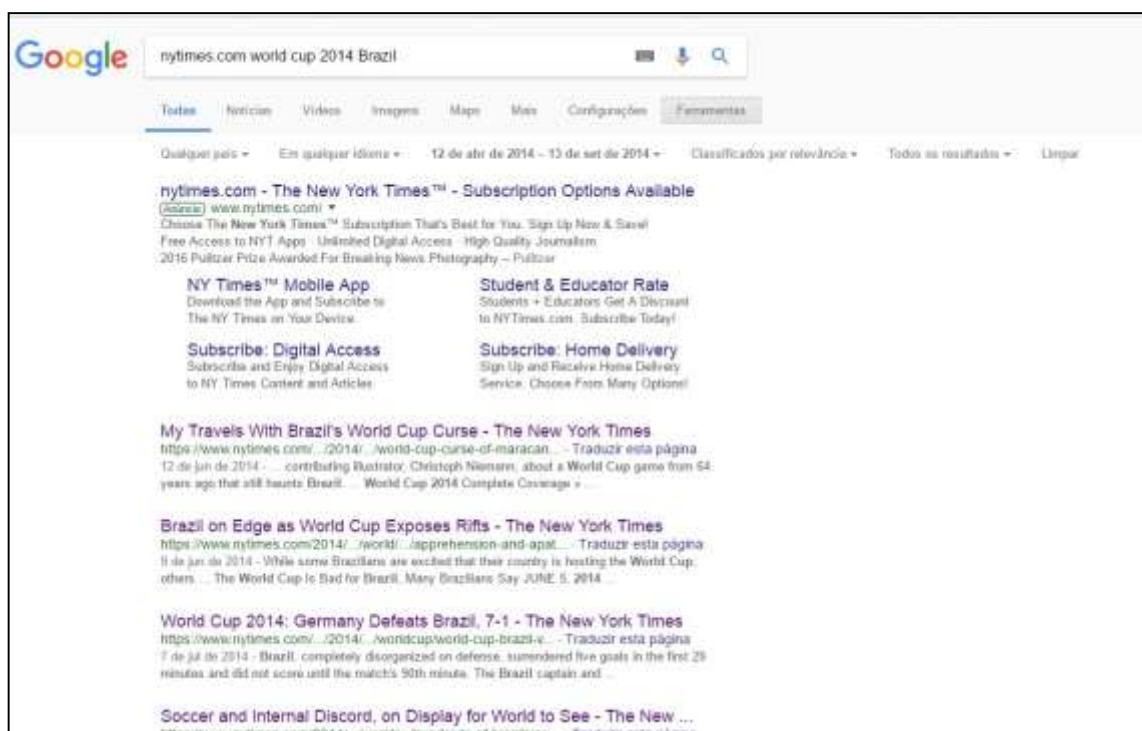
<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Autor/ cidade</b>	<b>Veículo</b>	<b>Link de acesso</b>
<i>Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts</i>	09 de junho	Simon Romero/ Rio de Janeiro, RJ	<i>The New York Times</i>	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/10/world/americas/apprehension-and-apathy-compete-with-excitement-in-world-cup-host-brazil.html">https://www.nytimes.com/2014/06/10/world/americas/apprehension-and-apathy-compete-with-excitement-in-world-cup-host-brazil.html</a>
<i>Making Holidays of Brazil World Cup Games</i>	09 de junho	Fernanda Santos/ São Paulo, SP	<i>The New York Times</i>	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/making-holidays-of-brazil-world-cup-games.html">https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/making-holidays-of-brazil-world-cup-games.html</a>

<i>Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, and Brazil's Day Goes Dark</i>	08 de julho	Sam Borden/ Belo Horizonte, BH	<i>The New York Times</i>	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-host-brazil-stunned-7-1-by-germany-in-semifinal.html">https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-host-brazil-stunned-7-1-by-germany-in-semifinal.html</a>
<i>29 Minutes That Shook Brazil</i>	09 de julho	Sam Borden/ Belo Horizonte, MG	<i>The New York Times</i>	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/10/sports/world-cup-2014-five-german-kicks-felt-in-brazilian-guts-everywhere.html">https://www.nytimes.com/2014/07/10/sports/world-cup-2014-five-german-kicks-felt-in-brazilian-guts-everywhere.html</a>
<i>Cleaning Up After the World Cup</i>	14 de julho	The New York Times Editorial Board	<i>The New York Times</i>	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/15/opinion/cleaning-up-after-the-world-cup.html">https://www.nytimes.com/2014/07/15/opinion/cleaning-up-after-the-world-cup.html</a>
<i>Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch</i>	11 de junho	Hadley Freeman/ São Paulo, SP	<i>The Guardian</i>	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-2014-metro-strikes-threaten-to-clog-football-excitement">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-2014-metro-strikes-threaten-to-clog-football-excitement</a>
<i>World Cup 2014 Ready or not, it is Brazil's time to show the world</i>	11 de junho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<i>The Guardian</i>	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff</a>
<i>The World Cup is really just for the people in helicopters</i>	11 de junho	Owen Gibson/ São Paulo, SP	<i>The Guardian</i>	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-helicopters-streets-sao-paulo">https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-helicopters-streets-sao-paulo</a>
<i>Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat</i>	09 de julho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<i>The Guardian</i>	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/germany-brazil-7-1-defeat-dejection-disbelief-world-cup">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/germany-brazil-7-1-defeat-dejection-disbelief-world-cup</a>
<i>Clashes in São Paulo amid safety fears over stadium</i>	10 de junho	James Ducker/ São Paulo, SP	<i>The Times</i>	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/clashes-in-sao-paulo-amid-safety-fears-over-stadium-rz6ht37hft8">http://www.thetimes.co.uk/article/clashes-in-sao-paulo-amid-safety-fears-over-stadium-rz6ht37hft8</a>
<i>Boy wonder can ensure Brazil sing one tune</i>	12 de junho	James Ducker/ São Paulo, SP	<i>The Times</i>	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/boy-wonder-can-ensure-brazil-sing-one-tune-2h0d02qq7kw">http://www.thetimes.co.uk/article/boy-wonder-can-ensure-brazil-sing-one-tune-2h0d02qq7kw</a>
<i>Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony</i>	13 de junho	James Ducker/ São Paulo, SP	<i>The Times</i>	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/divided-nation-shows-reluctance-to-party-at-world-cup-opening-ceremony-xhwctc6j3nh">http://www.thetimes.co.uk/article/divided-nation-shows-reluctance-to-party-at-world-cup-opening-ceremony-xhwctc6j3nh</a>
<i>Open sieben on Brazil</i>	08 de julho	Howard Swains/ Não identificado	<i>The Times</i>	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/open-sieben-on-brazil-nqsh0x0p0sw">http://www.thetimes.co.uk/article/open-sieben-on-brazil-nqsh0x0p0sw</a>



<i>The World Cup: Continental Divide</i>	05 de junho	Mathew Futterman/ Não identificado	<i>The Wall Street Journal</i>	<a href="https://www.wsj.com/articles/th-e-world-cup-continental-divide-1402010603">https://www.wsj.com/articles/th-e-world-cup-continental-divide-1402010603</a>
<i>FIFA World Cup 2014: The Football Can Finally Begin</i>	11 de junho	Mathew Futterman/ São Paulo, SP	<i>The Wall Street Journal</i>	<a href="https://www.wsj.com/articles/in-brazil-the-futebol-can-finally-begin-1402532925">https://www.wsj.com/articles/in-brazil-the-futebol-can-finally-begin-1402532925</a>
<i>Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World</i>	11 de julho	Loretta Chao/ Não identificado	<i>The Wall Street Journal</i>	<a href="https://www.wsj.com/articles/br-azil-gets-a-proper-introduction-to-the-rest-of-the-world-1405101721">https://www.wsj.com/articles/br-azil-gets-a-proper-introduction-to-the-rest-of-the-world-1405101721</a>

É importante destacar que a coleta dos materiais foi realizada no próprio site de cada um dos veículos e, em um segundo momento, estendeu-se ao mecanismo de buscas do site Google (*google.com*), em uma tentativa de ampliar a amostragem e de não deixar escapar textos relevantes a nossa proposta. As chaves de busca utilizadas nos sítios dos periódicos foram “*World Cup 2014 Brazil*”. No Google, em um primeiro momento, escreviam-se o endereço dos sites (por exemplo, “*nytimes.com*”) e as palavras “*World Cup 2014 Brazil*” e, em um segundo momento, adicionava-se um mês específico a essa busca (por exemplo: “*nytimes.com World Cup 2014 Brazil may*”). A ferramenta “Intervalo personalizado” também foi um recurso utilizado para delimitar o período temporal que nos interessava (Figura 1).



**Figura 1** - Print screen realizado pelos autores em 24 de maio de 2016.

Ademais, deve-se explicar que o acesso aos sites dos jornais é pago (com exceção de *theguardian.com*). Para tanto, o pesquisador utilizou recursos oriundos da bolsa de pesquisa mensal que recebeu da FAPESP entre julho de 2016 e outubro de 2017. A verba de Reserva Técnica disponibilizada pela instituição, que também poderia ter sido utilizada para este fim, ficou destinada ao custeio de participações do pesquisador em congressos científicos da área de Comunicação nos quais o trabalho foi apresentado. As assinaturas dos pacotes digitais básicos de *The New York Times*, *The Times* e *The Wall Street Journal* custaram, respectivamente, \$6,00 dólares (valor promocional); \$32,00 dólares (ou £26,00 libras esterlinas); e \$32,99 dólares.

É significativo reforçar também que a escolha dos jornais se baseou na representatividade e na importância dos veículos em seus países e, sobretudo, no tipo de textos produzidos pelos mesmos. Procuraram-se jornais com características analítico-interpretativas e que abrissem espaço para temáticas globais como uma Copa do Mundo de Futebol, características as quais fundamentamos no item 1.4 (*Histórico e apresentação dos jornais*). Uma preocupação metodológica que também já foi mencionada e nos foi fundamental durante as análises é a tentativa de nos mantermos o tempo todo cientes da polifonia e das relações intersubjetivas inerentes à utilização de quatro jornais distintos como *corpus* e objeto de pesquisa. Acreditamos que essa multiplicidade, ao mesmo tempo, coloca-se como uma vantagem metodológica, uma vez que nos oferece um escopo diverso para a análise de nosso objeto, mas é, também, uma situação que deve ser observada com cautela, para que não caiamos na tentação das generalizações.

Além disso, foi importante que nos questionássemos sobre a maneira com que as relações linguísticas e não linguísticas inerentes aos discursos poderiam ser detectadas nos textos analisados. Isto é, como olhar para uma frase e captar o que está ali dito (posto) e o que fica implícito ao discurso do enunciador, a fim de que posteriormente se conseguisse avaliar a prevalência ou a inexistência das homogeneizações em um texto jornalístico, bem como identificar quais possíveis discursos eram reiterados ou mesmo produzidos pelos veículos analisados. Essa é uma preocupação metodológica a qual discutiremos nas próximas páginas, momento em que apresentaremos os fundamentos da Análise do Discurso de linha Francesa (AD) e, sobretudo, momento em que nos debruçaremos sobre os conceitos de “pressupostos” e de “subentendidos”, elaborados por Oswald Ducrot (1987).

### 3.2 Sobre a AD Francesa e os procedimentos metodológicos

A escolha da AD Francesa se justifica uma vez que, com a pesquisa, busca-se uma aproximação entre a realidade linguística-textual e o contexto histórico-social das produções jornalísticas acerca do Mundial-2014, bem como uma aproximação entre os textos analisados e as noções e os discursos pré-estabelecidos – sobretudo, via futebol – acerca de uma identidade “brasileira”. Aqui, é preciso lembrar que a Análise do Discurso Francesa surge entre as décadas de 1960 e 1970, na França, como uma metodologia de análise textual e uma prática pedagógica por meio da qual a realidade extradiscursiva e as condições sócio-históricas de produção das obras literárias se tornam relevantes a uma corrente de pesquisadores (linguistas, historiadores, psicólogos) e professores franceses (MAINGUENEAU, 1997, p. 10), os quais, contrariando uma abordagem estruturalista de análise literária, passam a considerar o discurso em meio à linguagem e à ideologia – isto é, entre os elementos linguísticos e os elementos não-linguísticos das produções analisadas (BRANDÃO, s/d, p.7).

A opção por tal conjunto teórico se coaduna à possibilidade oferecida pela AD de compreender os discursos sobre as identidades de maneira relacional, dialógica e polifônica, ou seja, como elementos simbólicos circunscritos a um processo de negociação cultural muitas vezes contraditório e repleto de variáveis, buscando-se, então, analisá-los para além de sua materialidade linguística e compreendendo que – assim como as nossas análises – esses textos estarão permeados por uma série de aspectos subjetivos, intersubjetivos e inter-relacionais. Isso não significa, porém, que devemos buscar incessantemente um sentido oculto nos textos, procurando “enquadrá-los em construções demasiadamente abstratas e pré-concebidas, mas sim analisá-los em sua forma manifesta, como uma construção significativa e viva, permeada por diversas vozes e interesses” (ALVAREZ, 2013, p. 82).

Como indica Eni Orlandi (2003), “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2003, p. 15). A autora lembra ainda que a AD é constituída na junção de três campos do conhecimento que se inter-relacionam e, deste modo, constituem um novo campo do saber: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Com a Linguística, explica Orlandi (2003), a AD mune-se de conceitos e mecanismos de compreensão do texto como objeto privilegiado de estudo; com o Marxismo, incorpora e redefine a noção de ideologia e de poder; e, com a Psicanálise, busca problematizar as maneiras com que o sujeito se constitui como tal e torna-se um agente transformador da dinâmica social.

Neste sentido, o texto, na forma de um discurso, é sempre concebido em sua relação com a historicidade, sendo essa historicidade interna ou externa ao próprio texto e podendo ser manifestada de modo consciente ou inconsciente em uma enunciação. Para o analista de um discurso, então, “o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo” (ORLANDI, 2003, p. 68-69).

Desta maneira, a AD se distancia de uma abordagem pragmática de análise dos produtos textuais (para a qual estes se constituem em unidades herméticas e autossignificantes) e, ao mesmo tempo, afasta-se de uma abordagem estruturalista como a oriunda do pensamento de Ferdinand Saussure (1857-1913), o qual excluía a fala do campo dos estudos da Linguística e considerava apenas a língua como um objeto possível. A AD utiliza, então, uma concepção oriunda do pensamento de Mikhail Bakhtin (1895-1975), pensador russo que considerava a linguagem como um fenômeno eminentemente social. A etapa discursiva, portanto, apoia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase), “mas nela, é importante levar em conta também (e sobretudo) os interlocutores (com suas crenças, valores, e ideologias) e a situação (lugar e tempo geográfico, histórico) em que o discurso é produzido” (BRANDÃO, 2014, p. 2).

Fora isso, importa destacar que “todo discurso se constrói numa rede de outros discursos; em outras palavras, numa rede interdiscursiva” (BRANDÃO, 2014, p. 3). Deste modo, a linguagem se configura como uma maneira de o homem se perceber em sua própria realidade, sendo um elemento de mediação entre ele e seu mundo (BRANDÃO, s/d, p. 12). Este é um dos fundamentos teóricos chave para que se compreendam os métodos analíticos da AD Francesa aqui adotados. Ou seja, nenhum discurso é único e singular, pois, nenhum discurso está sozinho no mundo, uma vez que os sujeitos podem se apropriar de discursos alheios por meio de escolhas argumentativas e do estabelecimento de estratégias narrativas. Assim, na cobertura de um megaevento, o jornalismo pode produzir e reproduzir identidades e construir discursos acerca de um país, uma vez que os discursos estão em constante interação com outras ideias que já foram – ou estão sendo – produzidas:

Nessa relação interdiscursiva (com outros discursos), quer citando, quer comentando, parodiando esses discursos, disputa-se a verdade pela palavra numa relação de aliança, de polêmica ou de oposição. É nesse sentido que se diz que o discurso é uma arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar uns sobre os outros. (BRANDÃO, 2014, p. 3)

A este respeito, então, é importante que nos questionemos sobre como as relações linguísticas e não linguísticas inerentes aos discursos podem ser detectadas nos textos analisados. Isto é, como olhar para uma frase e captar o que está ali, dito (posto), e o que fica implícito ao discurso do enunciador?

Um dos precursores da AD Francesa, o linguista Oswald Ducrot (1977, p. 9) afirma que a língua não se realiza senão quando fornece um “lugar de encontro para os indivíduos”, ou seja, por um lado, considera a interação dos indivíduos a partir da linguagem e, por outro, reconhece na linguagem a capacidade de produzir essa interação. Assim, Ducrot (1987) argumenta que um dos elementos fundadores do discurso é, justamente, aquilo que não é dito no texto – ou seja, são os elementos “implícitos” ao discurso enunciado; aquilo que não está “posto”, mas se apresenta de maneira “comum” aos dois personagens do diálogo; um objeto de cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato comunicativo.

Nesta perspectiva, o autor aponta para dois níveis de “implícitos” possíveis em um texto: os “pressupostos” e os “subentendidos” (DUCROT, 1987, p. 32).

O ato de pressupor, segundo Ducrot, é uma tática argumentativa em que o locutor leva o destinatário a admitir o conteúdo pressuposto, impondo-lhe a adesão. O pressuposto, “[...] pertence antes de tudo à frase: ele é transmitido da frase ao enunciado na medida em que deixa entender que estão satisfeitas as condições de emprego da frase da qual ela é realização” (DUCROT, 1987, p.33). É, então, parte integrante do sentido dos enunciados, uma vez que não há como enunciar uma frase com pressupostos sem denunciar a sua presença: funciona como uma imagem da enunciação, uma imagem imposta ao ouvinte.

O subentendido, por outro lado, aparece ligado à enunciação, ao componente retórico do discurso, constituindo uma opção de organização deste discurso e produzindo efeitos de sentido que surgem na interpretação e que resultam do reconhecimento daquilo que o locutor diz. Os subentendidos, neste sentido, constituem-se no processo ao final do qual o alocutário resgata a imagem que o locutor quer lhe dar de sua fala, sendo perfeitamente possível que o interlocutor encadeie a continuidade do discurso enunciado a ele.

Logo, “[...] a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário” (DUCROT, 1987, p. 41). Em outros termos:

Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo

a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo ao término do qual deve-se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala (DUCROT, 1987, p. 42).

É possível, contudo, sinalizar um ponto em comum aos pressupostos e aos subentendidos. Tanto em um caso quanto em outro, é dada ao locutor a possibilidade de se retirar de sua fala. No primeiro caso, pela própria impossibilidade de o interlocutor dar continuidade ao discurso; no segundo, pelo fato de que o locutor poderá sempre apelar ao sentido literal de seu enunciado para negar que teve a intenção de comunicar este ou aquele conteúdo (LEBLER, 2016, p. 313). Isso significa que as nossas análises sempre poderão ser negadas em última instância, o que, por sua natureza intersubjetiva e inter-relacional, acreditamos, não as invalida.

É a partir, então, desta base teórica fornecida pela AD Francesa, a qual mescla elementos linguísticos e elementos extradiscursivos na interpretação dos textos, que buscaremos verificar as identidades brasileiras e os “jogos de distinção” (CUCHE, 1999) que podem ter sido reforçados, implícita ou explicitamente, pelos jornalistas produtores dos discursos da imprensa anglo-saxã analisados, objetivando perceber como estes discursos retratam o país e os seus habitantes na cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Em última instância: somos descritos como o “País do futebol” por estes textos? E quais outras representações de brasilidade compareceram? É o que se pretende responder com as análises subsequentes.

## 4. SOBRE AS ANÁLISES

### 4.1 O Discurso de *The New York Times* na Copa do Mundo FIFA 2014

A reportagem *Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts* (Figura 2), publicada em *nytimes.com* no dia 09 de junho de 2014, expunha as tensões com as quais o país se deparava há três dias da abertura do Mundial. O artigo de Simon Romero, correspondente de *The New York Times* na América Latina entre 1999 e 2017 e chefe do escritório do periódico no Rio de Janeiro entre 2011 e 2017, descrevia o Brasil como uma nação dividida.



**Figura 2** - Print Screen realizado pelo autor em 28 de fevereiro de 2016.

O parágrafo inicial do texto apresenta uma lista de “feitos” do país desde o final da Ditadura Civil-militar nos anos 1980, os quais, pressupõe o autor, seriam dignos de celebração por parte dos brasileiros: o jornalista destaca os programas sociais de distribuição de renda, as eleições democráticas de presidentes que sofreram com a barbárie do regime militar e o crescimento de uma agricultura tropical para “ajudar a alimentar o mundo”. Contudo, de acordo com Romero, ao invés de os brasileiros se juntarem para exaltar esses triunfos globalmente, no momento em que se preparavam para sediar a Copa do Mundo, o que se via era um país dividido [“*But instead of coming together to extol such triumphs on the global stage as the host of the World Cup, (...) Brazil is marked by rifts*”] (grifos nossos):

*RIO DE JANEIRO – Brazil list of feats since ending authoritarian rule in the 1980s is as long as it is varied, including antipoverty programs pulling millions into the middle class, the democratic election of presidents who*

*suffered indignities under the dictatorship and the surging growth of tropical agriculture to help feed the world.*

*But instead of coming together to extol such triumphs on the global stage as the host of the World Cup, the soccer tournament starting on Thursday with 32 teams from 32 countries, **Brazil is marked by rifts**, with some people genuinely excited about the event while others are simmering with resentment over its ballooning costs and sluggish post-boom economy (ROMERO, 2014a).<sup>14</sup>*

Neste sentido, Romero apresenta o Brasil como uma nação plural, em que diversos grupos sociais e suas vozes ecoavam, muitas vezes em dissonância. Nem o apoio à Seleção Brasileira – tida por ele como o orgulho e a paixão da nação [“*nation’s passion and pride*”] – era unanimidade naquele momento (grifos nossos):

*The divisions are manifesting themselves in unlikely ways; even as many Brazilians voice support for **a soccer team that has long been the nation’s passion and pride**, others are expressing unhappiness with the sport being placed above other priorities. [...] “That talk about the national team being the patrimony of Brazil, the affirmation of our identity and civility and cordiality, no one swallows that anymore,” said Arnaldo Bloch, a columnist for the newspaper *O Globo* (ROMERO, 2014a).<sup>15</sup>*

Porém, o jornalista de *The New York Times* indica que, se o Brasil começasse o torneio com uma vitória no jogo contra a Croácia [“*If Brazil starts winning*”], o otimismo em relação ao evento cresceria e “superaria facilmente as baixas expectativas” [“*easily exceed the low expectations*”]. Ainda segundo o autor, muitos brasileiros [“*many brazilians*”] apontavam que o país sustentaria uma tradição “de receber calorosamente os visitantes estrangeiros e de se juntar no último minuto para eventos complexos” [“*a tradition of warmly receiving foreign visitors and pulling together at the last minute to complex events*”] (grifos nossos):

*Despite the tension surrounding the Cup, many Brazilians point out that the country has a tradition of warmly receiving foreign visitors and pulling together at the last minute complex events like the Pan-American Games in 2007 or last years’s World Youth Day, an international conference of Catholic youths which featured a visit by Pope Francis.*

***If Brazil starts winning, some contend that optimism will surge around the first World Cup in the country since 1950, and easily exceed the low***

---

<sup>14</sup> **Tradução livre:** A lista de conquistas do Brasil desde o fim do regime autoritário dos anos 1980 é longa e diversa, incluindo programas de combate à pobreza que alçaram milhões de pessoas à classe média, a eleição democrática de presidentes que sofreram barbáries durante a ditadura e o crescimento de uma agricultura tropical que ajudará a alimentar o mundo inteiro. Mas em vez de se unir para exaltar tais triunfos no cenário global como a sede da Copa do Mundo, torneio que começa esta quinta-feira com 32 times de 32 países, o Brasil está dividido: algumas pessoas estão ansiosas pelo evento e outras encontram-se ressentidas por conta dos custos astronômicos e da lentidão de uma economia antes em crescimento (ROMERO, 2014a).

<sup>15</sup> **Tradução livre:** As divisões estão se manifestando de maneiras improváveis. Ao mesmo tempo que muitos brasileiros expressam apoio ao time de futebol que é a paixão e o orgulho da nação há muito tempo, outros estão expressando insatisfação com o fato de o esporte estar sendo colocado acima de outras prioridades. [...] “Aquele papo de a seleção ser o patrimônio do Brasil, a afirmação de nossa identidade e civilidade e cordialidade, ninguém mais engole isso”, afirma Arnaldo Bloch, colunista do jornal *O Globo* (ROMERO, 2014).



expectations. “People are worried about how much has been spent,” said José Everaldo Bezerra, 48, a doorman at a residential building in Brasília. “But once we see the first game, the parties will start.”

To the relief of authorities who contend Brazil will put on a great show despite some airports and transit systems not being completed, the streets in some areas in Brazilian cities are finally becoming festooned with yellow and green ribbons, the colors of the national team (ROMERO, 2014a).<sup>16</sup>



Figura 3 - Print Screen realizado pelo autor em 03 de março de 2016.

A paixão dos brasileiros pelo futebol é destacada em outra reportagem publicada no dia 09 de junho de 2014, em *nytimes.com*, com o título *Making Holidays of Brazil's World Cup Games* (Figura 3). A jornalista brasileira Fernanda Santos – contratada por *The New York Times* em 2005 e desde 2012 chefe de redação do periódico em Phoenix, no estado norte-americano do Arizona, mas em São Paulo na ocasião para a cobertura do megaevento – afirmava que, no Brasil, o futebol é tanto crença quanto compulsão e lembrava que o governo avaliou se declararia feriado ou não nos dias de jogos da Seleção Brasileira [*In this country, where soccer*

<sup>16</sup> **Tradução livre:** Apesar da tensão em relação à Copa, é grande o número de brasileiros a admitir que o país é conhecido por receber estrangeiros de braços abertos e por organizar de última hora eventos complexos como os Jogos Pan-Americanos de 2007 e o Dia Mundial da Juventude de 2013, uma conferência internacional que reuniu jovens católicos e contou com a visita do Papa Francisco. Se o Brasil começar ganhando, é possível que haja otimismo em relação à primeira Copa do Mundo no país desde 1950 e que as baixas expectativas sejam facilmente superadas. “O povo está preocupado com o valor que foi gasto”, relata José Everaldo Bezerra, de 48 anos, porteiro de um edifício residencial em Brasília. “Mas depois do primeiro jogo vai ser só festa”. Para alívio das autoridades que afirmam que o Brasil vai oferecer um espetáculo incrível — apesar de alguns aeroportos e sistemas de transporte público não terem sido terminados —, as ruas de algumas cidades do país já estão decoradas de verde e amarelo, as cores da seleção (ROMERO, 2014a).

*is both creed and compulsion, the government weighed whether to declare national holidays on Brazil game days”] (grifos nossos):*

*SÃO PAULO, Brazil – To work or not to work? Regardless of where anyone here stands on the logic of Brazil’s spending billions of dollars in preparation for hosting this year World Cup, the question as opening day approaches is hugely pertinent.*

*The answer is, well, **probably not.***

***In this country, where soccer is both creed and compulsion, the government weighed whether to declare national holidays on Brazil game days, a decision that is much about productivity as it is about common sense. Can you expect anyone to focus when the national team is on the field?** (SANTOS, 2014).<sup>17</sup>*

Na frase “*The answer is, well, probably not*”, o texto pressupõe – quando utiliza o advérbio “provavelmente” – que muitos brasileiros não trabalhariam quando a seleção nacional estivesse em campo. A autora indica que esses “feriados”, ou ao menos outros tipos de “paralisias motivadas pelo futebol”, não eram completamente incomuns em Mundiais [“*Such holidays, or at least other kinds of soccer-induced paralysis, are not entirely uncommon*”]. O exemplo do que ocorreu na Itália em 1990 é citado, onde era difícil conseguir uma refeição enquanto o time da casa estivesse jogando, porque todos os garçons e as garçonetes não desgrudavam os olhos das televisões [“*In Italy, in 1990, it was hard to get a meal while the host team was playing, because all waiters had their eyes glued to the television screens*”]. A jornalista afirma, porém, que o Brasil tinha levado a prática a um outro nível, subentendendo (e reforçando) a seus leitores a ideia de que todos no país seriam apaixonados “compulsivamente” (para utilizar um termo da própria autora) pelo futebol (grifos nossos):

*But **Brazil has taken it to another level.** Across the country, schools public and private have scheduled midyear vacations so they could start before the tournament’s inaugural game, on Thursday. Banks are set close early, slashing their hours almost in half. Hospitals must stay open, but doctors have been routinely rescheduling nonemergency appointments so they have no commitments when Brazil is playing. **“There is before the Cup, and there’s after the Cup, and nothing much beyond soccer is going to happen between,”** said Antenor de Paula, 53, a clerk at a federal revenue bureau here, as he carried a box of beer cans out of a local supermarket on Friday, when Brazil had a friendly match against Serbia. (The beer, he said, is for “a big party my neighbor is hosting for the game.”) (SANTOS, 2014).<sup>18</sup>*

---

<sup>17</sup> **Tradução livre:** SÃO PAULO, Brazil – Trabalhar ou não trabalhar? Independentemente da sua opinião sobre a lógica de o Brasil gastar bilhões de dólares para a preparação da Copa do Mundo deste ano, essa é uma pergunta extremamente pertinente conforme a data da abertura se aproxima. A resposta é provavelmente não. Em um país onde o futebol é uma questão de crença e compulsão, o governo precisou ponderar se os dias de jogo do Brasil seriam declarados feriados nacionais, decisão essa relacionada à produtividade e ao senso comum. Dá para esperar que alguém se concentre no trabalho enquanto a seleção está no gramado? (SANTOS, 2014).

<sup>18</sup> **Tradução livre:** Mas no Brasil a história é outra. No país inteiro, escolas públicas e particulares fizeram as férias de junho começarem antes do jogo de abertura, realizado na quinta-feira. Os bancos fecharam mais cedo,

O texto lembra ainda que o governo brasileiro havia passado às cidades a autoridade de decidir se os dias dos jogos do Mundial deveriam ser dias de trabalho ou não. A autora pondera, entretanto, que já existiriam feriados suficientes no país, além de dias com meio período e outros arranjos para dar descanso a quase todos os brasileiros, “exceto aos *bartenders* e às pessoas que trabalham com emergências”, trecho no qual subentende que as folgas seriam utilizadas para que a população consumisse álcool e festejasse a tal ponto que cuidados emergenciais pudessem ser necessários (grifos nossos):

*While there will be no national holidays for the Cup, there will be plenty of gainfully employed individuals legitimately watching the games wherever they choose. The broad federal statute that governs the legal dos and don'ts during the tournament gave cities the authority to decide if game days ought to be work days – and there are enough holidays, half-days and another arrangement that loosely translates as “optional shift” to give a break to pretty much everyone but emergency workers and bartenders.*

*It is more than most Brazilians were afforded in previous World cups, when it has generally up to employers to decide if anyone got to leave work early. This time, federal employers are going to be dismissed at 12:30 p.m. on days Brazil takes the field so they can get home in time for kickoff (SANTOS, 2014).<sup>19</sup>*

A jornalista destaca, contudo, os impactos econômicos da medida e questiona as explicações oficiais de cidades como Campinas, Fortaleza e Rio de Janeiro, as quais haviam liberado funcionários municipais ou mesmo decretado feriado em dias de jogos do Brasil e/ou em dias de partidas que ocorressem nas cidades-sede, como foi o caso da capital carioca: “*Rio cited improved mobility as the explanation – or excuse, depending on whom you ask – for the decision to declare holidays for each of the three games played during the week at Estádio Jornalista Mário Filho, the huge stadium, known as Maracanã, that anchors **Brazil’s soccer-centric culture***” (SANTOS, 2014)<sup>20</sup> (grifos nossos). Quando fala em uma “cultura

---

diminuindo o horário de funcionamento em quase meia hora. Os hospitais devem permanecer abertos, mas os médicos reagendaram consultas que não eram emergências para que não tivessem nenhum compromisso durante os jogos da seleção brasileira. “Existe o antes da Copa e o depois da Copa, mas nesse meio tempo não vai acontecer nada muito além de futebol”, diz Antenor de Paula, de 53 anos, servidor de uma unidade da Receita Federal na cidade, enquanto sai carregando um fardo de latinhas de cerveja de um supermercado na sexta-feira, dia do amistoso entre Brasil e Sérvia. (Segundo ele, a cerveja é para uma “festa enorme que meu bairro está organizando para o momento do jogo”). (SANTOS, 2014).

<sup>19</sup> **Tradução livre:** Apesar de nenhum feriado nacional ter sido decretado para o período da Copa, diversos funcionários vão assistir aos jogos onde quiserem. O estatuto federal que governa judicialmente o que pode e o que não pode ser feito durante o evento concedeu autoridade para que as prefeituras decidam se os dias de jogos devem ser dias de trabalho ou não. Além disso, há diversos feriados, meios períodos e outros acordos que poderão ser interpretados como “turnos não obrigatórios”, possibilitando uma folga a praticamente todo mundo, exceto garçons e pessoas que trabalham com emergências. Isso é mais do que muitos brasileiros já tiveram nas Copas do Mundo anteriores, quando os empregadores decidiam se liberariam mais cedo ou não. Dessa vez, os servidores públicos federais serão dispensados ao meio-dia e meia nos dias em que o Brasil estiver jogando, podendo chegar em casa antes do início da partida (SANTOS, 2014).

<sup>20</sup> **Tradução livre:** A cidade do Rio atribuiu à mobilidade a explicação – ou a desculpa, dependendo para quem você perguntar – para a decisão de declarar feriados em cada um dos três jogos durante a semana no Estádio

futebolcentrista do Brasil” [“*Brazil’s soccer-centric culture*”], o texto reforça, novamente, o epíteto “País do futebol”. A autora cita ainda, antes de encerrar o artigo, as falas de uma fonte local que corroboram com tal produção de sentido: ““*There’s economy, there’s politics and there’s soccer, and they’re all really important,*” said Guilherme Vieira, 34, on Thursday, amid dozens of fans in the hotel housing the Brazilian soccer squad. ‘*But now is time to concentrate on soccer.*’” (SANTOS, 2014)<sup>21</sup>.



*Figura 4 - Print Screen realizado pelo autor em 03 de março de 2016.*

Na reportagem *Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Brazil’s Day Goes Dark* (Figura 4), publicada em *nytimes.com* no dia 08 de julho de 2014, poucas horas após a vitória da Seleção Alemã sobre a Seleção Brasileira por 7 a 1, pela semifinal do Mundial, o jornalista de *The New York Times* Sam Borden também oferece indícios de como o diário norte-americano construiu os seus discursos a respeito do megaevento organizado no Brasil. Borden foi correspondente de esportes de *NYT* na Europa entre outubro de 2013 e fevereiro de 2017 e esteve no Brasil para a cobertura da Copa-2014. Leiamos o parágrafo inicial da reportagem (grifos nossos):

*BELO HORIZONTE, Brazil – The fireworks began at dawn. All around this city, loud pops and bangs rag out as men and women and children, so many dressed in yellow, set off flares and beeped car horns. It was supposed to be a magical day. **The Brazilian national soccer team, playing at home, was***

Jornalista Mário Filho, o grande estádio, conhecido como Maracanã, que ancora a cultura futebolcentrista do Brasil” (SANTOS, 2014).

<sup>21</sup> **Tradução livre:** “Existe a economia, existe a política e existe o futebol, e todos eles são importantes”, disse Guilherme Vieira, 34, na quinta-feira, entre dezenas de fãs no hotel que está hospedando o esquadrão do futebol brasileiro. “Mas agora é tempo de se concentrar no futebol.” (SANTOS, 2014).

*one game away from a World Cup final. No one could have guessed the tears would come before half time. [...] The 2014 World Cup, first plagued by questions about funding and protests and infrastructure and construction, then buoyed by scads of goals and dramatic finishes and a contagious spirit of joy from the local residents, will ultimately be remembered for this: the home team, regarded as the sport's super power, being throttled like an overmatched junior varsity squad that somehow stumbled into the wrong game (BORDEN, 2014a).<sup>22</sup>*

Em uma primeira análise, o texto apresenta a Seleção Brasileira como se a instituição fosse – ao menos até a eliminação para os alemães – considerada “a” super potência do futebol mundial [*“the home team, regarded as the sport’s super power”*]. Ao mesmo tempo, o jornalista denota surpresa ante ao placar elástico do jogo, o qual, segundo Borden, seria lembrado [*“will ultimately be remembered”*] como a última memória do megaevento, em meio a uma copa a qual havia sido marcada, de início, por questionamentos sobre infraestrutura, gastos excessivos e protestos nas ruas, mas que, ainda assim, agradava até então pela alegria dos “brasileiros” fora de campo [*“a contagious spirit of joy from the local residents”*] e pelos bons jogos em campo [*“buoyed by scads of goals and dramatic finishes”*].

Desta maneira, quando o autor fala em um “contagante espírito de alegria dos residentes locais”, pressupõe (e, direta ou indiretamente, reforça ao olhar estrangeiro) uma visão historicamente estereotipada de um “ser” brasileiro hospitaleiro, receptivo e festivo – visão a qual podemos, estabelecendo uma relação interdiscursiva, recuperar na própria literatura brasileira do início do século XX, por exemplo, na obra *Porque me ufano de meu país* (1900), de Afonso Celso (1860-1938), livro no qual o poeta, magistrado e jornalista brasileiro elenca a “hospitalidade” como um dos sete “nobres predicados do caráter nacional” (CELSO, 2002, p. 86).

Na sequência do texto de *NYT*, contudo, Sam Borden denota preocupação com a segurança no país após o “massacre” alemão [*“a soccer massacre of highest order”*], apresentando-se uma contradição entre as características de alegria e as características de hostilidade atribuídas aos “residentes locais” (grifos nossos):

---

<sup>22</sup> **Tradução livre:** BELO HORIZONTE, Brasil – Os fogos de artifício começaram ao amanhecer. Ao redor da cidade toda havia explosões e barulhos altos enquanto homens, mulheres e crianças, muitos deles vestidos de amarelo, soltavam rojões e buzinavam em seus carros. Era para ser um dia mágico. A seleção nacional brasileira de futebol, jogando em casa, estava a um jogo da final da Copa do Mundo. Mas ninguém poderia esperar que as lágrimas viriam antes do intervalo. [...] A Copa do Mundo 2014, primeiramente atormentada por questões de financiamento, protestos, infraestrutura e construções, então impulsionada por muitos gols, finais dramáticos e um espírito de alegria contagiante dos moradores, será lembrada por isto: o time da casa, considerado a superpotência mundial do esporte [futebol], sendo eliminado como um esquadrão juvenil que alguém, por um lapsos, colocou no jogo errado (BORDEN, 2014a).

*The final score was Germany 7, Brazil 1. It felt like Germany 70, Brazil 1. [...] “I think”, [Luiz Felipe] Scolari said afterward, “that it was the worst day of my life”. He was surely not alone in that sentiment. Sports are often a haven of hyperbole, but there was little risk of that here on Tuesday. Given the circumstances and the stakes, this result – a soccer massacre of the highest order – may well be remembered as the most surprising in the World Cup history. [...] “It was the biggest embarrassment of all world cups – 7-1 in a semifinal playing at home?” said Marcel Guimarães, 38, who traveled to Belo Horizonte from Brasília. “Not even in a video game”. The aftermath of Brazil’s defeat could turn ugly. There were reports of a mass robbery at a fan party in Rio de Janeiro and fans setting fire to Brazilian flags in the streets of São Paulo. Local organizers and government officials have been concerned for weeks about the possibility that demonstrations – which have, for the most part, been subdued – would become more intense if Brazil were to be eliminated. **Many Brazilians have been upset about the billions of dollars spent on new stadiums and other World Cup-related projects. The success of the national team provided a natural balm, but now those emotions may become inflamed.** [...] Scolari shrugged then, and trudges out of the news conference room, heading down a narrow hallway. The sunrise fireworks seemed so far away. They had been a rousing beginning, a boisterous start to a day Brazilians hoped they would always remember. Then came a German juggernaut, and a game that a **nation of soccer fans** can only hope to forget (BORDEN, 2014a).<sup>23</sup>*

O texto de *The New York Times* descreve, então, os “brasileiros” como uma “nação de fãs do futebol” [“*a nation of soccer fans*”], aproximando-se da metonímia essencialista e homogeneizadora segundo a qual o Brasil (como um todo) seria “o” “País do futebol”. Pressupõe-se, desta forma, que a “nação de fãs do futebol” (composta por “todos” os brasileiros, sem exceção) só esperaria, um dia, esquecer [“*can only hope to forget*”] a derrota para os alemães. Assim, em um nível implícito do discurso (DUCROT, 1987), demarcado pela metonímia “*nation of soccer fans*”, o texto reforça também a ideia essencialista e homogeneizadora de Brasil como o “País do futebol”.

---

<sup>23</sup> **Tradução-livre:** O placar final foi Alemanha 7, Brasil 1. Mas parecia Alemanha 70, Brasil 1. [...] “Acho”, disse [Luiz Felipe] Scolari após o jogo, “que foi o pior dia da minha vida”. Ele certamente não era o único que sentia isso. Os esportes são sempre cheios de hipérboles, mas havia pouco risco de acontecer o que se sucedeu aqui na terça-feira. Dadas as circunstâncias e tudo que havia em jogo, o resultado – um massacre futebolístico da pior espécie – pode muito bem ser lembrado como o mais surpreendente da história das Copas do Mundo. [...] “Foi a maior vergonha de todos os mundiais – 7 a 1 em uma semifinal jogando em casa?”, disse Marcel Guimarães, 38, que veio de Brasília a Belo Horizonte. “Nem mesmo em uma partida de videogame”. O desfecho da derrota do Brasil poderia ser feio. Houve relatos de um arrastão em uma das Fan Fests no Rio de Janeiro e de fãs incendiando bandeiras do Brasil nas ruas de São Paulo. Organizadores do evento e funcionários do governo se preocupam há semanas com a possibilidade de que as manifestações – que, em sua maior parte, ficaram diminuídas – se tornassem mais intensas se o Brasil fosse eliminado. Muitos brasileiros estão revoltados com os bilhões de dólares gastos em novos estádios e em outros projetos relativos à Copa do Mundo. O sucesso da seleção nacional ofereceria uma calma natural, mas agora essas emoções podem ser inflamadas. [...] Scolari deu de ombros e se arrastou para fora da sala de imprensa cabisbaixo por um corredor estreito. Os fogos de artifício ao amanhecer pareciam tão distantes, tinham sido um indicativo inicial, um começo animador de um dia que os brasileiros esperavam lembrar para sempre. Então, vieram um rolo compressor alemão e um jogo que a nação de fãs do futebol só espera esquecer (BORDEN, 2014a).

De todo modo, esse discurso homogeneizador é minimizado no trecho em que o jornal se refere, especificamente, a uma parcela da população brasileira a qual havia se irritado com os “bilhões de dólares gastos em novos estádios de futebol e em projetos relacionados ao Mundial” [*“Many Brazilians have been upset about the billions of dollars spent on new stadiums and other World Cup-related projects”*]. Neste excerto, por conseguinte, o discurso do jornalista de *NYT* se aproxima de uma visão menos distorcida da realidade brasileira: uma sociedade plural e intercultural, na qual convivem diversos grupos sociais, suas culturas e subculturas, em relações de conflito e de negociação constantes; em outras palavras, uma sociedade constituída por diversos “Brasis” em um único país [emprestando o termo “Brasis” de Darcy Ribeiro, no quarto capítulo de *O povo brasileiro* (1995)].

Porém, o texto reforça que o descontentamento inicial dessa parcela da população com os bilhões de dólares gastos no evento – subentendido no enunciado de Borden como um descontentamento emocional – teria ficado suplantado pelas vitórias da seleção de futebol em campo até aquele momento, mas, após a derrota para os alemães, essas “emoções” poderiam se inflamar [*“but now those emotions may become inflamed”*].

Nota-se, portanto, o reforço de duas formas recorrentes de distinção dos “brasileiros” as quais foram demarcadas pelo jornalista de *The New York Times*: a ideia de que somos um povo alegre e festivo [*“a contagious spirit of joy from local residents”*] e a ideia de que todos no país são apaixonados pelo futebol [*“a nation of soccer fans”*], ambas as quais podemos aproximar de uma representação da identidade cultural brasileira vinculada a uma tendência emotiva e passional – ideia cujas raízes satisfazem-se, interdiscursivamente, no pensamento de Hegel, quando afirmava que a América Latina seria um espaço de natureza e de emoção em contraposição a uma Europa, e sobretudo a uma Alemanha, constituídas pela razão (MARQUES, 2012, p. 7).

Em outra reportagem acerca da partida Brasil e Alemanha, *29 Minutes That Shook Brazil*, publicada em *nytimes.com* no dia 09 de julho de 2014, o jornalista do diário norte-americano Sam Borden, nos primeiros parágrafos do texto, compara a derrota dos jogadores brasileiros do dia anterior (08 de julho de 2014) à derrota da seleção brasileira de 1950, para o Uruguai:

*Those 29 minutes will be scrutinized for generations in Brazil, poked and prodded and dissected the way Brazil’s dread defeat to Uruguay in the 1950 World Cup final has been. Moacir Barbosa, the Brazilian goalkeeper for that infamous loss, said before he died in 2002 that ever since that game he felt as if he spent the rest of his life in prison. That cell just go more crowded. Every*

*player in a yellow jersey on Tuesday [08 de julho de 2014], many of them superstars, will most likely be defined, and imprisoned, by those 29 minutes (BORDEN, 2014b).<sup>24</sup>*

Revela-se, neste trecho, a utilização de um discurso conotativo (quase jocoso) por parte do jornalista de *The New York Times*, o qual compara o sofrimento do goleiro Barbosa, o “vilão” (COSTA, 2008) de 1950, ao sofrimento com o qual lidariam, dali em diante, os “vilões” da derrota para Alemanha [*“every player in yellow Jersey”*]. Assim, Borden sugere que a “cela” da “prisão” em que Barbosa foi colocado após a derrota para o Uruguai apenas ficaria mais cheia com os 7-1 para a Alemanha [*“That cell just go more crowded”*].

Após essa introdução dotada de interdiscursividade, na qual o jornalista recorre a uma memória do futebol brasileiro para ilustrar o início do texto, a reportagem descreve os cinco gols do selecionado alemão, marcados nos primeiros vinte e nove minutos de jogo, a partir dos pontos de vista de brasileiros em diferentes cidades e realidades do país (inclusive, no estádio em que a partida ocorreu). O texto constrói, a partir das falas dos entrevistados, uma narrativa que começa esperançosa, mas, termina em tom de incredulidade (grifos nossos):

*The game began with high hopes. When the music to the national anthem stopped after the require 90 seconds, the Brazilian fans continued singing with vigor, a rousing capella performance. Then, Germany scored early. “I thought we were just in 10 minutes in, we had the entire game ahead”, said Gisleine Pedroni, a marketing student who watched at a friend’s barbecue in São Paulo. José Brito Lopes, who watched at the bar in a Rio de Janeiro favela where he works, was calm. “When the first goal happened, I thought this was normal, because Germany were playing well”, he said. Yet some already had that feeling of dread. The hairs on the neck. The lump in the stomach. “Brazil cannot lose the focus, they have to concentrate”, thought Susana Osako, a model who watched the game with her husband in São Paulo. [...] This time [momento do segundo gol da Alemanha], the stadium was more hushed. Two goals in 23 minutes was not necessarily a cause for panic, but it was distressing. A few tears could be seen on faces in the stands. [...] Marcelo, a star defender for Brazil, covered his face with his hands. But in the bleachers, grief had given way to something else, something stranger. “We started to laugh the situation”, said Felipe Seligman, 30, who was wearing the same Brazil shorts and zip-up jacket that he wear every time Brazil plays. “We were saying, ‘Oh my god, what’s going on, what’s happening? It’s real?’”. The fifth goal was when Machado forced himself to turn away from the screen. “I kept listening to the game, listening only because I could no longer watch it”, he said. **Three goal in four minutes. Four goals in six minutes. Five goals***

---

<sup>24</sup> **Tradução-livre:** Aqueles 29 minutos serão examinados minuciosamente por gerações no Brasil, dissecados do mesmo modo que a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950. Moacir Barbosa, o goleiro brasileiro daquela infame partida, disse antes de morrer, em 2002, que desde então aquele jogo o fez se sentir como se tivesse passado o resto da vida na prisão. A cela apenas ficou mais cheia. Todos os jogadores de camisa amarela na terça-feira [08 de julho de 2014], muitos deles superestrelas, serão, acima de tudo, definidos – e aprisionados – por aqueles 29 minutos (BORDEN, 2014b).



*in 29 minutes. One country could not believe what had just happened.*  
(BORDEN, 2014b).<sup>25</sup>

Verifica-se, neste excerto, uma busca por uma pretensa objetividade da narrativa jornalística, no momento em que a reportagem é construída, sobretudo, com base em citações diretas das falas dos entrevistados. Todavia, em trechos nos quais a “voz” do jornalista se “coloca” explicitamente no texto, antes ou depois das falas dos entrevistados, é possível que se percebam as marcas de enunciação inerentes a todo e qualquer discurso e, obviamente, também, ao discurso do jornalista de *NYT*, como ocorre no trecho “*Three goal in four minutes. Four goal in six minutes. Five goals in 29 minutes. One country could not believe what had just happened*”. As frases aparecem, justamente, após uma série de citações de falas dos entrevistados que corroboram com os sentidos produzidos pela narrativa do enunciador, implícita ou explicitamente. Essa estratégia discursiva de apagamento da subjetividade se revela em outros momentos da cobertura do Mundial 2014 realizada pelos jornalistas do periódico norte-americano, assim como na cobertura dos jornalistas dos outros veículos analisados, como se poderá notar nas páginas seguintes.

Percebe-se, então, o tom de surpresa com o qual a derrota do “País do futebol” para os alemães, em campo, foi retratada nos excertos jornalísticos de *The New York Times*. Entretanto, do ponto de vista “extracampo”, o mundial no Brasil foi avaliado positivamente pelo jornal neste momento final de cobertura. Em texto opinativo publicado no dia 14 de julho de 2014 (*Cleaning Up After World Cup*), o corpo editorial (*Editorial Board*) de *NYT* enaltece o sucesso da Copa do Mundo no Brasil (a qual se encerrara um dia antes, em 13 de julho de 2014) e afirma que o país (e, metonimicamente, o seu povo) poderia ficar orgulhoso do megaevento que organizou – “exceto, é claro,” pela derrota, em campo, na semifinal:

---

<sup>25</sup> **Tradução-livre:** O jogo começou com grandes expectativas. Quando o hino nacional parou após os noventa segundos regulamentares, os fãs brasileiros continuaram cantando com vigor, em uma vibrante capela. Porém, a Alemanha marcou o primeiro cedo. “Pensei que fossem só os primeiros dez minutos, ainda tínhamos todo o jogo pela frente”, conta Gisleine Pedroni, estudante de marketing que assistiu à partida durante um churrasco na casa de um amigo em São Paulo. José Brito Lopes, que assistiu em um bar onde trabalha em uma favela no Rio de Janeiro, estava calmo. “Quando o primeiro gol aconteceu, pensei que aquilo fosse normal, porque a Alemanha estava jogando bem”, ele diz. Apesar disso, algumas pessoas já tinham um sentimento de pavor. Os pelos no pescoço arrepiados. O nó no estômago. “O Brasil não pode perder o foco, eles têm de se concentrar”, pensa Susana Osako, modelo que assistiu ao jogo com o marido em São Paulo. [...] A essa hora [momento do segundo gol da Alemanha], o estádio estava mais calado. Dois gols em 23 minutos não eram necessariamente uma causa para pânico, mas eram dolorosos. Algumas lágrimas podiam ser vistas nos rostos na arquibancada. [...] Marcelo, uma estrela da defesa do Brasil, cobria o rosto com as mãos. Na arquibancada, a dor deu lugar a algo mais, algo estranho. “Nós começamos a rir da situação”, explica Felipe Seligman, 30, vestindo a mesma jaqueta e o mesmo shorts que usa toda vez que o Brasil joga. “Nós dizíamos: ‘Meu Deus, o que está acontecendo? É real?’”. No quinto gol, Machado se afastou da tela. “Eu continuei ouvindo o jogo, só ouvindo, porque eu não podia mais ver aquilo”, ele conta. Três gols em quatro minutos. Quatro gols em seis minutos. Cinco gols em 29 minutos. O país não conseguia acreditar no que estava ocorrendo (BORDEN, 2014b).

*Brazil can be proud of the World Cup it held – except, of course, the shocking breakdown of its national team in the 7-1 semifinal loss to Germany. The crowds were colorful, loud and behaved, and the play ranged from entertaining to utterly brilliant, all devoured by record-breaking audiences on television and social media. There were the dodgy calls, blatant flops and Luis Suárez’s bizarre bite, but the perfect score by Mario Gotze, which gave the Cup to Germany, is the more accurate icon of the four-and-half-week tournament. In all, the World Cup demonstrated why football, a.k.a. soccer, is the most global and popular of sports. And why it is time for FIFA to measure up to the sport it governs. (NYTIMES.COM, 2014).<sup>26</sup>*

## 4.2 O discurso de *The Guardian* na Copa do Mundo FIFA 2014

Em texto publicado no dia 11 de junho, *World Cup 2014: ready or not, it is Brazil’s time to show the world* (Figura 5), o correspondente de *The Guardian* na América Latina Jonathan Watts, escrevendo do Rio de Janeiro, anuncia o início do megaevento e, já na linha fina da reportagem, oferece indícios de como a cobertura do Mundial se realizava: “*Tournament in football-obsessed nation has potential to be the both the greatest and the worst in the history of the sport*” [“Torneio na nação obcecada pelo futebol tem potencial para ser o maior e o pior da história do esporte”], enunciava o trecho, em uma alusão à ideia essencialista e homogeneizadora de “País do futebol” (ou, no caso, de uma “nação obcecada pelo futebol”).

Nos primeiros parágrafos da reportagem, o autor confirma esse aspecto quando diz que, na véspera da abertura do Mundial, nem tudo ia “bem” na “família global do futebol” [“*but all is not well in the global football family*”] (grifos nossos):

*The countdown clocks have clicked down towards zero. The air force is on alert. Navy frigates patrol the coastline and an army of 147,000 police and soldiers has been mobilized. Roads usually chocked with traffic are emptying of cars. Schools have been closed. Offices are finishing early. Hundreds of millions of TV sets are being turned in to the same event. By 5pm on Thursday, Brazil should finally be ready for the moment this **foot-ball-obsessed nation** has been dreaming of – and dreading – for the past seven years: the kickoff the World Cup finals. The biggest, costliest and arguably most controversial tournament in the sport’s history will get under way at the Itaquerao stadium with a star-studded ceremony and a match between the host nation and Croatia. But all is not well in the **global football family**. Parting with protocol, the host president Dilma Roussef, and Fifa head, Sepp Blatter, will not give a*

---

<sup>26</sup> **Tradução-livre:** O Brasil pode ficar orgulhoso pela Copa do Mundo que realizou – exceto, é claro, pelo apagão chocante de sua seleção na derrota para a Alemanha na semifinal por 7 a 1. As multidões estavam coloridas, alegres e bem-comportadas, e os jogos variavam do entretenimento ao brilhantismo, todos devorados por um público recorde na televisão e nas mídias sociais. Houve ligações duvidosas, fracassos estrondosos e a bizarra mordida de Luiz Suárez, mas o perfeito gol de Mario Gotze, que deu a Copa à Alemanha, é o ícone mais preciso do torneio de quatro semanas e meia. Como um todo, a Copa do Mundo demonstrou porque o futebol é o esporte mais global e popular de todos. E porque é hora de a Fifa avaliar melhor o esporte que governa (NYTIMES.COM, 2014).

speech because they fear a repeat of last year's Confederations Cup opening when their words were drowned out by jeers and whistles (WATTS, 2014a).<sup>27</sup>



Figura 5 - Print Screen realizado pelo autor em 24 de junho de 2016.

O texto do jornalista de *The Guardian* demarca, então, uma essencialização da identidade brasileira no momento em que o autor se refere ao país como uma “nação obcecada pelo futebol” e como a “família global do futebol”, trechos que carregam, implicitamente, um sentido de reforço da ideia de que “todos” os brasileiros – sem exceção – seriam apaixonados por esse esporte. Apesar disso, durante a reportagem, Watts apresenta uma visão pluralista acerca do país (inclusive na escolha das fontes) e expõe o contexto político, social e econômico turbulento no qual o evento se desenvolvia (MARQUES et. al., 2015). O autor mostra a existência de grupos sociais contrários e favoráveis à organização da Copa no Brasil e expõe os conflitos interculturais com os quais essa noção de brasilidade essencialista e homogeneizadora pode ser confrontada:

<sup>27</sup>**Tradução livre:** Os ponteiros dos relógios, em contagem regressiva, aproximam-se de zero. A força aérea está em alerta. Navios da marinha patrulham o litoral, e um exército de mais de 147 mil soldados está mobilizado. As ruas, normalmente paralisadas pelo tráfego, estão vazias de carros. As escolas fecharam. Os escritórios estão fechando mais cedo. Centenas de milhares de televisores estão ligados no mesmo evento. Às 17h de quinta-feira, o Brasil finalmente estará pronto para o momento com o qual esta nação obcecada pelo futebol tem sonhado – e temido – pelos últimos sete anos: o pontapé inicial da Copa do Mundo. O maior, mais caro e certamente mais controverso torneio da história do esporte vai começar no estádio do Itaquerão com uma cerimônia estrelada e um jogo entre o time da casa e a Croácia. Mas nem tudo vai bem na família global do futebol. Quebrando o protocolo, a presidenta Dilma Rousseff (sic) e o presidente da Fifa, Sepp Blatter, não vão discursar por medo de que se repita o que aconteceu na abertura da Copa das Confederações do ano passado, quando suas palavras foram encobertas por assobios e gritos (WATTS, 2014a).

*While Pitbull, Claudia Leite and Jennifer Lopez perform the official song, We are One, demonstrators on the streets are planning to chant a discordant message about inequality, forced evictions and overspending on the \$11.5bn event. And as Neymar, Paulinho, Hulk, Fred and their compatriots file through the stadium tunnel in São Paulo, workers in other host cities are still wrestling with the final touches on construction projects that are chronically late, over budget and fatally ill managed. [...] Recent protests have been far smaller than the million-plus crowds that marched in 50 cities last year, but some have been violent and disruptive. Earlier this week, São Paulo was the scene of teargas volleys, street fires and dire traffic congestion during a subway workers' strike that was timed to embarrass the authorities into concessions before the World Cup. Graffiti in many cities asks "Copa pra quem?" ("Who is this cup for?") and several giant murals have appeared in recent weeks depicting the suffering caused by the tournament. At least three groups of protesters are calling for a new round of anti-World Cup demonstrations on Thursday. One planned for Copacabana beach is publicized by the image of black-masked protesters holding a banner reading "Fifa Killers Fuck Off. Long Live Favela Riots" (WATTS, 2014a).<sup>28</sup>*

Em outro trecho da reportagem, o jornalista subentende que, apesar dos problemas infraestruturais, políticos e econômicos aos quais o Brasil estava envolto, o sucesso ou não do torneio, aos olhos dos “brasileiros”, dependeria do resultado da seleção nacional em campo. A afirmação é legitimada por uma série de aspas de entrevistados, nas quais o ponto de vista do correspondente é reforçado (grifos nossos):

*Much will now depend on the home team's performance. A **victory in the opening match could further lift spirits**. If – one month and 64 games from now – Brazil can emerge as victors, this tournament may yet be seen as a success. But the alternative could lead to more than just disappointment, according to Marcos Guterman, author of *Football Explains Brazil*. "If Brazil gets eliminated from the tournament before the final, I predict big problems," he says. "The World Cup is a measurement of our capacity, on and off the field. For years everyone's been saying, 'We're going to give the cup of cups and that this will show we're capable,' but now that the cup is actually happening, there have been so many problems in the planning – so many delays, promised projects not happening, public transportation works that haven't even started, incomplete stadiums – if Brazil does not make it to the final I have no doubt that all these problems will be exacerbated. They will*

---

<sup>28</sup> **Tradução livre:** Enquanto Pitbull, Cláudia Leite e Jennifer Lopez cantam a música oficial, We Are One, manifestantes nas ruas planejam entoar uma mensagem discordante sobre desigualdade, desocupações forçadas e o alto custo do evento de US\$ 11 bi. E enquanto Neymar, Paulinho, Hulk, Fred e outros compatriotas se enfileirarem no túnel do estádio em São Paulo, trabalhadores em outras cidades-sede ainda estarão lutando para dar os toques finais na construção e nos projetos cronicamente atrasados, acima do orçamento previsto e fatalmente mal gerenciados. [...] Os protestos recentes estão sendo muito menores do que as multidões de pessoas que marcharam em 50 cidades no ano passado, mas alguns deles foram mais violentos e incômodos. No início desta semana, São Paulo foi palco de muito gás lacrimogêneo, incêndios nas ruas e congestionamentos durante uma greve de trabalhadores do metrô programada para obrigar as autoridades a realizarem concessões antes da Copa do Mundo. Grafites em muitas cidades perguntam ‘Copa para quem?’, e vários murais gigantescos apareceram nas últimas semanas retratando o sofrimento causado pelo torneio. Pelo menos três grupos de manifestantes estão pedindo uma nova rodada de manifestações anti-Copa do Mundo na quinta-feira. Um deles, planejado para a praia de Copacabana, é divulgado pela imagem de manifestantes mascarados, vestindo preto e segurando uma faixa com os dizeres ‘Fifa Killers Fuck Off. Long Live Favela Riots’ [Assassinos da Fifa, vão se foder! Vida longa aos protestos da favela] (WATTS, 2014a).

*seem much worse." Diogo Barbosa, a fan in Rio, said: "I will watch the games and I will support my team, but there are more important things to watch – like the course the protests will take, the image Brazil will leave, and whether the effect of hosting will be positive for Brazil... If you mix up everything that's happened, it's likely that Brazil will grow from this situation, if not in money, [then] in spirit." Another fan, Michel Silva, said: "I'm not so excited, not like I was for the cup in 2002. I hope the team does well, but I don't agree with the high investments that the federal government made in the stadiums. Brazil has a huge deficit in the areas of healthcare, education and urban transport." But there is excitement too: "We've got a well-oiled team, the stadiums are ready and urban transport is good. It's just joyous," said a fan, Silas Lima. [...] Veteran fans acknowledge how fickle support has been in the past. Thiago Santos, 77, remembers the misery of Brazil's defeat in the 1950 final at the Maracanã and the unease that many felt about supporting the 1970 team during the dictatorship. But he said **moods change along with results. "We always live in a crisis, but the football comes along and we forget everything"** (WATTS, 2014).<sup>29</sup>*

O trecho exemplifica, então, como a interação do jornalista estrangeiro com as fontes locais parece influir no discurso – e, conseqüentemente, nas representações identitárias e nas produções de sentido – do correspondente ou enviado especial a respeito do país sede do megaevento.

Em outro texto publicado no dia 11 de junho de 2014, *The World Cup is really just for the people in helicopters* (Figura 6), o correspondente Owen Gibson, em São Paulo, também apresentava uma visão mais pluralista – e, portanto, menos essencialista – acerca da realidade brasileira e reportava a situação de desigualdade socioeconômica com a qual o país lidava às vésperas da abertura da competição: “*View from streets of Brazil’s largest city confirms what many fear: tournament simply gulf between rich and poor*”, anunciava a linha-fina do texto,

---

<sup>29</sup> **Tradução livre:** Muito agora vai depender do desempenho da equipe da casa. Uma vitória no jogo de abertura pode melhorar os ânimos. Se daqui a um mês e 64 jogos o Brasil se tornar vitorioso, o torneio ainda poderá ser visto como um sucesso. Mas a alternativa pode trazer mais do que apenas decepção, de acordo com Marcos Guterman, autor de *O Futebol Explica o Brasil*. “Se o Brasil for eliminado do torneio antes da final, prevejo grandes problemas”, diz ele. “A Copa do Mundo é uma medida da nossa capacidade, dentro e fora de campo. Por anos, muitos disseram que ‘vamos fazer a Copa das Copas e isso vai demonstrar que somos capazes’, mas agora que a Copa do Mundo realmente está acontecendo, aconteceram muitos problemas de planejamento – muitos atrasos, projetos prometidos não entregues, serviços de transporte público que ainda não começaram, estádios incompletos. Se o Brasil não for para a final, não tenho dúvida de que todos esses problemas vão se exacerbar. Ficarão muito piores.” O torcedor Diogo Barbosa, que estava no Rio, conta: “Vou assistir aos jogos e vou torcer para o meu time, mas existem coisas mais importantes para observarmos – como a direção que os protestos tomarão, a imagem que o Brasil deixará e se o fato de termos sido o país-sede será positivo para o Brasil...(sic) Se você misturar tudo o que aconteceu, é provável que o Brasil cresça a partir dessa situação, se não em dinheiro, [então] em espírito”. Outro torcedor, Michel Silva, explica: “Não estou tão animado, não como eu estava para a Copa de 2002. Espero que o time vá bem, mas não concordo com os altos investimentos que o governo federal fez nos estádios. O Brasil tem um enorme déficit nas áreas de saúde, educação e transporte público”. Mas há empolgação também: “Temos uma equipe bem ajustada, os estádios estão prontos e o transporte público é bom. É bonito de se ver”, diz o fã Silas Lima. [...] Fãs de mais idade reconhecem que a torcida não foi constante no passado. Thiago Santos, de 77 anos, lembra-se do sofrimento causado pela derrota brasileira na final de 1950 no Maracanã e do desconforto que muitos sentiram em torcer para o time de 1970 durante a ditadura. Mas ele diz que os ânimos mudam com os resultados. “Nós sempre vivemos em uma crise, mas o futebol vem e nós esquecemos tudo.” (WATTS, 2014a).

uma reportagem com os moradores do acampamento Copa do Povo, um movimento social de defesa à moradia, à época instalado às cercanias da Arena de São Paulo, o estádio em que ocorreu o jogo inaugural do mundial, no dia 12 de junho:

*From the hillside above the traffic-choked São Paulo, the residents of the Copa do Povo (Peoples's Cup) flash camp can see the gleaming £ 180m stadium that host the opening match of the 2014 World Cup. Despite the Brazilian flag fluttering over the makeshift tents, the camp organizer, Helena Santos, says stadium might as well be on the moon. "Most people here are revolted. No one wants to see the games. There's no excitement here", she says, looking across to the Arena de São Paulo, which was supposed to have been a catalyst for the regeneration of the Itaquera area (GIBSON, 2014).<sup>30</sup>*



Figura 6 - Print Screen realizado pelo autor em 21 de junho de 2016.

Além de brasileiros integrantes do acampamento Copa do Povo, o texto de Gibson cita também uma “florescente classe média”, ávida por melhores condições de saúde e educação:

*Both for the homeless workers setting up protests camps and the burgeoning middle class struggling to pay for education an healthcare, a range of pressing issues have been bound up in a distaste for Fifa, the corporate world and the corruption of their own football officials. The city's 11m residents are*

<sup>30</sup> **Tradução livre:** De cima dos morros que pairam sobre uma São Paulo cheia de trânsito, os moradores do acampamento Copa do Povo podem ver o esplêndido estádio de £ 180 mi que abriga a partida inaugural da Copa do Mundo de 2014. Apesar de a bandeira brasileira tremular sobre as tendas improvisadas, a organizadora do acampamento, Helena Santos, diz que o estádio parece estar em outro planeta. “A maioria das pessoas aqui está revoltada. Ninguém quer ver os jogos. Não existe empolgação”, ela diz, olhando para a Arena de São Paulo, que supostamente era para ter sido o epicentro da recuperação da região de Itaquera (GIBSON, 2014).

used to the hellish traffic and the helicopters queuing to deliver the city's super rich. "The World cup is for those in helicopters," laughs one of the camp residents (GIBSON, 2014).<sup>31</sup>

Nota-se então que, apesar de em determinados momentos a cobertura dos correspondentes de *The Guardian* reforçar uma visão essencialista de Brasil como o "País do futebol", os textos publicados às vésperas do início do Mundial também apresentaram os conflitos sociais, políticos e econômicos aos quais os diversos grupos culturais e sociais brasileiros estão envolvidos, como é característico das sociedades interculturais (CANCLINI, 2005, p. 17).



Figura 7 – Print Screen realizado pelo autor em 07 de junho de 2016.

Ainda no dia 11 de junho, a reportagem de Hadley Freeman – *World cup 2014: Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch* (Figura 7) – contextualizava a situação da capital paulista um dia antes da abertura do Mundial. Os problemas de mobilidade urbana e a insatisfação de determinados grupos sociais com a realização do evento foram o mote do texto, contudo, o epíteto “País do futebol” voltou a aparecer, apesar do tom crítico e do viés pluralista em relação ao que poderiam encontrar os visitantes que fossem à maior cidade do país.

<sup>31</sup> **Tradução livre:** Tanto para os trabalhadores desabrigados criando acampamentos de protestos quanto para a florescente classe média que luta para pagar por educação e saúde, uma série de questões prementes estão ligadas à aversão pela Fifa, pelo mundo corporativo e pela corrupção de seus próprios oficiais do futebol. Os moradores da cidade de 11 milhões de habitantes estão acostumados ao trânsito infernal e aos helicópteros fazendo fila para trazer os super-ricos à cidade. “A Copa do Mundo é para aqueles que estão nos helicópteros”, diverte-se um dos moradores do acampamento (GIBSON, 2014).

A reportagem considera que o contexto político e econômico turbulento em que o Mundial ocorria, em meio a greves e a protestos, poderia ser uma surpresa a quem chegasse à cidade da abertura da competição esperando encontrar “brasileiros devotos ao altar do futebol”. Assim, inicialmente, o autor constrói um discurso de contraponto a possíveis essencializações a respeito de uma identidade brasileira representada exclusivamente pelo futebol. Porém, em um segundo momento, ironiza o fato de que “adultos e crianças não puderam resistir” a tirar fotos com uma bola de futebol gigante montada em frente à estação de metrô de Itaquera, o que acaba por também reforçar o epíteto, de maneira subentendida (grifos nossos):

*Anyone coming to São Paulo with a headfull of cliches about Brazilians prostrating themselves devotedly at their altar of football will be a disconcerted as any tourists who arrive in England expecting to find Hogwarts. If football is a religion, São Paulo looks, at the very least, agnostic, and there is little excitement in the city about the impending World Cup at all. [...] It's easier to spot anti-World Cup graffiti in the town centre than it is spot any sign of Brazil's flabled love of football. [...] **But not even the traffic jams can entirely kill Brazilians's love of football** (Fifa, of course, is a different story). On Wednesday a giant football had been erected in Itaquerao (sic) station and, even though it was clearly an advert for a particular trainer, adults and children alike couldn't resist posing next to it for photos, fluttering like moths around one giant flame (FREEMAN, 2014).<sup>32</sup>*

A representação do Brasil como uma “nação obcecada pelo futebol” – pressuposta (DUCROT, 1987) como uma nação emocional e passional no significado do adjetivo “*obsessed*” – volta a comparecer em reportagem de Jonathan Watts (o correspondente de *The Guardian* na América Latina), publicada em *theguardian.com* no dia 09 de julho de 2014, com o título *Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat* (Figura 8).

Watts apresenta as reações dos brasileiros à derrota por 7 a 1 para a Alemanha pela semifinal do torneio. Nas palavras do autor, a “total destruição do país-sede pela Alemanha” [*“The host nation's comprehensive 7-1 destruction by Germany”*] suscitaria uma “autorreflexão” na “nação obcecada pelo futebol” [*“will prompt a bout of soul-searching in this football obsessed nation”*] e entraria para a história como um dos momentos mais traumáticos do país, como se pode notar nos parágrafos iniciais do texto (grifos nossos):

---

<sup>32</sup> **Tradução livre:** Qualquer um que venha a São Paulo com a cabeça cheia de clichês imaginando os brasileiros prostrados devotamente em frente a um altar do futebol ficaria confuso como qualquer turista que chegasse à Inglaterra esperando encontrar Hogwarts. Se o futebol é uma religião, São Paulo parece no mínimo agnóstica, e há pouca empolgação na cidade em relação à Copa do Mundo como um todo. [...] É mais fácil observar o grafite anti-Copa do Mundo no centro da cidade do que qualquer sinal do amor do Brasil pelo futebol. [...] Mas nem mesmo os engarrafamentos podem matar por completo o amor dos brasileiros pelo futebol (a Fifa, é claro, é uma história diferente). Na quarta-feira, uma bola de futebol gigante foi erguida na estação Itaquerao (sic) e, embora fosse claramente um anúncio de um treinador particular, adultos e crianças não conseguiam resistir a posar ao lado dela para fotos, vibrando como mariposas ao redor de uma chama gigante (FREEMAN, 2014).



*First there was dismay, then disbelief, then horror. As shocked Brazil watched one of the most spectacular collapses in World Cup history unfold with tears, curses and, finally, dejection.*

***The host nation's comprehensive 7-1 destruction by Germany in Tuesday's semi-final will prompt a bout of soul-searching in this football obsessed nation, but in the immediate aftermath the reaction was simply confusion.***

*On Copacabana beach in Rio de Janeiro, police had to break up an unruly crowd with pepper spray. In São Paulo, angry crowds burn a Brazil flag. [...] Brazil – the most successful nation in World Cup history – were expected to win a sixth title, erasing bitter memories of the defeat in the final of 1950, the last time the tournament was staged here. But Tuesday's thrashing will go down alongside that game as one of the most traumatic moments in Brazil's history. Manager Luiz Felipe Scolari called it a "catastrophe". Commentator Galvão Bueno, the voice of football in Brazil, said it was "the worst blackout in Brazil's history". Goalkeeper Júlio César described it simply as "inexplicable".*

*The Brazil captain, David Luiz, was forlorn. "I just wanted to see my people smiling. Everyone knows how much its was (sic) to see our country happy at least because of football. We couldn't, unfortunately. I'm sorry to you, all Brazilians." (WATTS, 2014b).<sup>33</sup>*

A passionalidade e a instabilidade emocional ficam, então, implícitas ao texto como características tanto dos jogadores, quanto de torcedores, quanto de manifestantes brasileiros. O jornalista destaca que, mesmo antes da partida entre Brasil e Alemanha, o país se assemelhava a uma nação à beira de um ataque de nervos, com protestos nas ruas e com uma seleção que vinha sendo "tão emotiva" ["*so emotional*"] que o técnico Luiz Felipe Scolari havia chamado uma psicóloga (o texto não cita, mas trata-se de Regina Brandão, especialista em psicologia esportiva que trabalha com Scolari desde 1993) para auxiliar o grupo a lidar com a pressão:

*Even before this game, Brazil has at times resembled a nation on the verge of a nervous breakdown in this World Cup. As well as the streets protests, the national team has been so emotional that the manager Luiz Felipe Scolari called a psychologist to help them deal with the pressure. The loss of*

---

<sup>33</sup> **Tradução livre:** Primeiro, desolação. Depois, descrença. Por fim, pavor. Foi assim que o Brasil assistiu, em choque, a um dos colapsos mais espetaculares da história das Copas do Mundo, com lágrimas, xingamentos e consternação. A total destruição do país-sede pelo 7 a 1 da Alemanha na semifinal de terça-feira fará com que os brasileiros dessa nação obcecada pelo futebol realizem uma profunda autorreflexão, mas a reação imediata foi simplesmente confusão. Na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, policiais precisaram dispersar multidões com spray de pimenta. Em São Paulo, multidões enfurecidas queimaram a bandeira do Brasil. [...] esperava-se que o Brasil, a nação de maior sucesso na história da Copa do Mundo, ganhasse seu sexto título e apagasse as amargas lembranças da derrota na final de 1950, último ano em que o evento aconteceu no país. Mas a lavada de terça-feira será lembrada junto ao jogo como um dos momentos mais traumatizantes da história do Brasil. O técnico Luiz Felipe Scolari chamou a derrota de "catástrofe". O comentarista Galvão Bueno, a voz do futebol no país, disse que foi "o maior apagão da história do Brasil". O goleiro Júlio César descreveu simplesmente como "inexplicável". O capitão da seleção, David Luiz, ficou desamparado. "Eu só queria ver meu povo sorrir. Todo sabem quanto era mais importante, para mim, ver o Brasil inteiro feliz pelo menos por causa do futebol. Infelizmente não conseguimos. Desculpa a todo mundo, desculpa a todos os brasileiros" (WATTS, 2014b).

playmaker and national idol Neymar in the quarter-final only added to the unease (WATTS, 2014b).<sup>34</sup>



Figura 8 – Print Screen realizado pelo autor em 07 de junho de 2016.

Estabelece-se, ainda, na sequência, a imagem de um país que havia “parado” para assistir ao jogo, uma nação que, antes do pontapé inicial, festejava a seleção, cantava e dançava cheia de expectativas, mas que, com o resultado inesperado em campo, entrou em colapso, reforçando-se a ideia de que a paixão dos brasileiros pelo futebol os tornaria instáveis e suscetíveis aos resultados em campo:

*Ahead of the kickoff, TV stations showed images of deserted roads across the country as the nation tuned in to view the match. Tens of thousands of people had turned up to watch on the giant screens on Copacabana beach.*

*Braving darkening skies, they were initially in an upbeat mood, belting out the samba rhythm of carnival classic I'm Going to Celebrate. The crowd sang the words: “Cry! I don't mind, The hour has come, You're going to pay me. You can cry. You can cry. You can cry. Cry more!”*

*An ominous thundercrack marked the start of the match, then the rains lashed down at the misery unfolding on the pitch 200 miles away in Belo Horizonte grew more intense.*

*By the fourth goal, one disconsolate Brazil fan near the giant screens on Copacabana beach walked over to a group of Germans and handed them his national flag in gesture of surrender.*

<sup>34</sup> **Tradução livre:** Mesmo antes desse jogo, o Brasil às vezes parecia uma nação à beira de um colapso nervoso nessa Copa do Mundo. Assim como os protestos que tomaram as ruas, a seleção estava tão emotiva, que o técnico Luiz Felipe Scolari chamou um psicólogo para ajudá-los a lidar com a pressão. A perda de Neymar, criador de jogadas e ídolo nacional, nas quartas de final, também aumentou o nervosismo (WATTS, 2014b).

*Many dejected fans wandered home at half time. Some bars closed early fearing the dark mood would lead to fights (WATTS, 2014b).<sup>35</sup>*

O texto lembra, contudo, que apenas brigas de pequena escala haviam sido registradas. A imagem de um país festivo e receptivo – ao menos antes da partida – é então reforçada, apesar do clima de decepção e de confusão estabelecidos após a derrota para os alemães. Uma sequência de citações diretas de falas de torcedores brasileiros entrevistados após o jogo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, demarcam a multiplicidade de opiniões e a instabilidade à qual as noções de brasilidade se inscrevem. Ao mesmo tempo em que o autor ressalta episódios de repressão policial, indica que um alemão havia dito que os brasileiros foram muito amigáveis mesmo após a partida:

*“This is a really bad day. We were all expecting a big party even though we knew the German team was one of the best. This result was beyond our worst imagination,” said Luiza Ramos. After the game, hearing rumors of fighting on the beach, she asked her German boyfriend, Martin Becker, to change into a Brazil shirt on the way home through the streets. Becker said he had been well treated. “Everyone was very friendly. They all came up to me and said, ‘If Germany meets Argentina in the final, you have to beat them.’”*

*Another fan, Rodrigo Carvalho, lay on the side of the road waiting for his eyes to stop burning. “I didn’t do anything. I just wanted to ask the police what was happening, then they sprayed me,” he said. When asked to explain what happened, a police officer simply shrugged. “It’s because Brazil lost,” he said.*

*Bruno Dana, a travel agent from Rio, was more nuanced, saying the result would not have a long-term effect. He said: “The bottom line is that everything’s a party here. You can’t stay sad. Sports are just like this.”*

*Other expressed sympathy. “I think Brazil got too stressed with the first goal because they weren’t expecting it,” said Rafaela Bueno, a visitor from Belo Horizonte. “The team wasn’t as well prepared as the Germans. The Brazilian team has a very low average age. They’re just not so balanced.” (WATTS, 2014b).<sup>36</sup>*

---

<sup>35</sup> **Tradução livre:** Antes do início do jogo, as emissoras de TV mostravam imagens de ruas desertas no país inteiro enquanto a nação ligava a televisão para assistir à partida. Dezenas de milhares de pessoas se reuniram em frente a telões gigantescos na praia de Copacabana. Debaixo de um céu que escurecia, os torcedores entoavam em ritmo de samba e com muito bom humor o clássico do carnaval Vou Festejar. A multidão cantava: “Chora! Não vou ligar, Chegou a hora, Vais me pagar. Pode chorar. Pode chorar. Pode chorar. Mas chora!”. Um trovão fatídico marcou o início da partida. Em seguida, enquanto a chuva caía, aumentava o tormento que se sucedia no gramado a 300 km de distância, em Belo Horizonte. No quarto gol, um fã brasileiro desconsolado que estava perto de um dos telões na praia de Copacabana foi até um grupo de alemães e entregou a eles sua bandeira em um ato de rendição. Desconsolados, muitos fãs voltaram para casa no fim do primeiro tempo. Alguns bares fecharam cedo por medo de que o clima tenso fizesse surgirem brigas (WATTS, 2014b).

<sup>36</sup> **Tradução livre:** “Hoje foi um dia muito ruim. Estávamos todos esperando uma festa enorme, apesar de sabermos que o time alemão era um dos melhores. Esse resultado foi além da nossa pior imaginação”, conta Luiza Ramos. Depois do jogo, ouvindo boatos de brigas na praia, pediu a seu namorado alemão, Martin Becker, que colocasse uma camisa do Brasil quando estivessem voltando para casa. Becker disse que foi bem tratado. “Todo mundo foi muito simpático. Vinham até mim e diziam: ‘Se a Alemanha jogar com a Argentina na final, vocês precisam vencê-los’.” Outro fã, Rodrigo Carvalho, esperava sentado na sarjeta que seus olhos parassem de arder. “Eu não fiz nada. Só queria perguntar a um policial o que estava acontecendo, mas acabaram jogando spray de

### 4.3 O discurso de *The Times* na Copa do Mundo FIFA 2014

Às vésperas do início do Mundial, a cobertura de *The Times* volta-se aos problemas de segurança, aos atrasos e aos protestos que cercavam o megaevento. Os aspectos esportivos também recebiam destaque. A reportagem *Clashes in São Paulo amid safety fears over stadium*, publicada no dia 10 de junho de 2014, dois dias antes da abertura da competição, destacava que a partida entre Brasil e Croácia ocorreria sem que a Arena Corinthians houvesse passado por ao menos um teste oficial com cem por cento das arquibancadas ocupadas. Os parágrafos iniciais do texto lembram, ainda, dos confrontos entre policiais e metroviários que ocorreram dias antes da cerimônia de abertura na capital paulista:

*Brazilian riot police have used tear gas to break up protests in support of striking transport workers in São Paulo only days before the opening game of the World Cup finals. [...] Meanwhile, there are major safety fears after emerged that organisers (sic) are yet to test the stadium that will host the opening game at anything near full capacity.*

*Fifa insisted that Brazil's opening group-A game at Arena de São Paulo would be played in front of a full crowd of 61,600, even though one large temporary seating structure in the stadium was closed during trial safety runs.*

*British stadium specialists said last night that for a ground to be granted the mandatory safety certificates required in the UK, any new stadium would have to be tested at least once "at or around 100 per cent capacity".*

*The final test event on Sunday – Corinthians Under-20s taking on their Under-17 counterparts – took place without any spectators in an empty stadium, a week after a game between the São Paulo club's senior team and Botafogo was hosted at partial capacity, with only 40,000 tickets put on sale.*

*On that occasion, the local fire department failed to approve the use of a giant temporary seating area, meaning that Brazil's opening match will be the first time the stadium will have operated at full capacity (DUCKER, 2014a).<sup>37</sup>*

---

pimenta em mim”, ele conta. Quando pedi a um policial para que me explicasse o que havia acontecido, ele simplesmente deu de ombros. “É porque o Brasil perdeu”, diz ele. Bruno Dana, agente de viagens carioca, deu uma resposta mais completa, dizendo que o resultado não teria um efeito de longo prazo. Ele explica: “O negócio é que é tudo festa aqui. Não pode ficar triste. No esporte é assim.” Outros expressaram solidariedade. “Acho que o Brasil ficou muito estressado com o primeiro gol, porque ninguém estava esperando”, conta a belo-horizontina Rafaela Bueno. “O time não tinha tanto preparo quanto os alemães. Os jogadores da seleção brasileira em média são bastante jovens. Não têm tanto equilíbrio.” (WATTS, 2014b).

<sup>37</sup> **Tradução livre:** A polícia usou gás lacrimogêneo para dispersar os protestos a favor da greve dos trabalhadores do transporte público em São Paulo que aconteceram apenas alguns dias antes do jogo de abertura das finais da Copa do Mundo. [...] Ao mesmo tempo, há sérios receios com a segurança depois de surgirem boatos de que os organizadores ainda não haviam testado com a capacidade máxima o estádio em que aconteceria o jogo de abertura. A Fifa insistiu que o jogo de abertura do Brasil no grupo A realizado na Arena de São Paulo fosse feito em frente a uma multidão de 61.600 pessoas, mesmo com uma grande estrutura de assentos temporários do estádio fechada durante os testes de segurança. Profissionais britânicos especialistas em estádios afirmaram na noite de ontem que, para uma estrutura receber os certificados de segurança exigidos no Reino Unido, todo estádio novo deve ter sido testado no mínimo uma vez “com 100% de sua capacidade total ou aproximadamente esse valor”. O último evento-teste realizado no sábado, um amistoso entre os times sub-17 e sub-20 do Corinthians, aconteceu sem nenhum espectador em um estádio vazio. Uma semana antes, um jogo entre a equipe sênior do São Paulo e o Botafogo foi realizado com capacidade parcial, com apenas 40 mil ingressos à venda. Até então o corpo de bombeiros não havia

O jornalista James Ducker, correspondente de esportes de *The Times* em Manchester entre 2005 e 2016 e enviado ao Brasil para a cobertura do megaevento em 2014, questiona as licenças concedidas para que o estádio operasse durante o Mundial e reitera que, no dia anterior (09 de junho), ainda havia trabalho sendo feito no local, fato constatado pela equipe de reportagem do *Times* em visita à Arena Corinthians:

*The licence (sic) to operate World Cup matches at the ground as well as the safety and security licences were due to be published today in line with standard Brazilian procedures, according to Fifa and the Local Organising Committee (LOC). However, when The Times visited the Arena São Paulo yesterday, work was still being carried out on the stadium. No safety rails had been erected in the press box on the second tier of the ground, leaving a giant drop below, while elsewhere it was noticeable that escalators had yet to be finished being installed (DUCKER, 2014a).<sup>38</sup>*

O texto lembra ainda que o estádio acabou sendo pago, em sua maioria, com dinheiro público oriundo de impostos, o que deixou muitos brasileiros insatisfeitos e acabou também motivando os protestos: *“Although Brazilians were originally told that much of the stadium costs would be privately funded, taxpayers have ended up footing the majority of the bill, a situation that has caused anger and sparked protests” (DUCKER, 2014a).<sup>39</sup>*

O contexto político turbulento em meio ao qual o Mundial se iniciava também recebe destaque em outra reportagem de James Ducker [*Boy wonder can ensure Brazil sing one tune* (Figura 9)], publicada em *thetimes.co.uk* no dia 12 de junho de 2014, horas antes da abertura do Mundial. Os parágrafos iniciais do texto apresentam esse cenário político turbulento e se referem ao Brasil como um país em que o futebol e a música estão “indelevelmente ligados” [*“indelibly linked”*] no que o autor chama de “psique global” [*“global psyche”*] (grifos nossos):

*It is a reflection of the bureaucracy and petty realpolitik that have turned what should be one of the most romantic World Cups into a political hot potato that in a country where football and music are indelibly linked in the global psyche, instruments will be banned from Brazil’s stadiums over the course of the tournament.*

*The vuvuzela experience at the previous World Cup finals in South Africa four years ago persuaded Fifa to issue the veto, with Brazilian efforts to provide a*

---

autorizado o uso de uma enorme área de assentos temporários, o que significa que a partida de abertura do Brasil será a primeira ocasião em que o estádio funcionará com sua capacidade total (DUCKER, 2014a).

<sup>38</sup> **Tradução livre:** O alvará para realização das partidas da Copa do Mundo e os alvarás de segurança devem ser publicados hoje conforme os procedimentos-padrão do país, de acordo com a Fifa e com o Comitê Organizador Local (COL). Ainda assim, quando o *The Times* visitou a Arena São Paulo ontem, o estádio ainda passava por obras. Os corrimãos não tinham sido instalados na área de imprensa no segundo andar, havendo um espaço aberto enorme embaixo. Além disso, era perceptível que as instalações das escadas rolantes ainda precisavam ser concluídas (DUCKER, 2014a).

<sup>39</sup> **Tradução livre:** Embora os brasileiros tenham sido originalmente informados de que muitos dos custos do estádio seriam financiados pelo setor privado, os contribuintes acabaram pagando a maioria da conta, uma situação que causou raiva e provocou protestos (DUCKER, 2014a).

*more melodious alternative falling on deaf ears in another blow to the already strained relations between the host nation and the game's world governing body.*

*It means the thousands of Brazil fans who will turn the Arena de Sao Paulo (sic) into a sea of yellow and green for the tournament's long-awaited curtain raiser against Croatia this evening will have to devise some more creative means of making a din than simply relying on the dull tones of the stadium PA (DUCKER, 2014b).<sup>40</sup>*



*Figura 9 – Print Screen realizado pelo autor em 15 de março de 2016.*

O atacante Neymar e a Seleção Brasileira são apontados pelo jornalista como o único grupo que poderia assegurar que as tensões no país se dissolvessem, fazendo com que os “brasileiros” voltassem a “cantar majoritariamente no mesmo tom” [*“largely to the same tune”*] se as vitórias em campo ocorressem:

*And yet Brazil knows deep down that **there is only one group who can ensure the country are singing largely to the same tune** after one of the most conflicted, divisive and ugly build-ups in the 84-year history of the World Cup, a monument to bloated, inept and self-serving administration more in keeping with what some have described as a “semi-feudal oligarchy”.*

<sup>40</sup> **Tradução livre:** Isso é reflexo da burocracia e da politicagem, que transformaram o que deveria ser uma das Copas do Mundo mais fascinantes da história em um abacaxi de relações políticas. Em um país onde futebol e música estão indelevelmente ligados na psique global, os instrumentos serão banidos dos estádios brasileiros durante o evento. A experiência com as vuvuzelas nas finais da Copa do Mundo na África do Sul há quatro anos persuadiu a Fifa a aprovar o veto. O empenho que os brasileiros tiveram para fornecer uma alternativa mais harmônica entrou por um ouvido e saiu pelo outro no que acabou se tornando outro golpe nas relações já tensas entre o país-sede e a instituição internacional administradora do evento. Ou seja, os milhares de fãs brasileiros que transformarão a Arena São Paulo em um mar verde-amarelo para o tão aguardado jogo de inauguração contra a Croácia hoje à noite terão de encontrar um jeito mais criativo de fazer barulho em vez de só contar com o som sem graça dos alto-falantes do estádio (DUCKER, 2014b).

*The weight of expectation on Luiz Felipe Scolari and his Brazil players – none more so than that boy wonder, Neymar – was always going to be acute but the financial burden of a tournament that threatens to leave little social legacy bar 12 shiny stadiums in a country craving what protesters have ironically dubbed “Fifa-standard” healthcare, housing, education and infrastructure has increased the pressure to almost intolerable levels (DUCKER, 2014b).<sup>41</sup>*

O texto subentende, portanto, que um triunfo do selecionado brasileiro em campo seria a única solução capaz de amenizar a irritação de determinados grupos sociais fora de campo, fazendo com que os habitantes do país voltassem a cantar majoritariamente no mesmo tom [“*there is only one group who can ensure the country are singing largely to the same tune*”]. O futebol é descrito, neste sentido, como um possível “remédio” – para dialogar com a conceituação de José Miguel Wisnik, em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008) – às tensões nacionais, um “antídoto” que seria capaz de “unir” o país, caso os resultados em campo fossem a vitória.

Ducker cita, ainda, uma pesquisa do jornal brasileiro Folha de São Paulo e lembra que o apoio à realização do torneio no país havia diminuído desde novembro de 2008, um ano após o Brasil ter sido formalmente anunciado como a sede do megaevento. Apesar disso, o jornalista ressalta que o suporte à Seleção Brasileira havia crescido no período, muito por conta do desempenho da equipe na Copa das Confederações, em 2013. O gol de voleio de Neymar no jogo de abertura da competição contra o Japão e a vitória por 3 a 0 diante da Espanha na final do Mundial, segundo o autor, reacenderam “o **amor de longa data** do país pela Seleção” [“*rekindled the country’s longstanding love affair with the Seleção*”] (grifos nossos):

*The seeds for this support were sown during Brazil’s Confederations Cup triumph last summer, when Neymar’s exquisite third-minute volley in the opening match against Japan **rekindled the country’s longstanding love affair with the Seleção**, a bond only bolstered by the 3-0 defeat of Spain, the world and European champions, in the final.*

*The question is whether Brazil can repeat the trick on sport’s biggest stage knowing that **failure could trigger a wave of fresh anger** over World Cup’s estimated costs of \$13.5 billion (about £8 billion) to taxpayers, an exorbitant sum that could have funded the country’s annual “Bolsa Família” social welfare programme twice over. Tostão, a member of Brazil’s 1970 World Cup-winning team, summed things up yesterday when he said: **“If we win we***

---

<sup>41</sup> **Tradução livre:** Apesar disso, no fundo o Brasil sabe que existe apenas um grupo que pode garantir que o país se mantenha em sintonia depois de um dos períodos precedentes ao evento mais conflituosos, divisórios e sórdidas dos 84 anos de história da Copa do Mundo, um monumento a uma administração inchada, inábil e egoísta de acordo com o que alguns descrevem como uma “oligarquia semifeudal”. O peso da expectativa que existia sobre Luiz Felipe Scolari e sobre os jogadores da seleção brasileira (e, mais do que ninguém, sobre Neymar, garoto prodígio) ia ser sempre muito grande. Entretanto, o fardo financeiro de um torneio que ameaça deixar poucos legados sociais (como os 12 estádios novinhos em folha em um país que suplica por aquilo que os manifestantes ironicamente apelidaram de saúde, habitação, educação e infraestrutura “padrão Fifa”) aumentou a pressão em níveis quase intoleráveis (DUCKER, 2014b).

*are going to be heroes, if we lose we are going to be mercenaries”. There is a fickleness at the heart of Brazilian supporters, encapsulated when the team were booed off after a goalless first half against Serbia last week (DUCKER, 2014b).*<sup>42</sup>

O texto questiona, então, se a Seleção Brasileira repetiria, no Mundial, os bons resultados obtidos na Copa das Confederações e subentende que uma falha da equipe na Copa do Mundo poderia incitar uma nova onda de protestos [*“The question is whether Brazil can repeat the trick on sport’s biggest stage knowing that failure could trigger a wave of fresh anger”*]. Uma fala do ex-jogador e articulista brasileiro Tostão é citada por James Ducker, em uma aparente tentativa de legitimar a sua própria argumentação e, ao mesmo tempo, de aproximar os leitores da realidade e das personalidades locais. O trecho subentende uma identidade brasileira dualista, instável e apaixonada [*“If we win, we are going to be heroes, if we lose we are going to be mercenaries”*]. Na frase seguinte [*“There is a fickleness at the heart of Brazilian supporters”*], o adjetivo substantivado *“fickleness”* pressupõe (e reforça) a ideia de um *“ser”* brasileiro *“instável”*, *“inconstante”* e, deste modo, apaixonado, emocional e suscetível à mudanças de humor repentinas que poderiam variar conforme os resultados em campo. O trecho, contudo, denota que o apoio à Seleção também não era unânime àquele momento.

O futebol também é colocado como um possível remédio às tensões e aos protestos de determinados grupos sociais em reportagem publicada no dia 13 de junho de 2014, após o jogo entre Brasil e Croácia. O artigo – também assinado por James Ducker – indica, porém, uma nação dividida e desigual, em que parte da população demonstrava resistência a festejar a cerimônia de abertura do megaevento, como fica demarcado logo no título da reportagem [*Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony* (Figura 10)] e no próprio texto (grifos nossos):

*The truth is that Brazil is unsure how it should feel about this World Cup, uncertain about how an outpouring of patriotism might be received when there are so many groups appalled that the country has committed \$13.5 billion to fund a football tournament when schools, hospitals and public transport go neglected.*

---

<sup>42</sup> **Tradução livre:** As sementes dessa torcida foram plantadas durante o triunfo do Brasil na Copa das Confederações ano passado, quando o magnífico gol de voleio de Neymar no terceiro minuto do jogo de abertura contra o Japão reacendeu o amor de longa data do país pela Seleção. Essa relação melhorou ainda mais com a derrota por 3 a 0 da Espanha, campeã mundial e europeia, na final. A questão é se o Brasil vai conseguir repetir a façanha no maior palco do futebol, sabendo que o fracasso poderia desencadear uma nova onda de protestos sobre os custos do evento, estimados em US\$ 13,5 bi (cerca de € 8 bi) para o contribuinte, uma quantia exorbitante que poderia ter financiado duas vezes o programa nacional anual de bem-estar social Bolsa Família. Tostão, membro da seleção brasileira vencedora da Copa do Mundo de 1970, resumiu tudo ontem em uma declaração: “Se o Brasil ganhar, os jogadores serão heróis. Se perder, serão chamados de mercenários”. Existe uma inconstância no coração dos torcedores brasileiros, encapsulada semana passada quando o time saiu de campo sob vaias depois do primeiro tempo por não ter marcado nenhum gol contra a Sérvia (DUCKER, 2014b).



*Even after spending only four days in São Paulo, and watching a city's infrastructure creak amid the sheer masses of people here it is easy to sympathise (sic) with the protesters.*

*Yet as the national anthem was belted out at the Arena Corinthians last night amid an emotive sea of yellow and green shirts and flags, the smiles on the faces of supporters hardly suggested a preoccupation with thoughts about pressing social issues.*

*Some Brazilians want to enjoy the party while it lasts and worry about the rest later. Others, not least those protesters who tried to block a road leading to the stadium yesterday only be attacked with teargas by police, obviously feel very differently. The split is marked.*

*If anything can lift the mood in this country for a brief while, though, it is football (DUCKER, 2014c).<sup>43</sup>*



**Figura 10** – Print Screen realizado pelo autor em 15 de março de 2016.

Em outro trecho da reportagem, Ducker mostra surpresa e dificuldade para relatar o que havia encontrado no Brasil e procura embasar a sua argumentação no relato de uma fonte local.

<sup>43</sup> **Tradução livre:** A verdade é que o Brasil não tem certeza sobre o que deve sentir por essa Copa do Mundo ou sobre como uma efusão de patriotismo pode ser recebida num momento em que tantos grupos estão consternados com o fato de o país ter gastado US\$ 13,5 bi para financiar um torneio de futebol quando escolas, hospitais e transportes públicos são negligenciados. Mesmo depois de passar apenas quatro dias em São Paulo e de ver a infraestrutura da cidade ranger com o número gigantesco de pessoas que vieram para cá, é fácil simpatizar com os manifestantes. Apesar disso, enquanto o hino nacional foi cantado a plenos pulmões na Arena Corinthians ontem à noite em meio a um mar de pessoas deslumbradas de camisetas e bandeiras verde-amarelas, os sorrisos nos rostos dos torcedores nem de longe demonstravam preocupação com problemas sociais urgentes. Alguns brasileiros quiseram aproveitar a festa enquanto durava e se preocupar depois com o resto. Outros, principalmente os manifestantes que ontem foram atacados pela polícia com gás lacrimogêneo ao tentarem bloquear uma das ruas que levava ao estádio, não sentem o mesmo. A divisão é clara. Se existe algo que pode melhorar o humor deste país pelo menos um pouco, é o futebol (DUCKER, 2014c).

O autor encerra o artigo retomando a ideia de que o futebol poderia unir um país dividido, mas isso, só o tempo diria se de fato ocorreria [*“Whether football retains the power to unite a country divided, only time will tell”*] (grifos nossos):

*Many outsiders might have expected Brazil to be cloaked in green and yellow and positively bouncing to the sound of beeping car horns and samba drums but it is hard to over-emphasise (sic) just how the build-up has been. Fear of reprisal certainly stalks some.*

*Miguel Gonçalves, a shop owner in the Rio de Janeiro neighbourhood (sic) of Flamengo, chose to follow tradition and decorate the street on which he lives, but some took offence. “When I was putting up flags, someone stopped me and asked ‘So you are supporting the politicians? You are supporting Fifa?’”, he explained. “I said, ‘No, I am supporting my country, I am supporting the Seleção. This is football, not politics’. People are mixing these up.”*

***Whether football retains the power to unite a country divided, only time will tell*** (DUCKER, 2014c).<sup>44</sup>

Estabelece-se, portanto, uma representação intercultural e plural dos diversos grupos sociais que compõem as múltiplas e desiguais realidades brasileiras (SCHWARZ, 2015, p. 15; ORTIZ, 2013), contudo, há também a homogeneização de um “*ser*” brasileiro emocional, alguém que basearia as suas decisões mais a partir do coração do que da razão. Esse discurso hegeliano – estabelecido na própria historiografia brasileira do início do século XX, em textos como *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 1995)<sup>45</sup> – aparece ainda na descrição de *The Times* acerca dos torcedores, dos manifestantes e dos jogadores brasileiros. Durante a cobertura em tempo real da partida entre Brasil e Alemanha pela semifinal do Mundial, o jornalista Howard Swains indica que os jogadores brasileiros estavam inconsoláveis e afirma que o resultado era uma humilhação sem precedentes para “a nação mais bem sucedida na história das Copas do Mundo” [*“The most successful nation in the history of the World Cup”*], a qual possuía “os torcedores mais apaixonados de todos” [*“the most passionate supporters of them all”*]:

---

<sup>44</sup> **Tradução livre:** Talvez muitos estrangeiros esperassem encontrar o Brasil coberto de verde e amarelo e dançando alegre ao som de buzinas de carros e tambores de samba, mas é difícil descrever o período que antecedeu a Copa. O medo de represálias com certeza persegue alguns. Dono de uma loja no bairro carioca do Flamengo, Miguel Gonçalves escolheu seguir a tradição e decorou a rua onde mora, o que ofendeu algumas pessoas. “Quando eu estava pendurando as bandeiras, me pararam e perguntaram: ‘Então você está torcendo para os políticos? Está torcendo para a Fifa?’”, ele explica. “Eu disse: ‘Não, estou torcendo para o meu país, estou torcendo para a Seleção. Isso não é política, é futebol’. As pessoas estão misturando as coisas.” Será que o futebol é forte o bastante para reunificar um país dividido? Somente o tempo poderá dizer (DUCKER, 2014c).

<sup>45</sup> Sérgio Buarque de Holanda afirma, por exemplo, sobre o modo da sociedade brasileira de se organizar politicamente no período que antecedeu à Independência do país, em 1822: “O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente energética do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação, ou antes, uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras. Quer dizer, exatamente o contrário do que parece convir a uma população em vias de se organizar politicamente” (1995, p. 61).

*As Germany Players pogo in delight in front of their fans, their Brazil counterparts are inconsolable. This is humiliation on an unprecedented scale. The most successful nation in the history of the World Cup, with the most passionate supporters of them all, have just gone out of the tournament they were supposed to win in the most whimpering fashion. There are no words (SWAINS, 2014).<sup>46</sup>*

#### 4.4 O discurso de *The Wall Street Journal* na Copa do Mundo FIFA 2014

A reportagem do jornalista Matthew Futterman *The World Cup: Continental Divide* (Figura 11) também apresenta excertos em que determinadas noções de brasilidade se manifestam, sobretudo por meio do futebol, como veios de identificação nacional. Futterman é repórter de esportes de *The Wall Street Journal* e esteve no Brasil para a cobertura do megaevento em 2014. O texto foi publicado no dia 05 de junho daquele ano, em *wsj.com*, a uma semana da abertura da competição.



*Figura 11 – Print Screen realizado em 09 de março de 2017.*

O jornalista aborda as chances das seleções sul-americanas de vencerem o torneio e compara o futebol sul-americano ao futebol europeu, afirmando que a rivalidade entre ambos

<sup>46</sup> **Tradução livre:** Enquanto os jogadores alemães pulam de alegria em frente aos fãs, seus colegas brasileiros se mostram inconsoláveis. É uma humilhação sem precedentes. A nação mais bem-sucedida da história da Copa do Mundo, cujos torcedores são os mais apaixonados de todos, acabou de sair do torneio que deveria ter vencido da forma mais emocionante. Não existem palavras para descrever (SWAINS, 2014).

estaria mais forte do que nunca no Mundial [“*The Europe vs. South America rivalry is stronger than ever*”]. Os parágrafos introdutórios do texto citam uma entrevista de Pelé em que o denominado “mais famoso embaixador do país” [“*the country’s most famous ambassador, the man known as the greatest soccer player ever*”] havia demonstrado expectativa por uma final entre seleções sul-americanas (grifos nossos):

*Pelé is dreaming of South American glory.*

*A little more than a month before the start of the World Cup in Brazil, the country’s most famous ambassador, the man known as the greatest soccer player ever, stood in a Miami art studio and spoke of his reveries of a final between the two powerhouses of South American soccer, Argentina and Brazil. Pelé, of course, would prefer that Brazil win, just as it did three times when he played.*

*Another dream would be for Brazil to beat Uruguay in a late round, thereby avenging its loss in the final in 1950, the last time Brazil hosted the World Cup. That loss left Pelé’s father and all of his father’s friends in tears. **Pelé was nine years old at the time. It remains one of his earliest memories of seeing growing men cry** (FUTTERMAN, 2014a).<sup>47</sup>*

O trecho reforça uma memória acerca da rivalidade entre Brasil e Argentina, as “forças da casa” [“*powerhouses*”] latino-americanas, bem como resgata o duelo histórico entre as seleções de Brasil e Uruguai na Copa do Mundo de 1950. Neste segundo caso, subentende-se (DUCROT, 1987) aos leitores a ideia de que uma derrota no futebol, especialmente uma derrota em casa como a de 1950, seria capaz de fazer os “brasileiros” – metonimicamente representados nas figuras do pai de Pelé e dos amigos do pai de Pelé – chorarem. A ideia implícita à frase, então, é a de que “brasileiros” adultos seriam capazes de chorar por um revés no futebol. Um triunfo, por outro lado, vingaria o episódio de 1950.

Nos parágrafos imediatamente subsequentes, o jornalista afirma que um sentimento de esperança em relação ao título do Mundial varria a América do Sul às vésperas da Copa-2014. Utilizando adjetivos como “*quixotic*”, o texto pressupõe, no entanto, que essa esperança estaria circunscrita a um campo idílico e romântico; apesar disso, o autor destaca que as Copas do Mundo são, entre outras coisas, o mais justo e competitivo torneio esportivo global, diferentemente dos Jogos Olímpicos, em que os países mais ricos dominam (grifos nossos):

---

<sup>47</sup> **Tradução livre:** Pelé sonha com a glória sul-americana. Pouco mais de um mês antes do início da Copa do Mundo do Brasil, o embaixador mais famoso do país, o homem conhecido como o maior jogador de futebol de todos os tempos, esteve em um estúdio de arte de Miami e contou sobre seus devaneios de uma final entre os dois soberanos do futebol sul-americano: Brasil e Argentina. Pelé obviamente prefere que o Brasil ganhe como nas três vezes em que ele jogou. Também sonha com o Brasil vencendo o Uruguai em uma partida próxima da final, vingando sua derrota na final de 1950, última vez em que o Brasil foi sede da Copa do Mundo. Essa derrota fez com que o pai de Pelé e todos os seus amigos fossem às lágrimas. Na época, Pelé tinha nove anos de idade, e essa continua sendo uma de suas lembranças mais antigas de homens adultos chorando (FUTTERMAN, 2014a).

*“We have a very big responsibility,” Pelé said. “Everyone in our country wants to see Brazil win.”*

*Such visions have been sweeping South America on the eve of the World Cup, which begins Thursday when Brazil faces Croatia in São Paulo. From Bogotá to Buenos Aires, in Quito, Santiago and Salvador, there is a hope, however **quixotic**, that South America will rise the year to become the world’s dominant soccer continent. They would lay waste to the giants of Europe, with their lecture about technical superiority, and how it trumps the **creativity** and **flair** that South Americans have brought to the game for a century. That more disciplined approach is spreading. “Tactical systems have become homogenized”, says Arsène Wenger, the French coach of Arsenal of the English Premier League. “What is the World Cup? It’s the opposition between Europe and South America. Now all the best coaches and players come to Europe.”*

*The World Cup is many things – a sporting event, a spectacle, and the world’s most peaceful demonstration of full-throated nationalism. It is also the fairest and most competitive global athletic competition. In the Olympic Games, huge or extremely wealthy countries dominate. But countries small and large and rich and poor have excelled at the World cup. Feelings of national and continental identity can run even deeper (FUTTERMAN, 2014a).<sup>48</sup>*

Compreendendo, então, o Mundial como uma fonte de produção e reprodução de identidades e diferenciações, Matthew Futterman indica que um jogo de “resultados” e uma “abordagem mais disciplinada” [*“more disciplined approach”*] praticados pelos europeus estariam sendo cada vez mais praticados pelos latino-americanos. Em uma tentativa de validar a sua argumentação, o texto utiliza citações diretas de falas de Pelé e do ex-jogador argentino Mário Kempes (grifos nossos):

*For decades, conventional wisdom has held that South America, the land of street soccer, Futsal (a miniature version of the game played with a small ball, heavy ball) and foot-volleyball, produces the greatest players. **But with the exception of Brazil, Europe now produce the greatest teams, with their hierarchical training academies and sophisticated coaching.** This is the land that created the patient defensive juggernauts from Germany and Italy, and the Netherlands’ “Total Football” revolutionaries, who created a system in*

---

<sup>48</sup> **Tradução livre:** “Temos uma enorme responsabilidade”, afirma Pelé. “Todo mundo no país inteiro quer ver o Brasil ganhar”. Esse tipo de opinião é unânime em toda a América do Sul na véspera da Copa do Mundo, que começa nesta quinta, quando o Brasil encara a Croácia em São Paulo. De Bogotá a Buenos Aires, passando por Quito, Santiago e Salvador, existe uma esperança (um tanto quixotesca) de que a América do Sul se levantará este ano, tornando-se o continente proeminente no futebol. De que destruirão os gigantes da Europa e seu discurso sobre como a superioridade técnica supera a criatividade e o talento que os sul-americanos trazem ao jogo há um século. Essa abordagem mais disciplinada está cada vez mais comum. “Os esquemas táticos se tornaram homogêneos”, conta Arsène Wenger, técnico francês do Arsenal na Premier League inglesa. “O que é a Copa do Mundo? É a oposição entre Europa e América do Sul. Hoje em dia todos os melhores técnicos e jogadores vêm para a Europa.” A Copa do Mundo é várias coisas: é um evento esportivo, é um espetáculo e é a demonstração mais pacífica de um nacionalismo exacerbado do mundo inteiro. É também a competição atlética internacional mais justa e mais competitiva. Nas Olimpíadas, quem domina são os países maiores ou extremamente ricos. Mas na Copa do Mundo, destacam-se países pequenos, grandes, ricos, pobres. Os sentimentos de identidade nacional e continental podem se tornar ainda mais fortes (FUTTERMAN, 2014a).

*which any player plays any position at any time, like a machine with interchangeable parts.*

*South America has always celebrated individual style as much as results. This is the continent that produced magicians like Pelé and Diego Maradona, who could make the ball dance over the heads and through the legs of their European opponents.*

*However, as more South American players have infiltrated the European league, South America's best national teams have begun to take a far more disciplined and results-oriented approach to international competition.*

*"Now winning is more important and it trumps the way you achieve it," said Mario Kempes, the ESPN commentator and former star striker for Argentina when la Albiceleste ("sky and blue whites") won on home soil in 1978. "Unfortunately for soccer, the style doesn't matter so much."*

*Pelé himself noted the shift in emphasis even in Brazil, a country whose unstoppable strikers have always been its magic bullet. "This year, for the first time in history, Brazil is better from midfield to the back than it is in the front," he said (FUTTERMAN, 2014a).<sup>49</sup>*

O jornalista afirma, então, que essa mudança de postura das seleções sul-americanas estaria produzindo resultados tangíveis [*"tangible results"*], apesar de ser algo que poderia se contrapor às "inclinações culturais da América do Sul" [*"South America's cultural leanings"*]:

*While it might go against South America's cultural leanings, that shift is producing tangible results. Brazil, Argentina, Uruguay and Colombia hold four of the top eight spots in FIFA's current world ranking. Those four teams and Chile are all in the top 10 on the other major, more complicated ranking system table, where Brazil holds the top spot (FUTTERMAN, 2014a).<sup>50</sup>*

Para além dessas diferentes "inclinações culturais" e dessa dicotomia entre um futebol europeu apolíneo e um futebol sul-americano dionisíaco (resgatando interdiscursivamente a

---

<sup>49</sup> **Tradução livre:** Durante décadas, foi consenso geral que a América do Sul, terra do futebol de rua, do futsal (uma versão em miniatura do jogo com uma bola pequena e pesada) e do futevôlei, produzia os melhores jogadores. Mas com exceção do Brasil, a Europa agora produz os melhores times graças a suas academias de treinamento hierárquico e a seus treinos sofisticados. Essa é a terra onde foram criados os esquadrões defensivos e pacientes da Alemanha e da Itália, além do revolucionário Carrossel Holandês, sistema em que qualquer jogador pode se posicionar em qualquer lugar a qualquer momento, como uma máquina cujas peças não têm lugar fixo. A América do Sul sempre celebrou o estilo individual tanto quanto os resultados. Esse é o continente que produziu mágicos como Pelé e Diego Maradona, que sabiam fazer a bola dançar sobre as cabeças e entre as pernas de seus oponentes europeus. No entanto, na medida em que mais jogadores sul-americanos se infiltraram na liga europeia, os melhores times da América do Sul começaram a adotar uma abordagem muito mais disciplinada e orientada a resultados para competirem internacionalmente. "Hoje, alcançar a vitória é mais importante do que a maneira de se chegar até ela", explica Mario Kempes, comentarista da ESPN e ex-atacante da Argentina quando a albiceleste ("branco e azul celeste", apelido da Seleção argentina) ganhou em casa em 1978. "Infelizmente, no futebol o estilo não interessa tanto". O próprio Pelé percebeu essa mudança de foco até mesmo no Brasil, um país cujos atacantes imbatíveis sempre foram uma carta na manga. "Este ano, pela primeira vez na história, o Brasil está melhor na defesa do que no ataque", explica ele (FUTTERMAN, 2014a).

<sup>50</sup> **Tradução livre:** Apesar de talvez ir contra as inclinações culturais da América do Sul, essa mudança está produzindo resultados tangíveis. Brasil, Argentina, Uruguai e Colômbia ocupam quatro das oito melhores colocações no ranking mundial atual da Fifa. Esses quatro times e o Chile estão entre os 10 melhores do outro principal sistema de ranking mais complicado, no qual o Brasil ocupa a primeira colocação (FUTTERMAN, 2014a).

categorização elaborada por Gilberto Freyre e depois desenvolvida por outros autores como o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini ou pelo brasileiro José Miguel Wisnik), Futterman elenca outras vantagens que as seleções europeias, e mesmo a Seleção Brasileira, teriam em relação aos demais rivais sul-americanos. Segundo o jornalista de WSJ, a melhor explicação para os cinco títulos em Copas do Mundo do Brasil e os três títulos em Copas do Mundo da Alemanha talvez seja o tamanho de suas populações. É interessante notar como a ideia de que somos uma “nação obcecada pelo futebol” também é reforçada pelo repórter norte-americano na frase “*Brasil is the world’s largest soccer-obsessed country*” (grifos nossos):

*Europe accounts for 13 of the 32 World Cup teams this year. Also, it has more big countries, and thus deeper talent pools, than South America. The best explanation for Brazil’s five world championships and Germany’s three may be their populations. With more than 200 million people, Brazil is the **world’s largest soccer-obsessed country**. But South America’s next largest country is Colombia at 48 million, followed by Argentina with 42 million. There are seven European countries with populations of 45 million or more, including Germany with 82 million (FUTTERMAN, 2014a).<sup>51</sup>*

Nota-se, então, no trecho “*Brasil is the world’s largest soccer-obsessed country*”, como o jornalista de *The Wall Street Journal* reforça um lugar-comum vinculado ao epíteto “Brasil: o País do Futebol” e à ideia de que todos no país seriam “obcecados” pela modalidade esportiva. O poderio econômico das nações também implicaria nos resultados em campo, de acordo com ele, uma vez que geraria mais dinheiro para os treinamentos (grifos nossos):

*Wealth matters, too, since it produces more money for training at every level. Uruguay has the highest South American per capita GDP, but it is the 44<sup>th</sup> in the world on that category, according to the International Monetary Fund rankings. Europe accounts for 14 of the top 25 wealthiest countries on the IMF list.*

*Despite Europe’s innate advantages, its soccer establishment has been awed by South America’s stars since the 1950s. That’s when Uruguay’s Juan Alberto Schiaffino went to AC Milan and Argentina’s Alfredo Di Stefano went to Real Madrid, becoming the first major international transfers. More recently, Brazil’s Romario, Ronaldinho and Kaka, Argentina’s Messi, Uruguay’s Diego Forlán and Colombia’s Radamel Falcao have all either won or landed near the top five in FIFA Player of the Year balloting.*

*“You watch them on the beaches and streets, and it’s just football everywhere down there,” said Andy Roxburgh, a Scot who served as the technical director for the European soccer confederation from 1994 to 2002.*

---

<sup>51</sup> **Tradução livre:** Este ano, a Europa possui 13 dos 32 times da Copa do Mundo. Além disso, em comparação à América do Sul, a Europa tem um maior número países de grandes dimensões, o que significa melhores talentos em potencial. A melhor explicação para os cinco títulos mundiais do Brasil e para os três da Alemanha talvez seja a população. Com mais de 200 milhões de pessoas, o Brasil é o maior país do mundo em que o futebol é uma obsessão. Mas o segundo maior país da América do Sul é a Colômbia, com 48 milhões de pessoas, seguida pela Argentina, com 42 milhões. Há sete países europeus com populações de 45 milhões de pessoas ou mais, incluindo a Alemanha, com 82 milhões (FUTTERMAN, 2014a).

*Roxburg believes South American soccer genius comes from taking different elements of the game than Europeans do* (FUTTERMAN, 2014a).<sup>52</sup>

O trecho em que Futterman cita a frase do escocês Andy Roxburgh [*“You watch them on the beaches and streets, and it’s just football everywhere down there”*] também subentende a noção de um “País do futebol” e carrega a possibilidade de reforçar tal imaginário aos leitores de *WSJ*. Ademais, a ideia de que possuímos um “*estilo brasileiro*” (FREYRE, 1938) de jogar, vinculado pelo autor a um estilo latino-americano de “criatividade e individualidade”, em contraposição a um estilo europeu, também se faz presente no excerto “*Roxburg believes South American soccer genius comes from taking different elements of the game than Europeans do*” [em português, “Roxburgh acredita que a genialidade do futebol sul-americano vem da mistura de diferentes elementos do estilo europeu”]. Interdiscursivamente, o trecho carrega, então, a possibilidade de reiterar aos leitores – para recuperar as palavras do linguista brasileiro José Luiz Fiorin – “a concepção de que a mistura rege nossa cultura” (FIORIN, 2009, p. 121).

Essa questão do estilo é reforçada em outra reportagem de Futterman publicada antes do início do megaevento, no dia 11 de junho, véspera do jogo inaugural da competição, disputado entre Brasil e Croácia na Arena Corinthians. O texto *FIFA 2014 World Cup: The Football Can Finally Begin* (Figura 12) apresenta as expectativas para o desempenho da Seleção Brasileira em seu primeiro jogo no megaevento, “após cerca de uma década de planejamento, quatro anos de preocupações, manifestações, greves, mortes [de operários] em construções e uma série de outros obstáculos” (grifos nossos):

*After nearly a decade of planning, four years of anxiety, riots, strikes, construction deaths and a host of other obstacles, there will be a World Cup soccer match on Thursday, when host Brazil takes Croatia in the opener here at the Arena Corinthians.*

*If form holds, much of the anxiety about overspending will dissipate once the referee blows the opening whistle. It will give way to an entirely new anxiety – whether the home team will perform up to expectations.*

---

<sup>52</sup> **Tradução livre:** A riqueza também importa, já que garante mais dinheiro para treinamento em todos os níveis. O Uruguai tem o maior PIB per capita da América do Sul, mas é o 44º do mundo nessa categoria, de acordo com os rankings do Fundo Monetário Internacional. A Europa é responsável por 14 dos 25 países mais ricos da lista do FMI. Apesar das vantagens inatas da Europa, seu cenário do futebol se impressiona com as estrelas da América do Sul desde os anos 1950. Naquela época, o uruguaio Juan Alberto Schiaffino foi para o AC Milan e o argentino Alfredo Di Stefano foi para o Real Madri, tornando-se as primeiras transferências internacionais de peso. Mais recentemente, os brasileiros Romário, Ronaldinho e Kaká, o argentino Messi, o uruguaio Diego Forlán e o colombiano Radamel Falcao ganharam ou chegaram perto dos cinco melhores na votação do *prêmio FIFA Player of the Year* (Jogador do Ano). “Você vê todos eles nas praias e nas ruas, e por ali é só futebol”, conta o escocês Andy Roxburgh, diretor técnico da Confederação Europeia de Futebol de 1994 a 2012. Roxburgh acredita que a genialidade do futebol sul-americano vem da mistura de diferentes elementos do estilo europeu (FUTTERMAN, 2014a).



*For Brazil, that means only one thing: seven victories that culminate in a championship in Rio July 13 (FUTTERMAN, 2014b).<sup>53</sup>*

Nesse trecho inicial, o autor pressupõe que – se a tendência se mantivesse [*“If form holds”*] – muito da ansiedade dos brasileiros em relação à capacidade do país de sediar o evento se dissiparia assim que o árbitro apitasse o início do jogo [*“If form holds, much of the anxiety about overspending will dissipate once the referee blows the opening whistle”*]. Evidenciar-se-ia, então, uma nova ansiedade, segundo Futterman, relacionada ao desempenho do selecionado brasileiro em campo [*“It will give way to an entirely new anxiety – whether the home team will perform the expectations. For Brazil, that means only one thing: seven victories that culminate in a championship in Rio July 13”*]. Subentende-se, por conseguinte, que o sucesso em campo poderia fazer com que os “brasileiros” esquecessem os problemas aos quais o evento esteve inserido desde o início.



*Figura 12 – Print Screen realizado pelo autor em 09 de março de 2017.*

<sup>53</sup> **Tradução livre:** Depois de cerca de uma década de planejamento, quatro anos de preocupações, manifestações, mortes em construções e uma série de outros obstáculos, haverá uma partida de futebol da Copa do Mundo na quinta-feira, quando o Brasil encara a Croácia na abertura aqui na Arena Corinthians. E se as coisas continuarem como estão, muito da ansiedade em relação aos gastos excessivos será dissipada assim que o juiz apitar o início do jogo, dando lugar a uma nova preocupação: será que o time da casa vai ficar à altura das expectativas? Para o Brasil, isso significa apenas uma coisa: sete vitórias que culminarão em uma partida decisória dia 13 de julho no Rio de Janeiro (FUTTERMAN, 2014a).

Após este introito, o texto destaca que somente três nações-sede de Copas do Mundo haviam sido campeãs em casa nos últimos quarenta anos, mas lembra que os jogos de abertura – como o que ocorreria no dia seguinte entre Brasil e Croácia – vinham sendo experiências positivas aos anfitriões. Os prognósticos para o jogo seguem durante mais algumas linhas, com o jornalista apresentando dados e números da seleção croata e descrevendo os principais desafios que os brasileiros enfrentariam naquele duelo de estreia e nas demais partidas da competição. A grande questão para os “brasileiros”, segundo Futterman, seria o estilo de jogo da Seleção (grifos nossos):

*The biggest question for the Brazilians may be their style. Will they live up to their reputation for playing the world's most beautiful soccer, or take it easy on the acrobatics, play more defensively, and prioritize winning a sixth world championship? Scolari has made his priorities clear. The only beautiful soccer, he has been saying lately, is winning soccer (FUTTERMAN, 2014b).<sup>54</sup>*



Figura 13 – Print Screen realizado em 09 de março de 2017.

<sup>54</sup> **Tradução nossa:** A maior questão para os brasileiros talvez seja seu estilo. Será que a Seleção vai fazer jus à reputação de futebol mais bonito do mundo ou vai pegar leve nas acrobacias, jogar mais na defensiva e dar prioridade à vitória do sexto título de campeão mundial? Scolari deixou claras as suas prioridades. Ultimamente, vem dizendo que o único futebol bonito é o futebol que vence (FUTTERMAN, 2014b).

No dia 11 de julho, três dias após a derrota da Seleção Brasileira para a Seleção Alemã e dois dias antes do encerramento do torneio, a repórter chinesa Loretta Chao, correspondente de *The Wall Street Journal* no Brasil entre setembro de 2012 e março de 2015, escreveu o artigo *Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World* (Figura 13). O título e a própria linha-fina do texto [*“Sports Tourists Can Be the Start of a Transformation for a Developing Nation”*] indicam o tom positivo do “balanço” feito pela repórter acerca do Mundial no país. Essa conotação positiva fica “pressuposta” (DUCROT, 1987) no uso do adjetivo “*Proper*”, na locução “*Proper introduction*”.

O lide da reportagem ressalta a derrota para a Alemanha e os gastos excessivos com os doze estádios utilizados no Mundial. O texto é escrito em primeira pessoa e, em seus parágrafos iniciais, apresenta experiências anteriores da repórter, que também foi correspondente de *WSJ* na China entre junho de 2007 e setembro de 2012, oportunidade na qual cobriu os Jogos Olímpicos de Verão de 2008 realizados em Pequim. Chao afirma que, por mais distantes que Brasil e China estejam, os dois países têm coisas em comum: “maioria das pessoas nunca saiu do país, fala um idioma e sabe pouco sobre o mundo exterior (ou sobre como o mundo as percebe)” (grifos nossos):

*Brazil blew its chance to win a sixth World Cup while spending \$11.5 billion for 12 oversized stadiums. But in the process the country gained something important: a proper introduction to the rest of the world. After covering global sporting events – the World Cup in Brazil and the 2008 Beijing Olympics – I’ve learned that a huge influx of tourists can be the start of a transformation for a developing nation.*

*As different and distant as they are from each other, China and Brazil have some things in common: **Most of their citizens never have left the country, speak one language and know little of the outside world – or about how the outside world perceives them.** [...]*

*Like China, Brazil’s image abroad is overly simplified because the country has relatively limited exposure to the outside World. Though Brazil has a vibrant and fast-growing Internet culture, language barriers hinder cross-border interaction. And while millions have moved out of poverty over the late decades, few are wealthy enough to travel extensively (CHAO, 2014).<sup>55</sup>*

---

<sup>55</sup> **Tradução livre:** O Brasil perdeu sua chance de ganhar uma sexta Copa do Mundo enquanto gastou US\$ 11,5 bilhões em 12 estádios gigantes. Mas durante esse processo, o país ganhou algo importante: uma apresentação à altura ao resto do mundo. Depois de cobrir eventos esportivos internacionais, como a Copa do Mundo no Brasil e as Olimpíadas de Pequim em 2008, aprendi que um grande afluxo de turistas pode ser o início de uma transformação para uma nação em desenvolvimento. Apesar de tão diferentes e distantes um do outro, China e Brasil têm algumas coisas em comum: A maioria das pessoas nunca saiu do país, fala um idioma e sabe pouco sobre o mundo exterior (ou sobre como o mundo as percebe). [...] Assim como a China, a imagem do Brasil no exterior é simplista demais devido ao país ter relativamente pouca exposição ao resto do mundo. Apesar de o Brasil ter uma cultura de internet vibrante e em rápido crescimento, as barreiras linguísticas dificultam as interações transfronteiriças. E apesar de milhões terem saído da pobreza nas últimas décadas, poucos têm dinheiro para viajar com frequência (CHAO, 2014).

A jornalista afirma, então, que a imagem do Brasil no exterior é extremamente simplificada por conta das dificuldades dos estrangeiros em relação à língua e porque o número de visitantes que desembarcavam no país era baixo se comparado ao número de visitantes de países como os Estados Unidos. O futebol e a violência seriam as primeiras coisas que os estrangeiros associariam à nação brasileira, de acordo ela:

*And though soccer may be one of the first thing foreigners associate with Brazil, violent crime is close second. Films such as “City of God” and “Elite Squad” have popularized negative images of Brazil and I’m constantly bombarded by with questions about safety from friends outside the country. It’s widely known that Brazil needs to invest heavily in public security, education and medical care. But now, Cup tourists are talking about more than soccer and violence. They are marveling at Brazil’s many natural wonders, the beautiful shorelines, friendly people, plentiful beer and bowls of sorbet made from açai berries (CHAO, 2014).<sup>56</sup>*

O texto busca se afastar do que chama de imagens “simplificadas” do Brasil no exterior, mas acaba reforçando outras noções estereotipadas como as de que possuiríamos belezas naturais e a de que seríamos um povo amistoso e receptivo, discursos fundadores os quais aparecem já nos primeiros relatos estrangeiros acerca do Brasil, como a Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel, datada de 1500.

Para legitimar a sua argumentação, a repórter cita, ainda, uma pesquisa segundo a qual 98% dos turistas que vieram ao Brasil disseram que retornariam e afirma que, com a Olimpíada no Rio de Janeiro em 2016, à época se aproximando, o interesse dos estrangeiros em relação ao país tendia a aumentar. O intercâmbio cultural entre pessoas de diferentes nações durante o Mundial também é ressaltado por Loretta Chao, além da ideia de que, após a derrota para a Alemanha, o epíteto “País do futebol” pudesse ter ficado manchado, dando lugar ao que ela chama de uma “nova identidade” brasileira: um país que pode ser problemático mas é diverso, multifacetado e em última análise mais bonito do que o seu jogo de futebol (grifos nossos):

*Cultural exchanges – the kind that are only possible in these mass meetings of people from different nations – can teach us about the world and about ourselves. Many Brazilians may be justified in being unhappy about money wasted on the World Cup, but the cross culture conversations from the past month won’t soon be forgotten.*

---

<sup>56</sup> **Tradução livre:** E apesar de o futebol talvez ser uma das primeiras coisas que os estrangeiros associam ao Brasil, crimes violentos estão em segundo lugar. Filmes como Cidade de Deus e Tropa de Elite popularizaram imagens negativas do Brasil, e constantemente sou bombardeada de questões sobre segurança por parte de amigos de fora do país. É do conhecimento de todos que o Brasil precisa investir pesado em segurança pública, educação e saúde. Mas no momento os turistas da Copa não estão falando apenas sobre futebol e violência. Estão deslumbrados com as muitas maravilhas naturais do Brasil, com as lindas orlas, com o povo simpático, com as diversas cervejas e com as tigelas de sorvete de açai (CHAO, 2014).

*Maria Clara dos Santos, a resident of one of Rio's most populous favelas whom I met while reporting, has acted as something of an ambassador for Rio's slums during the World Cup. She lets tourists stay in her home and has hosted reporters and TV crews in her house almost daily, hoping to show the world that her community is about a lot more than just drugs and violence.*

*In doing so, she told me she learned a lot about Brazil, too. For example, she discovered from conversations with visitors that there are well-funded programs for Brazilians to study abroad. "These scholarships are for Brazilians who already have the means to go [overseas]," she said. "I think we should leave those people here, and take those who don't have the means to go."*

*Brazil's collapse against Germany **may have tarnished its reputation as the "país do futebol," or country of soccer. But perhaps it has gained a new identity as a country that may be troubled but is diverse, nuanced, and ultimately more beautiful than its soccer play** (CHAO, 2014).<sup>57</sup>*

---

<sup>57</sup> **Tradução livre:** Os intercâmbios culturais, possíveis apenas quando um grande número de pessoas de diferentes nações se encontra, podem nos ensinar sobre o mundo e sobre nós mesmos. Muitos brasileiros podem ter razão por estarem infelizes com o dinheiro desperdiçado na Copa do Mundo, mas as conversas culturais do último mês não serão esquecidas tão cedo. Maria Clara dos Santos, moradora de uma das maiores favelas do Rio que encontrei enquanto trabalhava, vem atuando de certa forma como embaixadora das favelas do Rio durante a Copa do Mundo. Ela deixa os turistas ficarem em sua casa e abriga repórteres e equipes de televisão quase diariamente, esperando mostrar ao mundo que sua comunidade é muito mais do que só drogas e violência. Ela me disse que, ao fazer isso, aprendeu muito também sobre o Brasil. Por exemplo, ao conversar com os visitantes, descobriu que existem programas de estudo com bolsas para que brasileiros estudem no exterior. "Essas bolsas são para brasileiros que já têm condições de viajar [ao exterior]", ela conta. "Acho que devemos deixar essas pessoas aqui e levar aquelas que não têm condições de ir". O colapso do Brasil contra a Alemanha talvez tenha manchado sua reputação como o país do futebol. Mas talvez tenha ganhado uma nova identidade de país que pode ter os seus problemas, mas que é diverso, cheio de nuances e, essencialmente, mais bonito que o seu futebol (CHAO, 2014).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confirma-se, portanto, a hipótese de que os discursos dos jornalistas estrangeiros reforçam determinadas noções essencialistas de brasilidade, entre as quais figuram o epíteto “País do futebol” e a equação “futebol-nação”. Contudo, denota-se a possibilidade de que, efetivamente, tais discursos estejam arrefecendo – como suspeitam alguns autores da comunicação esportiva brasileira – sobretudo no que diz respeito à ideia de que praticaríamos o “jogo bonito” [*“the world’s most beautiful soccer”*] ou um futebol dionisíaco e acrobático [em suma, um “Foot-bal Mulato”, na acepção de Gilberto Freyre (1938)]. Além disso, é importante dizer que, em mais de um trecho analisado, firma-se uma representação do Brasil como um país desigual, plural e diverso, em que múltiplas vozes se misturam em um contexto de relações sociais negociadas, conflituosas e interculturais (CANCLINI, 2005, p. 17).

Assim, ao mesmo tempo em que, em determinados excertos, os textos oferecem uma perspectiva homogeneizadora de brasilidade, em outros (muitas vezes na mesma reportagem), um discurso intercultural, pluralista e diferenciador também se fez presente. No que tange às homogeneizações, demarcaram-se a ideia de que somos um país obcecado pelo futebol [*“a soccer-obsessed country”*; *“a nation of soccer fans”*; ou *“a football-obsessed nation”*]; um local em que pessoas adultas – metonimicamente pressupostas como representantes da “nação” – seriam capazes de chorar por uma derrota em campo em um Mundial; e, ademais, um país em que as tensões e os conflitos sociais como os que envolveram o torneio poderiam se dissipar – ou se inflamar – de acordo com os resultados da Seleção Brasileira em campo.

A ideia de que seríamos uma nação receptiva e hospitaleira também é reforçada em mais de uma reportagem. O correspondente de *The New York Times* na América Latina Simon Romero, por exemplo, apesar de noticiar as tensões em meio as quais a Copa do Mundo se iniciava, destacou que o país sustentaria uma tradição de “receber calorosamente os visitantes estrangeiros e de se juntar no último minuto para eventos complexos”, assim como seu colega Sam Borden, que sublinhou o “contagante espírito de alegria dos residentes locais” para descrever positivamente a competição em sua reta final. O discurso de Simon Romero indica, ainda, que as vitórias da equipe brasileira seriam capazes de fazer com que o otimismo em relação ao Mundial crescesse. As derrotas, por sua vez, carregariam consigo a possibilidade de inflamar as emoções de determinados “brasileiros”, em uma nação que, antes do Mundial, era descrita como dividida entre apoiar e não apoiar a realização do megaevento no país.

Verifica-se, portanto, o reforço de algumas formas recorrentes de distinção do “ser” brasileiro a partir das emoções, da mistura e da passionalidade: a ideia de que somos um povo alegre e, sobretudo, receptivo [em trechos como “*a contagious spirit of joy from local residents*” ou “*a tradition of warmly receiving foreigners*”] e a ideia de que todos no país são apaixonados pelo futebol [“*a nation of soccer fans*”]. Ambas as construções se aproximam de uma representação da identidade cultural brasileira vinculada a uma tendência emotiva e dionisíaca, as quais ficam implícitas a alguns excertos, contrapondo-se à ideia de uma racionalidade e de uma “cultura” europeia apolínea. As raízes deste discurso passional, é importante reiterar, satisfazem-se interdiscursivamente no pensamento de Hegel, quando afirmava que a América Latina seria um espaço de natureza e de emoção, em contraposição a uma Europa, e sobretudo a uma Alemanha, constituídas pela razão.

Tal representação emocional ainda esteve implícita nos excertos em que o futebol foi colocado como um possível “remédio” (WISNIK, 2008) às tensões nacionais, como nas reportagens de James Ducker, publicadas em *thetimes.com.uk*. Os textos do jornalista britânico indicam, porém, ao mesmo tempo, uma nação dividida e desigual, em que parte da população demonstrava resistência a festejar a cerimônia de abertura do megaevento. Reforça-se, então, o fato de que, apesar de em determinados momentos os textos homogeneizarem e (re)produzirem lugares-comuns a respeito do Brasil e dos brasileiros, houve também excertos em que uma representação pluralista e diferenciadora das realidades locais se notabilizou.

Um tom de surpresa quanto ao desempenho da Seleção Brasileira em campo, bem como em relação ao “desempenho” dos “brasileiros” fora de campo, também compareceu. A equipe, segundo reportagem publicada em *nytimes.com* (em uma aproximação interdiscursiva das ideias de Gilberto Freyre, em “Foot-ball Mulato”), não conseguiu executar o seu “tradicional” “jogo bonito” [“*it’s traditional beautiful game*”] durante as partidas da competição e, ainda por cima, foi eliminada na semifinal do torneio em um “massacre” histórico que, segundo os autores do texto, não sairá da memória dos torcedores da seleção nacional.

Esse tom de surpresa em relação ao futebol do selecionado brasileiro indica, então, como uma visão de Brasil como o “País do futebol”, ao menos em campo, de fato, pode estar com os dias contados – fenômeno aventado por autores como o sociólogo do esporte Ronaldo Helal desde o início do século XXI. Apesar disso, tal discurso ainda figura – implícita ou explicitamente, direta ou indiretamente – na visão de parte da imprensa estrangeira a respeito do país e de seus habitantes, atuando como uma marca distintiva do “ser” brasileiro em relação a suas alteridades e ensejando no reforço de uma visão dualista e passional acerca dos

“brasileiros”. Por isso, não se pode concluir que o Mundial-2014 e o desempenho da seleção comandada por Luiz Felipe Scolari tenham sacramentado – ao menos nos discursos da imprensa anglo-saxã analisados – o “fim” do epíteto como um discurso acerca da “nação” brasileira. Contudo, pode-se dizer que a “certeza” de que o Brasil joga – ressalta-se, joga – como o “País do futebol” pode, sim, estar se diluindo ante ao olhar estrangeiro.

Nos textos de *The Wall Street Journal*, por exemplo, a ideia de que seríamos representantes de um “*estilo* brasileiro” de praticar o futebol é destacada, contudo, os repórteres a colocam em dúvida antes mesmo do início da competição, como na reportagem de Matthew Futterman, e sobretudo após o 7 a 1 para os alemães. Ademais, em reportagem publicada três dias após o “massacre histórico” na semifinal do torneio, esse questionamento se amplia e o Brasil é descrito como um país que, apesar de suas contradições e problemas, é diverso, multifacetado e em última análise mais bonito do que o seu jogo de futebol [“*a country that may be troubled but is diverse, nuanced, and ultimately more beautiful than its soccer play*”]. Loretta Chao, a autora do texto, no entanto, busca se afastar do que chama de imagens “simplificadas” do Brasil no exterior, mas acaba reforçando outras noções estereotipadas como as de que possuiríamos belezas naturais e a de que seríamos um povo amistoso e receptivo, discursos fundadores os quais aparecem já nos primeiros relatos estrangeiros acerca do Brasil, datados de 1500.

Ainda, portanto, que a partir de um recorte pontual do *corpus*, espera-se que tenhamos demonstrado de que forma as teorias e os recursos metodológicos puderam contribuir à pesquisa e às análises que desenvolvemos, em busca dos “jogos de distinção” (CUCHE, 1999), das produções simbólicas e dos lugares-comuns a partir dos quais os discursos acerca do Brasil e dos brasileiros foram elaborados na cobertura da Copa do Mundo 2014 dos veículos analisados. Apesar do reforço de determinadas homogeneizações, é importante reiterar, também, o caráter pendular com que tais narrativas foram construídas, influenciadas pelo contexto turbulento em que o Mundial ocorria, sobretudo em seu início, sendo o Brasil e os brasileiros descritos ora como o país do futebol, de um “ser” brasileiro alegre, receptivo e festivo (a partir de uma concepção totalizadora e não-diferenciadora), ora como um país desigual, plural e conflituoso (a partir de uma concepção diversificadora e diferenciadora das múltiplas realidades e identidades nacionais).

Por fim, destacamos, ainda, o fato de que a interação do jornalista estrangeiro com as fontes locais pareceu influir no discurso – e, conseqüentemente, nas representações identitárias e nas produções de sentido – do correspondente ou enviado especial a respeito do país sede do



megaevento, aspecto que se coaduna às teorias construcionistas e interacionistas do jornalismo apresentadas durante o capítulo 1, mas que nos fica para ser mais bem explorado em outros momentos de pesquisa, quando este, de fato, figurar entre os objetivos da mesma.

Por agora, encerramos recuperando um questionamento com o qual nos defrontamos durante todo o percurso de elaboração desta dissertação, sobre o qual, contudo, não será possível fechar um posicionamento: estaríamos, de fato, vivenciando um “declínio das velhas identidades” ou uma “crise” das identidades clássicas? A partir dos resultados encontrados, e observando o caráter provisório e inter-relacional de qualquer pretensa resposta, acreditamos que não seja possível encerrá-la nestas páginas (e, provavelmente, em outras tantas, como sinalizam Renato Ortiz e Michel Debrun, ao apontarem para a dificuldade em se pensar na questão da identidade nacional). De todo modo, esperamos que o esforço de pesquisa aqui realizado sirva para futuras reflexões no campo dos estudos discursivos de mídia e de identidades e, sobretudo, para que outras pesquisas possam – a partir da metodologia aqui utilizada – ampliar o estudo das relações entre a atividade jornalística e a produção e reprodução de discursos identitários na imprensa brasileira e internacional (sobretudo, quando se pensa no futebol como um elemento de identificação nacional).

Concluimos, então, com uma pergunta que busca sobressaltar o caráter dualista, polifônico e inter-relacional no qual se inserem a questão da brasilidade e das identidades culturais nacionais, com o intuito de sobrelevar a pendularidade da problemática e de deixar qualquer resposta definitiva e absoluta em aberto: se seríamos, ainda, o “País do futebol”? Em alguns momentos, parece-nos que sim; em outros, arriscaríamos a responder com um não. Em se tratando da brasilidade, melhor não fecharmos questão. O que se pôde demonstrar concretamente é que, sim, o jornalismo, como um fenômeno de linguagem, pode contribuir para a construção de determinados discursos sobre a sociedade e a realidade social e, através desses discursos, pode retomar e reafirmar (mesmo que não propositadamente) determinadas interpretações a respeito da identidade e da cultura de uma comunidade imaginada, produzindo e reproduzindo identidades culturais e sociais e reforçando homogeneizações e lugares-comuns acerca de uma “nação”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P.H.S. **O Brasil na Copa do Mundo**: uma identidade redescoberta. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Disponível em:  
[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17767/1/2014\\_PauloHenriqueSoaresDeAlmeida.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17767/1/2014_PauloHenriqueSoaresDeAlmeida.pdf). Acesso em: 13 mai. 2017.
- ALVAREZ, F; MARQUES, J. C. Da marginalidade ao *mainstream*: reflexões sobre o MMA (Ates Marciais Mistos) e as sociedades capitalistas contemporâneas. **E-compós**, Brasília, V.16, n.3, set./dez. 2013.
- ALVAREZ, F. **A Domesticação da violência: MMA (Artes Marciais Mistos) e Processos Comunicacionais na Rede Globo de Televisão**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru. Disponível em:  
[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99859/alvarez\\_fl\\_me\\_bauru.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99859/alvarez_fl_me_bauru.pdf?sequence=1). Acesso em: 24 jul. 2016.
- AMARO, F; MOSTARO, F; e HELAL, R. Mídia e megaeventos esportivos: as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. **Revista Logos**, Dossiê Megaeventos e espaço urbano. Edição 40, n. 24, v.1, 1º semestre de 2014.
- BASTIDE, R. O princípio de corte e o comportamento afro-brasileiro. Anais do Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, 1955, p. 493-503, v.1. In: CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BORDEN, S. **Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Brazil's Day Goes Dark**, 2014a. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-host-brazil-stunned-7-1-by-germany-in-semifinal.html>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- BORDEN, S. **29 Minutes That Shook Brazil**, 2014b. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/07/10/sports/world-cup-2014-five-german-kicks-felt-in-brazilian-guts-everywhere.html>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. P. 7-16.
- BRANDÃO, H.N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, s/d.  
\_\_\_\_\_. **Analisando o discurso**. Disponível em:  
[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas\\_interna.php?id\\_coluna=1](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=1). Acesso em: 02 jul. 2014.
- CAILLOIS, R. **Los juegos y los hombres**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

CANCLINI, N.C. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANCLINI, N.C. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CELSO, A. **Porque me ufano de meu país**. Versão para eBook eBooksBrasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ufano.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

CHAO, L. **Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World**, 2014. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/brazil-gets-a-proper-introduction-to-the-rest-of-the-world-1405101721>. Acesso em: 11 mar. 2016.

COSTA, L. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira** (Tese). UERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. Quem matou o futebol brasileiro? A novela da copa do mundo 2014 na cobertura do jornalismo esportivo. **Revista Eptic**. Vol. 18, nº 1, janeiro-abril de 2016.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DA MATTA, R. et. al. **Universo do Futebol** – esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEBRUN, M. A identidade Nacional Brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 39-49, abr. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n8/v4n8a04.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2015.

DOTA, M.I.M. A imagem de Brasil no discurso do New York Times: aspectos sociais, em: **Signo y pensamiento**, n. 56, v. 29, p. 388-404, jan. a jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/signo/v29n56/v29n56a22.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Aspectos políticos do Brasil no discurso do *New York Times*, em *Ícone*, vol. 1, núm. 8, pp. 42-55, 2005.

\_\_\_\_\_. Notícias do Brasil na visão do *New YorkTimes*: aspectos culturais, em: VIII Jornada Multidisciplinar – Projetos Políticos, Eleições e Comunicação, Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. A economia do Brasil nas notícias do *New York Times*. Em M. M. Vicente (Org.): **Mídia e sociedade – perspectivas**, Bauru, Canal 6, pp. 99-112, 2007.

DUCKER, J. **Clashes in São Paulo amid safety fears over stadium**, 2014a. Disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/article/clashes-in-sao-paulo-amid-safety-fears-over-stadium-rz6ht37hft8>. Acesso em: 07 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Boy wonder can ensure Brazil sing one tune**, 2014b. Disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/article/boy-wonder-can-ensure-brazil-sing-one-tune-2h0d02qq7kw>. Acesso em: 07 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. *Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony*, 2014c. Disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/article/divided-nation-shows-reluctance-to-party-at-world-cup-opening-ceremony-xhwctc6j3nh>. Acesso em: 07 ago. 2016.

DUCROT, O. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. p. 13-43.

DUNNING, E. & ELIAS, N. **A busca da excitação**. 1ª ed. 1985. Título original: *The Quest for Excitement*. Trad.: Maria Manuela Vieira. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira, **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n.1, p. 115-126, 1º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/3002/1933>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FRANÇA, V. V. Objeto da comunicação/ a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C. e FRANÇA, V.V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos escolas e tendências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

FREEMAN, H. *World cup 2014: Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch*, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-2014-metro-strikes-threaten-to-clog-football-excitement>. Acesso em: 07 jun. 2016.

FREYRE, G. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

FUTTERMAN, M. *The World Cup: Continental Divide*, 2014a. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/the-world-cup-continental-divide-1402010603>. Acesso em: 10 mar. 2016.

FUTTERMAN, M. *FIFA 2014 World Cup: The Football Can Finally Begin*, 2014b. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/in-brazil-the-futebol-can-finally-begin-1402532925>. Acesso em: 10 mar. 2016.

GIBSON, O. *The World Cup is really just for the people in helicopters*, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-helicopters-streets-sao-paulo>. Acesso em: 07 jun. 2016.

GUEDES, S. L. A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador. In BUARQUE DE HOLLANDA, B.; BURLAMAQUI, L. G. (Orgs.). **Desvendando o jogo – nova luz sobre o futebol**. Niterói: Editora da UFF – FAPERJ, 2014.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2000.

HELAL, R. Pátria de chuteiras? Como os brasileiros pensam a seleção. **Ciência Hoje**. N ° 314, v. 53, p. 16, maio de 2014.

HELAL, R. e CABO, A. (Orgs.). **Copa do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, R. e SOARES, A. J. O declínio da Pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002, **Compós**, 2002. Disponível em: [http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/014338\\_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/014338_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf). Acesso em: 09 dez. 2016.

HELAL, R.; SOARES, A.J. e LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HORNE, J. *Sports mega-events, the Media and Symbolic Contestation*, **Anais do Congresso Internacional Cidades e Megaeventos**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://megaeventos.etterm.ippur.ufrj.br/sites/default/files/artigos-cientificos/horne\\_j\\_sports\\_mega-events\\_the\\_media\\_and\\_symbolic\\_contestation.pdf](http://megaeventos.etterm.ippur.ufrj.br/sites/default/files/artigos-cientificos/horne_j_sports_mega-events_the_media_and_symbolic_contestation.pdf). Acesso em: 09 jun. 2017.

HORNE, J. & WHANNEL, G. *The 'caged torch procession': celebrities, protesters and the 2008 Olympic torch relay in London, Paris and San Francisco*, **Sport in Society**, v. 13, n.5, p.760-770, 2010.

HORNE, J. *The Four 'Knowns' of Sports Mega-events*, **Leisure Studies**, v. 26, n. 1, p. 81-96, jan. 2007. Disponível em: [www.caledonianblogs.net/mefi/files/2011/03/Horne.pdf](http://www.caledonianblogs.net/mefi/files/2011/03/Horne.pdf). Acesso em: 26 jun. 2017.

HORNE, J. & MANZENREITER, W. *An introduction to the sociology of sports mega-events*. **The Sociological Review**, 54: 1–24, 2006. Disponível em: < [http://www.coris.uniroma1.it/sites/default/files/12.17.14\\_SME\\_Horne\\_Manzenreiter.pdf](http://www.coris.uniroma1.it/sites/default/files/12.17.14_SME_Horne_Manzenreiter.pdf). Acesso em: 09 jun. 2017.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LEBLER, C. D. C. Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua, **Gragoatá**, Niterói, n. 40, p. 295-316, 1. Sem. 2016.

LINS DA SILVA, C. E. **Correspondente internacional**. Editora Contexto, 2011

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**. 5 Ed., São Paulo, Edições Loyola, 2001.

LOVISOLO, H. e PEREIRA, C. A. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, R.; CABO, Á. (Orgs.). **Copa do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MARANHÃO, T. Apolíneos e dionisíacos – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. **Análise Social**. Lisboa, v. 41, n. 179, p. 435-450, 2006.

MARQUES, J. C. Falta de *fair play* ou excesso de virtuose? Breves reflexões sobre o comportamento de Cristiano Ronaldo e Neymar no futebol atual, **VII Congresso Português**

de **Sociologia**, Universidade do Porto, 2012. Disponível em: [http://www.aps.pt/vii\\_congresso/papers/finais/PAP0784\\_ed.pdf](http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0784_ed.pdf). Acesso em: 18 ago. 2016.

MARQUES, J. C.; GOULART, J. O. (Orgs.). **Futebol, comunicação e cultura**. São Paulo: INTERCOM, 2012.

MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ, 2012.

MARQUES, J. C. **A Copa das Copas?** Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. Org.: José Carlos Marques. E-book. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MOLINA, M. **Os melhores jornais do mundo**: uma visão da imprensa internacional. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2008.

MURAD, A. Os valores-notícia na imprensa oligopolizada e multimídia: olhares a partir do *newsmaking*. In: **XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. Salvador, 2002.

NATALI, J. B. **Jornalismo internacional**. Editora Contexto, 2004

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORTIZ, R. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>. Acesso em 14 jun. 2015.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 1ª ed. 1995. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMERO, S. *Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts*, 2014a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/06/10/world/americas/apprehension-and-apaty-competewith-excitement-in-world-cup-host-brazil.html>. Acesso em: 28 fev. 2016.

SANTOS, F. *Making Holidays of Brazil's World Cup Games*, 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/making-holidays-of-brazil-world-cup-games.html>. Acesso em: 03 mar. 2016.

SCOTT, C.P. *A hundred years*, Manchester, 1921. Disponível em: <https://www.theguardian.com/the-scott-trust/2015/sep/14/a-hundred-years-an-essay-by-cp-scott>. Acesso em: 05 mar. 2017.

SCHUDSON, M. *The Power of News*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

SCHWARZ, L. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. Universidade Fernando Pessoa: s/d. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.html#foot1660>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SWAINS, H. *Open sieben on Brazil*, 2014. Disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/article/open-sieben-on-brazil-nqsh0x0p0sw>. Acesso em: 13 ago. 2016.

TALEASE, G. **O reino e o poder**: uma história do New York Times. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOLEDO, L. H. Pode uma relação identitária encolher? Futebol e cultura em tempos de Olimpíadas. In: MARQUES, J. C (Org.). **A Copa das Copas?** Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. E-book. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

TUBINO, M. **O que é esporte?** 1ª ed. 1993. 1ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TRAQUINA, N (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’**. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo – Volume 1 Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

WATTS, J. *World Cup 2014: ready or not, it is Brazil's time to show the world*, 2014a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff>. Acesso em 07 jun. 2016.

WATTS, J. *Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat*, 2014b. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/germany-brazil-7-1-defeat-dejection-disbelief-world-cup>. Acesso em: 07 jun. 2016.

WISNIK, J.M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIEIRA, M.C.S.R. **O Brasil que não é bem assim**: representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal *The Guardian*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/139469>. Acesso em: 30 jun. 2016.

## APENDICÊS

**QUADRO 2 – Textos coletados (*The New York Times*)**

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Autor/Cidade</b>	<b>Link</b>
1. <i>Grand Visions Fizzle in Brazil</i>	12 de abril	Simon Romero/ Paulistana, PI	<a href="https://www.nytimes.com/interactive/2014/04/12/world/americas/grand-visions-fizzle-in-brazil.html">https://www.nytimes.com/interactive/2014/04/12/world/americas/grand-visions-fizzle-in-brazil.html</a>
2. <i>36 Hour in Belo Horizonte, Brazil</i>	25 de abril	Seth Kugel/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.nytimes.com/2014/04/27/travel/36-hours-in-belo-horizonte-brazil.html">https://www.nytimes.com/2014/04/27/travel/36-hours-in-belo-horizonte-brazil.html</a>
3. <i>Countdown to 2014 World Cup in Brazil Day 45</i>	28 de abril	Jack Bell/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/04/29/sports/soccer/countdown-to-2014-world-cup-in-brazil-day-45.html">https://www.nytimes.com/2014/04/29/sports/soccer/countdown-to-2014-world-cup-in-brazil-day-45.html</a>
4. <i>Soccer Fever: Learning About the World Cup in Brazil</i>	20 de maio	Tom Marshal/ Não identificado	<a href="https://learning.blogs.nytimes.com/2014/05/20/soccer-fever-learning-about-the-world-cup-in-brazil/">https://learning.blogs.nytimes.com/2014/05/20/soccer-fever-learning-about-the-world-cup-in-brazil/</a>
5. <i>Goldman Predicts Brazil Will Win the 2014 World Cup</i>	28 de maio	Rachel Abrams/ Não identificado	<a href="https://dealbook.nytimes.com/2014/05/28/goldman-brazil-will-win-the-2014-world-cup/">https://dealbook.nytimes.com/2014/05/28/goldman-brazil-will-win-the-2014-world-cup/</a>
6. <i>Rio Grapples With violence Against Police Officers as World Cup Nears</i>	30 de maio	Simon Romero and Taylor Barnes/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/05/31/world/americas/crime-surges-in-rio-ahead-of-world-cup.html?action=click&amp;contentCollection=Soccer&amp;module=RelatedCoverage&amp;region=EndOfArticle&amp;pgtype=article">https://www.nytimes.com/2014/05/31/world/americas/crime-surges-in-rio-ahead-of-world-cup.html?action=click&amp;contentCollection=Soccer&amp;module=RelatedCoverage&amp;region=EndOfArticle&amp;pgtype=article</a>
7. <i>Changing of the Guards in Front of the U.S. Goal</i>	30 de maio	Jeff Bradley/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/05/31/sports/soccer/changing-of-the-guards-in-front-of-the-us-goal.html">https://www.nytimes.com/2014/05/31/sports/soccer/changing-of-the-guards-in-front-of-the-us-goal.html</a>
8. <i>Brazilian Bank Predicts World Cup Winner</i>	02 de junho	Vinod Shreeharsha/ São Paulo, SP	<a href="https://dealbook.nytimes.com/2014/06/02/brazilian-bank-predicts-world-cup-winner/">https://dealbook.nytimes.com/2014/06/02/brazilian-bank-predicts-world-cup-winner/</a>
9. <i>Brazilian President Rejects Criticism Over World Cup</i>	03 de junho	Simon Romero/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/04/world/americas/brazilian-president-hits-back-at-critics-in-interview.html">https://www.nytimes.com/2014/06/04/world/americas/brazilian-president-hits-back-at-critics-in-interview.html</a>
11. <i>How Jurgen Klinsmann Plans to Make U.S. Soccer Better</i>	04 de junho	Sam Borden/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/08/magazine/how-jurgen-klinsmann-plans-to-make-us-soccer-better-and-less-american.html">https://www.nytimes.com/2014/06/08/magazine/how-jurgen-klinsmann-plans-to-make-us-soccer-better-and-less-american.html</a>
12. <i>Mexico, the World Cup's Luckiest Country</i>	05 de junho	Gregor Aisch e David Leonhardt/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/06/upshot/mexicos-run-of-world-cup-luck-has-continued.html">https://www.nytimes.com/2014/06/06/upshot/mexicos-run-of-world-cup-luck-has-continued.html</a>



13. <i>Countdown to 2014 World Cup in Brazil- Day 7</i>	05 de junho	Jack Bell/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/06/sports/soccer/countdown-to-2014-world-cup-in-brazil-day-7.html">https://www.nytimes.com/2014/06/06/sports/soccer/countdown-to-2014-world-cup-in-brazil-day-7.html</a>
14. <i>The World Cup is Bad for Brazil, Many Brazilians Say</i>	05 de junho	Marjorie Connely/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/05/world/americas/the-world-cup-is-bad-for-brazil-many-brazilians-say.html">https://www.nytimes.com/2014/06/05/world/americas/the-world-cup-is-bad-for-brazil-many-brazilians-say.html</a>
15. <i>Countdown to 2014 World Cup in Brazil - Day 6</i>	06 de junho	Jack Bell/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/07/sports/worldcup/fifa-video-game-predicts-germany-will-win-cup.html?action=click&amp;contentCollection=N.Y.%20%2F%20Region&amp;module=RelatedCoverage&amp;region=Marginalia&amp;pgtype=article">https://www.nytimes.com/2014/06/07/sports/worldcup/fifa-video-game-predicts-germany-will-win-cup.html?action=click&amp;contentCollection=N.Y.%20%2F%20Region&amp;module=RelatedCoverage&amp;region=Marginalia&amp;pgtype=article</a>
16. <i>The World Cup Soundtrack</i>	06 de junho	Simon Romero/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/08/magazine/the-world-cup-soundtrack.html?action=click&amp;contentCollection=World%20Cup&amp;module=RelatedCoverage&amp;region=Marginalia&amp;pgtype=article">https://www.nytimes.com/2014/06/08/magazine/the-world-cup-soundtrack.html?action=click&amp;contentCollection=World%20Cup&amp;module=RelatedCoverage&amp;region=Marginalia&amp;pgtype=article</a>
17. <i>At Rio's Beaches, Kicks Go Over Net</i>	08 de junho	Sam Borden/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/09/sports/at-rios-beaches-kicks-go-over-net.html">https://www.nytimes.com/2014/06/09/sports/at-rios-beaches-kicks-go-over-net.html</a>
18. <i>Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts</i>	09 de junho	Simon Romero/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/10/world/americas/apprehension-and-apathy-compete-with-excitement-in-world-cup-host-brazil.html">https://www.nytimes.com/2014/06/10/world/americas/apprehension-and-apathy-compete-with-excitement-in-world-cup-host-brazil.html</a>
19. <i>Making Holidays of Brazil's World Cup Games</i>	09 de junho	Fernanda Santos/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/making-holidays-of-brazil-world-cup-games.html">https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/making-holidays-of-brazil-world-cup-games.html</a>
20. <i>As World Cup Nears, American 'Football' Fans Adapt Foreign Traditions</i>	09 de junho	Sarah Lyall/ Jacksonville, Florida, EUA	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/american-soccer-fans-adopt-foreign-traditions.html">https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/american-soccer-fans-adopt-foreign-traditions.html</a>
21. <i>With Credibility on Line, World Cup Turns to Technology</i>	09 de junho	Andrew Das/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/goal-line-technology-in-place-for-world-cup.html">https://www.nytimes.com/2014/06/10/sports/worldcup/goal-line-technology-in-place-for-world-cup.html</a>
22. <i>Help for Referees, in a Can</i>	10 de junho	Sam Borden/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/11/sports/worldcup/referees-spray-ensures-free-kick-line-isnt-crossed.html">https://www.nytimes.com/2014/06/11/sports/worldcup/referees-spray-ensures-free-kick-line-isnt-crossed.html</a>
23. <i>Let the Soccer Drama Begin</i>	11 de junho	The New York Times/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/12/sports/worldcup/2014-world-cup-group-preview-from-a-to-h.html">https://www.nytimes.com/2014/06/12/sports/worldcup/2014-world-cup-group-preview-from-a-to-h.html</a>

24. <i>The Weight of the World Rests on Brazil</i>	11 de junho	Andreas Campomar/ Buenos Aires, ARG	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/12/sports/worldcup/weight-of-the-world-cup-rests-on-brazils-shoulders.html">https://www.nytimes.com/2014/06/12/sports/worldcup/weight-of-the-world-cup-rests-on-brazils-shoulders.html</a>
25. <i>Player Thumbles; Opposition Falls Brazil Wins Oppening Match Against Croatia</i>	12 de junho	Sam Borden/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/13/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-wins-opening-match-against-croatia.html">https://www.nytimes.com/2014/06/13/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-wins-opening-match-against-croatia.html</a>
26. <i>Soccer and Internal Discord, on Display for World to See</i>	12 de junho	Simon Romero/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/13/world/americas/hundreds-of-brazilians-protest-outside-world-cup-stadium-in-sao-paulo.html">https://www.nytimes.com/2014/06/13/world/americas/hundreds-of-brazilians-protest-outside-world-cup-stadium-in-sao-paulo.html</a>
27. <i>In World Cup, Mexico Believes Anything Can Happen After Rough Road to Brazil</i>	12 de junho	Andrew Keh/ Natal, RN	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/13/sports/worldcup/in-world-cup-mexico-believes-anything-can-happen-after-rough-road-to-brazil.html">https://www.nytimes.com/2014/06/13/sports/worldcup/in-world-cup-mexico-believes-anything-can-happen-after-rough-road-to-brazil.html</a>
28. <i>Questioning the Unimaginable: A Fifth FIFA Term Sepp Blatter</i>	12 de junho	Juliet Macur Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/13/sports/worldcup/a-5th-fifa-term-for-sepp-blatter-what-planet-is-he-on.html">https://www.nytimes.com/2014/06/13/sports/worldcup/a-5th-fifa-term-for-sepp-blatter-what-planet-is-he-on.html</a>
29. <i>Scoring Onslaught Does In Defending Champions</i>	13 de junho	David Waldstein/ Salvador, BA	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/worldcup/world-cup-2014-netherlands-trounces-spain.html">https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/worldcup/world-cup-2014-netherlands-trounces-spain.html</a>
30. <i>The Snake May Not Bite, but Humidity Devorous</i>	13 de junho	Jeré Longman/ Manaus, AM	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/worldcup/world-cup-2014-england-and-italy-prepare-to-play-in-manaus.html">https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/worldcup/world-cup-2014-england-and-italy-prepare-to-play-in-manaus.html</a>
31. <i>Jumping Out to Early and Holding Off an Underdog</i>	13 de junho	The Associated Press	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/worldcup/world-cup-2014-chile-eases-past-australia.html">https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/worldcup/world-cup-2014-chile-eases-past-australia.html</a>
32. <i>In Shadow of Brazil World Cup's Premier Stadium, a Hulking Ruin</i>	13 de junho	Andrew Das/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/soccer/in-shadow-of-brazil-world-cups-premier-stadium-a-hulking-ruin.html">https://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/soccer/in-shadow-of-brazil-world-cups-premier-stadium-a-hulking-ruin.html</a>
33. <i>A Piece of the Game Beyond the Walls</i>	14 de junho	Jére Longman/ Contagem, MG	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/15/sports/worldcup/brazilian-prisoners-manufacture-soccer-balls.html">https://www.nytimes.com/2014/06/15/sports/worldcup/brazilian-prisoners-manufacture-soccer-balls.html</a>
34. <i>How Do We Play the Game</i>	15 de junho	Série de textos s/ estilo de jogo das principais seleções (Brasil: J M. Wisnik)	<a href="https://www.nytimes.com/interactive/2014/06/15/sports/worldcup/how-we-play.html">https://www.nytimes.com/interactive/2014/06/15/sports/worldcup/how-we-play.html</a>
35.	15 de junho	Christopher Clarey/ Porto Alegre, RS	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/16/sports/worldcup/world-cup-2014-france-routs-honduras.html">https://www.nytimes.com/2014/06/16/sports/worldcup/world-cup-2014-france-routs-honduras.html</a>

<i>France Leaves Scoring Struggles Behind in Its Opener</i>			
36. <i>A Dream Start (USA x Ghana)</i>	16 de junho	Sam Borden/ Natal, RN	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/17/sports/worldcup/world-cup-2014-john-brooks-leads-united-states-past-ghana.html">https://www.nytimes.com/2014/06/17/sports/worldcup/world-cup-2014-john-brooks-leads-united-states-past-ghana.html</a>
37. <i>Mexico Sings Praise of Its Goalie (Brazil x Mexico)</i>	17 de junho	Andrew Keh/ Fortaleza, CE	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/18/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-and-mexico-produce-a-scoreless-thriller.html">https://www.nytimes.com/2014/06/18/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-and-mexico-produce-a-scoreless-thriller.html</a>
38. <i>Beautiful Game Played With a Gaúcho Flair in Southern Brazil</i>	20 de junho	Andres Campomar/ Porto Alegre, RS	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/21/sports/worldcup/world-cup-2014-in-porto-alegre-a-more-dour-soccer-culture.html">https://www.nytimes.com/2014/06/21/sports/worldcup/world-cup-2014-in-porto-alegre-a-more-dour-soccer-culture.html</a>
39. <i>Deep in the Amazon, an Island Village Tunes In to the World Cup</i>	20 de junho	Jeré Longman/ Manaus, AM	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/22/sports/worldcup/deep-in-the-amazon-an-isolated-village-tunes-in-the-world-cup.html">https://www.nytimes.com/2014/06/22/sports/worldcup/deep-in-the-amazon-an-isolated-village-tunes-in-the-world-cup.html</a>
40. <i>Hackers Take down World Cup Site in Brazil</i>	20 de junho	Nicole Perlhott/ Não identificado	<a href="https://bits.blogs.nytimes.com/2014/06/20/hackers-take-down-world-cup-site-in-brazil/">https://bits.blogs.nytimes.com/2014/06/20/hackers-take-down-world-cup-site-in-brazil/</a>
41. <i>Brazil's Other Team, or So Portugal Hopes</i>	21 de junho	David Waldstein/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/22/sports/worldcup/world-cup-2014-portugal-may-be-second-favorite.html">https://www.nytimes.com/2014/06/22/sports/worldcup/world-cup-2014-portugal-may-be-second-favorite.html</a>
42. <i>Brasília, a Capital City That's a Place Apart</i>	22 de junho	David Waldstein/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/23/sports/worldcup/world-cup-2014-brasilia-a-distinctly-un-brazilian-city.html">https://www.nytimes.com/2014/06/23/sports/worldcup/world-cup-2014-brasilia-a-distinctly-un-brazilian-city.html</a>
43. <i>Brazil Romps Past Cameroon and Into Knockout Rounds</i>	23 de junho	David Waldstein/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/24/sports/worldcup/world-cup-2014-2-ney-mar-goals-carry-brazil-past-cameroon.html">https://www.nytimes.com/2014/06/24/sports/worldcup/world-cup-2014-2-ney-mar-goals-carry-brazil-past-cameroon.html</a>
44. <i>A Win for Latin America Middle Class</i>	23 de junho	Simon Romero/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/24/world/americas/a-victory-for-latin-americas-middle-class-at-world-cup.html">https://www.nytimes.com/2014/06/24/world/americas/a-victory-for-latin-americas-middle-class-at-world-cup.html</a>
45. <i>A Highway Doubling as a Haven</i>	24 de junho	Sam Borden/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/25/sports/worldcup/minhocao-represents-sao-paulos-crumbling-but-welcoming-heart.html">https://www.nytimes.com/2014/06/25/sports/worldcup/minhocao-represents-sao-paulos-crumbling-but-welcoming-heart.html</a>
46. <i>U.S. Moves On With Assist From Portugal</i>	26 de junho	Sam Borden/ Recife, PE	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/27/sports/worldcup/world-cup-2014-us-">https://www.nytimes.com/2014/06/27/sports/worldcup/world-cup-2014-us-</a>

			<a href="http://www.nytimes.com/2014/06/27/sports/worldcup/world-cup-2014-germany-recife-brazil.html?ref=worldcup">germany-recife-brazil.html?ref=worldcup</a>
47. <i>Ronaldo Lifts Portugal to Victory Over Ghana</i>	26 de junho	David Waldstein/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/27/sports/worldcup/world-cup-2014-ghana-dismisses-2-players-before-portugal-game.html">https://www.nytimes.com/2014/06/27/sports/worldcup/world-cup-2014-ghana-dismisses-2-players-before-portugal-game.html</a>
48. <i>The Dazzle and the Desolation of Stadiums in World Cup Host Cities</i>	28 de junho	Juliet Macur/ Natal, RN	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/29/sports/worldcup/world-cup-2014-residents-wonder-how-new-stadiums-will-benefit-region-after-cup.html">https://www.nytimes.com/2014/06/29/sports/worldcup/world-cup-2014-residents-wonder-how-new-stadiums-will-benefit-region-after-cup.html</a>
49. <i>U.S. Team's Chef Carefully Serves Up Breakfast</i>	28 de junho	Sam Broden/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/29/sports/worldcup/a-team-as-intense-as-its-breakfast-enchiladas.html">https://www.nytimes.com/2014/06/29/sports/worldcup/a-team-as-intense-as-its-breakfast-enchiladas.html</a>
50. <i>Brazil Survives Shootout Against Chile</i>	28 de junho	David Waldstein/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/29/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-survives-shootout-against-chile.html">https://www.nytimes.com/2014/06/29/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-survives-shootout-against-chile.html</a>
51. <i>For Goalkeepers in Brazil, Catching Grief is Part of the Job</i>	29 de junho	Sam Broden/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/06/30/sports/worldcup/world-cup-2014-brazils-goalkeepers-finally-get-some-respect.html">https://www.nytimes.com/2014/06/30/sports/worldcup/world-cup-2014-brazils-goalkeepers-finally-get-some-respect.html</a>
52. <i>Whistle in Mouth, Target on Back</i>	30 de junho	Jeré Longman/ Salvador, BA	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/01/sports/worldcup/world-cup-2014-before-usa-belgium-jurgen-klinsmann-works-the-referee.html">https://www.nytimes.com/2014/07/01/sports/worldcup/world-cup-2014-before-usa-belgium-jurgen-klinsmann-works-the-referee.html</a>
53. <i>Argentine Fans Feel Right at Home</i>	01 de julho	Andres Campomar/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/02/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-brings-out-best-in-argentina-fans.html">https://www.nytimes.com/2014/07/02/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-brings-out-best-in-argentina-fans.html</a>
54. <i>Belgium Eliminates Team U.S.A</i>	01 de julho	Sam Borden/ Salavador, BA	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/02/sports/soccer/world-cup-2014-belgium-eliminates-team-usa.html">https://www.nytimes.com/2014/07/02/sports/soccer/world-cup-2014-belgium-eliminates-team-usa.html</a>
55. <i>U.S.A and Belgium: a Long- Running Battle for Supremacy</i>	01 de julho	Ben Rothenberg/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/01/sports/worldcup/world-cup-2014-usa-belgium-rivalry-extends-beyond-soccer-pitch.html">https://www.nytimes.com/2014/07/01/sports/worldcup/world-cup-2014-usa-belgium-rivalry-extends-beyond-soccer-pitch.html</a>
56. <i>Aganist Belgium, U.S.A Shows Grit in Another Second-Round Exit</i>	01 de julho	Jeré Longman/ Salvador, BA	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/02/sports/worldcup/world-cup-2014-against-belgium-usa-shows-grit-in-another-second-round-exit.html">https://www.nytimes.com/2014/07/02/sports/worldcup/world-cup-2014-against-belgium-usa-shows-grit-in-another-second-round-exit.html</a>
57. <i>An Alternative World Cup</i>	02 de julho	James Montague/ Não identificado	<a href="https://lens.blogs.nytimes.com/2014/07/02/an-alternative-world-cup/">https://lens.blogs.nytimes.com/2014/07/02/an-alternative-world-cup/</a>

58. <i>Doubts Set In as Pressure Builds</i>	03 de julho	Andrew Das/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/04/sports/worldcup/world-cup-2014-brazils-fans-nervously-eye-colombia.html">https://www.nytimes.com/2014/07/04/sports/worldcup/world-cup-2014-brazils-fans-nervously-eye-colombia.html</a>
59. <i>Brazil Comes Around as the World Cup Plays On</i>	03 de julho	Simon Romero/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/04/world/americas/brazil-comes-around-as-the-world-cup-plays-on.html">https://www.nytimes.com/2014/07/04/world/americas/brazil-comes-around-as-the-world-cup-plays-on.html</a>
60. <i>Unorthodox Bookends Leading the Germans</i>	03 de julho	Christopher Clarey/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/04/sports/worldcup/world-cup-2014-germany-needs-best-from-thomas-muller-and-manuel-neuer.html">https://www.nytimes.com/2014/07/04/sports/worldcup/world-cup-2014-germany-needs-best-from-thomas-muller-and-manuel-neuer.html</a>
61. <i>From Carrying Water to Stirring a Nation</i>	03 de julho	Christopher Clarey/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/03/sports/worldcup/world-cup-2014-frances-manager-prepares-for-germany.html">https://www.nytimes.com/2014/07/03/sports/worldcup/world-cup-2014-frances-manager-prepares-for-germany.html</a>
62. <i>Brazil Takes a Painful Step Forward</i>	04 de julho	Andrew Keh/ Fortaleza, CE	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-beats-colombia-in-quarterfinal.html">https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-beats-colombia-in-quarterfinal.html</a>
63. <i>How Much Will Brazil Miss Neymar?</i>	04 de julho	Wilson Anrews, Jeremy Bowers e Joe Ward/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/interactive/2014/07/04/sports/world-cup-scoring-chances.html">https://www.nytimes.com/interactive/2014/07/04/sports/world-cup-scoring-chances.html</a>
64. <i>On a Beautiful Day for Brazilians, an Unexpected Dark Cloud</i>	04 de julho	Christopher Clarey/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-neymars-injury-is-a-crushing-disappointment-in-brazil.html">https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-neymars-injury-is-a-crushing-disappointment-in-brazil.html</a>
65. <i>As They Invade, Argentines Seek Soccer Conquest</i>	04 de julho	David Waldstein/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-argentina-fans-hope-to-spoil-brazils-tournament.html">https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-argentina-fans-hope-to-spoil-brazils-tournament.html</a>
66. <i>Today's World Cup Matches- July 4, 2014</i>	04 de julho	The New York Times	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/04/sports/worldcup/world-cup-2014-france-and-germany-meet-again-and-brazil-faces-colombian-challenge.html">https://www.nytimes.com/2014/07/04/sports/worldcup/world-cup-2014-france-and-germany-meet-again-and-brazil-faces-colombian-challenge.html</a>
67. <i>At Retooled Maracanã, Olympics Are Palpable</i>	04 de julho	Christopher Clarey/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-at-retooled-maracana-olympics-are-palpable.html">https://www.nytimes.com/2014/07/05/sports/worldcup/world-cup-2014-at-retooled-maracana-olympics-are-palpable.html</a>
68. <i>The Amazon's Floating Field</i>	05 de julho	Jére Longman/ Catalão, AM	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/06/sports/worldcup/world-cup-2014-in-an-amazon-village-built-for-buoyancy-the-game-of-soccer-plays-on.html">https://www.nytimes.com/2014/07/06/sports/worldcup/world-cup-2014-in-an-amazon-village-built-for-buoyancy-the-game-of-soccer-plays-on.html</a>
69. <i>For Bellicose Brazil, Playback Carries</i>	05 de julho	Sam Broden/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/06/sports/worldcup/for-bellicose-brazil-playback-carries-heavy-price-loss-of-neymar.html">https://www.nytimes.com/2014/07/06/sports/worldcup/for-bellicose-brazil-playback-carries-heavy-price-loss-of-neymar.html</a>

<i>Heavy Price: Loss of Neymar</i>			
70. <i>Semifinals Remain an Inner Sanctum Until Further Notice</i>	06 de julho	George Vecsey/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/world-cup-2014-soccers-elite-sends-the-party-crashers-home.html">https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/world-cup-2014-soccers-elite-sends-the-party-crashers-home.html</a>
71. <i>Brazil Other Beautiful Games</i>	06 de julho	Jeré Longman/ Manaus, AM	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/world-cup-2014-peladatildeo-event-mixes-soccer-and-pageant.html">https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/world-cup-2014-peladatildeo-event-mixes-soccer-and-pageant.html</a>
72. <i>Tight Script of Soccer Isn't Hostage to Advertisers</i>	06 de julho	Richard Sandomir/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/world-cup-2014-soccer-broadcasts-have-fewer-commercials.html">https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/world-cup-2014-soccer-broadcasts-have-fewer-commercials.html</a>
73. <i>Brazil Lobbies for Punishment of the Colombian Player that Injured Neymar</i>	06 de julho	Andrew Das and David Waldstein	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/after-neymar-injury-brazil-seeks-punishment-for-zuniga.html">https://www.nytimes.com/2014/07/07/sports/worldcup/after-neymar-injury-brazil-seeks-punishment-for-zuniga.html</a>
74. <i>World Cup 2014: Germany Defeats Brazil, 7-1</i>	07 de julho	Jeff Z. Klein/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/interactive/2014/07/08/sports/worldcup/world-cup-brazil-vs-germany.html">https://www.nytimes.com/interactive/2014/07/08/sports/worldcup/world-cup-brazil-vs-germany.html</a>
75. <i>For Brazil, Winning Trumps Aesthetics</i>	07 de julho	Sam Borden/ Belo Horizonte, BH	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/08/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-eschews-the-beautiful-game-for-more-rugged-style.html">https://www.nytimes.com/2014/07/08/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-eschews-the-beautiful-game-for-more-rugged-style.html</a>
76. <i>A Power Struggle Across Continents</i>	08 de julho	Andrew Das/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/08/sports/worldcup/in-brazil-vs-germany-and-argentina-vs-netherlands-dynamic-south-american-teams-face-european-stalwarts.html">https://www.nytimes.com/2014/07/08/sports/worldcup/in-brazil-vs-germany-and-argentina-vs-netherlands-dynamic-south-american-teams-face-european-stalwarts.html</a>
77. <i>Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, and Brazil's Day Goes Dark</i>	08 de julho	Sam Borden/ Belo Horizonte, BH	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-host-brazil-stunned-7-1-by-germany-in-semifinal.html">https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-host-brazil-stunned-7-1-by-germany-in-semifinal.html</a>
78. <i>Nation in Despair - Brazil Left Humiliated by Germans Dominance</i>	08 de julho	Jeré Longman/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-left-humiliated-by-germanys-dominance.html?_r=0">https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-left-humiliated-by-germanys-dominance.html?_r=0</a>
79. <i>Stunned Brazilians Try to Move On After Their Exalted Team Falls</i>	08 de julho	Simon Romero e Seth Kugel/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/in-brazil-world-cup-loss-to-germany-looms-large.html?mtrref=www.google.com.br">https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/in-brazil-world-cup-loss-to-germany-looms-large.html?mtrref=www.google.com.br</a>

80. <i>Game That Shocked the World Leads to Joyous Disbelief in Germany</i>	08 de julho	Alison Smale e Melissa Eddy/ Berlin, ALE	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/2014-world-cup-semifinals-result-leaves-germany-in-awe.html">https://www.nytimes.com/2014/07/09/sports/worldcup/2014-world-cup-semifinals-result-leaves-germany-in-awe.html</a>
81. <i>29 Minutes That Shook Brazil</i>	09 de julho	Sam Borden/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/10/sports/world-cup-2014-five-german-kicks-felt-in-brazilian-guts-everywhere.html">https://www.nytimes.com/2014/07/10/sports/world-cup-2014-five-german-kicks-felt-in-brazilian-guts-everywhere.html</a>
82. <i>Many Sacrifices, but Few Perks for Event's Volunteers</i>	10 de julho	Juliet Macur/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/11/sports/worldcup/world-cup-2014-many-sacrifices-few-perks-for-volunteers.html">https://www.nytimes.com/2014/07/11/sports/worldcup/world-cup-2014-many-sacrifices-few-perks-for-volunteers.html</a>
83. <i>Whether Wretched or Inspired, Title Match Often Provides a Jolt</i>	10 de julho	Jeré Longman/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/11/sports/worldcup/world-cup-2014-final-between-germany-and-argentina-could-surprise-fans.html">https://www.nytimes.com/2014/07/11/sports/worldcup/world-cup-2014-final-between-germany-and-argentina-could-surprise-fans.html</a>
84. <i>Soccer in Brazil, and Outside the World's Glare</i>	11 de julho	David Gonzalez/ Não identificado	<a href="https://lens.blogs.nytimes.com/2014/07/11/world-cup-brazil-mauricio-lima-lens-blog-worlds-glare/?ref=worldcup&amp;_r=0">https://lens.blogs.nytimes.com/2014/07/11/world-cup-brazil-mauricio-lima-lens-blog-worlds-glare/?ref=worldcup&amp;_r=0</a>
85. <i>Best of The World Cup, From The Upshot</i>	11 de julho	The New York Times	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/12/upshot/before-argentina-plays-germany-we-look-back.html?ref=worldcup">https://www.nytimes.com/2014/07/12/upshot/before-argentina-plays-germany-we-look-back.html?ref=worldcup</a>
86. <i>Semifinal Losers Will Vie for Third Place, Like It or Not</i>	11 de julho	Victor Mather/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/12/sports/worldcup/world-cup-2014-in-consolation-match-heres-to-the-losers.html">https://www.nytimes.com/2014/07/12/sports/worldcup/world-cup-2014-in-consolation-match-heres-to-the-losers.html</a>
87. <i>Biggest Scorer in World Cup: Maybe Univision</i>	12 de julho	Johnathan Maler/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/13/business/media/biggest-scorer-in-world-cup-maybe-univision.html">https://www.nytimes.com/2014/07/13/business/media/biggest-scorer-in-world-cup-maybe-univision.html</a>
88. <i>In Argentina, Lionel Messi Is Not loved as Much as Diego Maradona</i>	12 de julho	Jeré Longman/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/13/sports/worldcup/world-cup-2014-in-argentina-lionel-messi-is-not-loved-as-much-as-diego-maradona.html">https://www.nytimes.com/2014/07/13/sports/worldcup/world-cup-2014-in-argentina-lionel-messi-is-not-loved-as-much-as-diego-maradona.html</a>
89. <i>Spirits Dampened, Brazilians Show Waning Support for 4th Place Team</i>	12 de julho	Seth Kugel e Lucy Jordan/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/13/sports/worldcup/world-cup-2014-even-after-7-1-fans-care-about-netherlands-game.html">https://www.nytimes.com/2014/07/13/sports/worldcup/world-cup-2014-even-after-7-1-fans-care-about-netherlands-game.html</a>
90. <i>Netherlands Blanks Brazil to Finish in Third Place</i>	12 de julho	The Associated Press/ Brasília, DF	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/13/sports/worldcup/world-cup-2014-netherlands-blanks-brazil-to-finish-in-third-place.html">https://www.nytimes.com/2014/07/13/sports/worldcup/world-cup-2014-netherlands-blanks-brazil-to-finish-in-third-place.html</a>
91. <i>Success for Brazil, Just Not on the Field</i>	13 de julho	Jeré Longman/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/14/sports/worldcup/world-cup-2014-">https://www.nytimes.com/2014/07/14/sports/worldcup/world-cup-2014-</a>

			<a href="#">brazil-was-a-good-host-but-poor-competitor.html</a>
92. <i>Germans End Long Wait: 24 Years and a Bit Extra</i>	13 de julho	Sam Borden/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/14/sports/worldcup/world-cup-2014-germany-defeats-argentina-in-final.html">https://www.nytimes.com/2014/07/14/sports/worldcup/world-cup-2014-germany-defeats-argentina-in-final.html</a>
93. <i>Brazilians Go Back to Real Life</i>	13 de julho	Sam Borden/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/14/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-was-embarrassed-but-an-argentina-victory-would-have-been-intolerable.html">https://www.nytimes.com/2014/07/14/sports/worldcup/world-cup-2014-brazil-was-embarrassed-but-an-argentina-victory-would-have-been-intolerable.html</a>
94. <i>Cleaning Up After the World Cup (Editorial)</i>	14 de julho	The New York Times Editorial Board	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/15/opinion/cleaning-up-after-the-world-cup.html">https://www.nytimes.com/2014/07/15/opinion/cleaning-up-after-the-world-cup.html</a>
95. <i>Ugly Reality Intrudes On World Cup's Glow</i>	14 de julho	Sam Borden/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/15/sports/worldcup/World-Cup-2014-as-glow-of-cup-fades-issues-remain-for-fifa.html?ref=worldcup">https://www.nytimes.com/2014/07/15/sports/worldcup/World-Cup-2014-as-glow-of-cup-fades-issues-remain-for-fifa.html?ref=worldcup</a>
96. <i>How Fan Loyalty Changed During the World Cup</i>	14 de julho	Shen Carter e Kevin Quealy / Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/interactive/2014/07/12/upshot/how-fan-loyalty-changed-during-the-world-cup.html">https://www.nytimes.com/interactive/2014/07/12/upshot/how-fan-loyalty-changed-during-the-world-cup.html</a>
97. <i>Scolari Resigns as Coach of Brazil</i>	14 de julho	The Associated Press/ São Paulo, SP	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/15/sports/worldcup/brazil-coach-luis-felipe-scolari-resigns.html">https://www.nytimes.com/2014/07/15/sports/worldcup/brazil-coach-luis-felipe-scolari-resigns.html</a>
98. <i>In World Cup Soccer, Coaches Take the Blame</i>	15 de julho	Rob Hughes/ Londres, UK	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/16/sports/soccer/in-world-cup-soccer-coaches-take-the-blame.html">https://www.nytimes.com/2014/07/16/sports/soccer/in-world-cup-soccer-coaches-take-the-blame.html</a>
99. <i>U.S. Slips in FIFA Rankings Despite Its World Cup Effort</i>	17 de julho	Jack Bell/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/07/18/sports/soccer/fifa-world-rankings-germany-is-no-1-after-world-cup-win.html">https://www.nytimes.com/2014/07/18/sports/soccer/fifa-world-rankings-germany-is-no-1-after-world-cup-win.html</a>
100. <i>Does Hosting Olympics Actually Pay Off</i>	05 de agosto	Binyamin Appelbaum / Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/08/10/magazine/does-hosting-the-olympics-actually-pay-off.html">https://www.nytimes.com/2014/08/10/magazine/does-hosting-the-olympics-actually-pay-off.html</a>
101. <i>Rio's Slums to Jacob's Pillow: Companhia Urbana de dança Reflects Brazil's Complexities</i>	09 de Agosto	Marina Hars/ Não identificado	<a href="https://www.nytimes.com/2014/08/10/arts/dance/companhia-urbana-de-danca-reflects-brazils-complexities.html">https://www.nytimes.com/2014/08/10/arts/dance/companhia-urbana-de-danca-reflects-brazils-complexities.html</a>
102. <i>Brazilian Soccer Pursues a Remake by Returning to its Past</i>	08 de setembro	Andrew Keh/ Miami, USA	<a href="https://www.nytimes.com/2014/09/09/sports/soccer/brazilian-soccer-pursues-a-remake-by-returning-to-its-past.html">https://www.nytimes.com/2014/09/09/sports/soccer/brazilian-soccer-pursues-a-remake-by-returning-to-its-past.html</a>



**QUADRO 3 – Textos Coletados (*The Wall Street Journal*)**

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Autor/Cidade</b>	<b>Link</b>
1. <i>Joe Biden Attend World Cup in Brazil</i>	14 de abril	Não identificados	<a href="http://blogs.wsj.com/washwire/2014/04/14/joe-biden-to-attend-world-cup-in-brazil/">http://blogs.wsj.com/washwire/2014/04/14/joe-biden-to-attend-world-cup-in-brazil/</a>
2. <i>Brazil's Two Biggest Cities Roiled by Violence</i>	22 de abril	Luciana Magalhaes/ São Paulo, SP Paul Kiernan/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/dozen-of-buses-burned-in-brazil-1398200389?tesla=y">https://www.wsj.com/articles/dozen-of-buses-burned-in-brazil-1398200389?tesla=y</a>
3. <i>Brazil World Cup Aims for the Right Accent With new Album</i>	23 de abril	Reed Johnson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/news/articles/SB10001424052702303825604579517941936922678">https://www.wsj.com/news/articles/SB10001424052702303825604579517941936922678</a>
4. <i>From 'Waka Waka' to 'Wavin' Flag', the Top Performing World Cup Songs</i>	25 de abril	WSJ Staff/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/speakeasy/2014/04/25/top-fifa-world-cup-songs/">http://blogs.wsj.com/speakeasy/2014/04/25/top-fifa-world-cup-songs/</a>
5. <i>Wave of Street Crime Hits Rio de Janeiro</i>	05 de maio	Loretta Chao / Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303417104579544242572938618">https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303417104579544242572938618</a>
6. <i>Pelé: Brazil's Fevered Pitch Man</i>	06 de maio	Matthew Futterman and Reed Johnson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/pele-brazils-fevered-pitch-man-1399417083">https://www.wsj.com/articles/pele-brazils-fevered-pitch-man-1399417083</a>
7. <i>Soccer Stadiums Raises Brazilian Ire</i>	12 de maio	Paula Trevisani/ Brasília, DF	<a href="https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304536104579558590707514228">https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304536104579558590707514228</a>
8. <i>Japan Warns of Crime in Brazil Before World Cup</i>	13 de maio	Jun Hongo/ Não identificado	<a href="https://blogs.wsj.com/japanrealtime/2014/05/13/japan-warns-of-crime-in-brazil-before-world-cup/">https://blogs.wsj.com/japanrealtime/2014/05/13/japan-warns-of-crime-in-brazil-before-world-cup/</a>
9. <i>Brazil Sends Troops to Recife as Police Strike</i>	15 de maio	Rogério Jelmayer e Luciana Magalhães/ São Paulo, SP	<a href="https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304908304579563810788224536">https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304908304579563810788224536</a>
10. <i>Brazil's Neymar on the Weight of the World Cup</i>	19 de maio	Jason Gay / Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/soccer-superstar-neymar-on-the-weight-of-the-world-cup-1400511192">https://www.wsj.com/articles/soccer-superstar-neymar-on-the-weight-of-the-world-cup-1400511192</a>
11. <i>Will the 2014 World Cup Soccer Ball Score</i>	23 de maio	Mathew Futterman / Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303468704579571983079258174">https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303468704579571983079258174</a>
12. <i>Hope Fades in Brazil for a World Cup Economic Boost</i>	27 de maio	John Lyons e Loretta Chao / Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/hope-fades-in-brazil-for-a-world-cup-economic-boost-1401242039">https://www.wsj.com/articles/hope-fades-in-brazil-for-a-world-cup-economic-boost-1401242039</a>

13. <i>Labor Strikes roil Brazil Ahead of World Cup</i>	29 de maio	Paul Kiernan e Rogério Jelmayer / Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/labor-strikes-roil-brazil-ahead-of-world-cup-1401398941">https://www.wsj.com/articles/labor-strikes-roil-brazil-ahead-of-world-cup-1401398941</a>
14. <i>At the World Cup, Citizenship Become a Complicated Issue</i>	30 de maio	Joshua Robinson / Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/at-the-world-cup-citizenship-becomes-a-complicated-issue-1401403912">https://www.wsj.com/articles/at-the-world-cup-citizenship-becomes-a-complicated-issue-1401403912</a>
15. <i>Beautiful Game Deep in the Brazilian Jungle, Villages Host Their Own World Cup</i>	30 de maio	John Lyons / Suruacá, AM, BRA	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-soccer-brazils-villages-compete-in-their-own-cup-1401475828">https://www.wsj.com/articles/world-cup-soccer-brazils-villages-compete-in-their-own-cup-1401475828</a>
16. <i>Who Will Win the World Cup? Goldman Says Brazil; ING says Spain</i>	04 de junho	Neelabh Chaturvedi/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/moneybeat/2014/06/04/who-will-win-the-world-cup-goldman-says-brazil-ing-says-spain/">http://blogs.wsj.com/moneybeat/2014/06/04/who-will-win-the-world-cup-goldman-says-brazil-ing-says-spain/</a>
17. <i>50 Things...You Didn't Know About the World Cup</i>	05 de junho	Joshua Robinson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/50-things-you-didnt-know-about-the-world-cup-1402011133">https://www.wsj.com/articles/50-things-you-didnt-know-about-the-world-cup-1402011133</a>
18. <i>The World Cup: Continental Divide</i>	05 de junho	Mathew Futterman/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-world-cup-continental-divide-1402010603">https://www.wsj.com/articles/the-world-cup-continental-divide-1402010603</a>
19. <i>Are Outdated Soccer Tactics a Cross to Bear: Possession is the Way to Goal</i>	05 de junho	Jonathan Clegg/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/are-outdated-soccer-tactics-a-cross-to-bear-keeping-possession-is-the-way-to-goal-1402007011?mg=id-wsj">https://www.wsj.com/articles/are-outdated-soccer-tactics-a-cross-to-bear-keeping-possession-is-the-way-to-goal-1402007011?mg=id-wsj</a>
20. <i>It's a Matter of 'Goal' vs. 'Golazo!'</i>	05 de junho	Reed Johnson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/its-a-matter-of-goal-vs-golazo-1402007205">https://www.wsj.com/articles/its-a-matter-of-goal-vs-golazo-1402007205</a>
21. <i>Thierry Henry Shares His 2014 World Cup Winner Predictions</i>	05 de junho	Robin Kawakami/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/speakeasy/2014/06/05/thierry-henry-shares-his-2014-world-cup-winner-predictions/">http://blogs.wsj.com/speakeasy/2014/06/05/thierry-henry-shares-his-2014-world-cup-winner-predictions/</a>
22. <i>The Problem With American Soccer Fans</i>	06 de junho	Jonathan Clegg/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/why-i-hate-american-soccer-fans-1402012291">https://www.wsj.com/articles/why-i-hate-american-soccer-fans-1402012291</a>
23. <i>The Problem With the World Cup Referees</i>	10 de junho	Joshua Robinson / Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-problem-with-world-cup-referees-1402354736">https://www.wsj.com/articles/the-problem-with-world-cup-referees-1402354736</a>
24. <i>Facebook and Twitter Launch World Cup Hubs</i>	10 de junho	Todd Olmstead / Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/10/world-cup-2014-facebook-twitter/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/10/world-cup-2014-facebook-twitter/</a>

25. <i>For FIFA, a Tumultuous World Cup</i>	10 de junho	Matthew Futterman and John Lyons/ Rio de Janeiro	<a href="https://www.wsj.com/articles/for-fifa-a-tumultuous-world-cup-1402450054">https://www.wsj.com/articles/for-fifa-a-tumultuous-world-cup-1402450054</a>
26. <i>If Only This Were the 2010 World Cup</i>	10 de junho	Joshua Robinson/ Salvador, BA	<a href="https://www.wsj.com/articles/if-only-this-were-the-2010-world-cup-1402612474">https://www.wsj.com/articles/if-only-this-were-the-2010-world-cup-1402612474</a>
27. <i>In the World Cup, Don't Expect a Cinderella Run</i>	10 de junho	Brian Rusutek/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/in-the-world-cup-dont-expect-a-cinderella-run-1402442477">https://www.wsj.com/articles/in-the-world-cup-dont-expect-a-cinderella-run-1402442477</a>
28. <i>FIFA World Cup 2014: The Football Can Finally Begin</i>	10 de junho	Mathew Futterman/ São Paulo, SP	<a href="https://www.wsj.com/articles/in-brazil-the-futebol-can-finally-begin-1402532925">https://www.wsj.com/articles/in-brazil-the-futebol-can-finally-begin-1402532925</a>
29. <i>Brazil Celebrates a Win, but there's Some Trepidation</i>	12 de junho	Patricia Kowsmann/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/12/brazil-celebrates-a-win-but-theres-some-trepidation/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/12/brazil-celebrates-a-win-but-theres-some-trepidation/</a>
30. <i>World Cup: Liberals More Likely to Be Soccer Fans</i>	13 de junho	Dante Chinni/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/washwire/2014/06/13/world-cup-liberals-more-likely-to-be-soccer-fans/">http://blogs.wsj.com/washwire/2014/06/13/world-cup-liberals-more-likely-to-be-soccer-fans/</a>
31. <i>Middle-Class Brazilians Are in No Mood to Party</i>	15 de junho	Mary Anastasia O'Grady/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/mary-ogrady-middle-class-brazilians-are-in-no-mood-to-party-1402869038">https://www.wsj.com/articles/mary-ogrady-middle-class-brazilians-are-in-no-mood-to-party-1402869038</a>
32. <i>Street Soccer: Now This Is Brazilian Futebol</i>	15 de junho	Hannah Karp/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/15/street-soccer-now-this-is-brazilian-futebol/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/15/street-soccer-now-this-is-brazilian-futebol/</a>
33. <i>Own Goals: A Welcome Gift at the World Cup</i>	15 de junho	Andrew Beaton/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/own-goals-a-welcome-gift-at-the-world-cup-1402881204">https://www.wsj.com/articles/own-goals-a-welcome-gift-at-the-world-cup-1402881204</a>
34. <i>World Cup 2014: The U.S. Strikes Early, and late, to beat Ghana</i>	17 de junho	Matthew Futterman/ Natal, RN	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-2014-the-americans-strike-early-and-late-to-beat-ghana-1402965188">https://www.wsj.com/articles/world-cup-2014-the-americans-strike-early-and-late-to-beat-ghana-1402965188</a>
35. <i>Brazil Tourists Seen Spending \$2.97 Billion During World Cup</i>	17 de junho	Rogério Jelmayer/ São Paulo, SP	<a href="https://www.wsj.com/articles/brazil-tourists-seen-spending-2-97-billion-during-world-cup-1403010185">https://www.wsj.com/articles/brazil-tourists-seen-spending-2-97-billion-during-world-cup-1403010185</a>
36. <i>World Cup Audience in the U.S. Is Growing</i>	17 de junho	Keach Hagey/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/u-s-match-in-world-cup-sets-a-tv-record-1403034850">https://www.wsj.com/articles/u-s-match-in-world-cup-sets-a-tv-record-1403034850</a>
37. <i>Russia Jerseys a Big Hit in Brazil</i>	17 de junho	Patricia Kowsmann/ Belo Horizonte, MG	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/17/russia-jerseys-a-big-hit-in-brazil/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/17/russia-jerseys-a-big-hit-in-brazil/</a>

38. <i>Condom Maker Scores at Brazil's World Cup</i>	18 de junho	Huileng Tan/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/condom-maker-scores-at-brazils-world-cup-1403088314">https://www.wsj.com/articles/condom-maker-scores-at-brazils-world-cup-1403088314</a>
39. <i>In Brazil, Girls Are Still Left on the Sideline</i>	18 de junho	Patricia Kowsmann/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.wsj.com/articles/in-brazil-girls-are-still-left-on-the-sidelines-in-soccer-1403131630">https://www.wsj.com/articles/in-brazil-girls-are-still-left-on-the-sidelines-in-soccer-1403131630</a>
40. <i>China's Soccer Team Misses World Cup, but Manufacturers Still Score</i>	18 de junho	Chao Deng e Jenny W. Hsu/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/chinas-soccer-team-misses-world-cup-but-manufacturers-still-score-1403087319">https://www.wsj.com/articles/chinas-soccer-team-misses-world-cup-but-manufacturers-still-score-1403087319</a>
41. <i>The Fault in Our Stars</i>	20 de junho	Daniel Askt/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/in-some-sports-too-many-stars-can-hurt-1403302565">https://www.wsj.com/articles/in-some-sports-too-many-stars-can-hurt-1403302565</a>
42. <i>Can't Get to the Games in Brazil? Go to the Cinema</i>	20 de junho	Luciana Magalhães/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/cant-get-to-the-games-in-brazil-go-to-the-cinema/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/cant-get-to-the-games-in-brazil-go-to-the-cinema/</a>
43. <i>Man of the Match at the World Cup Has Become a Popularity Contest</i>	20 de junho	Jonathan Clegg/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/man-of-the-match-at-the-world-cup-has-become-a-popularity-contest/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/man-of-the-match-at-the-world-cup-has-become-a-popularity-contest/</a>
44. <i>Another Luis Suarez With a Point to Prove</i>	20 de junho	Will Davies/ Curitiba, PR	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/another-luis-suarez-with-a-point-to-prove/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/another-luis-suarez-with-a-point-to-prove/</a>
45. <i>Brazilian Court Orders World Cup to Give Players Cooling Breaks</i>	20 de junho	Rogério Jelmayer/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/brazilian-official-demands-world-cup-cooling-breaks/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/20/brazilian-official-demands-world-cup-cooling-breaks/</a>
46. <i>World Cup: Mexico Soccer Slur Under Scrutiny</i>	21 de junho	Paul Kiernan e Laurence Iliff/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-mexico-soccer-slur-under-scrutiny-1403375365">https://www.wsj.com/articles/world-cup-mexico-soccer-slur-under-scrutiny-1403375365</a>
47. <i>The South Americans Sitting Out of the World Cup</i>	22 de junho	André Lopez Crizado/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-south-americans-sitting-out-of-the-world-cup-1403484319">https://www.wsj.com/articles/the-south-americans-sitting-out-of-the-world-cup-1403484319</a>
48. <i>World Cup Draws Huge U.S. TV Viewership</i>	23 de junho	Keach Hagey/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/2014-fifa-world-cup-draws-huge-u-s-tv-viewership-1403557936?mg=id-wsj">https://www.wsj.com/articles/2014-fifa-world-cup-draws-huge-u-s-tv-viewership-1403557936?mg=id-wsj</a>
49. <i>World Cup: Inexplicably, U.S. Believes That It can Win</i>	23 de junho	Mathew Futterman/ São Paulo, SP	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-for-some-reason-u-s-believes-that-it-can-win-1403560048">https://www.wsj.com/articles/world-cup-for-some-reason-u-s-believes-that-it-can-win-1403560048</a>

50. <i>Italians to Coach: Stop Thinking, Per Favore</i>	23 de junho	Jonathan Clegg/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/italians-to-coach-stop-tinkering-per-favore-1403572526">https://www.wsj.com/articles/italians-to-coach-stop-tinkering-per-favore-1403572526</a>
51. <i>Mexico Advances to Face Netherlands, Needing to Break Knockout Game Streak</i>	23 de junho	Johsua Robinson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/brazil-mexico-advance-to-the-round-of-16-1403563447">https://www.wsj.com/articles/brazil-mexico-advance-to-the-round-of-16-1403563447</a>
52. <i>World Cup: I believe that We Need Gin</i>	23 de junho	Jason Gay/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-i-believe-that-we-need-gin-1403531499?tesla=y">https://www.wsj.com/articles/world-cup-i-believe-that-we-need-gin-1403531499?tesla=y</a>
53. <i>São Paulo's Version of Bourbon Street</i>	23 de junho	Luciana Magalhães e Jeffrey T. Lewis/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/23/sao-paulos-version-of-bourbon-street/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/23/sao-paulos-version-of-bourbon-street/</a>
54. <i>On the Soccer Field, Steve Nash Is a New Yorker</i>	24 de junho	Jason Gay/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/on-the-soccer-field-steve-nash-is-a-new-yorker-1403655958">https://www.wsj.com/articles/on-the-soccer-field-steve-nash-is-a-new-yorker-1403655958</a>
55. <i>The World Cup Flopping Rankings</i>	25 de junho	Geoff Foster/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-world-rankings-of-flopping-1403660175">https://www.wsj.com/articles/the-world-rankings-of-flopping-1403660175</a>
56. <i>Neymar, Nike Not Missing the Chance to Cash In</i>	25 de junho	Luciana Magalhães/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/25/neymar-nike-not-missing-the-chance-to-cash-in/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/25/neymar-nike-not-missing-the-chance-to-cash-in/</a>
57. <i>A Brazilian Spirit Aims for Global Market</i>	25 de junho	Jeffrey T. Lewis/ São Paulo, SP	<a href="https://www.wsj.com/articles/you-say-cachaca-i-say-bottoms-up-1403752353">https://www.wsj.com/articles/you-say-cachaca-i-say-bottoms-up-1403752353</a>
58. <i>Calculating the Cost of Living in Rio</i>	25 de junho	Patricia Kowsmann/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/calculating-the-cost-of-living-in-rio-1403715804">https://www.wsj.com/articles/calculating-the-cost-of-living-in-rio-1403715804</a>
59. <i>How to Skip Work to Watch U.S. vs. Germany</i>	26 de junho	Jason Gay/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-how-to-skip-work-to-watch-u-s-vs-germany-1403706187">https://www.wsj.com/articles/world-cup-how-to-skip-work-to-watch-u-s-vs-germany-1403706187</a>
60. <i>Adidas Pulls Teeth-Baring Ads With Suárez After World Cup Biting Incident</i>	26 de junho	Sara Germano e Joshua Robinson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/adidas-pulls-teeth-baring-ads-with-suarez-after-world-cup-biting-incident-1403799060">https://www.wsj.com/articles/adidas-pulls-teeth-baring-ads-with-suarez-after-world-cup-biting-incident-1403799060</a>
61. <i>World Cup Frenzy Has Whet Germans' Thirst for Beer</i>	26 de junho	Natalia Drozdiak/ Frankfurt, ALE	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/26/world-cup-frenzy-has-whet-germans-thirst-for-beer/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/26/world-cup-frenzy-has-whet-germans-thirst-for-beer/</a>
62. <i>World Cup Tourists Treating Local</i>	27 de junho	Loretta Chao/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/world-cup-tourists-treating-local-women-with-disrespect/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/world-cup-tourists-treating-local-women-with-disrespect/</a>

<i>Women with Disrespect</i>			
63. <i>The World Cup of Hair</i>	27 de junho	Todd Olmstead/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/world-cup-2014-the-world-cup-of-hair/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/world-cup-2014-the-world-cup-of-hair/</a>
64. <i>China Bans Companies From Selling 'World Cup Insurance'</i>	27 de junho	WSJ Staff	<a href="https://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/china-bans-companies-from-selling-world-cup-heartbreak-insurance/">https://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/china-bans-companies-from-selling-world-cup-heartbreak-insurance/</a>
65. <i>The Dutch Plant Their Flag in Brazil</i>	27 de junho	Marla Dickerson/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/the-dutch-plant-their-flag-in-brazil/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/the-dutch-plant-their-flag-in-brazil/</a>
66. <i>Coke and Pepsi Score In World Cup Marketing Battle While McDonald's Misses</i>	27 de junho	Steven Perlberg/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/cmo/2014/06/27/world-cup-brand-perception/">http://blogs.wsj.com/cmo/2014/06/27/world-cup-brand-perception/</a>
67. <i>Brazilians Finding That Irresistible Feeling Only the World Cup Can Bring</i>	27 de junho	Patricia Kowsmann/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/brazilians-finding-that-irresistible-feeling-only-the-world-cup-can-bring/">https://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/27/brazilians-finding-that-irresistible-feeling-only-the-world-cup-can-bring/</a>
68. <i>The Americans: Watching, Waiting</i>	28 de junho	Matthew Futterman/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/28/the-americans-watching-waitin/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/28/the-americans-watching-waitin/</a>
69. <i>Finally Something Brazilian and Argentine Soccer Fans Agree</i>	30 de junho	Reed Johnson/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/30/finally-something-brazilian-and-argentine-soccer-fans-agree-on/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/06/30/finally-something-brazilian-and-argentine-soccer-fans-agree-on/</a>
70. <i>Jurgen Klinsmann's Yoda</i>	30 de junho	Jonathan Clegg/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-jurgen-klinsmanns-yoda-1404165139">https://www.wsj.com/articles/world-cup-jurgen-klinsmanns-yoda-1404165139</a>
71. <i>FIFA Frets About Drunkenness at World Cup Matches</i>	02 de julho	Matthew Cowley/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/02/fifa-frets-about-drunkenness-at-world-cup-matches/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/02/fifa-frets-about-drunkenness-at-world-cup-matches/</a>
72. <i>What Now for America and Soccer</i>	02 de julho	Matthew Futterman/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-what-now-for-america-and-soccer-1404314704">https://www.wsj.com/articles/world-cup-what-now-for-america-and-soccer-1404314704</a>
73. <i>How To Turn New York Fever Into New York Fandom</i>	02 de julho	Daniel Barbarisi/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/how-to-turn-world-cup-fever-into-new-york-fandom-1404350056">https://www.wsj.com/articles/how-to-turn-world-cup-fever-into-new-york-fandom-1404350056</a>
74. <i>Chile Falls Behind in World Cup, but Not</i>	02 de julho	Lillian Rizzo/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/privateequity/2014/07/02/chile-falls-behind-in-world-cup-but-not-in-investment-opportunities/">http://blogs.wsj.com/privateequity/2014/07/02/chile-falls-behind-in-world-cup-but-not-in-investment-opportunities/</a>

<i>in Investment Opportunities</i>			
75. <i>World Cup Stars in Protests and Soccer Balls With Nipples: A Rio Art Gallery</i>	03 de julho	Will Connors/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/03/world-cup-stars-in-protests-and-soccer-balls-with-nipples-a-rio-art-gallery/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/03/world-cup-stars-in-protests-and-soccer-balls-with-nipples-a-rio-art-gallery/</a>
76. <i>Got, Got, Need. Swapping Panini Stickers Brings Fans Together in Brazil</i>	03 de julho	Miriam Jordan/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/03/got-got-need-swapping-panini-stickers-brings-fans-together-in-brazil/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/03/got-got-need-swapping-panini-stickers-brings-fans-together-in-brazil/</a>
77. <i>'Yanks': Once, A Way to Diss the Dutch</i>	03 de julho	Ben Zimmer/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/yanks-the-journey-of-a-word-to-disrespect-the-dutch-1404418848">https://www.wsj.com/articles/yanks-the-journey-of-a-word-to-disrespect-the-dutch-1404418848</a>
78. <i>Brazil Police Arrest Head of World Cup Hospitality Provider</i>	07 de julho	Paul Kiernan, Rogerio Jelmayer e Reed Johnson/ Ri de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/brazil-police-arrest-head-of-world-cup-hospitality-provider-1404784405">https://www.wsj.com/articles/brazil-police-arrest-head-of-world-cup-hospitality-provider-1404784405</a>
79. <i>World Cup Fever Grips Prague for Mystic's 20th Anniversary</i>	07 de julho	Sean Carney/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/emergingeuropa/2014/07/07/world-cup-fever-grips-prague-for-mystics-20th-anniversary/">http://blogs.wsj.com/emergingeuropa/2014/07/07/world-cup-fever-grips-prague-for-mystics-20th-anniversary/</a>
80. <i>Brazil-Germany World Cup Match Spurs Memes and Jokes</i>	08 de julho	Rubina Madan Fillion e Elana Zak/ Não identificado	<a href="https://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/08/brazil-germany-world-cup-match-spurs-memes-and-jokes/">https://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/08/brazil-germany-world-cup-match-spurs-memes-and-jokes/</a>
81. <i>Brazil Embarrassed as Ruthless Germany Wins 7-1</i>	08 de julho	Tempo real da partida	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/08/world-cup-2014-brazil-vs-germany-live/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/08/world-cup-2014-brazil-vs-germany-live/</a>
82. <i>The Upside of Losing Neymar</i>	08 de julho	Andrew Beaton/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-upside-of-losing-neymar-1404772615">https://www.wsj.com/articles/the-upside-of-losing-neymar-1404772615</a>
83. <i>Germany Set to be Confronted by 'Thousands of Neymars'</i>	08 de julho	Luciana Magalhães/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/08/germany-set-to-be-confronted-by-thousands-of-neymars/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/08/germany-set-to-be-confronted-by-thousands-of-neymars/</a>
84. <i>Why Soccer in Brazil Is Better Than Cricket in India</i>	10 de julho	Will Davies/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/why-soccer-in-brazil-is-better-than-cricket-in-india-1405007149">https://www.wsj.com/articles/why-soccer-in-brazil-is-better-than-cricket-in-india-1405007149</a>
85. <i>Over \$500 Million later, Brazil's Maracanã is Still Cursed</i>	11 de julho	Will Connors/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-legacy-of-the-iconic-maracana-will-likely-be-tied-to-its-high-cost-and-to-what-could-have-been-1405116704">https://www.wsj.com/articles/the-legacy-of-the-iconic-maracana-will-likely-be-tied-to-its-high-cost-and-to-what-could-have-been-1405116704</a>
86. <i>Three Ways of Watching the World Cup Final</i>	11 de julho	Jonathan Clegg e Joshua Robinson/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/three-ways-of-watching-the-world-cup-final-1405039492">https://www.wsj.com/articles/three-ways-of-watching-the-world-cup-final-1405039492</a>

87. <i>The Best (And Worst) Fans in Brazil</i>	11 de julho	Beckey Bright, Jonathan Clegg, Will Connors, Matthew Cowley, Loretta Chao, Jeff Cullen, Will Davies, Matthew Futterman, Jason Gay, Paul Kiernan, Patricia Kowsmann, Jeffrey Lewis, John Lyons, Luciana Magalhaes, Joshua Robinson e Paulo Trevisani	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-best-and-worst-fans-in-brazil-1405037302">https://www.wsj.com/articles/the-best-and-worst-fans-in-brazil-1405037302</a>
88. <i>Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World</i>	11 de julho	Loretta Chao/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/brazil-gets-a-proper-introduction-to-the-rest-of-the-world-1405101721">https://www.wsj.com/articles/brazil-gets-a-proper-introduction-to-the-rest-of-the-world-1405101721</a>
89. <i>Brazil Hosts Talks On New Development Bank</i>	11 de julho	Paulo Trevisani e Kejal Vyas/ Brasília, DF	<a href="https://www.wsj.com/articles/brics-countries-meet-to-create-new-development-bank-1405126341">https://www.wsj.com/articles/brics-countries-meet-to-create-new-development-bank-1405126341</a>
90. <i>Soccer Agony Arrives Like Clockwork for Brazil Fans</i>	11 de julho	Paulo Trevisani/Brasília, DF	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/11/soccer-agony-arrives-like-clockwork-for-brazil-fans/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/11/soccer-agony-arrives-like-clockwork-for-brazil-fans/</a>
91. <i>After Poor Performance, Values of Brazilian Players are Plummeting</i>	12 de julho	Luciana Magalhães/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/12/after-poor-performance-values-of-brazilian-players-are-plummeting/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/12/after-poor-performance-values-of-brazilian-players-are-plummeting/</a>
92. <i>Brazilians Call For Soccer 'Renewal', but Change Is Uncertain</i>	12 de julho	Rogério Jelmayer e Reed Johnson/ São Paulo, SP	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/12/brazilians-call-for-soccer-renewal-but-change-is-uncertain/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/12/brazilians-call-for-soccer-renewal-but-change-is-uncertain/</a>
93. <i>The Craziest World Cup Ever</i>	13 de julho	Joshua Robinson/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.wsj.com/articles/the-craziest-of-the-world-cup-2014-1405266114?mg=id-wsj">https://www.wsj.com/articles/the-craziest-of-the-world-cup-2014-1405266114?mg=id-wsj</a>
94. <i>Rousseff Sends Thank You Letter to Brazilian National Team</i>	13 de julho	Luciana Magalhães/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/13/rousseff-sends-thank-you-letter-to-brazilian-national-team/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/13/rousseff-sends-thank-you-letter-to-brazilian-national-team/</a>
95. <i>Brazil Wins the Facebook Social Activity World Cup</i>	14 de julho	Loretta Chao/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/14/brazil-wins-the-facebook-social-activity-world-cup/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/14/brazil-wins-the-facebook-social-activity-world-cup/</a>
96. <i>The Winners and Losers of the 2014 World Cup</i>	14 de julho	Jeremy Gordon/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/14/the-winners-and-losers-of-the-2014-world-cup/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/14/the-winners-and-losers-of-the-2014-world-cup/</a>



97. <i>Scolari resigns as Brazil Manager After Disastrous End to World Cup</i>	14 de julho	Rogério Jelmayer e Reed Johnson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/luiz-felipe-scolari-resigns-as-brazil-manager-after-disastrous-end-to-world-cup-1405378828">https://www.wsj.com/articles/luiz-felipe-scolari-resigns-as-brazil-manager-after-disastrous-end-to-world-cup-1405378828</a>
98. Facebook, Twitter Set Usage Records for World Cup Final	14 de julho	Newley Purnell/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/digits/2014/07/14/facebook-twitter-set-usage-records-for-world-cup-final/">http://blogs.wsj.com/digits/2014/07/14/facebook-twitter-set-usage-records-for-world-cup-final/</a>
99. <i>Adidas Declares World Cup Victory</i>	14 de julho	Monica Houston-Waesch/ Frankfurt, ALE	<a href="https://www.wsj.com/articles/adidas-declares-world-cup-victory-1405347989">https://www.wsj.com/articles/adidas-declares-world-cup-victory-1405347989</a>
100. <i>Marketers Hope Soccer Is New Football in U.S.</i>	14 de julho	Andrew Beaton and Reed Johnson/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/marketers-hope-soccer-is-new-football-in-u-s-1405381158">https://www.wsj.com/articles/marketers-hope-soccer-is-new-football-in-u-s-1405381158</a>
101. <i>Brazil Welcomes One Million World Cup Tourists</i>	15 de julho	Loretta Chao/ Não identificado	<a href="http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/15/brazil-welcomes-one-million-world-cup-tourists/">http://blogs.wsj.com/dailyfix/2014/07/15/brazil-welcomes-one-million-world-cup-tourists/</a>
102. <i>World Cup: Portrait of a Meltdown- Brazil's Road to the Minerão</i>	18 de julho	John Lyons/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/world-cup-portrait-of-a-meltdown-brazils-road-to-the-mineirao-1405697297">https://www.wsj.com/articles/world-cup-portrait-of-a-meltdown-brazils-road-to-the-mineirao-1405697297</a>
103. <i>Rio Faces Surge of Post-World Cup Violence in Slums</i>	21 de julho	Loretta Chao/ Não identificado	<a href="https://www.wsj.com/articles/rio-faces-surge-of-post-world-cup-violence-in-slums-1405989525">https://www.wsj.com/articles/rio-faces-surge-of-post-world-cup-violence-in-slums-1405989525</a>
104. <i>AB InBev Scores with World Cup Beer Sales</i>	31 de julho	Matthew Dalton/ Brussels, IL, EUA	<a href="https://www.wsj.com/articles/ab-inbev-profit-lifted-by-world-cup-beer-sales-1406786285">https://www.wsj.com/articles/ab-inbev-profit-lifted-by-world-cup-beer-sales-1406786285</a>
105. <i>Adidas Surprises Investors With Profit Warning</i>	31 de julho	Monica Houston-Waesch e Ese Erheriene/ Frankfurt, ALE	<a href="https://www.wsj.com/articles/adidas-warns-on-profit-citing-challenges-in-golf-business-and-weak-consumer-sentiment-1406791714">https://www.wsj.com/articles/adidas-warns-on-profit-citing-challenges-in-golf-business-and-weak-consumer-sentiment-1406791714</a>

**QUADRO 4 – Textos Coletados (*The Times*)**

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Autor/Cidade</b>	<b>Link</b>
1. <i>World Cup? To them it's daylight robbery</i>	17 de maio	Tim Montgomery/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/world-cup-to-them-its-daylight-robbery-q3hrb00sn0h">http://www.thetimes.co.uk/article/world-cup-to-them-its-daylight-robbery-q3hrb00sn0h</a>
2. <i>England leave nothing to chance with Roy Hodgson calling the tune</i>	21 de maio	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/england-leave-nothing-to-chance-with-roy-hodgson-calling-the-tune-jc92l3vrf5x">http://www.thetimes.co.uk/article/england-leave-nothing-to-chance-with-roy-hodgson-calling-the-tune-jc92l3vrf5x</a>
3. <i>England's talisman Wayne Rooney to play mind games in last shot at glory</i>	23 de maio	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/englands-talisman-wayne-rooney-to-play-mind-games-in-last-shot-at-glory-6x8jf6hp2vm">http://www.thetimes.co.uk/article/englands-talisman-wayne-rooney-to-play-mind-games-in-last-shot-at-glory-6x8jf6hp2vm</a>
4. <i>Brazil's child sex gangs exploit dark side of World Cup</i>	24 de maio	James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/brazils-child-sex-gangs-exploit-dark-side-of-world-cup-96xxkl7gw0q">http://www.thetimes.co.uk/article/brazils-child-sex-gangs-exploit-dark-side-of-world-cup-96xxkl7gw0q</a>
5. <i>José Mourinho risks sale of David Luiz but raises funds to seal Diego Costa deal</i>	24 de maio	Matt Hughes/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/jose-mourinho-risks-sale-of-david-luiz-but-raises-funds-to-seal-diego-costa-deal-whng7ljv50l">http://www.thetimes.co.uk/article/jose-mourinho-risks-sale-of-david-luiz-but-raises-funds-to-seal-diego-costa-deal-whng7ljv50l</a>
6. <i>Packed pubs may make Wetherspoons World Cup winners</i>	26 de maio	Dominic Walsh/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/packed-pubs-may-make-wetherspoons-world-cup-winners-j7fwglswqt">http://www.thetimes.co.uk/article/packed-pubs-may-make-wetherspoons-world-cup-winners-j7fwglswqt</a>
7. <i>Brazilian dance at Sadler's Wells: 'Even after rehearsals they go out dancing'</i>	26 de maio	Debra Craine/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/brazilian-dance-at-sadlers-wells-even-after-rehearsals-they-go-out-dancing-7ng6s6s07jn">http://www.thetimes.co.uk/article/brazilian-dance-at-sadlers-wells-even-after-rehearsals-they-go-out-dancing-7ng6s6s07jn</a>
8. <i>World Cup set to kick off in blaze of discontent</i>	28 de maio	James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/world-cup-set-to-kick-off-in-blaze-of-discontent-g0wkrw39jbk">http://www.thetimes.co.uk/article/world-cup-set-to-kick-off-in-blaze-of-discontent-g0wkrw39jbk</a>
9. <i>England's chances of winning in Brazil are next to nil, says Stephen Hawking</i>	28 de maio	Hannah Devlin/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/englands-chances-of-winning-in-brazil-are-next-to-nil-says-stephen-hawking-mk5bcwwfkzz">http://www.thetimes.co.uk/article/englands-chances-of-winning-in-brazil-are-next-to-nil-says-stephen-hawking-mk5bcwwfkzz</a>
10. <i>Italy and Mexico rocked by injuries ahead of World Cup</i>	01 de junho	Howard Swains/ Não identificado	<a href="https://www.thetimes.co.uk/article/italy-and-mexico-rocked-by-injuries-ahead-of-world-cup-vkp030bkhdj">https://www.thetimes.co.uk/article/italy-and-mexico-rocked-by-injuries-ahead-of-world-cup-vkp030bkhdj</a>
11. <i>Sticker books offer a lesson in liquidity</i>	03 de junho	Patricia Kidd/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/sticker-books-offer-a-lesson-in-liquidity-bgnxjtspng">http://www.thetimes.co.uk/article/sticker-books-offer-a-lesson-in-liquidity-bgnxjtspng</a>

12. <i>Why World Cup referees will struggle to keep cool heads in Brazil</i>	05 de junho	David Derbyshire/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/why-world-cup-referees-will-struggle-to-keep-cool-heads-in-brazil-8rfpkckmk0h">http://www.thetimes.co.uk/article/why-world-cup-referees-will-struggle-to-keep-cool-heads-in-brazil-8rfpkckmk0h</a>
13. <i>Cristiano Ronaldo gives Portugal World Cup fitness boost</i>	07 de junho	Sport Staff/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/cristiano-ronaldo-gives-portugal-world-cup-fitness-boost-52mxvz97pb5">http://www.thetimes.co.uk/article/cristiano-ronaldo-gives-portugal-world-cup-fitness-boost-52mxvz97pb5</a>
14. <i>Angry Steven Gerrard slams 'horrific' Honduran tackles</i>	08 de junho	Jonathan Northcroft/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/angry-steven-gerrard-slams-horrific-honduran-tackles-jgr69ghsgz2">http://www.thetimes.co.uk/article/angry-steven-gerrard-slams-horrific-honduran-tackles-jgr69ghsgz2</a>
15. <i>World Cup WAGs: the dream team</i>	09 de junho	Tom Mitchelson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/world-cup-wags-the-dream-team-lhbndk9bt7g">http://www.thetimes.co.uk/article/world-cup-wags-the-dream-team-lhbndk9bt7g</a>
16. <i>Roy Hodgson's men given first taste of cup fever</i>	09 de junho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/roy-hodgsons-men-given-first-taste-of-cup-fever-36czppkbzsb">http://www.thetimes.co.uk/article/roy-hodgsons-men-given-first-taste-of-cup-fever-36czppkbzsb</a>
17. <i>Flooding hits southern Brazil only days before World Cup</i>	09 de junho	Katy Durrans/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/flooding-hits-southern-brazil-only-days-before-world-cup-v6hpcqpsw7f">http://www.thetimes.co.uk/article/flooding-hits-southern-brazil-only-days-before-world-cup-v6hpcqpsw7f</a>
18. <i>Clashes in São Paulo amid safety fears over stadium</i>	10 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/clashes-in-sao-paulo-amid-safety-fears-over-stadium-rz6ht37hft8">http://www.thetimes.co.uk/article/clashes-in-sao-paulo-amid-safety-fears-over-stadium-rz6ht37hft8</a>
19. <i>Jules Rimet still gleaming — but not the original</i>	11 de junho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/jules-rimet-still-gleaming-but-not-the-original-vx196z35glb">http://www.thetimes.co.uk/article/jules-rimet-still-gleaming-but-not-the-original-vx196z35glb</a>
20. <i>Roy Hodgson raises concerns over Manaus pitch</i>	12 de junho	Matt Hughes/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/roy-hodgson-raises-concerns-over-manau-pitch-b8bct67lp8b">http://www.thetimes.co.uk/article/roy-hodgson-raises-concerns-over-manau-pitch-b8bct67lp8b</a>
21. <i>Boy wonder can ensure Brazil sing one tune</i>	12 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/boy-wonder-can-ensure-brazil-sing-one-tune-2h0d02qq7kw">http://www.thetimes.co.uk/article/boy-wonder-can-ensure-brazil-sing-one-tune-2h0d02qq7kw</a>
22. <i>Angry Dejan Lovren demands action over referee blunder</i>	13 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/angry-dejan-lovren-demands-action-over-referee-blunder-vzc6gr9tmg">http://www.thetimes.co.uk/article/angry-dejan-lovren-demands-action-over-referee-blunder-vzc6gr9tmg</a>
23. <i>Louis van Gaal: World Cup distractions can be healthy</i>	13 de junho	Rory Smith/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/louis-van-gaal-world-cup-distractions-can-be-healthy-fskxmnlw3m6">http://www.thetimes.co.uk/article/louis-van-gaal-world-cup-distractions-can-be-healthy-fskxmnlw3m6</a>
24.	13 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/divided-nation-shows-reluctance-to-party-">http://www.thetimes.co.uk/article/divided-nation-shows-reluctance-to-party-</a>

<i>Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony</i>			<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/at-world-cup-opening-ceremony-xhwctc6j3nh">at-world-cup-opening-ceremony-xhwctc6j3nh</a>
25. <i>Neymar and Brazil shine after false start</i>	13 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/ney-mar-and-brazil-shine-after-false-start-206gd3sstwq">http://www.thetimes.co.uk/article/ney-mar-and-brazil-shine-after-false-start-206gd3sstwq</a>
26. <i>England are world beaters at misery</i>	13 de junho	Valentine Low e James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/england-and-are-world-beaters-at-misery-plql3vmsgv">http://www.thetimes.co.uk/article/england-and-are-world-beaters-at-misery-plql3vmsgv</a>
27. <i>Croatia's plea for referee Yuichi Nishimura to be banned falls on deaf ears at Fifa</i>	14 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/croatias-plea-for-referee-yuichi-nishimura-to-be-banned-falls-on-deaf-ears-at-fifa-ftg9hwvp96q">http://www.thetimes.co.uk/article/croatias-plea-for-referee-yuichi-nishimura-to-be-banned-falls-on-deaf-ears-at-fifa-ftg9hwvp96q</a>
28. <i>Andrea Pirlo the master casts his spell for Azzurri</i>	15 de junho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/andrea-pirlo-the-master-casts-his-spell-for-azzurri-3g7p6k3lp19">http://www.thetimes.co.uk/article/andrea-pirlo-the-master-casts-his-spell-for-azzurri-3g7p6k3lp19</a>
29. <i>View to a Phil — the other Neville busy saying nothing on BBC</i>	16 de junho	Giles Smith/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/view-to-a-phil-the-other-neville-busy-saying-nothing-on-bbc-hqg2sd8hdmj">http://www.thetimes.co.uk/article/view-to-a-phil-the-other-neville-busy-saying-nothing-on-bbc-hqg2sd8hdmj</a>
30. <i>Sao Paulo, where the rich helicopter to lunch</i>	16 de junho	Sathnam Sanghera/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/sao-paulo-where-the-rich-helicopter-to-lunch-t72mj5khpv8">http://www.thetimes.co.uk/article/sao-paulo-where-the-rich-helicopter-to-lunch-t72mj5khpv8</a>
31. <i>Neymar — a national hero with both feet on the ground</i>	17 de junho	James Ducker/ Não identificado	<a href="https://www.thetimes.co.uk/article/ney-mar-a-national-hero-with-both-feet-on-the-ground-5nkbv5b9ng0">https://www.thetimes.co.uk/article/ney-mar-a-national-hero-with-both-feet-on-the-ground-5nkbv5b9ng0</a>
32. <i>#Muttivation: Merkel celebrates World Cup win with selfie</i>	17 de junho	David Charter/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/muttivation-merkel-celebrates-world-cup-win-with-selfie-9rjlwxk35tn">http://www.thetimes.co.uk/article/muttivation-merkel-celebrates-world-cup-win-with-selfie-9rjlwxk35tn</a>
33. <i>Football crazy Michael Schumacher is an inspiration, says Lukas Podolski</i>	17 de junho	Rory Smith/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/football-crazy-michael-schumacher-is-an-inspiration-says-lukas-podolski-zqvf3w7dk20">http://www.thetimes.co.uk/article/football-crazy-michael-schumacher-is-an-inspiration-says-lukas-podolski-zqvf3w7dk20</a>
34. <i>Belgium's dark horses canter in the end after struggling with early hurdles</i>	18 de junho	Tom Bell/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/belgiums-dark-horses-canter-in-the-end-after-struggling-with-early-hurdles-jldwr52msn7">http://www.thetimes.co.uk/article/belgiums-dark-horses-canter-in-the-end-after-struggling-with-early-hurdles-jldwr52msn7</a>
35. <i>Chile fans invade Maracana media centre before Spain game</i>	18 de junho	Jonathan Northcroft/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/chile-fans-invade-maracana-media-centre-before-spain-game-tf90jc366vh">http://www.thetimes.co.uk/article/chile-fans-invade-maracana-media-centre-before-spain-game-tf90jc366vh</a>

36. <i>Thierry Henry: cardigan watch</i>	18 de junho	Ben Machell/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/thierry-henry-cardigan-watch-m7zvfh6j85sh">http://www.thetimes.co.uk/article/thierry-henry-cardigan-watch-m7zvfh6j85sh</a>
37. <i>Mexico charged by Fifa after alleged racism by fans</i>	19 de junho	Sport Staff/ Não identificado	<a href="https://www.thetimes.co.uk/article/mexico-charged-by-fifa-after-alleged-racism-by-fans-cw0jxz8lmmv">https://www.thetimes.co.uk/article/mexico-charged-by-fifa-after-alleged-racism-by-fans-cw0jxz8lmmv</a>
38. <i>Fans scramble to get a ticket for England's do or die clash</i>	19 de junho	James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/fans-scramble-to-get-a-ticket-for-englands-do-or-die-clash-8f6tjtxnbh">http://www.thetimes.co.uk/article/fans-scramble-to-get-a-ticket-for-englands-do-or-die-clash-8f6tjtxnbh</a>
39. <i>Italy's tiki talia hinges on core of experience</i>	20 de junho	Rory Smith/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/italy-s-tiki-talia-hinges-on-core-of-experience-qx98mbbjn88">http://www.thetimes.co.uk/article/italy-s-tiki-talia-hinges-on-core-of-experience-qx98mbbjn88</a>
40. <i>England fans attacked with knives in Sao Paulo</i>	20 de junho	James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/england-fans-attacked-with-knives-in-sao-paulo-m6lsg5dgzbc">http://www.thetimes.co.uk/article/england-fans-attacked-with-knives-in-sao-paulo-m6lsg5dgzbc</a>
41. <i>Mundo in Motion: World Cup 2014 Days 10 and 11</i>	21 de junho	Bill Edgar/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/mundo-in-motion-world-cup-2014-days-10-and-11-0pft05zhn2v">http://www.thetimes.co.uk/article/mundo-in-motion-world-cup-2014-days-10-and-11-0pft05zhn2v</a>
42. <i>Carlos Queiroz believes Iran can produce 'magic moment'</i>	21 de junho	Tom Bell/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/carlos-queiroz-believes-iran-can-produce-magic-moment-ks6028dpj0k">http://www.thetimes.co.uk/article/carlos-queiroz-believes-iran-can-produce-magic-moment-ks6028dpj0k</a>
43. <i>Clint Dempsey pushes Portugal towards point of no return</i>	23 de junho	Tom Farmery/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/clint-dempsey-pushes-portugal-towards-point-of-no-return-bwg20btf29g">http://www.thetimes.co.uk/article/clint-dempsey-pushes-portugal-towards-point-of-no-return-bwg20btf29g</a>
44. <i>Brazil in debt to the brilliance of Neymar yet again</i>	24 de junho	Daniel Shofield/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-in-debt-to-the-brilliance-of-neymar-yet-again-6krr6f8t0k3">http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-in-debt-to-the-brilliance-of-neymar-yet-again-6krr6f8t0k3</a>
45. <i>Bryan Ruiz display exposes some home truths</i>	25 de junho	Jonathan Northcroft/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/bryan-ruiz-display-exposes-some-home-truths-hgennw8kf787">http://www.thetimes.co.uk/article/bryan-ruiz-display-exposes-some-home-truths-hgennw8kf787</a>
46. <i>England football team arrive back in the UK on unmarked jet</i>	25 de junho	Scott Rutherford/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/england-football-team-arrive-back-in-the-uk-on-unmarked-jet-cpwn9wxfxng">http://www.thetimes.co.uk/article/england-football-team-arrive-back-in-the-uk-on-unmarked-jet-cpwn9wxfxng</a>
47. <i>Ill discipline at the core of Ghana's early demise</i>	26 de junho	Matt Hughes/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/ill-discipline-at-the-core-of-ghanas-early-demise-hwh7x2vtdrf">http://www.thetimes.co.uk/article/ill-discipline-at-the-core-of-ghanas-early-demise-hwh7x2vtdrf</a>
48.	26 de junho	Charles Bremner e David Charter/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/germany-tells-squad-to-sing-up-as-les-bleus-fly-the-flag-8xg2ck2sd3m">http://www.thetimes.co.uk/article/germany-tells-squad-to-sing-up-as-les-bleus-fly-the-flag-8xg2ck2sd3m</a>

<i>Germany tells squad to sing up as les Bleus fly the flag</i>			
49. <i>Persistent hamstring injury may force Sergio Agüero from World Cup</i>	27 de junho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/persistent-hamstring-injury-may-force-sergio-aguero-from-world-cup-jbvjb38gqmq">http://www.thetimes.co.uk/article/persistent-hamstring-injury-may-force-sergio-aguero-from-world-cup-jbvjb38gqmq</a>
50. <i>As it happened: Brazil 1 1 Chile (Brazil win 3 2 on penalties)</i>	28 de junho	Richard Scott e Matthew Cotton/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/as-it-happened-brazil-1-1-chile-brazil-win-3-2-on-penalties-xsnvj01013">http://www.thetimes.co.uk/article/as-it-happened-brazil-1-1-chile-brazil-win-3-2-on-penalties-xsnvj01013</a>
51. <i>Costa Rica aim to continue their World Cup adventure</i>	28 de junho	Tom Farmery/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/costa-rica-aim-to-continue-their-world-cup-adventure-dnqzrc70hmv">http://www.thetimes.co.uk/article/costa-rica-aim-to-continue-their-world-cup-adventure-dnqzrc70hmv</a>
52. <i>Of course Uruguay's players defend errant striker Luis Suárez — he is family</i>	28 de junho	Michael Ballack/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/of-course-uruguays-players-defend-errant-striker-luis-suarez-he-is-family-dmlrn8xws56">http://www.thetimes.co.uk/article/of-course-uruguays-players-defend-errant-striker-luis-suarez-he-is-family-dmlrn8xws56</a>
53. <i>England fan's ear bitten off by fellow supporter in Brazil</i>	28 de junho	David Rankin/ não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/england-and-fans-ear-bitten-off-by-fellow-supporter-in-brazil-lsn7cx7fjk6">http://www.thetimes.co.uk/article/england-and-fans-ear-bitten-off-by-fellow-supporter-in-brazil-lsn7cx7fjk6</a>
54. <i>Brazil defy nerve shredding tension to reach the last eight</i>	28 de junho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-defy-nerve-shredding-tension-to-reach-the-last-eight-g3x6qb05ntr">http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-defy-nerve-shredding-tension-to-reach-the-last-eight-g3x6qb05ntr</a>
55. <i>Luis Suárez ban breaches his human rights, Uruguay captain Diego Lugano claims</i>	29 de junho	Mark Cue/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/luis-suarez-ban-breaches-his-human-rights-uruguay-captain-diego-lugano-claims-3zblrn7v719">http://www.thetimes.co.uk/article/luis-suarez-ban-breaches-his-human-rights-uruguay-captain-diego-lugano-claims-3zblrn7v719</a>
56. <i>Ruthless James Rodriguez sees Colombia past toothless Uruguay</i>	29 de junho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/ruthless-james-rodriguez-sees-colombia-past-toothless-uruguay-3ssjp0hjnpix">http://www.thetimes.co.uk/article/ruthless-james-rodriguez-sees-colombia-past-toothless-uruguay-3ssjp0hjnpix</a>
57. <i>Luis Suárez's human rights violated, Diego Lugano claims</i>	30 de junho	Matt Hughes/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/luis-suarezs-human-rights-violated-diego-lugano-claims-ljbw2qnxxkw">http://www.thetimes.co.uk/article/luis-suarezs-human-rights-violated-diego-lugano-claims-ljbw2qnxxkw</a>
58. <i>Per Mertesacker defends Germany performance against Algeria</i>	01 de julho	James Ducker/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/per-mertesacker-defends-germany-performance-against-algeria-50fbn5v6fpg">http://www.thetimes.co.uk/article/per-mertesacker-defends-germany-performance-against-algeria-50fbn5v6fpg</a>
59. <i>Arjen Robben benefits from</i>	01 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/arjen-robbe-benefits-from-constant-ducking-of-diving-issue-jzwgpxl2j5c">http://www.thetimes.co.uk/article/arjen-robbe-benefits-from-constant-ducking-of-diving-issue-jzwgpxl2j5c</a>

<i>constant ducking of diving issue</i>			
60. <i>Jose Mourinho criticises Arjen Robben for diving</i>	01 de julho	Matt Hughes/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/jose-mourinho-criticises-arjen-robben-for-diving-c8wmmdqf3sl">http://www.thetimes.co.uk/article/jose-mourinho-criticises-arjen-robben-for-diving-c8wmmdqf3sl</a>
61. <i>Lionel Messi provides vital spark again for Argentina</i>	02 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/lionel-messi-provides-vital-spark-again-for-argentina-0wgz6nzmj">http://www.thetimes.co.uk/article/lionel-messi-provides-vital-spark-again-for-argentina-0wgz6nzmj</a>
62. <i>Neymar smiles for cameras, but starts to show strain under weight of expectation at World Cup</i>	03 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/ney-mar-smiles-for-cameras-but-starts-to-show-strain-under-weight-of-expectation-at-world-cup-csq7dxcsh9">http://www.thetimes.co.uk/article/ney-mar-smiles-for-cameras-but-starts-to-show-strain-under-weight-of-expectation-at-world-cup-csq7dxcsh9</a>
63. <i>Flyover collapses in World Cup host city</i>	04 de julho	James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/flyover-collapses-in-world-cup-host-city-qntbfrdcxdk">http://www.thetimes.co.uk/article/flyover-collapses-in-world-cup-host-city-qntbfrdcxdk</a>
64. <i>Brazil and Germany to meet in semis</i>	04 de julho	Howard Swains/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-and-germany-to-meet-in-semis-b2v7jp0rtxp">http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-and-germany-to-meet-in-semis-b2v7jp0rtxp</a>
65. <i>Fractured vertebra rules Neymar out of World Cup</i>	05 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/fractured-vertebra-rules-neymar-out-of-world-cup-fw9f93jkwfl">http://www.thetimes.co.uk/article/fractured-vertebra-rules-neymar-out-of-world-cup-fw9f93jkwfl</a>
66. <i>Quiet authority of Manuel Neuer underlines German efficiency</i>	05 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/quiet-authority-of-manuel-neuer-underlines-german-efficiency-ht077nlhrwt">http://www.thetimes.co.uk/article/quiet-authority-of-manuel-neuer-underlines-german-efficiency-ht077nlhrwt</a>
67. <i>Lionel Messi's dominant display leads Argentina to semi finals</i>	05 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/lionel-messis-dominant-display-leads-argentina-to-semi-finals-cbmf8xhhwbg">http://www.thetimes.co.uk/article/lionel-messis-dominant-display-leads-argentina-to-semi-finals-cbmf8xhhwbg</a>
68. <i>Louis van Gaal's Krul twist sends Dutch through and brave Costa Rica out</i>	06 de julho	Rory Smith/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/louis-van-gaals-krul-twist-sends-dutch-through-and-brave-costa-rica-out-3txftkr236n">http://www.thetimes.co.uk/article/louis-van-gaals-krul-twist-sends-dutch-through-and-brave-costa-rica-out-3txftkr236n</a>
69. <i>Willian prepares to take on the role of Brazil's talisman</i>	07 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/willian-prepares-to-take-on-the-role-of-brazils-talisman-skqqg3nv2km">http://www.thetimes.co.uk/article/willian-prepares-to-take-on-the-role-of-brazils-talisman-skqqg3nv2km</a>
70. <i>Premier League will discuss arming referees with World Cup vanishing spray</i>	08 de julho	Mark Cue/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/premier-league-will-discuss-arming-referees-with-world-cup-vanishing-spray-3p6v2ww57j2">http://www.thetimes.co.uk/article/premier-league-will-discuss-arming-referees-with-world-cup-vanishing-spray-3p6v2ww57j2</a>
71. <i>Open sieben on Brazil</i>	08 de julho	Howard Swains/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/open-sieben-on-brazil-nqsh0x0p0sw">http://www.thetimes.co.uk/article/open-sieben-on-brazil-nqsh0x0p0sw</a>

72. <i>Germany ready, willing and able to withstand heat</i>	08 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/germany-ready-willing-and-able-to-withstand-heat-s7nzx9r2g0q">http://www.thetimes.co.uk/article/germany-ready-willing-and-able-to-withstand-heat-s7nzx9r2g0q</a>
73. <i>Germany have team to eclipse sides who rely on individuals</i>	08 de julho	Michael Ballack/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/germany-have-team-to-eclipse-sides-who-rely-on-individuals-q73szn2swrr">http://www.thetimes.co.uk/article/germany-have-team-to-eclipse-sides-who-rely-on-individuals-q73szn2swrr</a>
74. <i>Sorry Brazil at sixes and sevens</i>	09 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/sorry-brazil-at-sixes-and-sevens-bwmvbp0m9fs">http://www.thetimes.co.uk/article/sorry-brazil-at-sixes-and-sevens-bwmvbp0m9fs</a>
75. <i>Blatter's nephew faces questioning over World Cup tickets scandal</i>	09 de julho	James Hilder/ São Paulo, SP, e David Brown/ não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/blatters-nephew-faces-questioning-over-world-cup-tickets-scandal-g82hmxhkp93">http://www.thetimes.co.uk/article/blatters-nephew-faces-questioning-over-world-cup-tickets-scandal-g82hmxhkp93</a>
76. <i>Magnificent seven: heaviest World Cup hammerings</i>	09 de julho	Mark Cue/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/magnificent-seven-heaviest-world-cup-hammerings-rdx7jddhx56">http://www.thetimes.co.uk/article/magnificent-seven-heaviest-world-cup-hammerings-rdx7jddhx56</a>
77. <i>Hosts pay price for seven deadly sins</i>	09 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/hosts-pay-price-for-seven-deadly-sins-c3x8fx3tzn8">http://www.thetimes.co.uk/article/hosts-pay-price-for-seven-deadly-sins-c3x8fx3tzn8</a>
78. <i>Luiz Felipe Scolari set the tone by making David Luiz Brazil captain</i>	09 de julho	Tony Cascarino/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/luiz-felipe-scolari-set-the-tone-by-making-david-luiz-brazil-captain-6r9gqbbd35g">http://www.thetimes.co.uk/article/luiz-felipe-scolari-set-the-tone-by-making-david-luiz-brazil-captain-6r9gqbbd35g</a>
79. <i>Luiz Felipe Scolari branded 'an old jerk' by Neymar's agent</i>	10 de julho	Howard Swains/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/luiz-felipe-scolari-branded-an-old-jerk-by-neymars-agent-h8kscmzxq8s">http://www.thetimes.co.uk/article/luiz-felipe-scolari-branded-an-old-jerk-by-neymars-agent-h8kscmzxq8s</a>
80. <i>Brazil forward Neymar says Juan Camilo Zúñiga could have left him in wheelchair</i>	11 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-forward-neymar-says-juan-camilo-zuniga-could-have-left-him-in-wheelchair-zxm3v2kkb86">http://www.thetimes.co.uk/article/brazil-forward-neymar-says-juan-camilo-zuniga-could-have-left-him-in-wheelchair-zxm3v2kkb86</a>
81. <i>7-1 defeat was nightmare worse than jail, laments Brazil leader</i>	11 de julho	James Hilder/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/7-1-defeat-was-nightmare-worse-than-jail-laments-brazil-leader-3f5gvjvrmk">http://www.thetimes.co.uk/article/7-1-defeat-was-nightmare-worse-than-jail-laments-brazil-leader-3f5gvjvrmk</a>
82. <i>Fears over fans being subjected to crime in Brazil fails to materialize</i>	11 de julho	Rory Smith/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/fears-over-fans-being-subjected-to-crime-in-brazil-fails-to-materialise-spm9m0hfn">http://www.thetimes.co.uk/article/fears-over-fans-being-subjected-to-crime-in-brazil-fails-to-materialise-spm9m0hfn</a>
83. <i>Joachim Löw sets sights on world</i>	12 de julho	Matt Cotton/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/joachim-low-sets-sights-on-world-domination-with-germany-sfxsp8qmsd9">http://www.thetimes.co.uk/article/joachim-low-sets-sights-on-world-domination-with-germany-sfxsp8qmsd9</a>



<i>domination with Germany</i>			
84. <i>Luiz Felipe Scolari pays the price for World Cup failure</i>	14 de julho	Sport staff/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/luiz-felipe-scolari-pays-the-price-for-world-cup-failure-dps8jf6nsdk">http://www.thetimes.co.uk/article/luiz-felipe-scolari-pays-the-price-for-world-cup-failure-dps8jf6nsdk</a>
85. <i>Mario Götze goal puts Germany on top of world again</i>	14 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/mario-gotze-goal-puts-germany-on-top-of-world-again-l7tfmgn2x9f">http://www.thetimes.co.uk/article/mario-gotze-goal-puts-germany-on-top-of-world-again-l7tfmgn2x9f</a>
86. <i>Sepp Blatter fuels Lionel Messi controversy</i>	14 de julho	Sport Staff/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/sepp-blatter-fuels-lionel-messi-controversy-j3v83vt2qb6">http://www.thetimes.co.uk/article/sepp-blatter-fuels-lionel-messi-controversy-j3v83vt2qb6</a>
87. <i>Glorious Mario Götze ensures world of hurt for Lionel Messi</i>	14 de julho	Oliver Kay/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/glorious-mario-gotze-ensures-world-of-hurt-for-lionel-messi-5xr7fcg82h7">http://www.thetimes.co.uk/article/glorious-mario-gotze-ensures-world-of-hurt-for-lionel-messi-5xr7fcg82h7</a>
88. <i>The best player of Brazil 2014</i>	14 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/the-best-player-of-brazil-2014-fsh7jqscwml">http://www.thetimes.co.uk/article/the-best-player-of-brazil-2014-fsh7jqscwml</a>
89. <i>World of glamour turns out for the big final</i>	14 de julho	David Brown/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/world-of-glamour-turns-out-for-the-big-final-zxtjtz527r0">http://www.thetimes.co.uk/article/world-of-glamour-turns-out-for-the-big-final-zxtjtz527r0</a>
90. <i>Defeated football fans riot in Buenos Aires</i>	14 de julho	Sonia Elks/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/defeated-football-fans-riot-in-buenos-aires-fhnt9tc0r">http://www.thetimes.co.uk/article/defeated-football-fans-riot-in-buenos-aires-fhnt9tc0r</a>
91. <i>Germany World Cup winners attacked for 'gauchos' Argentina jibe on triumphant return</i>	15 de julho	David Charter/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/germany-world-cup-winners-attacked-for-gauchos-argentina-jibe-on-triumphant-return-3qnwchrhwbq">http://www.thetimes.co.uk/article/germany-world-cup-winners-attacked-for-gauchos-argentina-jibe-on-triumphant-return-3qnwchrhwbq</a>
92. <i>Lionel Messi shows he is power behind the throne</i>	15 de julho	Matt Dickinson/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/lionel-messi-shows-he-is-power-behind-the-throne-qdd588vgtmx">http://www.thetimes.co.uk/article/lionel-messi-shows-he-is-power-behind-the-throne-qdd588vgtmx</a>
93. <i>Steven Gerrard ends soul searching to call time on England career</i>	21 de julho	Tom Barret/ Não identificado	<a href="http://www.thetimes.co.uk/article/steven-gerrard-ends-soul-searching-to-call-time-on-england-career-n2nxxnl66w3">http://www.thetimes.co.uk/article/steven-gerrard-ends-soul-searching-to-call-time-on-england-career-n2nxxnl66w3</a>

**QUADRO 5 – Textos Coletados (*The Guardian*)**

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Autor/Cidade</b>	<b>Link</b>
1. <i>Street Child World Cup: 'We should be treated the same as your children'</i>	15 de abril	Jo Griffin/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/global-development/2014/apr/15/street-child-world-cup-brazil">https://www.theguardian.com/global-development/2014/apr/15/street-child-world-cup-brazil</a>
2. <i>World Cup 2014: Brazil's plans for anti-terror law alarm rights groups</i>	19 de abril	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/apr/19/world-cup-brazil-anti-terror-law-alarms-human-rights-groups">https://www.theguardian.com/football/2014/apr/19/world-cup-brazil-anti-terror-law-alarms-human-rights-groups</a>
3. <i>The World Cup and Olympics threaten to overwhelm Rio – yet there is time to create a sensation out of disaster</i>	23 de abril	Simon Jenkins/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/cities/2014/apr/23/world-cup-olympics-rio-de-janeiro-brazil-sensation-disaster">https://www.theguardian.com/cities/2014/apr/23/world-cup-olympics-rio-de-janeiro-brazil-sensation-disaster</a>
4. <i>Death of dancer prompts deadly clashes in Rio</i>	23 de abril	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/apr/23/rio-deadly-clashes-death-of-dancer">https://www.theguardian.com/world/2014/apr/23/rio-deadly-clashes-death-of-dancer</a>
5. <i>How social media gives new voice to Brazil's protests</i>	27 de abril	Luke Bainbridge/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/apr/27/social-media-gives-new-voice-to-brazil-protests">https://www.theguardian.com/world/2014/apr/27/social-media-gives-new-voice-to-brazil-protests</a>
6. <i>Vision of the future or criminal eyesore: what should Rio do with its favelas</i>	30 de abril	Simon Jenkins/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/cities/2014/apr/30/rio-favelas-world-cup-olympics-vision-future-criminal-eyesore">https://www.theguardian.com/cities/2014/apr/30/rio-favelas-world-cup-olympics-vision-future-criminal-eyesore</a>
7. <i>What will the 2014 Fifa World Cup mean for Brazil's young people</i>	07 de maio	Tarcisio Silva/ São Luis, MA	<a href="https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2014/may/07/2014-fifa-world-cup-brazil-football">https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2014/may/07/2014-fifa-world-cup-brazil-football</a>
8. <i>Brazil World Cup squad: Scolari leaves out Kaká and Philippe Coutinho</i>	07 de maio	Guardian Staff/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/07/brazil-world-cup-squad-luiz-felipe-scolari-selecao">https://www.theguardian.com/football/2014/may/07/brazil-world-cup-squad-luiz-felipe-scolari-selecao</a>
9. <i>Rival World Cup protest songs jostle for football fan's attention</i>	07 de maio	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/28/world-cup-protest-songs-2014-brazil-shakira-pit-bull-jennifer-lopez">https://www.theguardian.com/football/2014/may/28/world-cup-protest-songs-2014-brazil-shakira-pit-bull-jennifer-lopez</a>
10. <i>World Cup: 25 stunning moments ... No15: Ronaldo falters as France win</i>	08 de maio	Jacob Steinberg/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/08/world-cup-stunning-moments-25-ronaldo-france">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/08/world-cup-stunning-moments-25-ronaldo-france</a>

11. <i>World Cup 2014: eight construction worker killed in Brazil</i>	09 de maio	Jonathan Watts/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/09/world-cup-2014-eighth-construction-worker-killed-in-brazil">https://www.theguardian.com/football/2014/may/09/world-cup-2014-eighth-construction-worker-killed-in-brazil</a>
12. <i>Price out of Rio's booming favelas, Brazil's poor resort to mass squatting</i>	12 de maio	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/may/12/priced-out-rio-favelas-brazil-poor-mass-squatting">https://www.theguardian.com/world/2014/may/12/priced-out-rio-favelas-brazil-poor-mass-squatting</a>
13. <i>Zico: Brazil must use World Cup to heal rift between nation and the team</i>	13 de maio	Fernando Duarte/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/13/zico-brazil-world-cup-nation-team-football">https://www.theguardian.com/football/2014/may/13/zico-brazil-world-cup-nation-team-football</a>
14. <i>Romance of World Cup in Brazil is peppered with an air of conflict</i>	14 de maio	Owen Gibson/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/14/world-cup-brazil-conflict-stadium-romario-fifa">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/14/world-cup-brazil-conflict-stadium-romario-fifa</a>
15. <i>World Cup 2014 squads: which players have made the cut for Brazil</i>	15 de maio	Guardian Staff/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/15/world-cup-2014-provisional-squads-list">https://www.theguardian.com/football/2014/may/15/world-cup-2014-provisional-squads-list</a>
16. <i>Anti-World Cup protests across Brazil</i>	16 de maio	Jonathan Watts/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/may/16/anti-world-cup-protests-across-brazil">https://www.theguardian.com/world/2014/may/16/anti-world-cup-protests-across-brazil</a>
17. <i>Brazil's favelas are in big trouble, despite the World Cup marketing push</i>	18 de maio	Nicole Froio/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/may/18/brazil-favelas-big-trouble-world-cup-marketing-police-abuse-killings-security">https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/may/18/brazil-favelas-big-trouble-world-cup-marketing-police-abuse-killings-security</a>
18. <i>Apathy and anger: Brazilians give their views on the 2014 World Cup</i>	22 de maio	James Walsh e leitores do Guardian/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/may/22/apathy-and-anger-brazilians-give-their-views-on-the-2014-world-cup">https://www.theguardian.com/world/2014/may/22/apathy-and-anger-brazilians-give-their-views-on-the-2014-world-cup</a>
19. <i>World Cup 2014: inside Rio's Bond-villain mission control</i>	23 de maio	Christopher Frey/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/cities/2014/may/23/world-cup-inside-rio-bond-villain-mission-control">https://www.theguardian.com/cities/2014/may/23/world-cup-inside-rio-bond-villain-mission-control</a>
20. <i>Football fans warned about dengue fever risk at Fifa World Cup in Brazil</i>	23 de maio	Sribala Subramanian/ Nova York, EUA	<a href="https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2014/may/23/dengue-fever-brazil-fifa-world-cup">https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2014/may/23/dengue-fever-brazil-fifa-world-cup</a>
21. <i>Brazil's World Cup party can't hide the country's tensions</i>	25 de maio	David Goldblatt/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/may/25/brazil-world-cup-football-tensions">https://www.theguardian.com/world/2014/may/25/brazil-world-cup-football-tensions</a>
22.	25 de maio	Michael Cox/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/25/world-cup-2014-contenders-brazil-argentina-germany">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/25/world-cup-2014-contenders-brazil-argentina-germany</a>

<i>Brazil the least flawed among the trophy contenders</i>			
23. <i>Eric Cantona: Fifa's corruption divides Brazilian football from its roots</i>	26 de maio	Owen Gibson/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/26/eric-cantona-fifa-qatar-world-cup-brazil">https://www.theguardian.com/football/2014/may/26/eric-cantona-fifa-qatar-world-cup-brazil</a>
24. <i>Brazil to win 2014 World Cup, says Goldman Sachs</i>	28 de maio	Angela Monaghan/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/28/brazil-to-win-world-cup-goldman-sachs-2014">https://www.theguardian.com/football/2014/may/28/brazil-to-win-world-cup-goldman-sachs-2014</a>
25. <i>Brazil's favelas offer alternative budget accommodation for World Cup fans</i>	28 de maio	Will Coldwell/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/travel/2014/may/28/brazil-favelas-budget-accommodation-world-cup">https://www.theguardian.com/travel/2014/may/28/brazil-favelas-budget-accommodation-world-cup</a>
26. <i>World Cup 2014: at the Brazil finals a goggle-eyed man will be king</i>	28 de maio	Marina Hyde/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/28/world-cup-2014-brazil-security-measures">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/28/world-cup-2014-brazil-security-measures</a>
27. <i>Stephen Hawking unveils formulae for England World Cup success</i>	28 de maio	Ian Sample/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/science/2014/may/28/stephen-hawking-formulae-england-world-cup-success">https://www.theguardian.com/science/2014/may/28/stephen-hawking-formulae-england-world-cup-success</a>
28. <i>Brazil 2014: What the World Cup means to us</i>	31 de maio	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP; Recife, PE; Manaus, AM; Ouro Preto, MG; Porto Alegre	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/31/-sp-brazil-2014-world-cup-means-to-us">https://www.theguardian.com/football/2014/may/31/-sp-brazil-2014-world-cup-means-to-us</a>
29. <i>How to be an England fan</i>	31 de maio	Abgail Radnor/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/31/how-england-fan-world-cup-2014">https://www.theguardian.com/football/2014/may/31/how-england-fan-world-cup-2014</a>
30. <i>Brazil tactics and key questions – the expert's view</i>	31 de maio	Fernando Duarte/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/31/world-cup-2014-brazil-tactical-analysis">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/31/world-cup-2014-brazil-tactical-analysis</a>
31. <i>World Cup 2014: Brazil – the secrets behind the players</i>	31 de maio	Fernando Duarte/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/may/31/world-cup-2014-brazil-secrets-players">https://www.theguardian.com/football/2014/may/31/world-cup-2014-brazil-secrets-players</a>
32. <i>World Cup 2014- Brazil profile – Thiago Silva</i>	31 de maio	Fernando Duarte/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/31/world-cup-2014-brazil-profile-thiago-silva">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/31/world-cup-2014-brazil-profile-thiago-silva</a>
33. <i>World Cup 2014: how to get drunk, flirt and</i>	02 de junho	Stuart Heritage/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/sport/2014/jun/02/world-cup-2014-how-to-get-drunk-flirt-apologise-in-portuguese">https://www.theguardian.com/sport/2014/jun/02/world-cup-2014-how-to-get-drunk-flirt-apologise-in-portuguese</a>

<i>apologise in Portuguese</i>			
34. <i>World Cup 2014: who's cashing in?</i>	02 de junho	Leo Benedictus/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/sport/2014/jun/02/cashing-in-world-cup-profit-brazil">https://www.theguardian.com/sport/2014/jun/02/cashing-in-world-cup-profit-brazil</a>
35. <i>World Cup: Manaus mayor asks England fans to behave 'like priests'</i>	03 de junho	Jonathan Watts/ Manaus, AM	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/03/world-cup-manauas-mayor-england-fans-priests-italy">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/03/world-cup-manauas-mayor-england-fans-priests-italy</a>
36. <i>World Cup 2014: opening match city São Paulo hit by public transport strike</i>	05 de junho	Associated Press/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jun/05/world-cup-2014-opening-match-sao-paulo-public-transport-strike">https://www.theguardian.com/world/2014/jun/05/world-cup-2014-opening-match-sao-paulo-public-transport-strike</a>
37. <i>World Cup 2014: introducing this summer's high-tech innovations</i>	07 de junho	Observer Staff	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/07/world-cup-2014-high-tech">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/07/world-cup-2014-high-tech</a>
38. <i>A century of the Seleção: the remarkable story of Brazilian football</i>	10 de junho	Jonathan Watts/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/09/-sp-a-century-of-the-selecao-the-remarkable-story-of-brazilian-football">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/09/-sp-a-century-of-the-selecao-the-remarkable-story-of-brazilian-football</a>
39. <i>The World Cup should be awarded to continents, not countries</i>	11 de junho	Não identificados	<a href="https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jun/11/world-cup-stage-continents-not-countries">https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jun/11/world-cup-stage-continents-not-countries</a>
40. <i>Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch</i>	11 de junho	Hadley Freeman/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-2014-metro-strikes-threaten-to-clog-football-excitement">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-2014-metro-strikes-threaten-to-clog-football-excitement</a>
41. <i>World Cup 2014 Ready or not, it is Brazil's time to show the world</i>	11 de junho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff</a>
42. <i>The World Cup is really just for the people in helicopters</i>	11 de junho	Owen Gibson/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-helicopters-streets-sao-paulo">https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-helicopters-streets-sao-paulo</a>
43. <i>Belgium will win 2014 World Cup, says Oxfam (if it was based on inequality)</i>	11 de junho	Larry Elliott/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/belgium-win-2014-world-cup-oxfam-inequality">https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/belgium-win-2014-world-cup-oxfam-inequality</a>
44. <i>Why do African teams under-perform at the World Cup</i>	11 de junho	Antoinette Muller/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-africa-football-teams-under-perform">https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-africa-football-teams-under-perform</a>

45. <i>England players star in World Cup wealth league</i>	11 de junho	Sean Farrell/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/business/2014/jun/11/world-cup-england-players-wealth-league">https://www.theguardian.com/business/2014/jun/11/world-cup-england-players-wealth-league</a>
46. <i>Panini World Cup sticker swaps have become a worldwide craze</i>	11 de junho	Alexandra Topping/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/panini-2014-world-cup-sticker-swap-worldwide-craze">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/panini-2014-world-cup-sticker-swap-worldwide-craze</a>
47. <i>As the World Cup action begins, Brazil's hard-fought democracy is under threat</i>	12 de junho	Luica Nader e João Paulo Charleaux/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jun/12/world-cup-brazil-democracy-dictatorship-human-rights-military-police">https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jun/12/world-cup-brazil-democracy-dictatorship-human-rights-military-police</a>
48. <i>Anti-World Cup protests in Brazilian cities mark countdown to kick-off</i>	12 de junho	Jonathan Watts/ rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/anti-world-cup-protests-brazilian-cities-sao-paulo-rio-de-janeiro">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/anti-world-cup-protests-brazilian-cities-sao-paulo-rio-de-janeiro</a>
49. <i>World Cup 2014 opening ceremony – as it happened</i>	12 de junho	Tom Lutz, Tom Bryant, Paul Doyle, Greg Bakowski, Daniel Harris e Jacob Steinberg / Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-2014-live-brazil">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-2014-live-brazil</a>
50. <i>Neymar ensures World Cup hosts Brazil start with win over Croatia Neymar ensures World Cup hosts Brazil start with win over Croatia</i>	12 de junho	Barney Ronay/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/brazil-croatia-world-cup-2014-group-a-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/brazil-croatia-world-cup-2014-group-a-match-report</a>
51. <i>Cristiano Ronaldo makes Portugal sweat after limping off</i>	12 de junho	Associated Press/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-2014-cristiano-ronaldo-limping-off">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-2014-cristiano-ronaldo-limping-off</a>
52. <i>World Cup opens with music, passion and Jennifer Lopez</i>	12 de junho	Hadley Freeman/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-opening-ceremony-music-dance">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-opening-ceremony-music-dance</a>
53. <i>Juan Mata: we have a plan B but the Spain way brings most satisfaction</i>	12 de junho	Sid Lowe/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/juan-mata-spain-world-cup-champions-holland-brazil">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/juan-mata-spain-world-cup-champions-holland-brazil</a>
54. <i>USA pin World Cup hopes on goal-shy Sunderland striker Jozy Altidore</i>	12 de junho	Louise Taylor/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/jozy-altidore-usa-world-cup-sunderland-striker">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/jozy-altidore-usa-world-cup-sunderland-striker</a>

55. <i>Niko Kovac: 'If that was a penalty we don't need to play football any more'</i>	13 de junho	Aleksandar Holiga/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/13/niko-kovac-penalty-dont-need-play-football-world-cup">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/13/niko-kovac-penalty-dont-need-play-football-world-cup</a>
56. <i>Croatia's Niko Kovac furious over 'ridiculous' penalty in loss to Brazil</i>	13 de junho	Owen Gibson/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/13/croatia-nico-kovac-furious-penalty-loss-brazil-world-cup">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/13/croatia-nico-kovac-furious-penalty-loss-brazil-world-cup</a>
57. <i>Italy's Mario Balotelli leaves England's Group D hopes in the balance</i>	15 de junho	Daniel Taylor/ Manaus, AM	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/15/england-italy-world-cup-2014-group-d-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/15/england-italy-world-cup-2014-group-d-match-report</a>
58. <i>Louis van Gaal revels in a totally different Holland at this World Cup</i>	17 de junho	Stuart James/ Porto Alegre, RS	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/louis-van-gaal-holland-world-cup-australia-spain">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/louis-van-gaal-holland-world-cup-australia-spain</a>
59. <i>How Brazil's World Cup has sold its people short in the Amazon</i>	17 de junho	Hadley Freeman/ Manaus, AM	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/brazil-world-cup-people-amazon-fifa-manauas">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/brazil-world-cup-people-amazon-fifa-manauas</a>
60. <i>In praise of... football's global village</i>	17 de junho	Editorial	<a href="https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jun/17/in-praise-of-football-global-village">https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jun/17/in-praise-of-football-global-village</a>
61. <i>World Cup 2014: Premier League misfits who have popped up in Brazil</i>	17 de junho	Gregg Bakowski/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/world-cup-2014-premier-league-misfits">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/world-cup-2014-premier-league-misfits</a>
62. <i>Neymar scores twice to ease Brazil past Cameroon into final stages</i>	23 de junho	Stuart James/ Brasília, DF	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/23/cameroon-brazil-world-cup-2014-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/23/cameroon-brazil-world-cup-2014-match-report</a>
63. <i>Uruguay knock Italy out of World Cup amid Luis Suárez controversy</i>	24 de junho	David Hynter/ Natal, RN	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/24/italy-uruguay-world-cup-2014-group-d-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/24/italy-uruguay-world-cup-2014-group-d-match-report</a>
64. <i>World Cup 2014 talking points: Brazil say adiós Spain, hello Fernandinho</i>	24 de junho	Sid Lowe, Paul Wilson e Nick Ames/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/24/world-cup-2014-brazil-spain-fernandinho">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/24/world-cup-2014-brazil-spain-fernandinho</a>
65. <i>Neymar, Fred and Fernandinho assuage Luiz Felipe Scolari's Chile fears</i>	24 de junho	Stuart James/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/24/neymar-fred-paulinho-luiz-felipe-scolari-world-cup">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/24/neymar-fred-paulinho-luiz-felipe-scolari-world-cup</a>

66. <i>World Cup 2014: five things they said would go wrong in Brazil</i>	27 de junho	Owen Gibson/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/27/world-cup-2014-five-things-go-wrong">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/27/world-cup-2014-five-things-go-wrong</a>
67. <i>Brazil beat Chile on penalties to reach World Cup quarter-finals</i>	28 de junho	Daniel Taylor/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/28/brazil-chile-world-cup-2014-last-16-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/28/brazil-chile-world-cup-2014-last-16-match-report</a>
68. <i>Brazil shootout hero Júlio César: I have won the country's trust back</i>	28 de junho	Daniel Taylor/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/28/brazil-shootout-hero-julio-cesar">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/28/brazil-shootout-hero-julio-cesar</a>
69. <i>Brazil's Neymar steps up against Chile to keep World Cup dream alive</i>	28 de junho	Barney Ronay/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/28/brazil-neymar-chile-world-cup-dream">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/28/brazil-neymar-chile-world-cup-dream</a>
70. <i>Alexis Sánchez's endeavour typified Chilean character against Brazil</i>	28 de junho	David Hynter/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/28/alexis-sanchez-chile-brazil-world-cup-penalty-miss">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/28/alexis-sanchez-chile-brazil-world-cup-penalty-miss</a>
71. <i>Brazil struggle to recover from emotional shootout win over Chile</i>	29 de junho	Daniel Taylor/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/29/brazil-chile-world-cup-2014-last-16-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/29/brazil-chile-world-cup-2014-last-16-match-report</a>
72. <i>James Rodríguez confident Colombia can beat Brazil</i>	29 de junho	Press Association	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/29/world-cup-2014-james-rodriguez-colombia-brazil">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/29/world-cup-2014-james-rodriguez-colombia-brazil</a>
73. <i>World Cup 2014 diary: No more Mr Nice Guy after foreign flags banned</i>	30 de junho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ, e Kim Willsher/ não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jun/30/world-cup-2014-diary-mayor-of-nice-ban-flags">https://www.theguardian.com/football/2014/jun/30/world-cup-2014-diary-mayor-of-nice-ban-flags</a>
74. <i>Ranking all 15 of Brazil's goals at the 1982 World Cup</i>	02 de julho	Steven Pye / Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/th-at-1980s-sports-blog/2014/jul/02/brazil-1982-world-cup-goals-ranked-15">https://www.theguardian.com/football/th-at-1980s-sports-blog/2014/jul/02/brazil-1982-world-cup-goals-ranked-15</a>
75. <i>Neymar fit for Brazil's World Cup quarter-final with Colombia</i>	02 de julho	Press Association	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/02/neymar-brazil-colombia-world-cup-quarter-final">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/02/neymar-brazil-colombia-world-cup-quarter-final</a>
76. <i>Passion, pressure and prayers carrying Brazil on seven steps to heaven</i>	02 de julho	David Hynter/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/02/brazil-world-cup-2014-pressure-scolari">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/02/brazil-world-cup-2014-pressure-scolari</a>



77. <i>Brazil World Cup team calls in psychologist after Chile match tears</i>	03 de julho	Johnatan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/03/brazil-world-cup-2014-psychologist-tears">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/03/brazil-world-cup-2014-psychologist-tears</a>
78. <i>Brazil's Luiz Felipe Scolari comes out fighting before Colombia clash</i>	03 de julho	Daniel Taylor/ Fortaleza, CE	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/03/brazil-luiz-felipe-scolari-colombia-mental-strength">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/03/brazil-luiz-felipe-scolari-colombia-mental-strength</a>
79. <i>David Luiz's leadership qualities help Brazil stay calm amid the storm</i>	03 de julho	Barney Ronay/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/03/david-luiz-leadership-brazil">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/03/david-luiz-leadership-brazil</a>
80. <i>Luiz Gustavo's absence gives Brazil major headache against Colombia</i>	03 de julho	Fernando Duarte/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/03/luiz-gustavo-brazil-world-cup-2014-colombia">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/03/luiz-gustavo-brazil-world-cup-2014-colombia</a>
81. <i>Brazil sink Colombia after David Luiz thunderbolt proves decisive</i>	04 de julho	Daniel Taylor/ Fortaleza, CE	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/04/brazil-colombia-world-cup-quarter-final-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/04/brazil-colombia-world-cup-quarter-final-match-report</a>
82. <i>How will Brazil cope tactically without injured Neymar</i>	05 de julho	Michael Cox/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/05/world-cup-2014-brazil-without-neymar">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/05/world-cup-2014-brazil-without-neymar</a>
83. <i>Brazil lodge appeal to have Thiago Silva's yellow card overturned</i>	06 de julho	Press Association	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/06/brazil-appeal-thiago-silva-suspension-fifa-world-cup-2014">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/06/brazil-appeal-thiago-silva-suspension-fifa-world-cup-2014</a>
84. <i>The top 10 goalkeepers in Brazil</i>	06 de julho	Paul Doyle/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/06/world-cup-2014-goalkeepers-brazil-tim-krul-holland">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/06/world-cup-2014-goalkeepers-brazil-tim-krul-holland</a>
85. <i>Brazil manager reveals Neymar could not feel his legs after Colombia foul</i>	06 de julho	Guardian Staff	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/06/neymar-luiz-felipe-scolari-brazil-paralysed-world-cup-2014">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/06/neymar-luiz-felipe-scolari-brazil-paralysed-world-cup-2014</a>
86. <i>World Cup 2014: A stunned Brazil calls foul over Neymar injury</i>	06 de julho	Jonathan Wilson/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/06/world-cup-stunned-brazil-neymar">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/06/world-cup-stunned-brazil-neymar</a>
87. <i>Brazil 2014: World Cup where politics and social media invaded the pitch</i>	07 de julho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/07/brazil-world-cup-politics-social-media-debate-fifa-football">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/07/brazil-world-cup-politics-social-media-debate-fifa-football</a>

88.	08 de julho	Barry Glandening/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/08/brazil-v-germany-world-cup-2014-semi-final-live-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/08/brazil-v-germany-world-cup-2014-semi-final-live-report</a>
89.	09 de julho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/germany-brazil-7-1-defeat-dejection-disbelief-world-cup">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/germany-brazil-7-1-defeat-dejection-disbelief-world-cup</a>
90.	09 de julho	Zico / Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-germany-zico">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-germany-zico</a>
91.	09 de julho	Daniel Taylor/ Belo Horizonte, MG	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/08/germany-brazil-world-cup-semi-final-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/08/germany-brazil-world-cup-semi-final-match-report</a>
92.	09 de julho	Dominic Fifield/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/brazil-scarred-for-life-world-cup-fred-hulk-willian">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/brazil-scarred-for-life-world-cup-fred-hulk-willian</a>
93.	09 de julho	Dominic Fifield/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/brazil-luiz-felipe-scolari-germany-world-cup">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/brazil-luiz-felipe-scolari-germany-world-cup</a>
94.	09 de julho	Barney Ronay/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-world-cup-humiliation-germany-should-serve-call-arms">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-world-cup-humiliation-germany-should-serve-call-arms</a>
95.	09 de julho	Jonathan Watts/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jul/09/brazil-world-cup-postmortem-dilma-rousseff">https://www.theguardian.com/world/2014/jul/09/brazil-world-cup-postmortem-dilma-rousseff</a>
96.	09 de julho	Guardian Staff	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/world-cup-records-germany-brazil">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/world-cup-records-germany-brazil</a>
97.	09 de julho	Jonathan Jones/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jul/09/brazil-tragic-theatre-world-cup-sophocles-shakespeare-7-1">https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jul/09/brazil-tragic-theatre-world-cup-sophocles-shakespeare-7-1</a>
98.	09 de julho	Daniel Taylor/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/argentina-holland-world-cup-semi-final-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/09/argentina-holland-world-cup-semi-final-match-report</a>

99. <i>Brazil 1-7 Germany: the internet reacts to a World Cup humiliation</i>	09 de julho	Paul Campbell/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-1-7-germany-internet-reacts-world-cup-humiliation">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-1-7-germany-internet-reacts-world-cup-humiliation</a>
100. <i>Brazil deeply scarred after Germany defeat, sports minister Aldo Rebelo says</i>	10 de julho	Owen Gibson/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/10/brazil-deeply-scarred-germany-disaster-aldo-rebelo">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/10/brazil-deeply-scarred-germany-disaster-aldo-rebelo</a>
101. <i>Mick Jagger: I didn't put World Cup curse on Brazil</i>	10 de julho	Ben Beamont-Thomas/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/music/2014/jul/10/mick-jagger-world-cup-curse-brazil">https://www.theguardian.com/music/2014/jul/10/mick-jagger-world-cup-curse-brazil</a>
102. <i>Five talking points from Argentina v Holland: result adds to Brazil's pain</i>	10 de julho	Dominic Fifield/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/10/five-talking-points-argentina-holland-brazil-world-cup">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/10/five-talking-points-argentina-holland-brazil-world-cup</a>
103. <i>Advantage Germany in final after 'war', says Argentina coach Sabella</i>	10 de julho	Dominc Fifield/ São Paulo, SP	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/10/germany-argentina-war-final-sabella">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/10/germany-argentina-war-final-sabella</a>
104. <i>Life after 7-1: what happens to footballers after a defeat like Brazil's?</i>	11 de julho	Leo Benedictus/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/11/what-happens-to-footballers-after-nightmare-performance-david-beckham-andres-escobar">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/11/what-happens-to-footballers-after-nightmare-performance-david-beckham-andres-escobar</a>
105. <i>World Cup 2014 day-by-day- the road to the Germany v Argentina final</i>	11 de julho	Jacob Steinberg, Paul Doyle, Gregg Bakowski e Scott Murray/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/11/world-cup-2014-road-to-germany-argentina-final">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/11/world-cup-2014-road-to-germany-argentina-final</a>
106. <i>Brazil v Holland. World Cup 2014 third-place playoff - as it happened!</i>	12 de julho	Ian McCourt/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/brazil-holland-world-cup-third-place-playoff-live">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/brazil-holland-world-cup-third-place-playoff-live</a>
107. <i>Holland heap misery on Brazil with World Cup third-place play-off win</i>	12 de julho	Louise Taylor/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/brazilholland-world-cup-2014-third-place-play-off-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/brazilholland-world-cup-2014-third-place-play-off-match-report</a>
108. <i>Luiz Felipe Scolari wants Brazil to restore pride against Holland</i>	12 de julho	Agencies	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/luiz-felipe-scolari-brazil-holland-louis-van-gaal-world-cup">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/luiz-felipe-scolari-brazil-holland-louis-van-gaal-world-cup</a>
109. <i>The World Cup is a political treatre of the highest order</i>	12 de julho	David Goldblatt/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/books/2014/jul/12/world-cup-football-political-theatre-highest-order">https://www.theguardian.com/books/2014/jul/12/world-cup-football-political-theatre-highest-order</a>
110.	12 de julho	David Hills/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/world-cup-2014-11-things-tournament-taught-us-brazil-argentina">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/12/world-cup-2014-11-things-tournament-taught-us-brazil-argentina</a>

<i>World Cup 2014: 11 things the tournament taught us</i>			
111. <i>Mario Götze's stunner wins cup for Germany for fourth time</i>	13 de julho	Owen Gibson/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/13/football-world-cup-2014-germany-win-final-mario-goetze">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/13/football-world-cup-2014-germany-win-final-mario-goetze</a>
112. <i>Germany beat Argentina to win World Cup final with late Mario Götze goal</i>	14 de julho	Daniel Taylor/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/13/germany-argentina-world-cup-final-2014-match-report">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/13/germany-argentina-world-cup-final-2014-match-report</a>
113. <i>So long and thanks for the memories, Brazil. We'll never forget you</i>	14 de julho	Barney Ronay/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/14/brazil-world-cup-memories-legacy-2014">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/14/brazil-world-cup-memories-legacy-2014</a>
114. <i>Brazil faces up to the sobering reality of its World Cup hangover</i>	15 de julho	Fernando Duarte/ Rio de Janeiro, RJ	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/15/brazil-world-cup-hangover-selecao">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/15/brazil-world-cup-hangover-selecao</a>
115. <i>Luiz Felipe Scolari resigns after Brazil's World Cup 2014 humiliation</i>	15 de julho	Agencies	<a href="https://www.theguardian.com/football/2014/jul/14/luiz-filipe-scolari-resigns-brazil-world-cup-2014">https://www.theguardian.com/football/2014/jul/14/luiz-filipe-scolari-resigns-brazil-world-cup-2014</a>
116. <i>World Cup 2014 review: 64 memories from 64 matches in Brazil</i>	15 de julho	Paul Campbell/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/15/world-cup-2014-review-64-memories-matches-brazil-germany-argentina">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/15/world-cup-2014-review-64-memories-matches-brazil-germany-argentina</a>
117. <i>America loved the World Cup because for once they supported an underdog</i>	15 de julho	Hadley Freeman/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/15/america-world-cup-brazil-soccer">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/15/america-world-cup-brazil-soccer</a>
118. <i>Germany team return to heroes' welcome before Brandenburg Gate</i>	15 de julho	Philip Olthermann/ Berlim, ALE	<a href="https://www.theguardian.com/world/2014/jul/15/germany-world-cup-team-brandenburg-gate-berlin">https://www.theguardian.com/world/2014/jul/15/germany-world-cup-team-brandenburg-gate-berlin</a>
119. <i>World Cup final 2014: the internet reacts to Germany 1-0 Argentina</i>	15 de julho	Paul Campbell/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/14/world-cup-final-2014-internet-reacts-germany-argentina-twitter">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/14/world-cup-final-2014-internet-reacts-germany-argentina-twitter</a>
120. <i>The illustrated World Cup 2014</i>	16 de julho	David Squires/ Não identificado	<a href="https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/14/world-cup-final-2014-internet-reacts-germany-argentina-twitter">https://www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/14/world-cup-final-2014-internet-reacts-germany-argentina-twitter</a>

## ANEXO A – Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts

AMERICAS Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts

### Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts

By MIKE EDWARDS June 10, 2014



Subway workers' meeting at their union headquarters in São Paulo on Saturday, when they decided to continue their strike. Source: AP/Wide World Photos

RELATED COVERAGE

- [As World Cup Nears, American Football Fans Adapt Foreign Traditions](#) June 9, 2014
- [As World Cup Approes, Some Brazilians Play an Aerobic Variation of the Game](#) June 9, 2014
- [The World Cup Is Bad for Brazil, Many Brazilians Say](#) June 9, 2014
- [Brazilian President Rejects Criticism Over World Cup](#) June 9, 2014
- [Grand Violence Fizzle in Brazil](#) June 10, 2014

AMERICAS Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts

RIO DE JANEIRO — Brazil's list of feats since ending authoritarian rule in the 1980s is as long as it is varied, including [antipoverty programs](#) pulling millions into the middle class, the democratic election of presidents who suffered indignities under the dictatorship and the surging growth of tropical agriculture to help [feed the world](#).

But instead of coming together to extol such [triumphs](#) on the global stage as the host of the World Cup, the soccer tournament starting on Thursday with teams from 32 countries, Brazil is marked by rifts, with some people genuinely excited about the event while others are simmering with resentment over its ballooning costs and a [sluggish post-boom](#) economy.

While thousands poured into the streets in 2007 to celebrate Brazil's winning bid to host the World Cup, bitter strikes are now roiling major cities. In São Paulo, where the opening match between Brazil and Croatia is just days away, riot police officers on Monday used tear gas to disperse striking subway workers. Brazilian legends of the sport, from Ronaldo to Romário, are voicing [shame](#) and [disgust](#) over troubled preparations in the nation that has won the World Cup five times, more than any other country.

RECENT COMMENTS

**Mike Edwards** June 10, 2014  
The spirit of Brazil is partly about the politicians themselves. Maybe the organizers in Brazil should have reviewed the 1994 World Cup...

**Robert Ocasio** June 10, 2014  
You are doing with Brazil and the World Cup what you tried to do at Sochi before and during the Winter Olympics: demand, demand, demand...

**Jeff Beck** June 10, 2014  
This will be ridiculous. Just don't give anyone! Change your TV channel! The way Brazil will feel elections for president - change are...

SEE ALL COMMENTS

"This is the strangest atmosphere I've ever witnessed in Brazil before a World Cup, as apprehension and apathy threaten the normal excitement," said Antonio Risério, a historian who explores soccer's role in shaping Brazil's national identity.



A family assembled a tent at an reception called "Copa do Povo," or "People's Cup," set up near Raposo stadium in São Paulo, where the World Cup opening match will take place. (Reuters/Chris Lee/The New York Times)

Only 34 percent of Brazilians think the World Cup will help the economy, which is in its fourth straight year of slow growth, according to a [survey by the Pew Research Center](#). Thirty-nine percent say the tournament will actually [hurt Brazil's image](#) around the world, according to the face-to-face survey of 1,003 randomly selected adults from across the country.



More than 200 million people live in Brazil, Latin America's largest democracy, and the country has about as many opinions on hosting the World Cup. President Dilma Rousseff, [in an interview](#) last week in Brasília, defended loans from state banks for building lavish World Cup stadiums, and said Brazilians were gearing up to embrace the tournament.

"The closer we get to the Cup, the more Brazil is going to show its passion for soccer," Ms. Rousseff said.

its passion for soccer," Ms. Rousseff said.

But signs of such enthusiasm still remain somewhat sparse. And with political analysts arguing over how the Cup's outcome may influence this year's presidential election, Ms. Rousseff's government is clearly hoping for a strong showing by Brazil's national team in a tournament unmarred by major problems.

**2014 WORLD CUP**

The best soccer stories in the world are emerging in Brazil and The New York Times has you covered. We'll have a regular digest of news, highlights and content from Times reporters and editors.

[Business Daily](#) | [Sport in Brazil](#) | [Full Coverage](#)

[Sign up for daily World Cup updates from Brazil.](#)

The sense of malaise is partly about the preparations for the World Cup itself, but also reflects a deeper, underlying anxiety about the direction of the country as the economic slump has persisted amid waves of antigovernment protests, reflecting demands from the growing middle class for better services. The divisions are

manifesting themselves in unlikely ways; even as many Brazilians voice support for a soccer team that has long been the nation's passion and pride, others are expressing unhappiness with the sport being placed above other priorities.

Before a warm-up match last Friday between Brazil and Serbia,

**The New York Times**

Support our mission.

Special subscriptions for students in America's schools.



[Learn more](#)

AMERICAS | Brazil on Edge as World Cup Begins Here


Before a warm-up match last Friday between Brazil and Serbia, the subway strike in São Paulo affected millions of commuters. Raising the fear of more unrest, police officers dispersed the strikers by beating them with batons in scenes recorded on smartphones and spread on social media.

The game disappointed, too. Brazilian fans at the stadium even booed Neymar, the 22-year-old star of Brazil's national team, which limped to a 1-0 victory.

The jeers for stars who traditionally achieve something resembling the status of minor gods came as disenchantment festers with the country's soccer establishment, tainted by its ties to [corrupt-southern FIFA](#), the organization that oversees international soccer and the World Cup, and by [pretextations of violence](#) to top Brazilian soccer officials.





AMERICAS | Brazil on Edge as World Cup Begins Here



Commuters waited for a train at a terminal affected by a subway strike in São Paulo, during a strike by railway workers. Photo by Chris For The New York Times

While the national team is still received warmly in many places, the players had to pass through a gauntlet of protesters here in Rio de Janeiro this month on their way to their luxurious training camp in the mountains. The chant of the [striking teachers](#) who led the protest: "An educator is worth more than Neymar."




AMERICAS | Brazil on Edge as World Cup Begins Here

Rio de Janeiro this month on their way to their luxurious training camp in the mountains. The chant of the [striking teachers](#) who led the protest: "An educator is worth more than Neymar."

"That talk about the national team being the patrimony of Brazil, the affirmation of our identity and civility and cordiality, no one swallows that anymore," said Arnaldo Bloch, a columnist for the newspaper O Globo.

Despite the tension surrounding the Cup, many Brazilians point out that the country has a tradition of warmly receiving foreign visitors and pulling together at the last minute complex events like the Pan-American Games in 2007 or last year's World Youth Day, an international conference of Catholic youths which featured a visit by Pope Francis.

If Brazil starts winning, some contend that optimism will surge around the first World Cup in the country since 1950, and easily exceed the low expectations. "People are worried about how much has been spent," said José Evaraldo Bezerra, 48, a doorman at a residential building in Brasília. "But once we see the first game, the parties will start."





The police at a São Paulo subway station Monday. Officers dispersed striking subway workers. [Read more on The New York Times](#)

To the relief of authorities who contend Brazil will put on a great show despite some airports and transit systems not being completed, the streets in some areas in Brazilian cities are finally becoming festooned with yellow and green ribbons, the colors of the national team.

finally becoming festooned with yellow and green ribbons, the colors of the national team.

Even so, many Brazilians say the decorations are less extensive than in the run-ups to other World Cups. In Jardins, an upscale São Paulo district, many store owners opted against such adornments out of fear that their premises would be targeted for damage by anti-World Cup protesters, said Rosângela Lyra, president of the area's commercial association.

The massive street demonstrations against government corruption and World Cup spending that shook Brazilian cities last June have evolved into smaller protests, often led by fringe groups.

Still, ire remains widespread over the estimated \$11 billion cost of hosting the tournament, including subsidized loans for stadiums in cities like Brasília, the capital; Cuiabá, a remote agribusiness center; and Manaus, an industrial hub deep in the Amazon, with paltry soccer fan bases.



**WORLD CUP 2014** [View all](#)  
Sign up for a daily recap of highlights from the 2014 World Cup.



More than 200,000 people celebrated in Manaus when it was chosen as a host city, but that sentiment has shifted. "Why does a city like Manaus need an expensive and luxurious stadium when a few meters away there's a neighborhood, Alvorada, without sidewalks and treated sewage?" asked Milton Hatoum, a writer from Manaus.

The animus over the Cup is compounded by dismay at the delays and rising costs of the 2016 Summer Olympics, which Rio will also host. Mexico was the last country in Latin America to host these events in succession, holding the Olympics in 1968 and the World Cup in 1970, when its government tried to project its standing as a rising power in the developing world.

These conditions were talisman when security forces manacled pro-democracy protesters in Mexico City's Tlatelolco Plaza 30 days before the opening of the 1968 Olympics. While crackdowns by Brazilian police have not been nearly as violent, the steady drip of protests has brought certain complaints to the fore.

"The diffuse messages which come together are that Brazilians want public services as good as the stadiums FIFA got for the World Cup," said Jerry Davis, a professor of Brazilian history at the University of Illinois.



Accented climates may have shaped your face. -How does this face 'fit' your face? -Good question. What are all its internal... [unreadable]

Crossword. Subscribe now and save 50%. [button]

While complaining about the quality of services in Brazil has grown into a pastime, the debate over hosting the Cup has also heightened sensitivity about how the country perceives itself and how it is perceived abroad.

In what may prove to be one of the World Cup's legacies, and perhaps even a parable to other countries with ambitions of hosting the tournament, some in Brazil's thriving but imperfect democracy are questioning why the country sought such a massive undertaking when its institutions already had trouble delivering on more mundane matters.

"We're the country of winging it, and that same characteristic which makes our soccer shine keeps us in an idyllic position in relation to any project," said Helio Gurovitz, editor of Época, a weekly newsmagazine. "We plan poorly, monitor even worse, leave everything until the last hour and believe it will work out in the end," he added. "Until, one day, it doesn't."

Correction: June 23, 2014. An article on Tuesday about widespread dissatisfaction in Brazil over the costs of holding the World Cup and the Olympics erroneously attributed a distinction to Mexico for having also hosted both events in succession. Mexico was the last country in Latin America to do so, not the last country. (The United States was the last; it held the World Cup in 1994 and the Olympics in 1996.)

trouble delivering on more mundane matters.

"We're the country of winging it, and that same characteristic which makes our soccer shine keeps us in an idyllic position in relation to any project," said Helio Gurovitz, editor of Época, a weekly newsmagazine. "We plan poorly, monitor even worse, leave everything until the last hour and believe it will work out in the end," he added. "Until, one day, it doesn't."

Correction: June 23, 2014. An article on Tuesday about widespread dissatisfaction in Brazil over the costs of holding the World Cup and the Olympics erroneously attributed a distinction to Mexico for having also hosted both events in succession. Mexico was the last country in Latin America to do so, not the last country. (The United States was the last; it held the World Cup in 1994 and the Olympics in 1996.)

Lucy Jordan contributed reporting from Brazil.


A version of this article appeared in print on June 22, 2014, on Page F1 of the New York edition with the headline: Brazil on Edge as World Cup Expenses Rise. Order Reprints | Today's Paper | Subscribe

## ANEXO B - Making Holidays of Brazil's World Cup Games

WORLD CUP Making Holidays of Brazil's World Cup Games

# Making Holidays of Brazil's World Cup Games

By FERNANDA SANTIN | JUNE 6, 2014



People gathered outside an appliance store in downtown São Paulo to watch Brazil play on a TV against France in a World Cup match. (AP Photo/Chris Wedel)

**RELATED COVERAGE**

- With Credibility on Line, World Cup Turns to Technology | JUNE 5, 2014
- Brazil on Edge as World Cup Exposes Rifts | JUNE 5, 2014
- Countdown to 2014 World Cup in Brazil: Day 5 | JUNE 5, 2014
- UNITED STATES 2, MEXICO 2: U.S. Displays Improvement Across the Field and a Breakthrough at the Front | JUNE 5, 2014
- Countdown to 2014 World Cup in Brazil: Day 4 | JUNE 4, 2014

WORLD CUP Making Holidays of Brazil's World Cup Games

SÃO PAULO, Brazil — To work or not to work? Regardless of where anyone here stands on the logic of Brazil's spending billions of dollars in preparation for hosting this year's World Cup, the question an opening day approaches is hugely pertinent.

The answer is, well, probably not.

In this country, where soccer is both creed and compulsion, the government weighed whether to declare national holidays on Brazil game days, a decision that is as much about productivity as it is about common sense. Can you expect anyone to focus when the national team is on the field?

Such holidays, or at least other kinds of soccer-induced paralysis, are not entirely uncommon. In Italy in 1990, it was hard to get a meal while the host team was playing, because all waiters had their eyes glued to the television screens. But Brazil has taken it to another level. Across the country, schools public and private have scheduled midyear vacations so they could start before the tournament's inaugural game, on Thursday. Banks are set to close early, slashing their hours almost in half. Hospitals must stay open, but doctors have been routinely rescheduling nonemergency appointments so they have no commitments when Brazil is playing.

commitments when Brazil is playing.

"There's before the Cup, and there's after the Cup, and nothing much beyond soccer is going to happen in between," said Antenor de Paula, 53, a clerk at a federal revenue bureau here, as he carried a box of beer cans out of a local supermarket on Friday, when Brazil had a friendly match against Serbia. (The beer, he said, is for "a big party my neighbour is hosting for the game.")

**2014 WORLD CUP**

The best soccer players in the world are converging in Brazil and The New York Times has you covered. We'll have a regular digest of news, highlights and content from Times reporters and editors.

Matthias Goebel | Brazil in Depth | Full Coverage

Sign up for daily World Cup updates from Brazil.

While there will be no national holidays for the Cup, there will be plenty of gainfully employed individuals legitimately watching the games wherever they choose. The broad federal statute that governs the legal dos and don'ts during the tournament gave cities the authority to decide if game days ought to be work days — and there are enough holidays, half-days and another arrangement that loosely translates as "optional shift" to give a break to pretty much everyone but emergency workers and bartenders.

It is more than most Brazilians were afforded in previous World Cups, when it was generally up to employers to decide if anyone got to leave work early. This time, federal employees, like de Paula, are going to be dismissed at 12:30 p.m. on days Brazil takes the field so they can get home in time for kickoff.

In Campinas, on the outskirts of São Paulo, City Hall workers are to leave at the same time, the unsunked hours to be made up in 30- to 60-minute increments during the year. Fortaleza, a host city on the northeastern coast, declared a municipal holiday on June 17, when Brazil plays Mexico there, and a half-day on June 24, when the local game is between Greece and Ivory Coast.

"Most of the tickets for this game were sold to people from our state," Lucizene Maciel, a spokeswoman for Fortaleza's mayor, Roberto Cláudio, said in a telephone interview. "It's a matter of easing mobility, but people also want to have fun."

The concessions come at a significant cost, though, and at a particularly challenging time.

Brazil's economy has been sputtering, growing at about half the pace it was when the country won its bids to host the World Cup and the



Brazil's economy has been sputtering, growing at about half the pace it was when the country won its bids to host the World Cup and the Summer Olympics, scheduled for Rio de Janeiro in 2016. The country has also been inflamed by protests and strikes — of public schoolteachers in Rio de Janeiro, bus drivers in Salvador and subway workers in São Paulo, which was virtually paralyzed by traffic jams on the day of the friendly match.



**WORLD CUP 2014** [SIGN UP](#)  
Sign up for a daily recap of highlights from the 2014 World Cup.

The tournament's cost — in terms of lost productivity and overtime pay for businesses that choose not to operate during the holidays, including restaurants, factories and retail stores — is projected to be at least \$3 billion, according to the São Paulo State Federation of Commerce, an organization that represents 155 trade and business unions.

In Fortaleza alone, the calculations put the loss associated with each holiday at about \$31 million. In Rio — whose work force, at 1.5 million, is almost twice the size of Fortaleza's — it is estimated at \$120 million.



is almost twice the size of Fortaleza's — it is estimated at \$130 million. (The cost of construction, infrastructure upgrades, security and other projects needed to host the Cup has already passed \$10 billion.)

Rio cited improved mobility as the explanation — or excuse, depending on whom you ask — for the decision to declare holidays for each of the three games played during the week at Estádio Jornalista Mário Filho, the huge stadium, known as Maracanã, that anchors Brazil's soccer-centric culture. The city's Procedures Manual for Major Events lists mobility as "the most important issue" during the World Cup, and the plan counts on the holidays resulting in fewer vehicles on Rio's notoriously clogged streets.

Sports

Get the big sports news, highlights and analysis from Times journalists, delivered to your inbox every week.

Enter your email address [Sign Up]

Receive occasional updates and special offers for The New York Times's products and services.

"You're giving millions of residents the day off so that 60, 70,000 fans can get to the stadium," the federation's president, Abram Stajman, said in an interview. "From a strictly economic point of view, it doesn't make much sense."



Aertrial climates may have shaped your nose

- Women have 'hook noses.' What does that mean?
- Covid success: Where are all the successful countries?

Advertisement for São Paulo flights: Viaje de São José do Rio Preto a São Paulo. Por um tempo limitado a partir de R\$35 por pessoa. Confira Ofertas de decolar.com

Receive occasional updates and special offers for The New York Times's products and services.

Adm. account info [Account icon]

See details | Manage your preferences | Privacy Policy

would produce \$4.5 billion in revenue, 10 percent more than previously expected. And despite the general losses in Brazil's industrial sector, the tournament has helped increase the production of television sets (by 21 percent) and beer (by 3.6 percent), according to the most recent survey by the Brazilian Institute of Geography and Statistics, released Wednesday.

"There's the economy, there's politics and there's soccer, and they're all really important," said Guilherme Vieira, 34, on Thursday, amid dozens of fans in the hotel housing the Brazilian soccer squad. "But now is time to concentrate on soccer."

interview. "From a strictly economic point of view, it doesn't make much sense."

There are some bright spots, though. Last week, FIFA, soccer's world governing body, said it thought the World Cup

A version of this article appeared in print on June 22, 2014, on Page B2 of the New York Times edition with the headline: Making Holidays of Games, Cities Prepare to Take to People's Streets.


## ANEXO C – Goal, Goal, Goal, Goal, Goal Goal, Goal, and Brazil's Day Goes Dark

WORLD CUP | Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, and Brazil's Day Goes Dark

# Goal, Goal, Goal, Goal, Goal Goal, Goal, and Brazil's Day Goes Dark

World Cup 2014: Host Brazil Stunned by Germany in Semifinal

By SAM BORDEN JULY 8, 2014 779 COMMENTS



BELO HORIZONTE, Brazil — The fireworks began at dawn. All around this city, loud pops and bangs rang out as men and women and children, so many dressed in yellow, set off flares and beeped car horns. It was supposed to be a magical day. The Brazilian national soccer team, playing at home, was one game away from a World Cup final.

No one could have guessed the tears would come before halftime. No one could have imagined there would be flags burning in the streets before dinner. Certainly no one could have envisioned that any Brazilian fans, watching their team play a semifinal in a celebrated stadium, would ever consider leaving long before full time.

It all happened. The 2014 World Cup, first plagued by questions about funding and protests and infrastructure and construction, then buoyed by seals of goals and dramatic finishes and a contagious spirit of joy from the local residents, will ultimately be remembered for this: the home team, regarded as the sport's superpower, being throttled like an overmatched junior varsity squad that somehow stumbled into the wrong game.

**RELATED COVERAGE**

- On Soccer: World Cup 2014: Brazil Left Humiliated by Germany's Dominance JULY 8, 2014
- World Cup 2014: Semifinals Result: Leaves Germany in Awk JULY 8, 2014



Graphic: Germany's Five First-Half Goals Against Brazil

The final score was Germany 7, Brazil 1. It felt like Germany 70, Brazil 1. By the end, the Germans were barely celebrating their goals anymore, and the Brazilians, starting with their coach, Luiz Felipe Scolari, could manage little more than blank stares. In the stands, the Brazilian fans — the ones who stayed around, at least — passed the time by cycling through obscene chants about each player, as well as the Brazilian president, Dilma

Rouaseff.

"I think," Scolari said afterward, "that it was the worst day of my life."

He was surely not alone in that sentiment. Sports are often a haven of hyperbole, but there was little risk of that here on Tuesday. Given the circumstances and the stakes, this result — a soccer massacre of the highest order — may well be remembered as the most surprising in World Cup history.



In Brazil, World Cup Loss to Germany Looms Large July 8, 2014



Interactive Feature: Spot the Ball: The Winning Goal



My Travels With Brazil's World Cup Curse June 9, 2014



The Clubs That Connect The World Cup June 20, 2014

At the very minimum, it will go down as Brazil's worst loss, surpassing a 6-0 defeat by Uruguay in 1920. It was also Brazil's first loss in a competitive home game since 1975, a stretch of more than 14,000 days. For more than six decades, Brazilians had been hoping to erase the embarrassment of their team's defeat in the 1950 World Cup final — also against Uruguay — which denied them a championship the last time they hosted their favorite sport's biggest tournament.

Somehow, the fans came away from this World Cup with a nightmare even darker.



### Brazilians Confront Defeat in World Cup

Brazilian fans grieved in the streets after their team's historic loss to Germany on Tuesday. By Nadia Sawarwa on July 9, 2014. Watch in Times Video >

Facebook Twitter Embed

"It was the biggest embarrassment of all World Cups — 7-1 in a semifinal playing at home?" said Marcel Guimarães, 38, who traveled to Belo Horizonte from Brasília. "Not even in a video game."

The aftermath of Brazil's defeat could turn ugly. There were reports of a mass robbery at a fan party in Rio de Janeiro and of fans setting fire to Brazilian flags in the streets of São Paulo even before the match was over. Local organizers and government officials have been concerned for weeks about the possibility that demonstrations — which have, for the most part, been subdued — would become more intense if Brazil were to be eliminated.

Many Brazilians have been upset about the billions of dollars spent on new stadiums and other World Cup-related projects. The success of the national team provided a natural balm, but now those emotions may become more inflamed.

"The time of bread and circuses is over," said Lisa Rodrigues da Cunha Saud, who attended the game with her brother. "Instead of stadiums, we need hospitals and schools," she added.

The record will show that Brazil played this match without its top scorer, Neymar, who was injured in the quarterfinals, as well as without its top defender, the captain Thiago Silva, who was suspended. As important as both players were to Brazil, however, it is difficult to imagine either one having made much of a difference.



Brazil's Fernandinho after Toni Kroos scored his first goal, and Germany's third. *Nathalie Pflanzky/Associated Press*

The Germans were merciless, playing with grace and unity and a raw power that saw them rip open the Brazilian defense as if it were a can of soup. Thomas Müller opened the scoring in the 11th minute, blasting home a corner kick from just six yards out. Miroslav Klose followed about 12 minutes later, knocking in a rebound to record his 16th career World Cup goal and become the tournament's all-time leading scorer.

By then, the mood at the Estádio Mineirão had already deflated, but the fans had no idea what was yet to come. In the next six minutes, Germany scored three more goals — a stretch roughly equivalent to a boxer landing three uppercuts in a row in the first round — which essentially ended the match before a half-hour had been played. Toni Kroos scored two of those goals; Sami Khedira added the other.

"I couldn't change anything," Scolari said. "It was one goal after the other. There was nothing to be done during that breakdown."

RECENT COMMENTS

- Sue** July 10, 2014  
Over here in Canada, I went to the grocery store after work today. I recognized the clerk at the checkout counter. "You're Brazilian..."
- Chuckles** July 10, 2014  
At least maybe Brazil can come in THIRD when they play the Dutch.
- Yuri Senra Schubert** July 9, 2014

The second half — yes, they played the second half — was more of the same. André Schürrle scored two more goals for Germany. Brazil kicked the ball around as if in a stupor. Spectators poured out of the stadium in agony, leaving a small German contingent who happily stayed in their seats and sang and sang. A few German players even ran over to take pictures with the fans after the rout was complete.

"If someone had said before that we are going to win 7-1," Kroos said, "I would certainly not have believed it."

Oscar, a Brazilian midfielder, did manage to score for the home team in the final minutes, but the goal prompted little excitement. By then, reality had set in: Brazil will leave this tournament having never played a game at the Estádio do Maracanã in Rio de Janeiro. The final will be played there on Sunday, but it will be Germany walking onto this country's most famous stage to face either the Netherlands or Argentina in a bid for its fourth World Cup title.

Brazil will play on Saturday in Brasilia instead, facing the loser of the other semifinal in the third-place match. Scolari tried his best to say it would be an important game, but there was little feeling in his words. Just regret.

THEY WORTH BEING AND NOT BEING IN THAT MIND (MAYBE) REPRESENT ME. THEY HAVE MENTAL PROBLEMS. BRAZIL LOST THE MATCH AND THREW AWAY THE CHANCE...

SEE ALL COMMENTS

Seolari shrugged then, and trudged out of the news conference room, heading down a narrow hallway. The sunrise fireworks seemed so far away. They had been a rousing beginning, a boisterous start to a day Brazilians hoped they would always remember. Then came a German juggernaut, and a game that a nation of soccer fans can only hope to forget.

Sergio Peçanha contributed reporting.

A version of this article appears in print on July 9, 2014, on page A1 of the New York edition with the headline: Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, Goal, and Brazil's Day Goes Dark. Order Reprints | Today's Paper | Subscribe

More in World Cup

Go to the World Cup Section



TRENDING

- 1 The Lives They Lived 
- 2 Hillary Clinton Seizes on Donald Trump's Remarks to Galvanize... 
- 3 Modern Families: The Typical American Lives Only 18 Miles From... 



# ANEXO D - 29 Minutes That Shook Brazil

WORLD CUP

## 29 Minutes That Shook Brazil

World Cup 2014: Five German Kicks Felt in Brazilian Guts Everywhere

By SAM BORDEN | JULY 8, 2014

ALL COMMENTS

Chat

Share

Embed

Print

More

BELO HORIZONTE, Brazil — It started, innocently enough, in the 11th minute.

Thomas Müller, Germany's top scorer at this World Cup, shyly slid around the back of Brazil's defense. When the ball arrived from a corner kick, he blasted it home.

The Brazilian fans who made up most of the crowd of 38,000 went quiet for a moment. But then, unbowed, they resumed their defiant chants.

In Celiândia, some 450 miles north of the Estádio Mineirão, a housecleaner struggled.

"After the first goal, our reaction was not too much of a shock because Germany is a strong competitor," said the housecleaner, Neide Moura de Brito de Nascimento, who was watching on TV with her family. "We already expected one or two goals from them."

WORLD CUP | 29 Minutes That Shook Brazil

Nothing else about Tuesday afternoon followed anyone's expectations. From that modest beginning, this country went on to witness something never seen before in World Cup soccer: Germany scored five goals — more than many teams scored in the entire tournament — in the first 29 minutes of a World Cup semifinal on the way to a 7-1 victory.

Those 29 minutes will be scrutinized for generations in Brazil, poked and prodded and dissected the way Brazil's dreaded defeat to Uruguay in the 1950 World Cup final has been.



Photographer: World Cup Despair in Brazil

Mouric Barbosa, the Brazilian goalkeeper in that infamous loss, said before he died in 2000 that ever since that game he felt as if he spent the rest of his life in prison.

That cell just got more crowded. Every player in a yellow jersey on Tuesday, many of them superstars, will most likely be dejected, and imprisoned, by those 29 minutes.

The game began with high hopes. When the music to the national anthem stopped after the required 90 seconds, the Brazilian fans continued singing with vigor, a rising a cappella performance.

Then, Germany scored early. "I thought we were just 10 minutes in, we had the entire game ahead," said Gabriela Fedeini, a marketing student who watched at a friend's barbecue in São Paulo.

### RELATED COVERAGE



Germany 2, Brazil 1: World Cup 2014 Has Brazil Shooked by Germany in Semifinal | 07/07/2014



Six Soccer: World Cup 2014: Brazil Left Handcuffed by Germany's Dominance | 07/07/2014



In Brazil, World Cup Loss to Germany Leaves Large | 07/07/2014

WORLD CUP | 29 Minutes That Shook Brazil

### VIDEO: Goal 1: The Brush-Off



David Luiz is marking Thomas Müller on the corner kick, but as Müller starts into a cross, he teammates Mineiro Mauro Lugo, leaving Müller alone to redirect the corner kick into the net.

José Felito Lopes, who watched at the bar in a Rio de Janeiro favela where he works, was calm. "When the first goal happened, I thought this was normal, because Germany were playing well," he said.

Yet some already had that feeling of dread. The hairs on the neck. The lump in the stomach.

"Brazil cannot lose the focus, they have to concentrate," thought Susana Ozulu, a model who watched the game with her husband in São Paulo.

The Brazilian team seemed rattled and played on its heels for the next 12 minutes. It had not lost at home in a competitive game since 1975, well before anyone on the team was born.

The Germans swarmed, holding the ball and stroking it all around the field. Brazil made a few forays forward but never really threatened.

Then, Miroslav Klose's shot was parried by goalkeeper Júlio César and Klose locked in the rebound for his 10th career World Cup goal, the most in the tournament's history. 2-0.

GOAL 2: Goal 2: The Drop-Off



This time, the stadium was more hushed. Two goals in 22 minutes was not necessarily a cause for panic, but it was disturbing. A few tears could be seen on faces in the stands. The coarse language coming from some of the middle sections of the stadium needed an translation. Yet it was still early.

"There was still so much time left," said Glayson Müller Pereira Mateo, 27, a taxi driver who also plays professional soccer in Brazil's lower divisions. "I still had hope."

It did not last much longer.

Only one minute later, Mesut Özil of Germany crossed the ball into the middle of the field where Fernandinho, the Brazilian midfielder, watched it roll straight to Tom Kroos, who ripped it into the net. 3-0.

GOAL 3: Goal 3: A Whiff and a Score



Four largely unmarked German players press the attack. Mesut Özil passes to Philipp Lahm in the corner, who crosses for Müller. But when Müller misses the ball, it finds Tom Kroos, who scores.

On the field, Júlio César threw up his hands. Fernandinho walked face-first into the net as if he were walking off a plank. Brazil's coach, Luiz Felipe Scolari, staggered from the field to take a seat on the bench.

At that moment, Rogério Gesteira da Silva, a doorman outside Brasília, said that "all the hope simply left my body." He had to get away from the TV, so he left his house and went for a walk "to calm my nerves."

Ozulu, the São Paulo model, was so certain that something was terribly wrong. "This was not normal for me," she said. "The players were dumb chickens in the field. I realize that only a miracle could save us."

But no miracles would come on Tuesday. It got worse.

Less than a minute after that crushing third goal, Kroos took the ball off Fernandinho's foot and made a savvy pass to Saint Khedira. Khedira gave it back to Kroos. He shot. It was impossible but true. 4-0.

GOAL 4: Goal 4: Grand Larceny



WORLD CUP 29 Minutes That Shook Brazil

"When the fourth goal went in," said Lopes, who watched in the crowded favela bar, "people started saying, I am ashamed to be Brazilian."

Luciano Machado, an engineer in São Paulo, was playing with his 3-month-old daughter in front of the TV to distract himself. "I could not concentrate," he said. "I could not believe what was happening."

Meanwhile, the documen who had gone for a walk arrived at his sister's house to find her crying so hard that "we thought she would become ill."

"She was shaking!" Garcia da Silva said. "We made her sip water. I've never seen sadness like it."

But the day was not over. Somewhere, the impossible had become routine.

Three minutes later, in the game's 26th minute, the Brazil captain David Luiz cleared the ball straight up the middle to Mats Hummels. He split through a square of defenders and, moments later, Khedira rolled the ball into the net once more.

3:00

**RECENT COMMENTS**

**The Alkhan** July 12, 2014  
Actually goal 4? was not a goal, it was a penalty. Justed that he was getting out, then the goal, for Brazil's victory 0 to 1 Germany.

**Shayla** July 12, 2014  
I'm glad you said that the incident is gone back to 2002 France was awarded a 12th to a 10th minute suspension goal from the 12th etc...


**1244** July 12, 2014  
I'm a Brazilian. It's sad that I started to laugh when I saw goal 4. I think during the last when the goal-off for 0-2 from a Brazilian player...

SEE ALL COMMENTS

**26TH MINUTE: Goal 5: Out of Position, Out of World Cup**



WORLD CUP 29 Minutes That Shook Brazil



By the time Ronaldo scored the fifth goal, Brazil's defense was in shambles. Marcelo, the right back, would end up on the ground in the center, and Luiz was nowhere in sight.


Marcelo, a star defender for Brazil, covered his face with his hands. But in the bleachers, grief had given way to something else, something stranger.

"We started to laugh with the situation," said Felipe Seligman, 30, who was wearing the same Brazil shorts and zip-up jacket that he wears every time Brazil plays. "We were saying, 'Oh my God, what's going on, what is happening? Is it real?'"

The fifth goal was when Machado forced himself to turn away from the screen. "I kept listening to the game, listening only because I could no longer watch it," he said.

Three goals in four minutes. Four goals in six minutes. Five goals in 29 minutes. One country that could not believe what had just happened.

"If I could explain what happened in those six minutes, I would answer," Scolari said. "But I do not know."



WORLD CUP 29 Minutes That Shook Brazil



**Brazilians Confront Defeat in World Cup**

Brazilian fans grieved in the streets after their team's historic loss to Germany in Frankfurt. By Heidi Iversen on July 11, 2014  
Watch on YouTube

It was all so fast. Lucas Kabele spent the match working at a gas station in Brasília. At one point, a customer entered the station's tiny market. "When they ordered, Germany scored a goal," Kabele said. "While they were choosing a soda, Germany scored a goal. And while they were paying, one more goal."

It was too late for Scolari to make a change. It was too late for anything.

Germany's coach, Joachim Löw, said afterward that he could sympathize with the Brazilians because Germany also lost a semifinal as the host country when it was defeated by Italy in 2006.

The difference, of course, was that Germany lost that game in extra time, only giving up its first goal after 120 minutes.

Brazil's dream of a final was over long before that; it did not even last for half an hour.

clearing a wall, Germany scored a goal. And while they were paying, one more goal."

It was too late for Seedorf to make a change. It was too late for anything.

Germany's coach, Joachim Löw, said afterward that he could empathize with the Brazilians because Germany also lost a semifinal as the host country when it was defeated by Italy in 2006.

The difference, of course, was that Germany lost that game in extra time, only giving up its first goal after 118 minutes.

Brazil's dream of a final was over long before that. It did not even last for half an hour.

**Correction: July 22, 2014**

An article on Thursday about the five goals in 29 minutes that Germany scored in its 7-1 victory over Brazil in the World Cup semifinal on Tuesday misstated, in some editions, the year that Miroslav Klose, the goalkeeper for Brazil in its loss to Uruguay in the 2002 World Cup final, died. It was 2000, not 2002. The article also misspelled, in some regions, the given name of the player who set up Germany's third goal. He is Miroslav, not Mirosl.

Miriam Walsh contributed reporting from Rio de Janeiro, Larry Karlin from Brazil, and Paula Garcia from São Paulo, Brazil.

© 2014 by The New York Times Company. All rights reserved. This article may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or by any information storage and retrieval system.



## ANEXO E – Cleaning Up After the World Cup

### Cleaning Up After the World Cup

By THE EDITORIAL BOARD JULY 14, 2014

Email

Share

Tweet

Save

More



This story is included with an NYT Opinion subscription. [Learn more >](#)

Brazil can be proud of the World Cup it held — except, of course, the shocking breakdown of its national team in the 7-1 [semifinal loss](#) to Germany. The crowds were colorful, loud and behaved, and the play ranged from entertaining to utterly brilliant, all devoured by record-breaking audiences on television and social media.

There were the dodgy calls, blatant flops and Luis Suárez's bizarre bite, but the perfect [last-minute score](#) by Mario Götze, which gave the Cup to Germany, is the more accurate icon of the four-and-a-half-week tournament. In all, the World Cup demonstrated why football, a.k.a. soccer, is the most global and popular of sports. And why it is time for FIFA to measure up to the sport it governs.

These days, a permanent stench seems to hang over FIFA, the organization that has governed world soccer since 1904 and, in recent years, has been linked directly or indirectly to all sorts of financial mismanagement, bribery, embezzlement and match-fixing. In the latest scandal, a company with close ties to FIFA is under investigation by Brazilian authorities for a huge ticket scalping operation, and a director of the company has been arrested.

Before the World Cup began, an investigation of match fixing by Europol, the European Union's police agency, [found](#) suspicious results in 680 international matches between 2008 and 2011. Serious questions have also been [raised about the bidding](#) for the 2018 and 2022 World Cups, which



The Opinion Pages | Cleaning Up After the World Cup

DIRECTOR OF



This story is included with an NYT Opinion subscription. [Learn more >](#)

These days, a permanent stench seems to hang over FIFA, the organization that has governed world soccer since 1904 and, in recent years, has been linked directly or indirectly to all sorts of financial mismanagement, bribery, embezzlement and match-fixing. In the latest scandal, a company with close ties to FIFA is under investigation by Brazilian authorities for a huge ticket scalping operation, and a director of the company has been arrested.

Before the World Cup began, an investigation of match fixing by Europol, the European Union's police agency, [found](#) suspicious results in 680 international matches between 2008 and 2011. Serious questions have also been [raised about the bidding](#) for the 2018 and 2022 World Cups, which went to Russia and Qatar. Sepp Blatter, the 78-year-old Swiss president of FIFA since 1998, is not accused of corruption. But since he has been president, nearly half of FIFA's executive committee members have been [accused of ethics violations](#), and he has been loath to investigate allegations of shady dealings. Should he be chosen for a fifth term, he and other FIFA executives need to dedicate themselves to reforms that could address the toll corruption is taking on the sport.

As for actions on the field, the tournament revealed two glaring flaws. When Germany's Christoph Kramer took a nasty blow to the head in the last game, he was left to play for another 15 minutes before he fell again and was led off, looking dazed. Clearly, it is time for soccer to adopt safety measures to spot concussions. Then there's the refereeing. There were too many dubious calls to continue putting off giving coaches the right to challenge bad calls through replays, a practice that has become routine in American football, tennis and other sports.

Soccer is a hugely important force in the world today. Its stewards should do everything in their power to keep it clean, safe and fair.



## ANEXO F – Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch

**theguardian**

UK world sport football opinion culture business lifestyle fashion environment tech travel [browse all sections](#)

home | football | live scores | tables | competitions | results | fixtures | clubs

### World Cup 2014

# World Cup 2014: Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch

Traffic woes have sparked predictions the tournament may start with the most chaotic opening to a Football World Cup ever.

**Hadley Freeman in São Paulo**  
@hadleyfreeman  
Wednesday 11 June 2014 16:33 BST

This article is 7 year old

148 Shares 66 Comments

Save for later



Comments shared on a crowded bus during a longed evening commute in São Paulo, Brazil. Photograph: Steve

**Most popular in US**

- 20 minutes of action: father defends Stanford student son convicted of sexual assault
- Stanford sexual assault case: victim impact statement in full
- Kimbo Slice, street fighter and MMA pioneer, dies aged 42
- World's wealthiest


What rain is to London and mudmen is to Paris, traffic is to São Paulo. It is the city's defining cliché, the one all tourists comment on in wonder and locals roll their eyes at in acceptance. Until this week, that is, when what could politely be described as the city's "ambivalent feelings" towards the World Cup boiled up to a volcanic peak centred not so much on traffic chaos - if only traffic was moving enough to be chaotic - but traffic stasis.

On Monday, the fifth day of the metro workers' strike, traffic jams created a 20km matrix of solid gridlock, like a heaving, seething tumour suffocating the entire city. The workers, who are demanding a 20% pay rise, voted on Tuesday night not to strike on Thursday and disrupt the first day of the World Cup. Nonetheless, in Rio de Janeiro's two main airports were beginning a 24-hour strike at midnight, leading to what many predict to be the most chaotic opening to a World Cup ever.

"The traffic has been an absolute nightmare, especially for the past three years but particularly in the past 30 days," Janiana, a nanny who lives next to São Paulo's Arena Corinthians, said on Wednesday, waiting at Itaquera railway station. "There have been bus strikes and train strikes and you can't move anywhere. And look at it! The stadium's not even done!"

"Tomorrow," her friend Patrícia added, "we're all going to stay indoors. Brazil will stop tomorrow - not because of the game, but because it has to."

Anyone coming to São Paulo with a handful of clichés about Brazilians prostrating themselves devotedly at the altar of football will be as disconcerted as any tourists who arrive in England expecting to find Hogwarts. If football is a religion, São Paulo looks, at the very least, agnostic, and there is little excitement in the city about the impending World Cup at all. Partly this comes from the lack of outdoor advertising, which has been banned in the city since 2006. Surprisingly, Fifa has not overturned this law ahead of time in order to placate its sponsors, as it did when it came to Brazil's law against selling beer inside stadiums. As comedian John Oliver remarked on his HBO show over the weekend: "Fifa are



Judge in Stanford sexual assault case faces recall effort over light sentence

"Tomorrow," her friend Patricia added, "we're all going to stay indoors. Brazil will stop tomorrow - not because of the game, but because it has to."

Anyone coming to São Paulo with a handful of clichés about Brazilians prostrating themselves devotedly at the altar of football will be as disconcerted as any tourists who arrive in England expecting to find Hogwarts. If football is a religion, São Paulo looks, at the very least, agnostic, and there is little excitement in the city about the impending World Cup at all. Partly this comes from the lack of outdoor advertising, which has been banned in the city since 2006. Surprisingly, Fifa has not overturned this law ahead of time in order to placate its sponsors, as it did when it came to Brazil's law against selling beer inside stadiums. As comedian John Oliver remarked on his HBO show over the weekend: "Fifa are anxious to protect Budweiser from Brazil's law designed to protect people."

Thus, the few billboard advertisements determinedly trumpeting the World Cup are relegated to the city's outskirts, like sad cheerleaders busily evicted from the actual game. But even that aside, where you might expect flags and banners to fill the hole left by contraband advertising, you find next to none. It's easier to spot anti-World Cup graffiti in the town centre than it is to spot any sign of Brazil's fabled love of football.

How in which Brazil and Fifa have managed to snuff out even this country's excitement about hosting the World Cup are, by now, after months of protests, well known: the exasperation with the venality of Fifa, the jarring disconnect between the poverty in the country and the massive over-expenditure on the event, the seeming lack of anticipation about how to prepare a city like São Paulo for the World Cup. And then, there is the dread of impending national embarrassment - not about the football, but the stadiums.

At São Paulo's Arenas Corinthians on Wednesday, 24 hours before the opening game, there was a distinct lack of what could be described as festive feeling.

fabled love of football.

How in which Brazil and Fifa have managed to snuff out even this country's excitement about hosting the World Cup are, by now, after months of protests, well known: the exasperation with the venality of Fifa, the jarring disconnect between the poverty in the country and the massive over-expenditure on the event, the seeming lack of anticipation about how to prepare a city like São Paulo for the World Cup. And then, there is the dread of impending national embarrassment - not about the football, but the stadiums.

At São Paulo's Arenas Corinthians on Wednesday, 24 hours before the opening game, there was a distinct lack of what could be described as festive feeling. Orange cones were being hastily assembled around giant patches of wet cement on the walk from the railway station towards the stadium and scaffolding was still being built. Inside the station, workers were hurriedly painting the rafters the obligatory yellow and green, and tourists and journalists walked around in circles, bemused by the, shall we say, not entirely reliable signage, with signs promising the stadium in fact leading people in the opposite direction towards a shopping mall.

But not even four-hour traffic jams can entirely kill Brazilians' love of football (Fifa, of course, is a different story). On Wednesday a giant football had been erected in Itaquera station and, even though it was clearly an advert for a particular trainer, adults and children alike couldn't resist posing next to it for photos, fluttering like moths around one giant flame.

"Brazil has always had problems, and the traffic has always had been bad in São Paulo - Brazilians should stop complaining," said José Merelles, who lives by the stadium and one of the aforementioned moths. So was he going to any of the games, seeing as he lives next to the stadium? He looked astonished: "Of course not! Too crowded."

## ANEXO G – Ready or not, it is Brazil's time to show the world

**theguardian**

UK world sport football opinion culture business lifestyle fashion environment tech travel [browse all sections](#)

Home > football > live scores tables competitions results fixtures clubs

### World Cup 2014

# World Cup 2014: ready or not, it is Brazil's time to show the world

Tournament in football-obsessed nation has potential to be both the greatest and the worst in the history of the sport

Jonathan Watts in Rio de Janeiro

Wednesday 11 June 2014 21:02 BST

[f](#) [t](#) [g+](#) [in](#) [v+](#)

This article is 7 years old

< Back Comments 7,316 234

Save for later



**Most popular in US**

- 20 minutes of action: father defends Stanford student who convicted of sexual assault
- Kiriko Sliem, street fighter and MMA pioneer, dies aged 42
- Stanford sexual assault case victim impact statement in full

**Fifa has declared all 12 venues ready and once the football starts, it will hope attention shifts to the pitch rather than the streets. Photograph: Paul Hearn/Reuters**

The countdown clocks have clicked down towards zero. The air force is on alert. Navy frigates patrol the coastline and an army of 147,000 police and soldiers has been mobilised. Roads usually choked with traffic are emptying of cars. Schools have been closed. Offices are finishing early. Hundreds of millions of TV sets are being tuned in to the same event.

By 5pm on Thursday, Brazil should finally be ready for the moment this football-obsessed nation has been dreaming of - and dreading - for the past seven years: the kickoff of the World Cup finals.

The biggest, costliest and arguably most controversial tournament in the sport's history will get under way at the Itaquero stadium with a star-studded ceremony and a match between the host nation and Croatia.

But all is not well in the global football family. Parting with protocol, the host president, Dilma Rousseff, and Fifa head, Sepp Blatter, will not give a speech because they fear a repeat of last year's Confederations Cup opening when their words were drowned out by jeers and whistles.

While Pitbull, Claudia Leitte and Jennifer Lopez perform the official song, We are One, demonstrators on the streets are planning to chant a discordant message about inequality, forced evictions and overspending on the \$11.5bn event.

And as Neymar, Paulinho, Hulk, Fred and their compatriots file through the stadium tunnel in São Paulo, workers in other host cities are still wrestling with the final touches on construction projects that are chronically late, over budget and fatally ill managed. Fifa, though, has declared all 12 venues ready and once the football starts, it will hope that attention shifts to the pitch rather than the streets.

**assault case faces recall effort over light sentence**

**Trump's criticism of judge 'vestibled definition of racism', says Ryan - live**



streets.

This tournament has the potential to be both the greatest and the worst in the history of the sport. Brazil is arguably the most football-obsessed nation on Earth, with the most successful record in World Cup history and a reputation as a party capital. But this tournament is more than usually heavy with political significance, coming as it does in the midst of a crisis of confidence in the way that both Brazil and global football are run.

Earlier this week, Blatter came under attack at the Fifa congress for presiding over an organisation mired in corruption scandals, deeply unpopular with the global public and struggling to explain how Qatar was awarded the 2022 tournament - a decision that the president now acknowledges was a 'mistake'. The host nation too is deep in a funk that shows no sign of abating, even as Rousseff prepares for a re-election bid in October. The economy is in the doldrums, opinion polls suggest 72% of the electorate is dissatisfied with the government, and the authorities have failed to mollify a protest movement that brought more than a million people on to the streets during the Confederations Cup.

"There has never been a World Cup so important in Brazil's history," said Euclides de Freitas Costa, professor of social sciences at the Federal University of São João del-Rei-Brazil. "The extensive politicisation of the tournament has triggered a popular backlash against the football team. This is unheard of."

Recent protests have been far smaller than the million-plus crowds that marched in 50 cities last year, but some have been violent and disruptive. Earlier this week, São Paulo was the scene of teargas volleys, street fires and dice traffic congestion during a subway workers' strike that was timed to embarrass the authorities into concessions before the World Cup.

Graffiti in many cities asks "Copa pra quem?" ("Who is this cup for?") and several

Graffiti in many cities asks "Copa pra quem?" ("Who is this cup for?") and several giant murals have appeared in recent weeks depicting the suffering caused by the tournament. At least three groups of protesters are calling for a new round of anti-World Cup demonstrations on Thursday. One planned for Copacabana beach is publicised by the image of black-masked protesters holding a banner reading "Fifa Killers Fuck Off. Long Live Favela Riots".

Rousseff has hinted darkly at a pre-election conspiracy against her. To ensure minimal disruption, the authorities will mount an \$850m operation to guard the perimeters of the stadiums and ensure the safety of the teams. The World Cup is now considered so perilous and important that the air force will send 24 Super Tucano counter-insurgency planes, three radar aircraft and 11 helicopters to ward off any threat from the skies. Navy vessels are patrolling the coast - part of a deployment of four frigates, one corvette, 21 launches and 13,000 personnel mobilised to defend the tournament. Wars have been fought with smaller displays of force.

But this is only a fraction of the outlay on this World Cup. Spending so far is estimated at \$11.5bn - a sum bigger than the GDP of a quarter of the world's countries. Most of that money has been poured into concrete and steel - new and upgraded stadiums and transport infrastructure. The government promised no public money would be used to build arenas, but close to \$3bn ended up coming from the taxpayer's purse after delays and overspending prompted government intervention.

Odebrecht - the biggest construction firm in Brazil and a major contributor to Rousseff's Workers party - looks to be among the major financial beneficiaries of the tournament. Fifa is also expecting a boost, with \$4bn income from ticket sales, sponsorship and broadcasting rights. At Fifa's insistence, this will be tax exempt. Brazil's inland revenue estimates the loss to government coffers at about

Odebrecht - the biggest construction firm in Brazil and a major contributor to Rousseff's Workers party - looks to be among the major financial beneficiaries of the tournament. Fifa is also expecting a boost, with \$4bn income from ticket sales, sponsorship and broadcasting rights. At Fifa's insistence, this will be tax exempt. Brazil's inland revenue estimates the loss to government coffers at about \$242million, even as host cities fall deeper into debt to pay for stadiums and infrastructure.

Anti-poverty activists are now campaigning to ensure that this is the last World Cup where Fifa can shift so much of the burden on to the host nation.

"This is a clear example of how the eradication of poverty and inequality is a political decision. The World Cup tax exemptions hinder the achievement of a successful future for Latin America and the Caribbean," said Christian Aid.

Even now, builders are labouring to finish the external areas at several sites and the Itaquera stadium was so late that it has yet to stage a full-scale test event. The opening match will be the first time the venue will be used to its full 61,606 capacity. At the Arena Amazonia, where England will play their opening game against Italy on Saturday, workers are still asphaltting the ground outside the stadium, fitting doors and fixing power cables in the changing room. The newly laid pitch is already showing signs of degradation.

But despite these concerns, excitement is building. An influx of visiting fans and players has injected a much needed buzz to the host nation. Foreign languages are increasingly heard in the bars of Rio, pasty skin is more evident on the beach, and a cosmopolitan festival vibe is descending on the streets. More Brazilian flags are appearing in windows and on cars, though not nearly as many as during previous World Cups.

First-timers at the tournament are impressed. "It's just starting to hit home this

week. Come to the country and you start to feel the buzz. It's increasing each day," said the England midfielder Adam Lallana on a visit to the Rocinha favela.

Brazil's mood-making football columnist Juca Kfoury entered into the spirit with a piece headed Butterflies in my stomach. "As the games approach, on the eve of each of them, we're overtaken by qualms, the exaggerated respect, the risk of embarrassment, the fear of pain, of humiliation. That is inevitable," he writes.

Much will now depend on the home team's performance. A victory in the opening match could further lift spirits. If - one month and 64 games from now - Brazil can emerge as victors, this tournament may yet be seen as a success. But the alternative could lead to more than just disappointment, according to Marcos Guterman, author of Football Explains Brazil.

"If Brazil gets eliminated from the tournament before the final, I predict big problems," he says. "The World Cup is a measurement of our capacity, on and off the field. For years everyone's been saying, 'We're going to give the cup of cups and that this will show we're capable,' but now that the cup is actually happening, there have been so many problems in the planning - so many delays, promised projects not happening, public transportation works that haven't even started, incomplete stadiums - if Brazil does not make it to the final I have no doubt that all these problems will be exacerbated. They will seem much worse."

Diogo Barbosa, a fan in Rio, said: "I will watch the games and I will support my team, but there are more important things to watch - like the course the protests will take, the image Brazil will leave, and whether the effect of hosting will be positive for Brazil ... if you mix up everything that's happened, it's likely that Brazil will grow from this situation, if not in money, [then] in spirit."

Another fan, Michel Elias, said: "It's not so much a not like Euro for the cup to

Diogo Barbosa, a fan in Rio, said: "I will watch the games and I will support my team, but there are more important things to watch - like the course the protests will take, the image Brazil will leave, and whether the effect of hosting will be positive for Brazil ... If you mix up everything that's happened, it's likely that Brazil will grow from this situation, if not in money, (then) in spirit."

Another fan, Michel Silva, said: "I'm not so excited, not like I was for the cup in 2002. I hope the team does well, but I don't agree with the high investments that the federal government made in the stadiums. Brazil has a huge deficit in the areas of healthcare, education and urban transport." But there is excitement too: "We've got a well-oiled team, the stadiums are ready and urban transport is good. It's just joyous," said a fan, Silas Lima.

Joyce Rocha, a football player, said: "People are less excited this year because of what's happening in the country, but Brazil has always been like this. With or without the Cup, education and health care has always been terrible because the politicians put all the money in their own pockets. But I'm going to support our team with the same force as always. What else can we do but cheer?" Geography teacher Wesley Lima Rios said and his seven-months pregnant wife will drive three hours to see a match. "It's a once-in-a-lifetime opportunity," he said. "People were a bit wary due to the negative campaign that has been done against the Cup, mainly in the mainstream media ... But the perception is starting to change on the eve of the Cup. Now it is getting going."

Veteran fans acknowledge how fickle support has been in the past. Thiago Santos, 77, remembers the misery of Brazil's defeat in the 1950 final at the Maracanã and the unease that many felt about supporting the 1970 team during the dictatorship. But he said moods change along with results. "We always live in a crisis, but the football comes along and we forget everything."

## ANEXO H – *The World Cup is really just for people in helicopters*

The Guardian website interface is shown. At the top, the logo "theguardian" is in white on a blue background. Below it, a navigation bar lists sections: UK, world, sport, football, opinion, culture, business, lifestyle, fashion, environment, tech, travel. A "Browse all sections" button is on the right. Below the navigation bar, a breadcrumb trail reads: home > world > europe > US > american > asia > australia > africa > middle east > cities > development. The main article header is in a dark red box with the title "The World Cup is really just for the people in helicopters" and a sub-headline "View from streets of Brazil's largest city confirms what many fear: tournament simply illuminates gulf between rich and poor". To the left of the main image is a profile for Owen Gibson in São Paulo, with a "Follow" button and social media icons. The main image shows a view from a hillside looking down at a makeshift tent city with yellow and blue tarps. To the right, a "Most popular in US" section lists three articles: "20 minutes of action: father defends Stanford student son convicted of sexual assault", "Kirbo Illice, street fighter and MMA pioneer, dies aged 42", and "Stanford sexual assault case: victim impact statement in full". Below the main image, a "Share" section shows 094 comments and 179 shares. The article text begins with a large 'F' and discusses the Copa do Povo (People's Cup) flash camp and the stadium that will host the opening match of the 2014 World Cup. It quotes Helena Santos, the camp organizer, and mentions the Movimento de Trabalhadores Sem Teto (the homeless workers' movement MSTT) and FIFA.

**Brazil**

### "The World Cup is really just for the people in helicopters"

View from streets of Brazil's largest city confirms what many fear: tournament simply illuminates gulf between rich and poor

**Owen Gibson in São Paulo**

Follow

Wednesday 11 June 2014 18:47 BST

**Most popular in US**

- 20 minutes of action: father defends Stanford student son convicted of sexual assault
- Kirbo Illice, street fighter and MMA pioneer, dies aged 42
- Stanford sexual assault case: victim impact statement in full

**Share** **Comments**

094 179

Save for later

From a hillside above traffic-choked São Paulo, the residents of the **Copa do Povo** (People's Cup) flash camp can see the gleaming, 63,000 stadium that will host the opening match of the 2014 World Cup. Despite the Brazilian flag fluttering over the makeshift tents, the camp organizer, Helena Santos, says the stadium might as well be on the moon.

"Most people here are revolted. No one wants to see the games. There's no excitement here," she says, looking across to the **Arena de São Paulo**, which was supposed to have been a catalyst for the regeneration of the Itaquerao area.

The final touches are being put to the stadium. Sponsors have begun "activating" their Olympic investment - Visa cash machines have been installed alongside Coca-Cola fidges and bars serving Budweiser. But with no sign of other promised infrastructure upgrades in the area many residents are merely furious that they can't pass freely through the surrounding streets.

To them, it is just another symbol of what the **Movimento de Trabalhadores Sem Teto** (the homeless workers' movement MSTT) calls the "tyranny" and "terrorism" of FIFA.

"If it wasn't for us, anybody in Brazil would see in FIFA," says Glenna, busy organising the kitchen rota to feed some of the camp's 5,000 residents. "We don't have hospitals, we don't have schools. But we have stadiums. Lots of stadiums."

Inside, the Brazilian national football team trained on the pitch where they will play Croatia for the first time. In front of a huge media scrum, the pressure on the slender shoulders of Neymar and his teammates became clear.

**Judge in Stanford sexual assault case faces recall effort over light sentence**

**Trump's criticism of judge 'textbook definition of racism', says Ryan - live**

At the Fifa Congress, in a heavily guarded conference centre, the embattled Fifa president, Sepp Blatter, shrugged off corruption claims and insisted his organisation was "shaping society". Brazil's executive committee member Jose Maria Marin declared that the "party is about to begin", promising an "unforgettable" World Cup that would be the "best of all time".

In central Sao Paulo, Blatter has been gliding through the gridlock with a police escort, shuttling between five-star hotels as he tries to shore up support for his bid for a fifth presidential term amid a new avalanche of corruption claims.

Greg Dyke, the FA chairman who landed in Sao Paulo and walked straight into a storm over Blatter's claims that the British media was "victor" for investigating how Qatar was elected to host the 2022 World Cup, was not the only one struck by the lack of people in a city that is football mad and hosts Brazil's World Cup opener on Thursday.



© A Brazilian street scene a favela and the Corinthians club ground, in Sao Paulo. Photograph: Greg Auer/24

Billboards are banned, so Fifa's sponsors have been unable to festoon the city with adverts. Public proclamations of support are few, although more flags were starting to sprout from balconies and car aerials on Wednesday. The contrast with the tens of thousands who mobbed central Johannesburg, honking on vuvuzelas, before kick-off at the last World Cup, is stark.

Back at the shanty town that organisers claim houses 5,000 homeless workers, 27-year-old Adilson Freitas is leaning on the counter of a makeshift kitchen kiosk and painstakingly filing sick notes from those unable to attend a recent demonstration.

"We don't mind having foreigners here, in fact the idea of a World Cup is quite good. But this one is not for Brazilians," said Freitas, who says he avidly followed Brazil's progress in previous campaigns but will only tune in to this one "if it's not busy". "Perhaps it would have been a good idea to have it in 2014, when it could be organised properly," he says.

The World Cup, which has seen costs soar to more than £6.5bn as the Brazilian government has raced to complete promised infrastructure, has become both a focal point for demands for basic amenities and a symbol of Brazil's inequality.

The Copo do Povo camp was set up around a month ago to focus attention on the plight of those forced out of their homes by real estate speculators, who campaigners claim have more than tripled rents in the area around the stadium. The camp occupies a corner of land owned by a construction company that went bankrupt. A maze of makeshift tents constructed from plastic sheeting and wooden poles, it is one of 14 that have sprung up around Sao Paulo alone - one houses 8,000 families, according to Santos, who describes herself as a "mom Che Guevara", juggling looking after five children with organising the camp.

She accepts the World Cup has brought the issues faced by Brazil's landless and homeless to the eyes of the world. "It helped because it brought the focus. You had the stadium being built here and you had the World Cup happening and just a few metres away you had people living like this. So it helped in a certain way," she admits. The traffic jams snaking down São Paulo's clogged arteries have become the least of Fifa's worries. Yet Corinthians fans, one of Brazil's biggest clubs yet without a permanent home, have welcomed the public money that has been invested in the new stadium. Like many things about this World Cup, it is a complex brew.



Portraits of Brazilian legends Garrincha, Pelé and Neymar outside the Corinthians' new World Cup stadium, São Paulo. Photograph: Tom Jenkins for the Guardian

Both for the homeless workers setting up protest camps and the burgeoning middle class struggling to pay for education and healthcare, a range of pressing issues have been bound up in a distaste for Fifa, the corporate world and the corruption of their own football officials. The city's 1.1m residents are used to the hellish traffic and the helicopters queuing to deliver the city's super rich. "The World Cup is for those in helicopters," laughs one of the camp residents.

Despite the cramped conditions, the camp is safe and clean. Each plastic sheet bears a number and the name of a family, and a strict register is kept of who is in the camp and who attends demonstrations.

In the Grand Hyatt, where most Fifa executive committee members are staying, officials have vainly battled to launch a PR counter-offensive to salvage Fifa's battered reputation, but the MTST has been mobilising a far more effective campaign. It has paid off. The federal government, the government of São Paulo and the city of São Paulo this week agreed to build 4,000 affordable homes on the site as an extension of President Dilma Rousseff's social housing programme, *Minha Casa, Minha Vida* (My House, My Life).

"The economic boom was only for the big businesses and the banks," says Santos. "Here, our salaries aren't increasing, we don't have places to live, we don't have clothes to wear. Now we've got this victory here, we can go to other camps and get a similar result."

In the camp, a big festa was planned for Wednesday night - not to celebrate the start of the World Cup opener but their success in negotiating the housing deal.

Above the warren of fluttering plastic and muddy pathways, the Brazilian flag flies alongside the red one of the MTST.

## ANEXO I – Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat

The image shows a screenshot of a news article from The Guardian. The top navigation bar includes 'UK', 'world', 'sport', 'football', 'opinion', 'culture', 'business', 'lifestyle', 'fashion', 'environment', 'tech', and 'travel'. The article title is 'Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat'. Below the title is a sub-headline: 'Scuffles on Copacabana beach as Brazil faces one of its most traumatic football moments since 1950 World Cup final defeat'. A large photograph shows a Brazilian player in a yellow jersey covering his face in despair. To the left of the photo are social media sharing icons and the author's name, Jonathan Watts in Rio de Janeiro. The main text of the article begins with 'First there was dismay, then disbelief, then horror. A shocked Brazil watched one of the most spectacular collapses in World Cup history unfold with tears, curses and, finally, dejection.' The article continues to describe the aftermath, including riots in Rio de Janeiro and the impact on the host nation. On the right side, there is an 'Advertisement' placeholder and a 'Most popular' section with three items: 'The ungrateful refugee: "We have no debt to repay"', 'German president attacks "irresponsible" Brexit campaign', and 'Syria: suspected chemical attack kills dozens in Idlib province'.

UK world sport football opinion culture business lifestyle fashion environment tech travel

home football live scores tables competitions results fixtures clubs

World Cup 2014

### Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat

Scuffles on Copacabana beach as Brazil faces one of its most traumatic football moments since 1950 World Cup final defeat

Advertisement

Jonathan Watts in Rio de Janeiro

Wednesday 9 July 2014 01:47 BST

World 1 Brazil lost 7-1 after the team's defeat to Germany in the World Cup semi-final. Photograph: Loline

Advertisement

First there was dismay, then disbelief, then horror. A shocked Brazil watched one of the most spectacular collapses in World Cup history unfold with tears, curses and, finally, dejection.

The host nation's comprehensive 7-1 destruction by Germany in Tuesday's semi-final will prompt a bout of soul-searching in this football obsessed nation, but in the immediate aftermath the reaction was simply confusion.

On Copacabana beach in Rio de Janeiro, police had to break up an unruly crowd with pepper spray.

In São Paulo, angry crowds burned a Brazilian flag. In Recife, the authorities used teargas to restore order to the streets. Further along the coast, a concert at the Salvador Fan Fest was cancelled after fighting.

The hosts had a great deal at stake in this tournament, which - at a cost of about \$14bn (£8bn) - is the most expensive in history.

President Dilma Rousseff, who is up for re-election in October, had promised to put on a "Cup of Cups". An essential part of that was victory for the home team.

Brazil - the most successful nation in World Cup history - were expected to win a sixth title, erasing bitter memories of the defeat in the final of 1950, the last time the tournament was staged here. But Tuesday's thrashing will go down alongside that game as one of the most traumatic moments in Brazil's history. Manager Luis Felipe Scolari called it a "catastrophe". Commentator Galvao Bueno, the voice of football in Brazil, said it was "the worst blackout in Brazil's history". Goalkeeper Júlio César described it simply as "inexplicable".

Advertisement

Most popular

The ungrateful refugee: "We have no debt to repay"

German president attacks "irresponsible" Brexit campaign

Syria: suspected chemical attack kills dozens in Idlib province

The Brazil captain, David Luiz, was forlorn. "I just wanted to see my people smiling. Everyone knows how much it was to see our country happy at least because of football. We couldn't, unfortunately. I'm sorry to you, all Brazilians."

Even before this game, Brazil has at times resembled a nation on the verge of a nervous breakdown in this World Cup. As well as the street protests, the national team has been so emotional that the manager Luiz Felipe Scolari called in a psychologist to help them deal with the pressure. The loss of playmaker and national idol Neymar in the quarter-final only added to the unease.

Ahead of the kickoff, TV stations showed images of deserted roads across the country as the nation tuned in to view the match. Tens of thousands of people had turned up to watch on the giant screens on Copacabana beach.

Braving darkening skies, they were initially in an upbeat mood, belting out the samba rhythm of carnival classic I'm Going to Celebrate. The crowd sang the words: "Cry! I don't mind, The hour has come, You're going to pay me. You can cry. You can cry. Cry more!"

An ominous thundercrack marked the start of the match, then the rains lashed

down and the misery unfolding on the pitch 200 miles away in Belo Horizonte grew more intense.

By the fourth goal, one disconsolate Brazil fan near the giant screens on Copacabana beach walked over to a group of Germans and handed them his national flag in a gesture of surrender.

Many dejected fans wandered home at half time. Some bars closed early fearing the dark mood would lead to fights.

By the final whistle, some shouted abuse at Scolari. Others cursed the striker Fred. A few even chanted for the removal of Rousseff. But for the most part, misery and humiliation prevailed above anger and recrimination and for many fans, this was the worst result in their lifetimes.

Ricardo Canara, a fan amid the canary yellow throngs on Avenida Atlantica, blamed the crushing loss on the absence of Neymar, whose injury in the quarter-final had already plunged Brazil into gloom. "It's completely sad, very disappointing," he said. "We Brazilians don't know how to lose."

There were small-scale scuffles that prompted panicked crowds to flee in all directions, spooking police who found themselves in the way.

Advertisement



Wanted: space volunteers willing to lie in bed for two months - for €16,000



Apple planning new iMac for 2017 and 'completely rethinking' Mac Pro

Advertisement



"This is a really bad day. We were all expecting a big party even though we knew the German team was one of the best. This result was beyond our worst imagination," said Laiza Ramos.

After the game, hearing rumours of fighting on the beach, she asked her German boyfriend, Martin Becker, to change into a Brazil shirt on the way home through the streets. Becker said he had been well treated. "Everyone was very friendly. They all came up to me and said, 'If Germany meets Argentina in the final, you have to beat them.'"

Another fan, Rodrigo Carvalho, lay on the side of the road waiting for his eyes to stop burning. "I didn't do anything. I just wanted to ask the police what was happening, then they sprayed me," he said. When asked to explain what happened, a police officer simply shrugged. "It's because Brazil lost," he said.

Bruno Dana, a travel agent from Rio, was more nuanced, saying the result would not have a long-term effect. He said: "The bottom line is that everything's a party here. You can't stay sad. Sports are just like this."

Others expressed sympathy. "I think Brazil got too stressed with the first goal because they weren't expecting it," said Rafaela Bueno, a visitor from Belo Horizonte. "The team wasn't as well prepared as the Germans. The Brazilian team has a low average age. They're just not so balanced."

because they weren't expecting it," said Rafaela Bueno, a visitor from Belo Horizonte. "The team wasn't as well prepared as the Germans. The Brazilian team has a low average age. They're just not so balanced."

But such was the scale of defeat that it also inspired black humour. One internet wag posted a doctored picture of the Christ the Redeemer statue with Uzi machine guns in each outstretched arm with the slogan: The Cup Stays.

And when Oscar scored a consolation goal in the 90th minute, what was left of the crowd roared sarcastically as if they had won the tournament.

Topics

World Cup 2014

World Cup - Brazil (World news) / Americas - Brazil (Football) / Germany



Reuse this content

re on this  
ry



⚡ Brazil capitulated to the first strong team they encountered. I'm



Germany destroy Brazil's final dreams with seven-goal



Mats Hummels: Germany are one of the world's best, but you



Brazil's players will be 'scarred for life' by Germany semi-final

## ANEXO J – Clashes in São Paulo amid safety fears over the stadium



THE  TIMES Today's sections ▾ Past six days My articles Times+ My account ▾ Search 





# Clashes in São Paulo amid safety fears over stadium

James Duiker  
June 10 2014, 11:49am,  
The Times



The metro strike threatens to turn the opening game into chaos  
GATTT

THE  TIMES Today's sections ▾ Past six days My articles Times+ My account ▾ Search 

Share    Save 

Brazilian riot police have used tear gas to break up a protest in support of striking transport workers in São Paulo only days before the opening game of the World Cup finals.

Strike leaders agreed to suspend their action last night but warned that it could start again on Thursday – when Brazil hosts Croatia to kick off the tournament – if 42 workers sacked during the strike are not reinstated.

Meanwhile, there are major safety fears after it emerged that organisers are yet to test the stadium that will host the opening game at anything near full capacity.

Fifa insisted that Brazil's opening group-A game at the Arena de São Paulo would be played in front of a full crowd of 61,000, even though one large temporary seating structure in the stadium was closed during trial safety runs.

British stadium specialists said last night that for a ground to be granted the mandatory safety certificates required in the UK, any new stadium would have to be tested at least once "at or around 100 per cent capacity".



The final test event on Sunday – Corinthians Under-20s taking on their Under-17 counterparts – took place without any spectators in an empty stadium, a week after a game between the São Paulo club's senior team and Botafogo was hosted at partial capacity, with only 40,000 tickets put on sale.

On that occasion, the local fire department failed to approve the use of a giant temporary seating area, meaning that Brazil's opening match will be the first time the stadium will have operated at full capacity.

The temporary stand will come down after the tournament when the ground, which cost about £264 million to build, becomes the Corinthians' new home. It has already been at the centre of much controversy after three workers died in accidents during its construction.

Sources at Fifa insisted last night that they were comfortable with the safety tests that had been done and the measures in place, although that view seemed at odds with comments made by Jérôme Valcke, the organisation's secretary general, last month.

"It is vital that all facilities will be tested under full match conditions in the temporary sections and associated facilities," Mr Valcke had said.



The licence to operate World Cup matches at the ground as well as the safety and security licences were due to be published today in line with standard Brazilian procedures, according to Fifa and the Local Organising Committee (LOC).

However, when *The Times* visited the Arena de São Paulo yesterday, work was still being carried out on the stadium. No safety rails had yet been erected in the press box on the second tier of the ground, leaving a giant drop below, while elsewhere it was noticeable that escalators had yet to be finished being installed.

Fifa has been embroiled in a series of disputes with the Brazilian authorities over delays to the completion of the stadiums. Mr Valcke sparked a row when he claimed two years ago that the Brazilians needed "a kick up the backside". His remarks drew an angry response from Brazilian authorities, although their differences were resolved during a meeting in Zurich two months later.



Although Brazilians were originally told that much of the stadium costs would be privately funded, taxpayers have ended up footing the majority of the bill, a situation that has caused anger and sparked protests.

A spokesman for Fifa and LOC said: "The Arena de São Paulo staged four test events at different capacities. The test events mainly serve to evaluate flows and test services for the spectators and the match operation. The licence to operate the Fifa World Cup matches at the Arena as well as the safety and security licences are due to be published tomorrow in line with standard Brazilian procedures."

The spokesman added: "Fifa and the Local Organising Committee rely on the urban mobility planning presented by host city, São Paulo, which includes not only the usual means of transportation but also contingency plans."

Share



Save



## ANEXO K – *Boy wonder can ensure Brazil sing one tune*

# Boy wonder can ensure Brazil sing one tune

James Docker

June 12 2014, 1:01am,  
The Times



Share   

Save 

It is a reflection of the bureaucracy and petty realpolitik that have turned what should be one of the most romantic World Cups into a political hot potato that in a country where football and music are indelibly linked in the global psyche, instruments will be banned from Brazil's stadiums over the course of the tournament.

The vuvuzela experience at the previous World Cup finals in South Africa four years ago persuaded Fifa to issue the veto, with Brazilian efforts to provide a more melodious alternative falling on deaf ears in another blow to the already strained relations between the host nation and the game's world governing body.

It means the thousands of Brazil fans who will turn the Arena de Sao Paulo into a sea of yellow and green for the tournament's long-awaited curtain raiser against Croatia this evening will have to devise some more creative means of making a din than simply relying on the dull tones of the stadium PA.

And yet Brazil knows deep down that there is only one group who can ensure the country are singing largely to the same tune after one of the most conflicted, divisive and ugly build-ups in the 84-year history of the World Cup, a monument to bloated, inept and self-serving administration more in keeping with what some have described as a "semi-feudal oligarchy".



The weight of expectation on Luiz Felipe Scolari and his Brazil players – none more so than that boy wonder, Neymar – was always going to be acute but the financial burden of a tournament that threatens to leave little social legacy bar 12 shiny stadiums in a country craving what protesters have ironically dubbed “Fifa-standard” healthcare, housing, education and infrastructure has increased the pressure to almost intolerable levels.



Support nationally for the World Cup has fallen from 79 per cent in November 2008 – a year after Brazil was formally awarded the tournament – to 48 per cent now according to an extensive survey by Folha, the Sao Paulo newspaper, although Scolari and the team’s approval rating is much higher. The death of Scolari’s nephew in a car crash on Tuesday morning is only likely to send that rating soaring and further galvanise a united squad.

The seeds for this support were sown during Brazil’s Confederations Cup triumph last summer, when Neymar’s exquisite third-minute volley in the opening match against Japan rekindled the country’s longstanding love affair with the Seleção, a bond only bolstered by the 3-0 defeat of Spain, the world and European champions, in the final.

The question is whether Brazil can repeat the trick on sport’s biggest stage knowing that failure could trigger a wave of fresh anger over World Cup’s estimated cost of \$13.5 billion (about £8 billion) to taxpayers, an exorbitant sum that could have funded the country’s annual “Bolsa Família” social welfare programme twice over. Tostão, a member of Brazil’s 1970 World Cup-winning team, summed things up yesterday when he said: “If we win we are going to be heroes, if we lose we are going to be mercenaries”. There is a fickleness at the heart of Brazilian supporters, encapsulated when the team were booed off after a goalless first half against Serbia last week.

Brazil certainly have the tools to win the tournament. The high-pressure marking tactics adopted by Scolari's predecessor, Mano Menezes, have proved successful while the former Chelsea manager's introduction of a holding midfielder – usually Luiz Gustavo – has certainly given Brazil a more robust look and provided more cover for Thiago Silva and David Luiz, Paris Saint-Germain's new €83 million defensive pairing.

That sum is still less than what Barcelona paid Santos for Neymar, whose willingness to accept the pressure being placed on his slender shoulders is probably unavoidable but still impressive for a 22-year-old who is seldom out of the headlines. The ease with which he tackled questions in front of a huge media audience yesterday merely underlined that. There were an astonishing 20 pictures of Neymar in the 12-page World Cup pullout produced by *Diário*, the Sao Paulo newspaper, yesterday. There is no such thing as overkill where Neymar is concerned. He has always favoured the No 11 shirt but his decision to switch to the iconic No 10 immortalised by Pelé, Zico and others just before Brazil played England in a friendly that marked the re-opening of the Maracana last year was a significant symbolic gesture.

Neymar endured a mixed debut season in Spain for Barcelona, but the lack of a settled position and the team's failure to play with a recognised target man. Neymar is at his best cutting in from the left of an attacking triumvirate behind

Neymar endured a mixed debut season in Spain for Barcelona, but the lack of a settled position and the team's failure to play with a recognised target man. Neymar is at his best cutting in from the left of an attacking triumvirate behind a central striker, which is likely to be Fred. It is a role the Fluminense forward has filled with gusto, albeit one that might have been earmarked for Diego Costa before his defection to Spain. Pelé remarked that Neymar has a "body that can't take a lot of hits" but he is now seven kilograms heavier than the spindly teenager who burst on to the scene five years ago. Neymar provides the stardust to what is otherwise a more pragmatic Brazil – "for the first time in history, we have a defence better than an attack," Pelé said – although a cynical streak also runs through this team.

Their use of tactical fouling angered Spain at the Confederations Cup and their effectiveness from set-pieces has tended to encourage players to dive, not least Neymar. They will not be easy to referee, even if the Brazilian media preferred to deflect attention away from that yesterday by bemoaning the appointment of Yuichi Nishimura to officiate the Croatia game. The Japanese, who justifiably sent off Felipe Melo for a stamp during Brazil's World Cup defeat by Holland in 2010, was subjected to the provocative headline, "Open your eyes", in *Diário*.

Pelé has urged his compatriots to "forget all this commotion happening, all these



runs through this team.

Their use of tactical fouling angered Spain at the Confederations Cup and their effectiveness from set-pieces has tended to encourage players to dive, not least Neymar. They will not be easy to referee, even if the Brazilian media preferred to deflect attention away from that yesterday by bemoaning the appointment of Yuichi Nishimura to officiate the Croatia game. The Japanese, who justifiably sent off Felipe Melo for a stamp during Brazil's World Cup defeat by Holland in 2010, was subjected to the provocative headline, "Open your eyes", in *Diário*.

Pelé has urged his compatriots to "forget all this commotion happening, all these protests and let's remember how the Seleção is our country and our blood". If Brazil enthral en route to winning a sixth world title his wish may be temporarily granted, but is it only likely to be a fragile peace.

Share



Save

[^](#) BACK TO TOP



## ANEXO L – *Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony*

# Divided nation shows reluctance to party at World Cup opening ceremony

James Ducker  
June 13 2014, 10:11am  
The Times



It says a lot about the conflict and torn emotions that reside at the heart of this World Cup that Dilma Rousseff, the president of Brazil, elected to address her compatriots from the sanctuary of a television studio on Tuesday evening.

Rousseff was roundly booed by Brazil fans as she addressed the crowd before the opening game of the Confederations Cup against Japan a year ago and there was no danger of her making the same mistake as the World Cup finals officially got under way.

"Beneath those green and canary shirts, you embody a powerful legacy of the Brazilian people," she said two days earlier. "The national team represents nationality. It is above governments, parties and interests of any group".

The truth is that Brazil is unsure how it should feel about this World Cup, uncertain about how an outpouring of patriotism might be received when there are so many groups appalled that the country has committed \$13.5 billion to fund a football tournament when schools, hospitals and public transport go neglected.

Even after spending only four days in São Paulo and watching a city's infrastructure creak amid the sheer masses of people here it is easy to



Yet as the national anthem was belted out at the Arena Corinthians last night amid an emotive sea of yellow and green shirts and flags, the smiles on the faces of supporters hardly suggested a preoccupation with thoughts about pressing social issues.

Some Brazilians want to enjoy the party while it lasts and worry about the rest later. Others, not least those protesters who tried to block a road leading to the stadium yesterday only to be attacked with teargas by police, obviously feel very differently. The split is marked.

If anything can lift the mood in this country for a brief while, though, it is football, even if the sight of the Seleção falling behind to Croatia in the 11th minute last night was not what Luiz Felipe Scolari or the majority of the 81,600 crowd would have had in mind.

Before then, the opening ceremony felt, in many ways, in keeping with the hapless planning of this tournament. The participants did the best they could but the script was unimaginative and wooden and had the feel very much of an afterthought.

A cast of 600 dancers paid tribute to the country's nature, people and football



A cast of 600 dancers paid tribute to the country's nature, people and football with a show – if you can call it that – around a “living” ball in the centre of the pitch but it was hard to get excited. The empty seats in the crowd told their own story while there were plenty who had sat down in the expectation of being entertained only to quickly disappear for a drink.

Even the choice of two American-born singers to perform the final act of the ceremony seemed mystifying. Jennifer Lopez and the rapper Pitbull performing the official World Cup song *We Are One*. Certainly, the spectators will hope that the football does a lot more to get them off their seats.

Greg Dyke, the FA chairman, had said what many were thinking in the week when he said the “only reason you’d know there’s a World Cup here is because half of the people are on strike and you can’t get from the airport”.

Many outsiders might have expected Brazil to be cloaked in green and yellow and positively bouncing to the sound of beeping car horns and samba drums but it is hard to over-emphasise just how muted the build-up has been. Fear of reprisal certainly stalks some.

Miguel Gonçalves, a shop owner in the Rio de Janeiro neighbourhood of



half of the people are on strike and you can't get from the airport".

Many outsiders might have expected Brazil to be cloaked in green and yellow and positively bouncing to the sound of beeping car horns and samba drums but it is hard to over-emphasise just how muted the build-up has been. Fear of reprisal certainly stalks some.

Miguel Gonçalves, a shop owner in the Rio de Janeiro neighbourhood of Flamengo, chose to follow tradition and decorate the street on which he lives, but some took offence. "When I was putting up the flags, someone stopped me and asked 'So you are supporting the politicians? You are supporting Fifa?' " he explained. "I said, 'No, I am supporting my country, I am supporting the Seleção. This is football, not politics.' People are mixing these up."

Whether football retains the power to unite a country divided, only time will tell.

Share



Save

[^](#) BACK TO TOP

## ANEXO M – *Open sieben in Brazil*

# Open sieben on Brazil

Howard Swaine

July 8 2014, 8:13pm.  
The Times



Share



Save



### Tears and inquisitions

As Germany's players pogo in delight in front of their fans, their Brazil counterparts are inconsolable. This is humiliation on an unprecedented scale. The most successful nation in the history of the World Cup, with the most passionate supporters of them all, have just gone out of the tournament they were supposed to win in the most whimpering fashion. There are no words.

### Full time: Brazil 1-7 Germany

That's the end of one of the most ridiculous games the World Cup has ever seen. It was desperately poor – desperately – from Brazil, who were played off the pitch by Germany without putting up anything like a fight.

### GOAL! Brazil 1-7 Germany (Oscar 90)

It's should be 8-0, but instead it's 7-1. Moments after Mesut Ozil fails to find the target when clean through the middle – he slots it past Julio Cesar but the wrong side of the post – Oscar finds himself in a similar position at the other end and finally beats Manuel Neuer. Neuer is hilariously furious.

### 88 mins: Brazil 0-7 Germany

The television cameras have, of course, been picking out countless distraught Brazil fans on which to focus their unforgiving gaze. However, since about half-

# ANEXO N – The World Cup: Continental Divide

THE WALL STREET JOURNAL

Home World U.S. Politics Economy Business Tech Markets Opinion Arts Life Real Estate Search

WORLD CUP

## The World Cup: Continental Divide

The Europe vs. South America rivalry is stronger than ever



The FIFA World Cup is only a week away, and is sure to be filled with action-packed soccer moments, but will it draw in the record crowds other sports events tend to see? Gokho president Robert Tuchman joins the News Hub. Photo: Getty Images.

By **MATTHEW FUTTERMAN**  
June 5, 2014

7 COMMENTS

Pelé is dreaming of South American glory.

**Recommended Videos**

1. Narendra Modi's Leadership Tested in Indian Elections
2. Capcom Puts the Horror Back Into 'Resident Evil'
3. Twitter Posts 10th Straight Quarter of Lower Revenue
4. Malta's Famous Azure Window Collapses in Storm
5. Renault Alpine A110: The 90s Classic Reinvigorated

**Most Popular Articles**

1. Ivanka Trump's Landlord Is a Chilean Billionaire Suing the U.S. Government
2. Opinion: The

THE WALL STREET JOURNAL

Home World U.S. Politics Economy Business Tech Markets Opinion Arts Life Real Estate Search

By **MATTHEW FUTTERMAN**  
June 5, 2014

7 COMMENTS

Pelé is dreaming of South American glory.

A little more than a month before the start of the World Cup in Brazil, the country's most famous ambassador, the man known as the greatest soccer player ever, stood in a Miami art studio and spoke of his reveries of a final between the two powerhouses of South American soccer, Argentina and Brazil.

Pelé, of course, would prefer that Brazil win, just as it did three times when he played. Another dream would be for Brazil to beat Uruguay in a late round, thereby avenging its loss in the final in 1950, the last time Brazil hosted the World Cup. That loss left Pelé's father and all of his father's friends in tears. Pelé was nine years old at the time. It remains one of his earliest memories of seeing grown men cry.

"We have a very big responsibility," Pelé said. "Everyone in our country wants to see Brazil win."

Such visions have been sweeping South America on the eve of the World Cup, which begins Thursday when Brazil faces Croatia in São Paulo. From Bogotá to Buenos Aires, in Quito, Santiago and Salvador, there is a hope, however quaint, that South America will rise this year to become the world's dominant soccer continent. They would lay waste to the giants of Europe, with their lectures about technical superiority, and how it trumps the creativity and flair that South Americans have brought to the game for a century.

**Landlord Is a Chilean Billionaire Suing the U.S. Government**

2. Opinion: The Exhaustion of American Liberalism
3. New Force on Wall Street: The 'Family Office'
4. Rapport Between Trump, Obama Crumbles
5. Samsung Plans U.S. Expansion

That more disciplined approach is spreading. "Tactical systems have become homogenized," says Arsène Wenger, the French coach of Arsenal of the English Premier League. "What is the World Cup? It's the opposition between Europe and South America. Now all the best coaches and players come to Europe."

The World Cup is many things—a sporting event, a spectacle, and the world's most peaceful demonstration of full-throated nationalism. It is also the fairest and most competitive global athletic competition. In the Olympic Games, huge or extremely wealthy countries dominate. But countries small and large and rich and poor have excelled at the World Cup. Feelings of national and continental identity can run even deeper.



In South America, soccer is a sport of the streets. In Europe, the big-money leagues dominate. A game in Morro dos Macacos, a favela in Rio de Janeiro.

For decades, conventional wisdom has held that South America, the land of street soccer, Futsal (a miniature version of the game played with a small, heavy ball) and foot-volleyball, produces the greatest players. But with the exception of Brazil, Europe now produces the greatest teams, with their hierarchical training academies and sophisticated coaching. This is the land that created the patient defensive juggernauts from Germany and Italy, and the Netherlands' "Total Football" revolutionaries, who created a system in which any player plays any position at any time, like a machine with interchangeable parts.

For decades, conventional wisdom has held that South America, the land of street soccer, Futsal (a miniature version of the game played with a small, heavy ball) and foot-volleyball, produces the greatest players. But with the exception of Brazil, Europe now produces the greatest teams, with their hierarchical training academies and sophisticated coaching. This is the land that created the patient defensive juggernauts from Germany and Italy, and the Netherlands' "Total Football" revolutionaries, who created a system in which any player plays any position at any time, like a machine with interchangeable parts.

South America has always celebrated individual style as much as results. This is the continent that produced magicians like Pelé and Diego Maradona, who could make the ball dance over the heads and through the legs of their European opponents.

However, as more South American players have infiltrated the European league, South America's best national teams have begun to take a far more disciplined and results-oriented approach to international competition.

"Now winning is more important and it trumps the way you achieve it," said Mario Kempes, the ESPN commentator and former star striker for Argentina when La Albiceleste ("sky blue and whites") won on home soil in 1978. "Unfortunately for soccer, the style doesn't matter so much."

Pelé himself noted the shift in emphasis even in Brazil, a country whose unstoppable strikers have always been its magic bullet. "This year, for the first time in history, Brazil is better from the midfield to the back than it is in the front," he said.

WALL STREET JOURNAL: A COMPANY OF NEWS CORP. WALL STREET JOURNAL IS A REGISTERED SERVICE MARK OF NEWS CORP. © 2014 NEWS CORP.

While it might go against South America's cultural leanings, that shift is producing tangible results. Brazil, Argentina, Uruguay and Colombia hold four of the top eight spots in FIFA's current world ranking. Those four teams and Chile are all in the top 10 on the other major, more complicated ranking system table, where Brazil holds the top spot.

With the World Cup returning for the first time since 1978 to South America, this represents the continent's best chance to assert its superiority in the world's most popular sport. No European team has ever hoisted the trophy in South America. To win the tournament on home soil and get three or even four teams in the semifinals, as Europe often does, suddenly seems within reach.

"Historically, our teams fare well when they play in this side of the world," said Andres Cantor, the Argentine announcer famous for his 'Goooooal!!!' call. "All the South American teams will have a lot of fans. That doesn't happen in Europe. Every Latin team will feel at home. Argentina and Brazil should be around in the last four. We will see about the rest, but everyone else should go farther."

Brazil's Neymar and Argentina's Lionel Messi, both lethal strikers, attract so much attention from opposing defenses that they create plenty of opportunities for their teammates, such as Brazil's Jo and Fred, or Sergio Aguero for Argentina. A meniscus tear could slow down Uruguay's Luis Suárez, but his teammate Edinson Cavani can be plenty dangerous and captain Diego Lugano anchors one of the world's great defenses. Chile's opponents must try to contend with Arturo Vidal, the star midfielder for the Italian club champion Juventus, and Barcelona's prolific goal scorer, Alexis Sánchez. A stout Ecuador side features Manchester United midfielder Antonio Valencia.

Still, before any fans pencil an All-South American semifinal into their brackets, know that hopes for World Cup hosts have risen before, only to collapse once the games began. Four years ago in South Africa, that continent felt certain it would produce its first semifinalist, heralding a new modern Africa. Just one team, Ghana, made it past the group stage into the round of 16. The Black Stars then beat the U.S. but lost a quarterfinal game to Uruguay.

In that tournament, South America stood at the precipice of dominance, placing four teams in the final eight—Paraguay, Uruguay, Argentina and Brazil. The latter two had dominated their first four games.

Then, Spain edged Paraguay 1-0, Germany slaughtered Argentina 4-0, and the Netherlands staged a 2-1 upset of Brazil, leaving South America with just one semifinalist, Uruguay, for the sixth time in the past eight World Cups. South America hasn't produced two semifinalists since 1978. In 1982 and 2006 it had none. Since the first World Cup in 1930, it has produced 20 of the 76 semifinalists but only six of 32 since 1982. Europe has produced 25 semifinalists since then.

Sorry, Asia, North America, Central America and Oceania—you are mere afterthoughts in international soccer. Of these three remaining confederations, Asia has produced one semifinalist, co-host South Korea in 2002. Team USA was North America's one and only semifinalist at the inaugural World Cup in 1930. TINY Oceania has never had one.

Four South American semifinalists is "a great thing to think about," said Kempes, the former Argentine star. "But when you have teams like Germany, Italy and Spain they are always up there, and now the Netherlands as well. They have been playing together for a long time."

Even Pele tempered predictions of Brazilian domination on home soil, especially with Spain a potential round-of-16 opponent for the hosts. "We must respect the other teams, because everyone is very even," he said.



Children play soccer in front of Britannia Stadium, home to Premier League team Stoke City. ©1779 WAAGZ

Europe does enjoy several built-in advantages over South America that have nothing to do with a debate over the value of South American creativity vs. European discipline and organization.



Europe accounts for 13 of the 32 World Cup teams this year. Also, it has more big countries, and thus deeper talent pools, than South America. The best explanation for Brazil's five world championships and Germany's three may be their populations. With more than 200 million people, Brazil is the world's largest soccer-obsessed country. But South America's next-largest country is Colombia at 48 million, followed by Argentina with 42 million. There are seven European countries with populations of 45 million or more, including Germany with 82 million.

Wealth matters, too, since it produces more money for training at every level. Uruguay has the highest South American per capita GDP, but it is 44th in the world on that category, according to the International Monetary Fund rankings. Europe accounts for 14 of the top 25 wealthiest countries on the IMF list.

Despite Europe's innate advantages, its soccer establishment has been awed by South America's stars since the 1950s. That's when Uruguay's Juan Alberto Schiaffino went to AC Milan and Argentina's Alfredo Di Stefano went to Real Madrid, becoming the first major international transfers. More recently, Brazil's Romario, Ronaldinho and Kaka, Argentina's Messi, Uruguay's Diego Forlán and Colombia's Radamel Falcao have all either won or landed near the top five in FIFA Player of the Year balloting.

"You watch them on the beaches and the streets, and it's just football everywhere down there," said Andy Roxburgh, a Scot who served as the technical director for the European soccer confederation from 1994 to 2012. Roxburgh believes South American soccer genius comes from taking in different elements of the game than Europeans do.

"In England everyone wants to be the guy who smashes the ball in the goal, but in Latin America it's about beating your man or being the guy that sets up the scoring chance, or

"In England everyone wants to be the guy who smashes the ball in the goal, but in Latin America it's about beating your man or being the guy that sets up the scoring chance, or creates the opening rather than finishes it," Roxburgh added. "That's why Europe prizes them. They bring the creativity and skill level we don't find in Europe now. They are so comfortable with the ball even when the action is closely packed, and they play those combination passes."

If that sounds like a description of the world champion Spanish national team, that side's "tiki-taka" style does have the Latin, quick-touch technique at its roots. But Spain is also highly structured and patient in a way the Latin game has never been.

If the South American powers are poised for a stellar showing in Brazil, it's likely because they have begun to embrace the technical strategy, organized play and defensive discipline that the modern international game requires.

Uruguay has always played with a more defensive bent, a survival tactic for a country of just 3.4 million people nestled between the attacking behemoths of Brazil and Argentina. The strategy, named for the native Charruan tribe and known as "Garra Charrua," literally, the "Charruan Claw," helped La Celeste hold Brazil to a single goal in the 1950 final after Brazil had outscored its two previous opponents 13-2. It has been celebrated there ever since.

For the rest of South America, satellite television broadcasts of the European leagues each week are now the most potent teaching mechanism. Also, two generations of top players have spent nearly their entire careers in Europe, then returning home to teach a different kind of soccer than the one they grew up with.

"All the coaches know Messi by himself cannot win the World Cup," said Cantor, the Argentine commentator. "Even Brazil is being criticized for being too rigid and not playing 'jogo bonito' (the beautiful game)."

Rosburgh recalled watching Brazil's technical director, Carlos Alberto Parreira, run a recent training session with top Brazilians who practiced defense for two hours. Players who used to hone their skills on the streets and playgrounds of Asunción, Valparaíso and Cartagena are now being brought into clubs and training academies at a much younger age. There, they focus as much on the intricacies of playing in a 4-4-2 or a 4-2-3-1 formation as on their dreams of a "nutmeg," in which they beat an opponent by dribbling a ball through his legs. The idea is to produce athletes whose creativity flourishes within a structure, like the jazz greats whose brilliance begins with their mastery of the fundamentals.

As the opening whistle approaches, everyone knows about Brazil, Argentina and Uruguay. But don't discount Chile, led since 2012 by the Argentine head coach Jorge Sampaoli. He's a disciple of Marcelo Bielsa, a countryman who has managed club and national teams in both Europe and South America.

Sampaoli has reshaped a team that has few major international stars into an aggressive side capable of pressing and stifling opponents to win back the ball throughout an entire game. Chile won five and drew once in its last six qualifying games, outscoring opponents 15-6, including a 2-0 spanking of Uruguay. The Chileans will face both 2010 finalists Spain and the Netherlands during group play in what could be early bellwethers on South American prospects.

structure, like the jazz greats whose brilliance begins with their mastery of the fundamentals.

As the opening whistle approaches, everyone knows about Brazil, Argentina and Uruguay. But don't discount Chile, led since 2012 by the Argentine head coach Jorge Sampaoli. He's a disciple of Marcelo Bielsa, a countryman who has managed club and national teams in both Europe and South America.

Sampaoli has reshaped a team that has few major international stars into an aggressive side capable of pressing and stifling opponents to win back the ball throughout an entire game. Chile won five and drew once in its last six qualifying games, outscoring opponents 15-6, including a 2-0 spanking of Uruguay. The Chileans will face both 2010 finalists Spain and the Netherlands during group play in what could be early bellwethers on South American prospects.

"They understand now," Rosburgh said of the South Americans. "They can't take certain risks and rely only on the idea that their players are better."

Write to Matthew Putterman at [matthew.putterman@wsj.com](mailto:matthew.putterman@wsj.com)

#### Corrections & Amplifications

Britannia Stadium, home to Premier League team Stoke City, was incorrectly given as Britannia Stadium in a photo caption that accompanied an earlier version of this article. (June 7, 2014)

SHOW COMMENTS (7)

SPONSORED BY  
**Matt life**  
The Matt Life Foundation

# ANEXO O – FIFA World Cup 2014: The Football Can Finally Begin

THE WALL STREET JOURNAL

Home World U.S. Politics Economy Business Tech Markets Opinion Arts Life Real Estate Search

---

WORLD CUP

## FIFA World Cup 2014: The Futebol Can Finally Begin

Concern About Brazil's Preparation Gives Way to Worry About the Team as the Host Is Set to Face Croatia



Brazil's Fernandinho, left, and Neymar battle for the ball during training at the team's camp in Tussulou. AP/WIDE WORLD PHOTOS (3)

By **MATTHEW FUTTERMAN**  
June 11, 2014 8:29 p.m. ET

2 COMMENTS

BARBONS NEXT

Great advice for a new generation of investors.

LEARN MORE



Recommended Video

- Trump-N Netanyahu Meeting: Israelis, Palestinians React

THE WALL STREET JOURNAL

Home World U.S. Politics Economy Business Tech Markets Opinion Arts Life Real Estate Search

---


By **MATTHEW FUTTERMAN**  
June 11, 2014 8:29 p.m. ET

2 COMMENTS

### São Paulo

After nearly a decade of planning, four years of anxiety, riots, strikes, construction deaths and a host of other obstacles, there will be a World Cup soccer match on Thursday, when host **Brazil** takes on **Croatia** in the opener here at Arena Corinthians.

If form holds, much of the anxiety about overspending will dissipate once the referee blows the opening whistle. It will give way to an entirely new anxiety—whether the home team will perform up to expectations.



Brazil takes on Croatia Thursday to kick off the World Cup in São Paulo, Brazil. WSJ reporter Matt Futterman breaks down some of the more anticipated early matches including the United States vs. Ghana.

For Brazil, that means only one thing: seven victories that culminate in a championship in Rio in July 13. Just three host nations have won the tournament over the past 40 years: West Germany in 1974, Argentina in 1978 and France in 1998. During that time, an impressive list of hosts have come up short, including Spain, Mexico, Italy and Germany in 2006.

Opening matches, though, have been mostly positive experiences for the hosts. All-time, the home team has won 14, drawn six and lost none. (That includes two games for co-hosts Japan and South Korea in 2002.) [\(Read more about Brazil's team.\)](#)

Recommended Videos

- Trump-N Netanyahu Meeting: Israelis, Palestinians React
- Two Women Arrested in Kim Jong Nam Killing
- A Harvard Business professor explains Donald Trump
- Opinion Journal: China's Currency Games
- Opinion Journal: Vetoing Pro-Palestinian Bias

Most Popular Articles

- Spies Keep Trump in Dark on Intelligence in Sign of Mistrust
- Flynn Probed by FBI Over Calls With Russian Official
- Flynn Is First Casualty of Turmoil in Trump Administration
- Opinion: Is This...



Croatian fans sing a traditional song to give good luck to their team as Croatia prepares to play Brazil to kick off the World Cup on Thursday.

"In Germany, we scored four goals in the opener and all anyone talked about was the two we conceded," said U.S. coach Jurgen Klinsmann, who led host Germany to a 4-2 win over Costa Rica in its opener in the 2006 World Cup.

For Brazil the journey starts with the team's most difficult challenge of the group stage. Croatia is tough and experienced and has one of the world's great midfielders in Luka Modric. Don't be fooled by the checkerboard red jerseys. Croatia—18th in the FIFA world ranking—is the furthest thing from a cupcake.

Brazil should get its goals against Croatia. The challenge will be controlling Modric, a deceptive midfielder who is the hub of Croatia's attack. Modric isn't flashy, and his exploits don't show up in the obvious places of a standard game report. He didn't score or

register an assist during qualifying, but he led the team in nearly every passing category. (See how the World Cup would play out if countries were competing in things other than soccer.)

Modric registered 766 passes during the 11 qualifying matches he played, 217 more than the team's second-most prolific passer, Darijo Srna. He completed 668 of them for an accuracy rate of 87.2%, the best of the team's most active distributors. Lest anyone think he pads his stats with easy balls, more than a third of Modric's passes occurred in the

5. North Korean Dictator Ordered Brother Killed, South Korean Spy Chief Says



Modric registered 766 passes during the 11 qualifying matches he played, 217 more than the team's second-most prolific passer, Darijo Srna. He completed 668 of them for an accuracy rate of 87.2%, the best of the team's most active distributors. Lest anyone think he pads his stats with easy balls, more than a third of Modric's passes occurred in the attacking third of the field. He attempted the most dribbles on the team, 28, had the most successful dribbles, 18.

Modric aside, no one is particularly worried about Brazil surviving a group that also includes Mexico and Cameroon. Every host nation except South Africa in 2010 has advanced to the knockout stage. And a win doesn't forestall ultimate success. Germany, South Korea and Italy all won their opening matches at home and all lost in the semifinals. Japan and the U.S. drew and went out in the round of 16.

But winning Group A is crucial if the *Seleção* wants to avoid a likely round-of-16 showdown with defending champion Spain, which is the favorite in Group B. To do that, the Brazilians will likely stick to the high-tempo, high-pressure style they displayed in winning the 2002 Confederations Cup. It is the style they played in 2002, when their current coach, Luiz Felipe Scolari guided the team to its unprecedented fifth championship.

The style depends on the ability of Neymar to control and guide the offense in the middle of the field, drawing defenders and creating opportunities for striker Fredricico Guedes, who in the classic tradition of the best Brazilians goes by the single name Fred. Fred had five goals in as many games in the Confederations Cup and has been part of a wave of top Brazilians who have decided to ply their trade at home in recent years instead of in Europe. (See a guide to Brazil's World Cup stadiums.)

But just when opponents think they have Fred and Neymar under control, defenders Dani Alves or Thiago Silva or Maicon begin attacking from the back. The effect is



See how the tournament would play out if 32 countries were competing in things other than soccer: [The World Cup of Everything Else](#).



Key players to watch, from Lionel Messi to Xavi to Cristiano Ronaldo: [Team Profiles](#)



South Korea and Italy all won their opening matches at home and all lost in the semifinals. Japan and the U.S. drew and went out in the round of 16.

But winning Group A is crucial if the *Seleção* wants to avoid a likely round-of-16 showdown with defending champion Spain, which is the favorite in Group B. To do that, the Brazilians will likely stick to the high-tempo, high-pressure style they displayed in winning the 2013 Confederations Cup. It is the style they played in 2002, when their current coach, Luiz Felipe Scolari guided the team to its unprecedented fifth championship.

The style depends on the ability of Neymar to control and guide the offense in the middle of the field, drawing defenders and creating opportunities for striker Frederico Guedes, who in the classic tradition of the best Brazilians goes by the single name Fred. Fred had five goals in as many games in the Confederations Cup and has been part of a wave of top Brazilians who have decided to ply their trade at home in recent years instead of in Europe. (See a guide to Brazil's World Cup stadiums.)

But just when opponents think they have Fred and Neymar under control, defenders Dani Alves or Thiago Silva or Maicon begin attacking from the back. The effect is overwhelming for opponents who can have trouble breathing, much less scoring.

The biggest question for the Brazilians may be their style. Will they live up to their reputation for playing the world's most beautiful soccer, or take it easy on the acrobatics, play more defensively, and prioritize winning a sixth world championship? Scolari has made his priorities clear. The only beautiful soccer, he has been saying lately, is winning soccer.

Write to Matthew Futterman at [matthew.futterman@wsj.com](mailto:matthew.futterman@wsj.com)



Key players to watch, from Lionel Messi to Xavi to Cristiano Ronaldo. [Team Profiles](#)



See a guide to Brazil's [World Cup stadiums](#)



## ANEXO P – Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World

THE WALL STREET JOURNAL

Home World U.S. Politics Economy Business Tech Markets Opinion Arts Life Real Estate Search

SPORTS

# Brazil Gets a Proper Introduction to the Rest of the World

Sports Tourists Can Be the Start of a Transformation for a Developing Nation



A local drum band marches along the street in Jacarepomba shantytown (Favela) in Rio de Janeiro. AP/WIDE WORLD PHOTOS

By LORETTA CHAO  
July 11, 2014 2:02 p.m. ET

0 COMMENTS

Recommended Videos

BARRON'S

### WILL THE BULL MARKET REIGN?

Prosper in a Pivotal Time



**\$12 FOR 12 WEEKS**

**JOIN NOW**

THE WALL STREET JOURNAL

Home World U.S. Politics Economy Business Tech Markets Opinion Arts Life Real Estate Search

By LORETTA CHAO  
July 11, 2014 2:02 p.m. ET

0 COMMENTS

Brazil blew its chance to win a sixth World Cup while spending \$11.5 billion for 12 oversized stadiums. But in the process the country gained something important: a proper introduction to the rest of the world.





After covering global sporting events—the World Cup in Brazil and the 2008 Beijing Olympics—I’ve learned that a huge influx of tourists can be the start of a transformation for a developing nation.

As different and distant as they are from each other, China and Brazil have some things in common: Most of their citizens never have left the country, speak one language and know little of the outside world—or about how the outside world perceives them.

**\$12 FOR 12 WEEKS**

**JOIN NOW**


Recommended Videos

1. South Korean President Ejected From Office 
2. Ferrari's New 812 Superfast 
3. Porsche Unveils the Panamera Turbo Sport Turismo 
4. Malta's Famous Azure Window Collapses in Storm 

ANALYZE

## THIS or THAT

Do you make decisions based on logic or



THE WALL STREET JOURNAL | WSI CUSTOM STUDIES

TAKE THE QUIZ

There was a lasting positive effect of the Beijing Olympics: average Chinese people got to interact with foreigners for the first time. They were able to practice their English and ask questions about life overseas.

The foreign visitors landed in a modern city with many people who were happy, and proud to be Chinese, and who were as steeped in technology and celebrity gossip as the rest of the world.

China has become a prime destination for tourists, exchange students, and even new college graduates trying to find themselves. The U.S. State Department announced this week that it achieved its goal set in 2009 of sending 100,000 American students to study in China.



Most Popular Articles

- 1. South Korean President Park Geun-hye Removed From Office 
- 2. Micromanager-in-Chief Modi Upends How India Is Run 
- 3. Opinion: The Exhaustion of American Liberalism 
- 4. U.S. Household Net Worth Reaches Record \$92.8 Trillion 
- 5. Opinion: House Republicans Repeat an Obama Error 



Aerial view of Christ the Redeemer statue, in Rio de Janeiro, Brazil. AGENCY FRANCE PRESS, GETTY IMAGES

Like China, Brazil's image abroad is overly simplified because the country has relatively limited exposure to the outside world. Though Brazil has a vibrant and fast-growing Internet culture, language barriers hinder more cross-border interaction. And while millions have moved out of poverty over the last decade, few are wealthy enough to travel extensively.

Meanwhile, the country received just 5.7 million international visitors in 2012, according to the latest data available, from September, from U.N.'s World Tourism Organization, and only around five million in each of the four years before that. In comparison, the U.S. had 67 million international visitors in 2012.

This is in part because Brazil is long way from most of the developed world. It's also expensive—many consumer goods are marked up 30%, or much more, over U.S. prices. And though soccer may be one of the first things foreigners associate with Brazil, violent crime is a close second. Films such as "City of God" and "Elite Squad" have popularized negative images of Brazil and I'm constantly bombarded by with questions about safety from friends outside the country.

It's widely known that Brazil needs to invest heavily in public security, education and medical care. But now, Cup tourists are talking about more than soccer and violence. They are marveling at Brazil's many natural wonders, the beautiful shorelines, friendly people, plentiful beer and bowls of sorbet made from açaí berries.

Tourism officials say 62% of international tourists who came for the World Cup are here for the first time, and 98% say they would come back. With the 2016 Olympics in Rio de Janeiro approaching, interest in Brazil is likely to grow. The World Travel & Tourism Council, an industry forum, expects Brazil will receive 6.4 million international tourist arrivals this year, and that this number will swell to 14.2 million by 2024.

Cultural exchanges—the kind that are only possible in these mass meetings of people from different nations—can teach us about the world and about ourselves. Many Brazilians may be justified in being unhappy about money wasted on the World Cup, but the cross-culture conversations from the past month won't soon be forgotten.

Maria Clara dos Santos, a resident of one of Rio's most populous favelas whom I [met while reporting](#), has acted as something of an ambassador for Rio's slums during the World Cup. She lets tourists stay in her home and has hosted reporters and TV crews in her house almost daily, hoping to show the world that her community is about a lot more than just drugs and violence.







María Clara dos Santos, a resident of one of Rio's most populous favelas whom I met while reporting, has acted as something of an ambassador for Rio's slums during the World Cup. She lets tourists stay in her home and has hosted reporters and TV crews in her house almost daily, hoping to show the world that her community is about a lot more than just drugs and violence.

In doing so, she told me she learned a lot about Brazil, too. For example, she discovered from conversations with visitors that there are well-funded programs for Brazilians to study abroad. "These scholarships are for Brazilians who already have the means to go [overseas]," she said. "I think we should leave those people here, and take those who don't have the means to go."

Brazil's collapse against Germany may have tarnished its reputation as the "pais do futebol," or country of soccer. But perhaps it has gained a new identity as a country that may be troubled but is diverse, nuanced, and ultimately more beautiful than its soccer play.



A boy wears a Neymar jersey as he flies a kite from a rooftop in the Cantagalo favela. GETTY IMAGES